

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

REBECA FORMIGA FIGUEIRA

O QUE NOS FAZ FELIZES? Uma análise dos antecedentes do bem-estar subjetivo a partir da abordagem integrativa da satisfação com a vida

JOÃO PESSOA - PB

2022



REBECA FORMIGA FIGUEIRA

O QUE NOS FAZ FELIZES? Uma análise dos antecedentes do bem-estar subjetivo a partir da abordagem integrativa da satisfação com a vida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração 'Administração e Sociedade', pertencente à linha de pesquisa 'Marketing e Tecnologia', como requisito para obtenção do título de doutora em administração.

Orientadora: Rita de Cássia de Faria Pereira, Dra.

JOÃO PESSOA - PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F475q Figueira, Rebeca Formiga.

O que nos faz felizes ? Uma análise dos antecedentes do bem-estar subjetivo a partir da abordagem interativa da satisfação com a vida / Rebeca Formiga Figueira. - João Pessoa, 2022.

291 f.

Orientação: Rita de Cássia de Faria Pereira.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Bem-estar subjetivo. 2. Bem-estar material. 3. Teoria integrativa da satisfação com a vida. I. Pereira, Rita de Cássia de Faria. II. Título.

UFPB/BC

CDU 351.84(043)

REBECA FORMIGA FIGUEIRA

O QUE NOS FAZ FELIZES? Uma análise dos antecedentes do bem-estar subjetivo a partir da abordagem integrativa da satisfação com a vida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração 'Administração e Sociedade', pertencente à linha de pesquisa 'Marketing e Tecnologia', como requisito para obtenção do título de doutora em administração.

Aprovada em: 17 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia de Faria Pereira (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof.^a Dr.^a Renata Francisco Baldanza (membro interno do PPGA)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Anielson Barbosa da Silva (membro interno do PPGA)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (membro interno da UFPB)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Marconi Freitas da Costa (membro externo)
Universidade Federal de Pernambuco– UFPE

Emitido em 12/04/2022

FOLHA Nº 00/2022 - CCSA - PPGA (11.01.13.35)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 13/04/2022 12:16)

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

REITOR

6338234

(Assinado digitalmente em 15/04/2022 00:09)

ANIELSON BARBOSA DA SILVA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

2285466

(Assinado digitalmente em 12/04/2022 17:55)

RITA DE CASSIA DE FARIA PEREIRA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

1514367

(Assinado digitalmente em 13/04/2022 09:34)

RENATA FRANCISCO BALDANZA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

1551258

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **00**, ano: **2022**, documento (espécie): **FOLHA**, data de emissão: **12/04/2022** e o código de verificação: **73870971c3**

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que me
estimularam no alcance dessa conquista, em
especial, a minha amada família.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu melhor amigo, fonte suprema de luz, serenidade e sabedoria, que sempre me enche de bênçãos e me dá forças para encarar de cabeça erguida as dificuldades e obstáculos que a vida nos impõe.

Aos meus amados pais, por todo amor, dedicação e confiança, mostrando-me como ser a cada dia uma pessoa melhor, e por sempre me incentivarem na minha trajetória profissional.

Ao meu querido irmão, por todo companheirismo e por ser uma das pessoas que mais querem o meu bem nessa vida, estando sempre disposto a me apoiar e a incentivar nas realizações dos meus objetivos e conquistas.

Aos meus verdadeiros amigos, por me ajudarem a superar os momentos mais difíceis e confiarem sempre em mim.

À minha orientadora, pela parceria de anos, por todos os direcionamentos acadêmicos e por auxiliar no meu desenvolvimento profissional.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e por todas as contribuições valiosas para o aprimoramento deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do PPGA-UFPB, que auxiliaram no meu desenvolvimento profissional e pessoal. Bem como os alunos e parceiros ao longo do doutoramento.

À agência de fomento, pois o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À todas as pessoas, que torceram e torcem por mim. Obrigada!

“Há mais pessoas que desistem, do que pessoas que fracassam.”

(Henry Ford)

RESUMO

A felicidade é considerada o bem maior e motivação final para a ação humana. No entanto, cientistas ignoraram por décadas a perspectiva do Bem-estar Subjetivo (BES) das pessoas. Apenas a partir da década de 1980 que trabalhos teóricos e empíricos vêm emergindo. O estudo do BES pelo viés do marketing é recente. Foi proposto por Gibbs em 2004, onde o autor considera que o marketing pode ser canalizado para substituir aspectos triviais da satisfação do consumidor pela noção de florescimento pessoal. Nessa substituição, estudos e ações de marketing devem focar no bem-estar das pessoas como um fenômeno sustentável para a humanidade. Posto isto, o objetivo deste trabalho é analisar os fatores psicológicos e do domínio do bem-estar material que influenciam nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo. Para tanto, é apresentado um referencial teórico e elaborado um modelo teórico de BES com base na Teoria Integrativa da satisfação com a vida. Os construtos que fazem parte desta tese são: traços de personalidade (Big Five), gratidão, otimismo, resiliência, autoeficácia, materialismo, bem-estar financeiro, ansiedade-estado, afetos (positivo e negativo) e satisfação com a vida. A coleta de dados ocorreu no mês de julho de 2020 pela plataforma do *google forms* e obteve-se uma amostra de 714 respondentes válidos. Por se tratar de uma pesquisa de cunho quantitativo, foi realizada a análise estatística descritiva; análise psicométrica e a análise multivariada chamada de Modelagem por Equações Estruturais (MEE). Finalmente, os resultados deste estudo suportam o modelo teórico proposto e seus resultados parecem úteis para contribuir com avanços na teoria e prática do marketing e no bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo. Bem-estar material. Teoria integrativa da satisfação com a vida.

ABSTRACT

Happiness is considered the greatest good of all and the ultimate motivation to human actions. However, scientists have been ignoring for decades the subjective well-being (SWB) of people. It is only since the 1980s that theoretical and empirical work has emerged. The study of SWB from a marketing perspective is recent. It was proposed by Gibbs in 2004, where the author considers that marketing can be channeled to replace trivial aspects of consumer satisfaction with the notion of personal flourishing. In this replacement, studies and marketing actions should focus on people's well-being as a sustainable phenomenon for humanity. That said, the goal of this work is to analyze the psychological factors and the domain of material well-being that influence the affective and cognitive components of subjective well-being. Therefore, a theoretical framework is presented and a theoretical model of SWB based on the Integrative Theory of life satisfaction is elaborated. The constructs that are part of this thesis are: personality traits (Big Five), gratitude, optimism, resilience, self-efficacy, materialism, financial well-being, anxiety-state, affection (positive and negative) and life satisfaction. The data collection took place in July 2020 through the google forms platform and a sample of 714 valid respondents was obtained. As this is a quantitative research, descriptive statistical analysis was performed; psychometric analysis and the multivariate analysis called Structural Equation Modeling (SEM). Finally, the results of this study support the proposed theoretical model and its results seem useful to contribute to advances in the theory and practice of marketing and in the subjective well-being of individuals.

Keywords: Subjective well-being. Material well-being. Integrative theory of life satisfaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proposição da tese.....	27
Figura 2 - Estrutura de dois fatores do afeto (Modelo circular).....	34
Figura 3 - Perspectiva da Teoria Bottom-up Spillover.....	40
Figura 4 - Perspectiva da Teoria Top-down Spillover.....	41
Figura 5 - Lógica conceitual adotada na tese sobre os traços de personalidade no BES.....	54
Figura 6 - Lógica conceitual adotada na tese sobre o domínio do bem-estar material e o BES.....	55
Figura 7 - Design da tese sobre o Bem-estar Subjetivo (BES).....	55
Figura 8 - Relação da satisfação do domínio material com a satisfação com a vida.....	59
Figura 9 - Expectativas dos materialistas.....	81
Figura 10 - Modelo de Sirgy et al. (2009).....	86
Figura 11 - Modelo de Qing-guo, O'Shea, Willis e Yu-Bo (2011).....	88
Figura 12 - Modelo de Strobel, Tumasjan e Sporttle (2011).....	91
Figura 13 - Modelo de Tsang et al. (2014).....	93
Figura 14 - Modelo de Soto (2015).....	94
Figura 15 - Modelo autorregressivo de Soto (2015).....	95
Figura 16 - Modelo do estudo 1 de Díaz e Arroyo (2017).....	97
Figura 17 - Modelo do estudo 2 de Díaz e Arroyo (2017).....	98
Figura 18 - Modelo do estudo 1 de Netemeyer et al. (2017).....	101
Figura 19 - Modelo do estudo 2 de Netemeyer et al. (2017).....	102
Figura 20 - Modelo de Ali (2018).....	103
Figura 21 - Modelo de Xiao et al. (2020).....	106
Figura 22 - Modelo de Li et al. (2020).....	109
Figura 23 - Modelo proposto de pesquisa.....	117
Figura 24 - Modelo final da pesquisa.....	239
Figura 25 – Considerações finais a partir da proposição inicial da tese.....	241

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de pessoas e estados de felicidade.....	31
Quadro 2 - Estados emocionais afetivos.....	36
Quadro 3 - Impacto da pandemia do Covid-19 nos domínios da vida.....	41
Quadro 4 - Estudos sobre Bem-estar Subjetivo.....	49
Quadro 5 - Fatores dos antecedentes do bem-estar material.....	58
Quadro 6 - Estudos sobre Bem-estar Material.....	59
Quadro 7 - Estudos sobre o Bem-estar Material – Teoria Bottom-up Spillover.....	63
Quadro 8 - Estudos sobre Personalidade e Bem-estar Material com base na Teoria Top-Down.....	66
Quadro 9 - Estudos de fatores contextuais no Bem-estar Material.....	67
Quadro 10 - Satisfação com a renda disponível.....	76
Quadro 11 - Satisfação com a economia, governos e padrão de vida.....	77
Quadro 12 - Características dos materialistas e não materialistas.....	82
Quadro 13 - Domínios da vida em comunidade.....	86
Quadro 14 - Construtos e hipóteses do estudo de Sirgy et al. (2009).....	87
Quadro 15 - Construtos e hipóteses do estudo de Ali (2018).....	104
Quadro 16 - Hipóteses que relacionam os componentes do BES.....	111
Quadro 17 - Hipóteses sobre os traços de personalidade e os componentes do BES.....	112
Quadro 18 - Hipóteses sobre as variáveis psicológicas e os componentes do BES.....	113
Quadro 19 - Hipóteses que relaciona o materialismo com variáveis psicológicas e hipóteses que relaciona o materialismo com o bem-estar financeiro.....	115
Quadro 20 - Hipóteses que relacionam o estado de ansiedade com os componentes do BES e com a autoeficácia.....	116
Quadro 21 - Hipóteses que relacionam o bem-estar financeiro com os componentes do BES.....	116
Quadro 22 - Escala de Afetos Positivos e Negativos.....	120
Quadro 23 - Escala de Satisfação com a vida.....	121
Quadro 24 - Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade.....	122
Quadro 25 - Características de cada traço de personalidade.....	123
Quadro 26 - Escala de Otimismo.....	124
Quadro 27 - Questionário de Gratidão (QG-6).....	124
Quadro 28 - Escala de Autoeficácia.....	125
Quadro 29 - Escala de Resiliência.....	126
Quadro 30 - Escala de Materialismo.....	127
Quadro 31 - Inventário Brasileiro de Ansiedade-Estado (STAI-S-6).....	128
Quadro 32 - Escala de Bem-estar Financeiro Percebido.....	129
Quadro 33 - Objetivos, instrumentos de coleta de dados, natureza e análises da pesquisa.....	130
Quadro 34 – Modelos testados na MEE e suas variáveis válidas.....	214
Quadro 35 – Índices de ajustes global do Modelo 1.....	218
Quadro 36 – Índices de ajustes global do Modelo 2 – Modelo final.....	221
Quadro 37 – Confiabilidade composta, Alpha de Cronbach e AVE.....	221
Quadro 38 – Validade discriminante.....	223
Quadro 39 – Validade discriminante dos construtos que possuem mais de um fator.....	224
Quadro 40 – Teste de Hipóteses.....	227
Quadro 41 – Teste das relações conceituais gerais desta tese.....	237

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição das variáveis sexo, estado civil e faixa de idade.....	134
Tabela 2 – Descrição da variável grau de escolaridade e renda familiar mensal.....	135
Tabela 3 – Descrição quando ao número de pessoas residentes na mesma casa e se possuem religião.....	136
Tabela 4 – Comparação de quantidade de compra.....	136
Tabela 5 – Percepção sobre a situação financeira.....	138
Tabela 6 – Problemas sobre moradia e necessidades básicas.....	139
Tabela 7 – Características de uma vida considerada boa.....	140
Tabela 8 – Itens de uma vida considerada boa que já possui.....	141
Tabela 9 – Percepção sobre a economia e o comportamento em relação a renda que possui.....	142
Tabela 10 – Segurança financeira futura esperada.....	143
Tabela 11 – Mudanças ocorridas na vida das pessoas devido à pandemia do Covid-19.....	145
Tabela 12 – Frequência de ações e sentimentos durante a pandemia do Covid-19.....	148
Tabela 13 – Área da vida mais afetada durante o isolamento social devido à pandemia do Covid-19.....	149
Tabela 14 – O que deixaram de fazer durante o isolamento social que sentiram mais falta.....	149
Tabela 15 – Medidas descritivas do construto Gratidão.....	152
Tabela 16 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Gratidão).....	153
Tabela 17 – Autovalores de construto Gratidão.....	154
Tabela 18 – Escores fatoriais do construto Gratidão.....	155
Tabela 19 – Autovalores do construto Gratidão após a exclusão de itens problemáticos.....	155
Tabela 20 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Gratidão.....	156
Tabela 21 – Medidas descritivas do construto Resiliência.....	157
Tabela 22 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Resiliência).....	158
Tabela 23 – Autovalores do construto Resiliência.....	159
Tabela 24 – Escores fatoriais do construto Resiliência.....	159
Tabela 25 – Autovalores do construto Resiliência após a exclusão de itens problemáticos.....	160
Tabela 26 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Resiliência.....	160
Tabela 27 – Medidas descritivas do construto Otimismo.....	161
Tabela 28 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Otimismo).....	162
Tabela 29 – Autovalores do construto Otimismo.....	163
Tabela 30 – Escores fatoriais do construto Otimismo.....	164
Tabela 31 – Autovalores do construto Otimismo após a exclusão de itens problemático.....	164
Tabela 32 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Otimismo.....	165
Tabela 33 – Autovalores do construto Otimismo após a terceira extração da AFE.....	165
Tabela 34 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Otimismo.....	166
Tabela 35 – Medidas descritivas do construto Autoeficácia.....	167
Tabela 36 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Autoeficácia)....	169
Tabela 37 – Autovalores do construto Autoeficácia.....	170
Tabela 38 – Escores fatoriais do construto Autoeficácia.....	170
Tabela 39 – Autovalores do construto Autoeficácia após a exclusão de itens com cargas fatoriais baixas.....	171
Tabela 40 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Autoeficácia.....	171

Tabela 41 – Autovalores do construto Autoeficácia após a terceira extração da AFE....	172
Tabela 42 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Autoeficácia.....	172
Tabela 43 – Medidas descritivas do construto Satisfação com a vida.....	173
Tabela 44 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Satisfação com a vida).....	174
Tabela 45 – Autovalores do construto Satisfação com a vida.....	175
Tabela 46 – Escores fatoriais do construto Satisfação com a vida.....	176
Tabela 47 – Autovalores do construto Satisfação com a vida após a exclusão de itens com cargas fatoriais baixas.....	176
Tabela 48 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Satisfação com a vida.....	177
Tabela 49 – Medidas descritivas do construto Ansiedade-estado.....	178
Tabela 50 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Ansiedade-estado).....	179
Tabela 51 – Autovalores do construto Ansiedade-estado.....	180
Tabela 52 – Escores fatoriais do construto Ansiedade-estado.....	180
Tabela 53 – Autovalores do construto Ansiedade-estado após a exclusão de itens com cargas fatoriais baixas.....	181
Tabela 54 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Ansiedade-estado.....	181
Tabela 55 – Autovalores do construto Ansiedade-estado após a terceira extração da AFE.....	182
Tabela 56 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Ansiedade-estado.....	182
Tabela 57 – Medidas descritivas do construto Materialismo.....	183
Tabela 58 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Materialismo)...	185
Tabela 59 – Autovalores do construto Materialismo.....	185
Tabela 60 – Cargas fatoriais do construto Materialismo.....	186
Tabela 61 – Autovalores do construto Materialismo após a segunda extração da AFE..	187
Tabela 62 – Cargas fatoriais do construto Materialismo após a exclusão de itens problemáticos.....	187
Tabela 63 – Autovalores do construto Materialismo após a terceira extração da AFE...	188
Tabela 64 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Materialismo.....	188
Tabela 65 – Medidas descritivas do construto Bem-estar financeiro.....	190
Tabela 66 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Bem-estar financeiro).....	191
Tabela 67 – Autovalores do construto Bem-estar financeiro.....	192
Tabela 68 – Cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro.....	192
Tabela 69 – Cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro após a segunda extração.....	193
Tabela 70 – Autovalores do construto Bem-estar financeiro.....	194
Tabela 71 – Cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro após a terceira extração.....	194
Tabela 72 – Medidas descritivas do construto Afetos.....	196
Tabela 73 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Afetos).....	197
Tabela 74 – Autovalores do construto Afetos.....	198
Tabela 75 – Cargas fatoriais do construto Afetos.....	199
Tabela 76 – Autovalores do construto Afetos.....	199
Tabela 77 – Cargas fatoriais do construto Afetos após a segunda extração da AFE.....	200
Tabela 78 – Medidas descritivas do construto Traços de personalidade.....	203
Tabela 79 – Valor do <i>alpha de Cronbach</i> se item excluído (Construto Traços de personalidade).....	205
Tabela 80 – Autovalores do construto Traços de personalidade.....	206

Tabela 81 – Cargas fatoriais do construto Traços de personalidade.....	208
Tabela 82 – Autovalores do construto Traços de personalidade após a segunda extração.....	209
Tabela 83 – Cargas fatoriais do construto Traços de personalidade após a segunda extração.....	210
Tabela 84 – Fatores e itens após o refinamento (Construto Traços de personalidade)....	211
Tabela 85 – Itens excluídos no estudo.....	212
Tabela 86 – Cargas fatoriais do Modelo Teórico ajustado após a AFE.....	216
Tabela 87 – Cargas fatoriais do Modelo 2 após a AFC.....	219

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	18
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVAS.....	21
1.2 INOVAÇÃO E PROPOSIÇÃO GERAL DA TESE.....	25
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS DA TESE.....	27
1.4 ESTRUTURA DA TESE.....	28
CAPÍTULO 2 – CONCEITOS, COMPONENTES, ANTECEDENTES E DESIGN DO ESTUDO SOBRE BEM-ESTAR SUBJETIVO	30
2.1 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO.....	30
2.1.1 Componentes afetivos.....	32
2.1.2 Satisfação com a vida.....	37
2.1.3 Satisfação com os domínios da vida.....	38
2.2 ANTECEDENTES DO BEM-ESTAR SUBJETIVO (BES).....	43
2.3 DESIGN DO ESTUDO SOBRE BEM-ESTAR SUBJETIVO.....	53
CAPÍTULO 3 – CONCEITOS, ANTECEDENTES E CONSEQUENTES DO DOMÍNIO DO BEM-ESTAR MATERIAL.....	57
3.1 BEM-ESTAR MATERIAL (BEM).....	57
3.2 RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR MATERIAL E BEM-ESTAR SUBJETIVO...	61
3.2.1 Teoria <i>Bottom-up Spillover</i> (transbordamento de baixo para cima).....	63
3.2.2 Teoria <i>Top-down Spillover</i> (transbordamento de cima para baixo).....	64
3.2.3 Influência de fatores contextuais no bem-estar material.....	67
3.3 ANTECEDENTES DO BEM-ESTAR MATERIAL.....	70
3.4. COMPONENTES DO DOMÍNIO DO BEM-ESTAR MATERIAL.....	75
3.4.1 Satisfação com a renda disponível.....	76
3.4.2 Bem-estar financeiro.....	78
3.4.3 Materialismo.....	79
CAPÍTULO 4 – MODELOS DE BEM-ESTAR SUBJETIVO E MODELO TEÓRICO DA PESQUISA.....	85
4.1 MODELOS DE BEM-ESTAR SUBJETIVO.....	85
4.1.1 Modelo de Sirgy et al. (2009).....	85
4.1.2 Modelo de Qing-guo, O'Shea, Willis e Yu-Bo (2011).....	88
4.1.3 Modelo de Strobel, Tumasjan e Sporrle (2011).....	90

4.1.4 Modelo de Tsang et al. (2014).....	92
4.1.5 Modelo de Soto (2015).....	94
4.1.6 Modelo de Díaz e Arroyo (2017).....	96
4.1.7 Modelo de Netemeyer et al. (2017).....	100
4.1.8 Modelo de Ali (2018).....	103
4.2 MODELOS COM CONSTRUTOS QUE FORAM INVESTIGADOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19.....	105
4.2.1 Modelo de Xiao et al. (2020).....	105
4.2.2 Modelo de Li et al. (2020).....	107
4.3 MODELO PROPOSTO DA PESQUISA.....	110
CAPÍTULO 5 – MÉTODO DA PESQUISA.....	118
5.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	118
5.2. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E ESCALAS SELECIONADAS.....	119
5.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	129
5.3.1 Análises estatísticas.....	130
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	133
6.1 ANÁLISE EXPLORATÓRIA PRELIMINAR.....	133
6.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	134
6.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA QUANTO ÀS QUESTÕES FINANCEIRAS.....	137
6.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA QUANTO ÀS QUESTÕES RELACIONADAS À PANDEMIA DO COVID-19.....	144
6.5 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS CONSTRUTOS.....	150
6.5.1 Construto ‘Gratidão’.....	151
6.5.2 Construto ‘Resiliência’.....	156
6.5.3 Construto ‘Otimismo’.....	161
6.5.4 Construto ‘Autoeficácia’.....	167
6.5.5 Construto ‘Satisfação com a vida’.....	173
6.5.6 Construto ‘Ansiedade (estado)’.....	177
6.5.7 Construto ‘Materialismo’.....	183
6.5.8 Construto ‘Bem-estar financeiro’.....	189
6.5.9 Construto ‘Componentes afetivos (afeto positivo e afeto negativo)’.....	195

6.5.10 Construto ‘Traços de personalidade (Big Five)’	201
6.5.11 Itens excluídos.....	211
6.6 MODELAGEM POR EQUAÇÕES ESTRUTURAIS (MEE).....	214
6.6.1 Modelo 1: derivado da Análise Fatorial Exploratória (AFE).....	216
6.6.2 Modelo 2: derivado da Análise Fatorial Confirmatória (AFC).....	219
6.7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	225
6.7.1 Análise das relações gerais e o Modelo estrutural final.....	236
CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	240
7.1 CONCLUSÕES.....	240
7.2 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA.....	243
7.2.1 Nível individual.....	245
7.2.2 Nível organizacional.....	245
7.2.3 Nível comunitário – governo local e nacional.....	246
7.2.5 Ações práticas e educativas para melhorar os níveis de BEM e BES.....	247
7.3 LIMITAÇÕES E SUGESTÕES DE PESQUISAS.....	249
REFERÊNCIAS.....	252
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	278
APÊNDICE B – Instrumento de pesquisa.....	280
ANEXO A – Escalas originais.....	289

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Entender o que influencia nos níveis de Bem-estar Subjetivo (BES) das pessoas é imprescindível para que sejam planejadas ações que venham a gerar maior qualidade de vida para os indivíduos e para a sociedade. Não é à toa que essa temática está, cada vez mais, relacionada com o desenvolvimento de uma nação.

Em 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU) implementou a resolução que busca um ‘padrão holístico’ para medir o desenvolvimento dos países. Destacou que é preciso dar mais importância à felicidade e ao bem-estar na determinação de como alcançar e medir o desenvolvimento social e econômico de um país. De acordo com a organização, o PIB (Produto Interno Bruto) não é suficiente para medir o bem-estar de uma população. Sendo assim, os países devem criar medidas além de econômicas para mensurar a felicidade e o bem-estar dos povos. Por isso o “índice de felicidade” não deve vir apenas de indicadores objetivos como a soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região.

O Butão, por exemplo, considera questões sobre padrão de vida; saúde física e mental; bem-estar econômico, político e ambiental; satisfação no trabalho e nível de estresse da população na análise da sua ‘felicidade nacional’. Lá, o índice de felicidade faz parte das políticas públicas, sendo conhecido como um conceito de desenvolvimento social denominado de Felicidade Interna Bruta (FIB) ou *Gross National Happiness* (GNH) (SERVA, 2019). Nos EUA, o instituto Gallup divulga semanalmente como varia o sentimento de felicidade entre os americanos. Há uma preocupação em entender como as pessoas se sentem em termos de felicidade, alegria, estresse e preocupação. O objetivo é mensurar o bem-estar das pessoas regularmente e identificar o que pode estar influenciando nesses níveis. Outro exemplo, são os países da União Europeia (UE) que têm usado sistemas com o compromisso na saúde mental de todos para desenvolver ou fortalecer políticas nacionais e ações para promover o bem-estar mental das pessoas. Estes são alguns dos exemplos recentes de políticas sobre bem-estar em nível internacional.

Já no Brasil, a maioria dos indicadores que analisam o desenvolvimento do país são de ordem objetiva. Pouca atenção é dada para o “índice de felicidade” e para as questões subjetivas que interferem na qualidade de vida dos brasileiros. Somado a isso, há carência de estudos sobre bem-estar subjetivo, especialmente, de pesquisas que abordem os antecedentes e fatores que mais influenciam os níveis de BES. Por esses motivos, é imprescindível que novos estudos sejam realizados no contexto brasileiro e que ações práticas sejam realizadas a partir dos resultados gerados pela ciência.

Segundo a teoria, os índices de bem-estar subjetivo são formados a partir dos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e do componente cognitivo (satisfação com a vida). Nesse contexto, as pessoas que experimentam mais emoções positivas do que negativas, tendem a apresentar maiores níveis de satisfação com a vida e, conseqüentemente, maiores níveis de BES (DIENER, 2013).

Em complemento, a percepção ou experimento quanto às emoções estão ligadas diretamente aos traços de personalidade e variáveis intrínsecas, como também com a satisfação nos diversos domínios da vida, a partir dos acontecimentos vividos. Em outras palavras, a forma como as pessoas reagem ao que acontece nas suas vidas têm forte relação com seus traços de personalidade, como também a sua percepção de satisfação com a vida pode vir de respostas sobre eventos ocorridos no cotidiano e/ou ao longo de suas vidas. Nesse contexto, os níveis de BES parecem ser influenciados por fatores intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos.

Dito isto, é válido destacar que devido o isolamento social obrigatório derivado da pandemia do Covid-19, os brasileiros tiveram que se adaptar a uma nova rotina de trabalho, estudos, consumo, lazer, dentre outras áreas da vida que tiveram alterações de forma substancial. Segundo dados do Ministério da Saúde e da Anvisa, o primeiro caso comprovado da Covid-19 no Brasil foi no dia 26 de fevereiro de 2020 (AQUINO; MONTEIRO, 2020). Desde então, milhares de pessoas foram infectadas e/ou morreram pela doença.

Para entender o impacto desse evento no país, até o dia 17 de abril de 2022, os dados do Ministério da Saúde revelaram que 30.252.618 milhões de brasileiros foram infectados pela doença, 29.227.051 milhões se recuperaram e 661.960 mil morreram pela doença. O surto no país resultou no desenvolvimento de medidas maciças e diversificadas de saúde pública, especialmente dirigida aos grupos de risco ou vulneráveis, como pessoas que são idosas, diabéticas, hipertensas, obesas, com doenças autoimunes, grávidas e profissionais de saúde.

O país inteiro teve que aderir ao isolamento social como forma de minimização da propagação do vírus. Com o isolamento social e fechamento de grande parte do comércio, muitas pessoas ficaram desempregadas ou tiveram seus rendimentos diminuídos; direitos de ir e vir cessados; sofreram mudanças em suas atividades do cotidiano, de trabalho e estudo, de consumo, de lazer dentre outras. Praticamente todos os brasileiros tiveram que se readaptar a uma nova rotina. Isso afetou não apenas às áreas de saúde e economia do país, a partir de dados objetivos, como também questões subjetivas ligadas ao indivíduo, tais como: a satisfação com a vida e o experimento de emoções positivas e negativas. Muitos foram os impactos e as mudanças no cotidiano dos brasileiros.

Diante desse contexto, entende-se que as intervenções geradas pelo evento de vida caótico da pandemia devem ter influenciado no experimento de emoções positivas e negativas pelas pessoas. Mais que isso, acredita-se que a pandemia da Covid-19 terá um impacto prolongado sobre a vida das pessoas. E o experimento desses afetos estão diretamente relacionados com a percepção de satisfação com a vida.

Por exemplo, no caso da SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) ocorrida em 2003 em Hong Kong, muito tempo depois de passada a epidemia e formalmente declarada pela OMS (Organização Mundial de Saúde) como sendo livre de transmissão, muitas pessoas continuaram a evitar sair de suas casas. Elas também continuaram mantendo a prevenção de infecção, mantendo a limpeza rigorosa e esterilizando todos os seus ambientes domésticos e, quando precisavam sair, utilizavam máscaras de proteção em público (LAU et al., 2003; LAU et al., 2008). Apesar da evidência da contínua perturbação da população, poucos estudos foram realizados com o objetivo de compreender e minimizar o impacto psicológico causado por este evento.

De particular interesse a este respeito, é o Bem-estar subjetivo (BES) da população. Tal medida fornece uma visão global e abrangente sobre a qualidade de vida percebida, o que é convencionalmente medida por questões de satisfação com a vida pessoal (ANDREWS; WITHEY, 1976). Alcançar tal entendimento pode informar os tipos de intervenções que vão ajudar a sociedade a lidar de forma eficaz durante e após eventos externos estressores que podem impactar (in)diretamente nos níveis de “felicidade” das pessoas.

Dessa forma, esta tese visa a oportunizar conhecimento científico que auxilie cidadãos, políticos, profissionais das áreas de gestão e de saúde, no entendimento de quais fatores influenciam o bem-estar subjetivo dos brasileiros. Para a partir disso, criar mecanismos e estratégias que venham a minimizar os impactos negativos na vida das pessoas ao compreender quais os elementos intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos que exercem certa influência nos níveis de BES.

Nesse sentido, optou-se por trabalhar com o foco bidirecional do bem-estar subjetivo, ao alinhar construtos com base nas teorias *Bottom-up Spillover* (transbordamento de baixo para cima) e *Top-down Spillover* (transbordamento de cima para baixo) da satisfação com a vida. Para isso, argumenta-se nesta tese que **o bem-estar subjetivo dos indivíduos é influenciado por fatores da personalidade e traços disposicionais, como também pela satisfação no domínio do bem-estar material, de modo que a satisfação com a vida é o resultado dos afetos positivos e negativos que as pessoas experimentam ou percebem sentir.**

Por fim, pressupõem-se que os resultados desta tese trazem alternativas capazes de instaurar uma melhor análise sobre os impactos comportamentais e financeiro das pessoas, e consequentemente, um maior direcionamento de como as empresas e profissionais da área de marketing, recursos humanos, psicologia dentre outros, poderão se comportar, desenvolver e trabalhar para auxiliar nesse “novo mundo” que já é resultado do isolamento social vivido no ano de 2020.

Ante o exposto, neste capítulo será apresentada as mudanças científicas observadas sobre o objeto de estudo nas últimas décadas, além das justificativas que sustentam a escolha do tema desta tese, e a apresentação dos objetivos de pesquisa. Também é exposta a ideia conceitual da tese, bem como os construtos que compõem o modelo teórico desenvolvido.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVAS

Ao longo da história, os filósofos consideraram a felicidade como o bem maior e motivação final para a ação humana. Ainda por décadas, cientistas ignoraram amplamente o bem-estar subjetivo das pessoas, embora a infelicidade humana tenha sido explorada em profundidade. Segundo Diener (1984), a partir da década de 1980 cientistas do comportamento social corrigiram essa situação, e trabalhos teóricos e empíricos vêm emergindo em um ritmo cada vez mais rápido.

Wilson (1967) publicou uma revisão sobre o tema e chegou a duas conclusões amplas. Primeiro, de acordo com o autor as pessoas com mais vantagens eram mais felizes. Ele concluiu que uma pessoa feliz era considerada jovem, saudável, educada, bem paga, extrovertida, otimista, sem preocupações, religiosa, casada, com alta autoestima, elevada moral no trabalho, com aspirações modestas, de ambos os sexos e considerada inteligente. A segunda maior conclusão do estudo foi que pouco progresso teórico na compreensão da felicidade foi feito em dois milênios desde o tempo dos filósofos gregos.

A partir da revisão realizada por Wilson (1967), mais de 700 novos estudos foram publicados por estudiosos da área. Contudo, questiona-se: essas conclusões ainda são válidas? Após analisar os dados demográficos e outros correlatos externos do BES, Diener (1984) chegou à conclusão de que muitas conclusões de Wilson (1967) são postas em questão. Pesquisas posteriores ao do autor, não indicam uma correlação substancial entre idade e felicidade, por exemplo. Mais importante, a variação contabilizada pelos fatores demográficos não é ampla. Isso levou a um número crescente de estudos sobre causas psicológicas da

felicidade. O trabalho teórico sobre o bem-estar não progrediu tão rapidamente desde a revisão de Wilson (1967), embora haja vários avanços teórico-empíricos notáveis.

Talvez o mais importante avanço desde a revisão de Wilson foi a ideia de medir a felicidade. Esse avanço é crucial porque a capacidade de medir o BES é necessária para a compreensão científica. Além disso, o trabalho de medição ajuda a fornecer definições mais claras dos componentes de bem-estar subjetivo (DIENER, 1984).

Em 1973, o *Psychological Abstracts International* começou a trabalhar a felicidade como um índice e, em 1974 a revista *Social Indicators Research* foi fundada, com muitos artigos dedicados ao bem-estar subjetivo (BES). Excelentes críticas da história e filosofia da felicidade e termos relacionados foram disponibilizadas em estudos da época (e.g., TATARKIEWICZ, 1966; WILSON, 1967).

No entanto, ainda em 1981 os estudos eram principalmente descritivos e transversais, focados apenas nos correlatos demográficos do BES, como idade, renda, sexo e educação. Somente a partir do século XXI é que houve estudos mais longitudinais, bem como amostras amplamente representativas, como a Pesquisa Mundial Gallup (DIENER, 2013).

Segundo Diener (2013), o conteúdo dos estudos agora é muito mais abrangente, incluindo tópicos como personalidade, cultura e processos psicológicos como comparação social. Uma nova descoberta importante de pesquisa é que o BES tem efeitos benéficos na saúde e na longevidade, nas relações sociais, e produtividade. Assim, as perguntas feitas sobre BES se tornaram mais abrangentes, e as metodologias utilizadas pelos pesquisadores permitiram tirar conclusões que ajudam no florescimento humano e social.

A literatura sobre BES está preocupada em entender como e por que as pessoas experimentam suas vidas de maneira positiva, incluindo julgamentos cognitivos e reações afetivas. Com isso, os pesquisadores sociais se concentraram na pergunta sobre quais são os motivos que levam os indivíduos a avaliarem suas vidas de forma positiva. Essa definição de bem-estar subjetivo passou a ser rotulada como satisfação com a vida e assenta nos padrões do respondente para determinar qual é a boa vida (VEENHOVEN, 2002; DIENER, 2006; SIRGY, 2012; DIENER, 2013).

Nesse sentido, a área de bem-estar subjetivo possui três características distintivas. Primeiro, é **subjetivo**, isto é, **reside na experiência do indivíduo** (CAMPBELL, 1976). Assim, embora a saúde, o conforto ou a riqueza sejam medidas objetivas que podem exercer influência potencial no BES, elas não são vistas como inerentes ou partes necessárias (KAMMANN, 1983). A definição de bem-estar subjetivo enfatiza, assim, uma agradável experiência emocional. Isso pode significar que a pessoa está experimentando emoções principalmente

agradáveis durante um período da vida ou que a pessoa esteja predisposta a tais emoções, independentemente de estar atualmente experimentando-as.

Segundo, o bem-estar subjetivo **inclui medidas positivas**. Não se trata apenas da ausência de fatores negativos, como acontece com a maioria das medidas de saúde mental. Satisfação com a vida e afeto positivo são ambos estudados por pesquisadores do bem-estar subjetivo. Mais especificamente, o significado atual de felicidade significa uma preponderância de afeto positivo sobre afeto negativo (BRADBURN, 1969).

Terceiro, as medidas subjetivas de bem-estar normalmente incluem uma **avaliação global de todos os aspectos da vida de uma pessoa**, isto é, embora o afeto ou a satisfação em um determinado domínio possam ser avaliados, a ênfase geralmente é colocada em julgamento integrado da vida da pessoa. No entanto, as medidas podem abranger um período variando de algumas semanas a uma vida inteira. Não existe uma maneira a priori de decidir a que horas ou período é melhor. Em vez disso, os pesquisadores devem descobrir os correlatos de BES dentro dos vários períodos de tempo. Por esse motivo, a investigação do argumento desta tese é relevante, pois resultará na análise da conexão mais estreita entre diversos construtos teóricos e a pesquisa empírica acerca do BES.

À luz do exposto, pode-se dizer que a ciência do bem-estar subjetivo (BES) cresceu dramaticamente nas últimas três décadas, indo além de pesquisas transversais precoces sobre correlatos demográficos de bem-estar, para estudos mais amplos que abrangem um conjunto de fenômenos psicológicos, tais como personalidade, valores, atitude, cultura e genética (DIENER, 2013).

No entanto, ainda não há um consenso sobre as variáveis intrínsecas e extrínsecas que impactam diretamente do bem-estar subjetivo das pessoas, essencialmente durante e após uma pandemia mundial. Existe um novo contexto, novas formas de consumir, trabalhar e sobretudo, viver. Assim, é inquestionável a importância de novos estudos na área das ciências sociais aplicadas levando em consideração esse momento histórico. O objetivo é desenvolver estudos para entender as mudanças e impactos causados nas vidas das pessoas para que possamos construir uma base científica sólida que auxilie o novo presente e futuro da sociedade.

Dessa forma, esse novo contexto **oportuniza** o estudo desta tese por desenvolver resultados científicos que alinhem a teoria e a pesquisa prática do BES, sobretudo ao buscar entender a relação da personalidade, de variáveis intrínsecas (disposicionais) e a satisfação no domínio material como antecedentes do bem-estar subjetivo das pessoas.

Além disso, o argumento formulado desta tese é **viável** e resulta em conceitos cientificamente úteis por medir e demonstrar, dentro de uma estrutura teórica, relações

interessantes do BES diante e após a ocorrência do isolamento social (quarentena) devido à pandemia do Covid-19 que trouxe diversas restrições pessoais, sociais e econômicas para a maioria dos brasileiros.

Ainda, a proposição desta tese é **relevante**, pois estudos nacionais sobre o BES são de grande valia por fornecer informações aos formuladores de políticas públicas, empreendedores e sociedade em geral sobre o bem-estar das pessoas, quanto cidadãos e consumidores. Os resultados deste estudo representam uma oportunidade para os profissionais que trabalham com a temática, e para que políticos possam produzir informações e intervenções benéficas para a sociedade.

Conforme mencionado nos estudos de Wills-Herrera, Islam e Hamilton (2009), as avaliações individuais de BES podem ser determinadas por fatores disposicionais (de cima para baixo), contexto dos domínios (de baixo para cima) e valores culturais. No entanto, a temática do BES carece de estudos que alinhem a perspectiva da personalidade (de cima para baixo) com o estudo da satisfação do domínio material (de baixo para cima).

Sabe-se que a personalidade interfere diretamente no bem-estar subjetivo. No entanto, até que ponto os fatores da personalidade impactam no bem-estar subjetivo das pessoas em momentos de incertezas e isolamento social (privação) e após o evento da pandemia? Como as pessoas se sentem diante de restrições de liberdade e de consumo? Existem características intrínsecas e de personalidade que fazem com que um indivíduo reaja de uma forma mais benéfica em um evento de vida adverso? Fatores intrínsecos e/ou extrínsecos influenciam a satisfação do domínio material e, conseqüentemente, no bem-estar subjetivo das pessoas? Questões como estas, serão investigadas, discutidas e respondidas ao longo desta tese. Portanto, este estudo é relevante não somente para a área do marketing e sociedade, como também para a área das ciências sociais aplicadas, haja vista que ao entender o que impacta no BES das pessoas, poderão ser formuladas estratégias, políticas públicas e ações que venham a auxiliar na melhora da promoção do bem-estar das pessoas e na forma como elas consomem, trabalham e se relacionam quanto indivíduo e sociedade.

Por fim, a validação de índices subjetivos de bem-estar no contexto brasileiro é uma contribuição importante em um campo que tem sido principalmente dominada por amostras europeias, americanas e australianas. Sendo assim, esta temática é importantíssima de ser estudada no Brasil, ampliando os conhecimentos sobre como os brasileiros vivenciam o bem-estar subjetivo, sobretudo no ano de 2020 e 2021 em que temos um momento de recessão econômica, grandes mudanças, medo e insegurança nacional.

1.2 INOVAÇÃO E PROPOSIÇÃO GERAL DA TESE

Compreender o bem-estar subjetivo (BES) tem sido historicamente um esforço humano essencial e atualmente abrange campos da administração à saúde mental (STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008). Estudos sobre bem-estar e marketing são baseados em conceitos de ética de dever, especificamente o dever de beneficência e não maleficência.

O estudo do bem-estar subjetivo pelo viés do marketing foi proposto por Gibbs (2004) ao considerar que o marketing pode ser canalizado e alterado para substituir aspectos triviais da satisfação do consumidor por uma noção de florescimento pessoal. Nessa substituição o valor dos objetivos pessoais pode adotar uma perspectiva mais comum do consumo e permitir um uso mais equitativo dos recursos para alcançar um futuro significativo para os indivíduos e a sociedade. É necessário que se mude a definição de consumidor de volta para a pessoa e que estudos e ações de marketing foquem no bem-estar das pessoas como um fenômeno sustentável para a humanidade. Assim, pode ser desenvolvida uma subestrutura moral do marketing que seja atraente e realista.

Em consonância com o pensamento acima, Falter e Hadwick (2020) afirmam que a centralidade humana é a nova meta para as empresas da atualidade, pois os clientes querem ser reconhecidos como indivíduos com necessidades únicas, em vez de fazer parte de um grupo-alvo de clientes onde nenhuma ou pouca atenção é dada a uma pessoa específica. Assim, é aconselhável que empresas considerem o bem-estar das pessoas em vez de focar em indicadores tradicionais de marketing, como a satisfação do consumidor.

Diante desse contexto, entender quais são as variáveis que influenciam a satisfação pessoal é de suma relevância, pois existem uma série de construtos psicológicos e externos que influenciam o bem-estar individual. Entender como as pessoas experimentam emoções positivas e negativas talvez seja o ponto chave para identificar o que promove a satisfação com a vida geral e a satisfação entre os domínios da vida. A satisfação do domínio material (NETEMEYER et al., 2017; SIRGY, 2018), do domínio do lazer (SIRGY et al., 2009) e a satisfação com a vida do consumidor (LEE; SIRGY; LARSEN; WRIGHT, 2002) são exemplos que indicam que os domínios da vida representam importantes componentes da satisfação com a vida geral.

Corroborando com essa perspectiva, muitos estudiosos têm se interessado na investigação do efeito do marketing na qualidade de vida das pessoas, por defender que isso afeta diretamente no domínio da satisfação com a vida material e do consumidor (SIRGY;

SAMLI; MEADOW, 1982; LEELAKULTHANIT; DAY; WALTERS, 1991; LEE; SIRGY, 1995; SIRGY; LEE, 2006; SIRGY; LEE; RAHTZ, 2007; LEE; SIRGY, 2011).

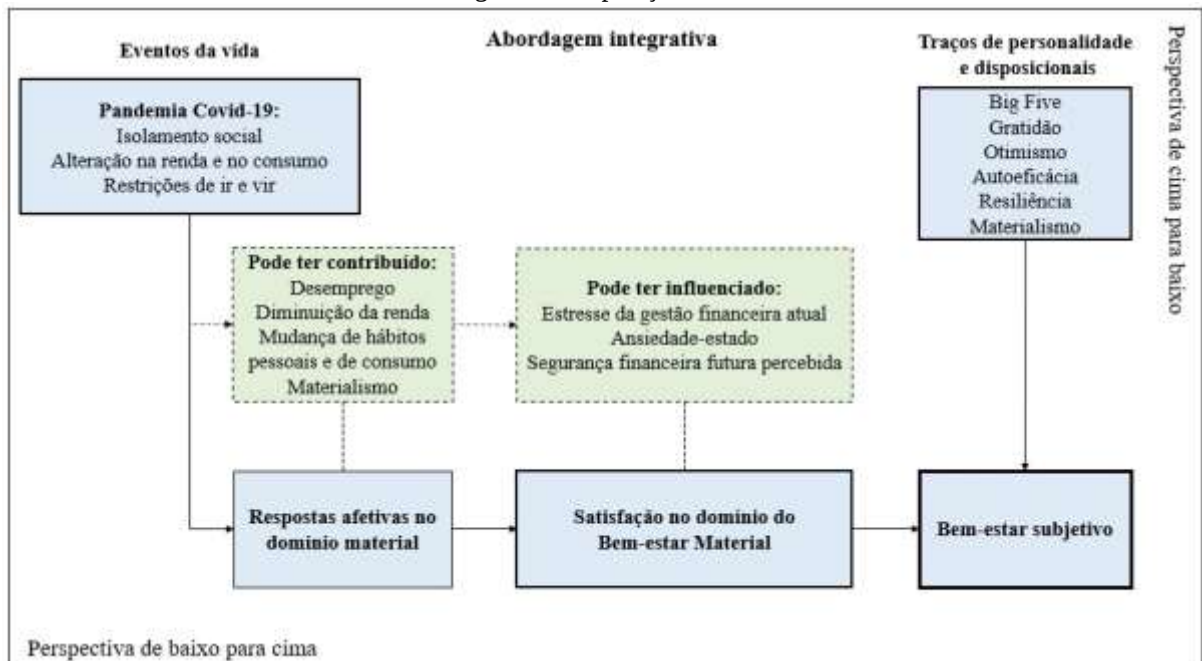
Portanto, alinhar estudos sobre o bem-estar subjetivo (BES) e a satisfação do domínio do bem-estar material são questões importantíssimas do ponto de vista macro, pois visam promover a satisfação com a vida geral. Isso justifica o fato de ter surgido um fluxo de pesquisas sobre esses tópicos na literatura do macromarketing. Ademais, se faz necessário pesquisas futuras que identifiquem variáveis que relacionam esses temas e promovam o florescimento pessoal e social.

Isto posto, a proposição desta tese aborda o bem-estar subjetivo (BES), a satisfação do domínio do bem-estar material (BEM) e os fatores da personalidade a partir da teoria integrativa da satisfação com a vida. A inovação desse trabalho centra-se no entendimento de que ao promover um aumento no bem-estar subjetivo das pessoas, as relações sociais e de consumo serão beneficiadas, assim como toda a sociedade. Essa visão holística do marketing é considerada recente, porém importante para o avanço da humanidade, sobretudo durante e após o isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19.

Nesse contexto, o intuito deste trabalho é auxiliar os formuladores de políticas públicas a obter insights sobre políticas de macromarketing que podem melhorar o BES da população em geral. Além disso, são necessárias pesquisas como esta, para entender a hierarquia da satisfação que compreende desde produtos concretos até as mais abstratas dimensões da vida e o papel do marketing em afetar essa hierarquia nos níveis individual e social.

Dito isto, a Figura 1 expõe os construtos que dão suporte à construção argumentativa desta tese. Dentro desta configuração, defende-se a importância de se estudar os traços de personalidade e fatores disposicionais como antecedentes nos níveis de BES. Ainda, considera-se também o estudo de variáveis que podem influenciar na satisfação do domínio do bem-estar material e conseqüentemente, nos níveis de bem-estar geral, como os acontecimentos vividos durante o cenário da pandemia do Covid-19.

Figura 1 - Proposição da tese



Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

O pressuposto é que as pessoas que melhor reagem aos eventos estressores vividos são aquelas que possuem traços maiores de extroversão, amabilidade, abertura à experiência, conscienciosidade, gratidão, otimismo, resiliência, são autoeficazes, menos materialistas e apresentam satisfação quanto ao domínio do bem-estar material. Em contrapartida, pessoas com maiores níveis de neuroticismo, materialismo, ansiedade (estado) e estresse com a situação financeira atual provavelmente apresentam mais experiências negativas e níveis mais baixos de satisfação com a vida.

A seguir, estão descritos os objetivos e problema de pesquisa que direcionam esta tese.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS DA TESE

Como argumentado no tópico anterior, o estudo do bem-estar subjetivo a partir da abordagem integrativa auxilia no entendimento e promoção de ações que visem melhorias para o indivíduo e para a sociedade brasileira nesse cenário de pandemia e após pandemia.

Desse modo, a questão de pesquisa que norteia esta tese é: **Quais os fatores psicológicos e do domínio do bem-estar material podem influenciar nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo?**

Com a finalidade de responder a esse questionamento, foi definido o seguinte objetivo geral de pesquisa: **Analisar os fatores psicológicos e do domínio do bem-estar material que influenciam os componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.**

Para alcançar o objetivo geral proposto, se faz necessário a realização dos seguintes **objetivos específicos**:

1. Identificar fatores da personalidade que influenciam nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.
2. Verificar os construtos do domínio do bem-estar material que influenciam nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.
3. Construir um Modelo de Antecedentes do Bem-estar Subjetivo com base na Teoria Integrativa da satisfação com a vida (a partir da análise de traços da personalidade, variáveis intrínsecas e a satisfação no domínio do bem-estar material).
4. Avaliar quais fatores da personalidade e do domínio do bem-estar material influenciam nos níveis de bem-estar subjetivo.

O alcance desses objetivos específicos contribui com a identificação de quais variáveis se relacionam com o bem-estar subjetivo no contexto brasileiro; além disso, visa contribuir com avanços na literatura do marketing e do bem-estar.

O modelo proposto é chamado de ‘Modelo de Antecedentes do Bem-estar Subjetivo com base na Teoria Integrativa da satisfação com a vida’. Nesse contexto, o teste do modelo teórico desenvolvido verifica quais construtos influenciam na satisfação com a vida e na vivência de afetos positivos e negativos. Como consequência, essas relações de antecedência acabam por impactar nos níveis de bem-estar subjetivo das pessoas. Vale ressaltar que esse objetivo é alcançado a partir da aplicação da abordagem quantitativa para a análise de dados e responde às hipóteses sugeridas neste estudo.

Por fim, a realização desses objetivos, contribui com estudos que se preocupam em mensurar e analisar não apenas o bem-estar geral dos indivíduos, mas que buscam entender como as pessoas reagem em momentos de caos sanitário, econômico e social.

O próximo tópico destaca a estrutura da tese, ao informar de maneira breve o que cada capítulo irá abordar na sequência.

1.4 ESTRUTURA DA TESE

Com o propósito de atender aos objetivos desta pesquisa, este trabalho é dividido em sete capítulos, cada um com suas especificações para facilitar a compreensão do conteúdo

abordado. No **Capítulo 1**, consta a introdução do trabalho, é apresentada a delimitação do tema, a contextualização e justificativas demonstrando a importância teórica e prática do estudo, o problema de pesquisa e os objetivos propostos e, por fim, a estruturação da tese.

O **Capítulo 2** apresenta a revisão de literatura sobre o Bem-estar Subjetivo (BES). Para tanto, inicia-se com os conceitos básicos acerca do tema, bem como os componentes principais que formam o BES segundo a literatura atual, seguindo-se dos principais estudos da área e antecedentes encontrados na atualidade. Além de variáveis que atuam como mediadoras na influência de fatores da personalidade e BES e, na satisfação dos domínios da vida e o BES.

No **Capítulo 3** é apresentada a revisão da literatura sobre o domínio do Bem-estar Material (BEM). São apresentados os principais antecedentes e consequentes do domínio material, bem como os estudos que suportam os antecedentes do BEM e do BES a partir das teorias *Bottom-up Spillover* e *Top-down Spillover*. Esses antecedentes e consequentes dão suporte a teoria integrativa da satisfação com a vida que é adotada nesta tese.

No **Capítulo 4** são descritos modelos teóricos de estudos anteriores sobre o bem-estar subjetivo, bem-estar material e sobre a pandemia do Covid-19. O objetivo é demonstrar o que a literatura apresenta serem construtos que relacionam os temas propostos nesta tese. Ao demonstrar relações de influência que já foram testadas anteriormente, esses modelos dão suporte ao modelo teórico proposto, bem como as hipóteses definidas nesta pesquisa. O capítulo é finalizado com a apresentação do Modelo de Antecedentes do Bem-estar Subjetivo com base na Teoria Integrativa da Satisfação com a Vida.

No **Capítulo 5** é apresentado os métodos da tese. Inicialmente, é exibido o delineamento da pesquisa informando ao leitor sobre os preceitos ontológicos e epistemológicos do estudo, como também o procedimento de coleta de dados e escalas selecionadas no estudo. Neste tópico, são apresentadas todas as escalas que já são validadas no contexto brasileiro e pertencem aos construtos que estão no modelo proposto. Por fim, é apresentado o procedimento de análise dos dados e análises estatísticas pretendidas a fim de resolver o problema de pesquisa em questão.

O **Capítulo 6** apresenta a análise dos resultados. Detalha a amostra em termos de características (análise descritiva), como também a análise exploratória dos dados e a Modelagem por Equações Estruturais (MEE) a partir do modelo teórico proposto.

Por fim, no **Capítulo 7** estão descritas as considerações finais da tese. Inicialmente, são apresentadas as conclusões do estudo e, na sequência, são expressas as contribuições do trabalho, bem como as limitações e recomendações para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 2 – CONCEITOS, COMPONENTES, ANTECEDENTES E DESIGNS DO ESTUDO SOBRE BEM-ESTAR SUBJETIVO

Nesse capítulo serão apresentados os principais conceitos e o desenvolvimento histórico do bem-estar subjetivo, como também os componentes, antecedentes e design conceitual do estudo.

2.1 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Indicadores subjetivos de bem-estar foram propostos como guias para a política de desenvolvimento, uma vez que o desenvolvimento não se limita à riqueza material, ou seja, o bem-estar não é um construto que deve ser avaliado apenas pela variável objetiva relacionada à quantidade de dinheiro que uma pessoa, população ou nação possui. Pelo contrário, existem muitas variáveis subjetivas que interferem e impactam em como uma pessoa avalia a sua vida, o seu bem-estar (VEENHOVEN, 2002; DIENER, 2006).

Nesse sentido, o bem-estar subjetivo (BES) é um construto psicológico preocupado não com o que as pessoas têm ou o que acontece com elas, mas com o modo como elas pensam e sentem sobre o que têm e o que acontece com elas. É considerado, portanto, um construto amplo e multifacetado. O estudo do BES faz uma distinção entre as condições objetivas da vida de alguém e as avaliações subjetivas dessa pessoa (DIENER, 1984, DIENER, 2000, SIRGY, 2012).

Em 1984, Diener propôs que o bem-estar subjetivo possuía três componentes distintos: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo. Mais recentemente, Diener, Suh, Lucas e Smith (1999) também incluíram a satisfação em domínios específicos da vida (doravante satisfação no domínio, por exemplo, satisfação com a saúde, financeira ou material dentre outras) na definição de bem-estar subjetivo.

Além disso, os pesquisadores costumam distinguir componentes cognitivos e afetivos do bem-estar subjetivo (DIENER, 1984; DIENER et al., 1999). A satisfação com a vida e a satisfação no domínio são consideradas componentes cognitivos porque são baseadas em crenças avaliativas (atitudes) sobre a vida de alguém. Por outro lado, os afetos negativo e positivo correspondem ao componente afetivo do bem-estar subjetivo e refletem a quantidade de sentimentos agradáveis e desagradáveis que as pessoas experimentam em suas vidas (SIRGY, 2012).

Muitos pesquisadores de Qualidade de Vida (QV), por exemplo, capturaram o conceito de bem-estar subjetivo medindo dois tipos de afeto, positivo e negativo, e depois resumindo as pontuações para derivar um índice de bem-estar subjetivo (BRADBURN, 1969; DIENER, EMMONS, 1984; CHAMBERLAIN, 1988; WATSON, CLARK, TELLEGEN, 1988; DIENER, SANDVIK, SEIDLITZ, DIENER, 1993; HEADEY, KELLEY, WEARING, 1993; DIENER, SMITH, FUJITA, 1995; LUCAS, DIENER, SUH, 1996; KIM, MUELLER, 2001). Nesse sentido, uma pessoa que tem um alto nível de bem-estar subjetivo é aquela que tem uma preponderância de afeto positivo (como alegria, contentamento ou prazer) sobre o afeto negativo (como tristeza, depressão, ansiedade ou raiva). Essa perspectiva de afeto positivo e negativo ressalta a relativa independência do afeto positivo e negativo. Como tal, Diener e Lucas (1999) identificaram quatro tipos diferentes de pessoas que experimentam vários estados de felicidade (Quadro 1).

Quadro 1 - Tipos de pessoas e estados de felicidade

Tipos de pessoas e estados de felicidade	
Característica	Status
1. Pessoas que experimentam altos níveis de afeto positivo e níveis mais baixos de afeto negativo.	Felizes
2. Pessoas que experimentam baixos níveis de afeto positivo e níveis mais altos de afeto negativo.	Infelizes
3. Pessoas que experimentam altos níveis de afeto positivo e negativo.	Emocionais
4. Pessoas que experimentam baixos níveis de afeto positivo e negativo.	Sem emoção

Fonte: Diener e Lucas (1999, p. 219, tradução nossa).

Como pode ser observado no Quadro 1 acima, a forma como as pessoas experimentam os afetos em suas vidas, interfere diretamente no seu status de felicidade. Vale ressaltar que o termo “felicidade” é mais usado no senso comum. Na Psicologia Positiva a felicidade é estudada principalmente a partir do conceito de Bem-estar subjetivo (BES), considerado por muitos autores como o estudo científico da Felicidade (DIENER; OISHI; LUCAS, 2003). Por esse motivo, o estudo dos afetos é tão importante e vem sendo apoiado nos estudos sobre bem-estar subjetivo, qualidade de vida subjetiva e felicidade subjetiva.

Na compreensão da felicidade as principais abordagens estudadas são a abordagem hedônica e a eudaimônica. A hedônica sugere que o bem-estar é relacionado à experiência de prazer e desprazer, destacando o aspecto subjetivo ou a avaliação pessoal que as pessoas fazem de suas vidas. Em outras palavras, essa abordagem enfatiza a busca pelo prazer e a satisfação dos desejos como fonte de felicidade. Já a abordagem eudaimônica, enfatiza sentimentos de

expressão pessoal e autorrealização; e não considera apenas o estado atual do bem-estar subjetivo das pessoas, mas também abrange seu crescimento pessoal, potencial de desenvolvimento e seus propósitos (ALBUQUERQUE; TROCÓLLI., 2004; GIACOMONI; HUTZ, 2008; DIENER; CHAN, 2011; DIENER et al., 2010).

A partir das abordagens hedônica e eudaimônica surgiram as duas principais teorias sobre bem-estar, que são: Bem-estar Subjetivo (BES) proposta por Ed Diener e Bem-estar Psicológico (BEP) proposta por Carol Ryff. Na visão de Diener (1984; 2000), o estudo da felicidade e bem-estar é definido a partir de componentes afetivos e cognitivos. Nessa perspectiva, o bem-estar subjetivo é avaliado a partir da análise afetiva e cognitiva que os indivíduos fazem das suas próprias vidas. Vale dizer que o autor ficou conhecido como o Doutor da Felicidade (Dr. *Happiness*) e desenvolveu diversos instrumentos de medição, incluindo a escala de satisfação com a vida (*Satisfaction With Life Scale* – SWLS). Já na opinião de Ryff (1989; 2014), o bem-estar deve ser abordado a partir de uma abordagem eudaimônica. A partir dessa abordagem a autora definiu seis dimensões-chave para o entendimento do bem-estar psicológico, que correspondem à autonomia, autoaceitação, sentido de vida, domínio ambiental, crescimento pessoal e relacionamento positivo. Para isso, desenvolveu a escala de bem-estar psicológico (*Psychological Well-Being Scale* – PWB).

Ante ao exposto, vale ressaltar que esta tese será desenvolvida a partir do conceito de bem-estar subjetivo definido por Ed Diener. Diante desse contexto, entende-se que as pessoas têm maior bem-estar quando estão engajadas em atividades que as interessam; quando experimentam muitas emoções agradáveis e poucas emoções desagradáveis; quando têm mais prazeres e poucos sofrimentos; e quando estão satisfeitas com as suas vidas (DIENER, 2000; DIENER; CHAN, 2011).

Os tópicos subsequentes abordarão os componentes afetivos e cognitivos do BES conforme visão de Diener e seus “seguidores”. O objetivo é que o leitor compreenda como esses componentes influenciam e formam o BES a partir da percepção e vivência das pessoas.

2.1.1 Componentes afetivos

O estudo dos componentes afetivos é de grande importância para as áreas da Psicologia e do Marketing, especificamente, para as áreas da Psicologia Positiva e do Comportamento do consumidor, respectivamente. De acordo com Seligman (2011), a medida da felicidade está associada diretamente à forma como os indivíduos avaliam cognitivamente e afetivamente as suas vidas. Nesse sentido, entender as emoções e as variáveis que influenciam nas decisões pessoais

e de consumo das pessoas é de suma importância para desenvolver esforços que auxiliem no bem-estar de todos.

Do ponto de vista teórico, os afetos e seus determinantes constituem um campo de investigação amplo e ativo. De acordo com Cohen e Andrade (2004), os afetos referem-se a um estado emocional interno, que pode ser intenso e relacionado a um estímulo específico (emoção) ou menos intenso e sem identificação da fonte (humor).

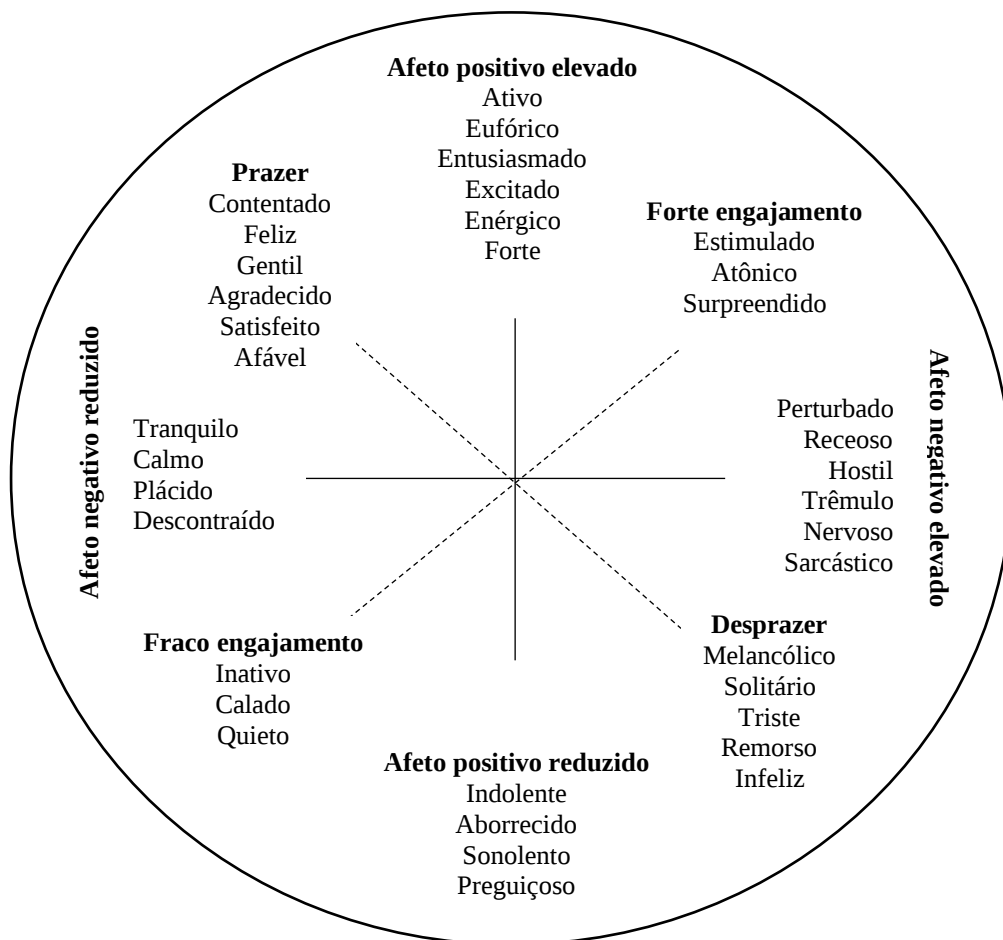
Cientificamente, a análise dos afetos pode ser baseada na dimensão temporal, isto é, o afeto é investigado a partir da sua frequência, intensidade e estabilidade. Em outras palavras, pode ser definido como breve, prolongado ou uma predisposição estável (DIENER; EMMONS, 1984; LYUBOMIRSKY; KING; DIENER, 2005). Existem pesquisas sobre o humor, por exemplo, que abordam a dimensão temporal prolongada dos afetos para analisar (diagnosticar) casos de depressão e ansiedade (DIENER; EMMONS, 1984). Além disso, os componentes afetivos também podem ser tratados e avaliados como traços da personalidade. São chamados de dimensão temporal duradoura, ou seja, são predisposições estáveis de determinados estados emocionais (GALINHA, PAIS-RIBEIRO, 2005; GALINHA, PAIS-RIBEIRO, 2011).

Na perspectiva do bem-estar subjetivo, a variável dos componentes afetivos é estudada a partir de duas dimensões que contemplam várias emoções básicas e distintas, que são: o afeto positivo e o afeto negativo. Assim, os componentes afetivos são compostos pela frequência e intensidade que alguém vivencia emoções positivas (alegria, otimismo) e negativas (tristeza, medo, preocupação). Conforme apontado por Diener et al. (1999, 2000, 2006), a promoção do bem-estar subjetivo é diretamente relacionada com um alto nível de afeto positivo e satisfação com a vida, somados com um baixo nível de afeto negativo.

O Afeto Positivo (AP) compreende uma série de boas sensações que influenciam de forma direta na satisfação com a vida e no bem-estar subjetivo geral das pessoas. Pode envolver estados momentâneos como, por exemplo, quando uma pessoa está se sentindo entusiasmada, alerta e ativa; e sentimentos de longo prazo, como a satisfação com a vida (SEGABINAZI et al., 2012; DIENER et al., 2017). Em contrapartida, existem também emoções negativas que impactam em como o indivíduo experimenta o bem-estar, pois são resultantes de eventos desfavoráveis. O termo Afeto Negativo (AN) é composto por estados momentâneos de humor aversivos, como por exemplo a raiva, ou sentimento de culpa e de medo; como também envolvem sentimentos mais duradouros e persistentes, como depressão (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988; DIENER et al., 2017). Além disso, o afeto negativo está relacionado com os construtos de ansiedade, neuroticismo e desajustamento (WATSON; CLARK, 1984; GALINHA; PAIS-RIBEIRO, 2011).

Na literatura sobre os componentes afetivos existe um dissenso quanto à independência e bidimensionalidade do afeto. Quanto à dimensão, o Modelo Circular de Watson e Tellegen (1985) é o que reúne maior consenso (Figura 2). Dentro dessa perspectiva, as emoções específicas são consideradas como combinações das duas dimensões centrais (emoções positivas e negativas). Em termos históricos, essa abordagem é uma das mais dominantes na literatura da área e foi base para a elaboração de vários instrumentos de medição (escalas) dos afetos (LARSEN; DIENER, 1992).

Figura 2 - Estrutura de dois fatores do afeto (Modelo circular)



Fonte: adaptado de Watson e Tellegen (1985, p. 221, tradução nossa).

De acordo com a Figura 2 o modelo circular do afeto é representado por duas dimensões que se cruzam formando diâmetros perpendiculares de um círculo. Esses dois fatores consensuais são chamados de afeto positivo e afeto negativo, e representam as principais dimensões da experiência emocional. Nesse modelo, embora o afeto positivo e o afeto negativo pareçam opostos e inversamente correlacionados, são na verdade independentes e não

correlacionados (WATSON; TELLEGEN, 1985; LARSEN, DIENER, 1992, GALINHA, PAIS-RIBEIRO, 2005).

Com isso, pode-se entender que a variável do afeto representa duas dimensões que são: o afeto positivo e negativo. Ambas abarcam várias emoções básicas e são consideradas consistentes nos estudos da área (LARSEN; DIENER, 1992; RUSSELL, 2003).

No que concerne à independência entre os afetos positivos e negativos, alguns autores acreditam que são dimensões totalmente independentes não correlacionadas, de modo que um aumento em uma dimensão não implica uma diminuição na outra, isto significa que, o alto afeto positivo e o alto afeto negativo podem ocorrer de forma simultânea. Essa visão é chamada de Ortogonalidade dos afetos (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988). Em contrapartida, existem estudos que comprovam que o afeto positivo e o afeto negativo são dimensões inversamente correlacionadas, ou seja, um aumento do afeto negativo implica um decréscimo do afeto positivo. Essa perspectiva é chamada de bipolaridade dos afetos (GREEN; SALOVEY; TRUAX, 1999).

Além disso, na tentativa de respostas sobre a questão da independência do afeto positivo e do afeto negativo, Diener e Emmons (1984) desenvolveram cinco estudos em que mediram o afeto negativo e positivo, do ponto de vista de várias dimensões temporais. Os autores concluíram que é pouco provável que o afeto positivo e negativo ocorram na mesma pessoa, no mesmo momento.

Nesse contexto, parece evidente que os afetos desempenham um papel importante na concepção do bem-estar subjetivo. Dessa forma, na tentativa de mensurar o bem-estar subjetivo das pessoas, foram elaboradas e validadas ao longo do tempo algumas escalas de afeto negativo e positivo. Foi a partir do modelo circular (bidimensional) dos autores Watson e Tellegen (1985) que surgiu a escala '*Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)*' desenvolvida nos estudos de Watson, Clark e Tellegen, (1988). Esta, é uma das escalas mais utilizadas para medir os componentes afetivos.

Em consonância, Diener e Emmons (1984) desenvolveram a Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN-10) com o objetivo de mensurar as emoções. Essa escala também é bastante utilizada em estudos da área e foi recentemente adaptada para o contexto brasileiro pelos autores Gouveia et al. (2019) a partir do desenvolvimento de três estudos.

Nos Estudos 1 e 2 de Gouveia et al. (2019) os autores confirmam a estrutura bifatorial da escala e no Estudo 3 houve evidências de validade de critério. Diante disso, os autores concluem que os resultados dos três estudos fornecem evidências psicométricas da EAPN-10 no contexto brasileiro e pode ser empregada em estudos sobre os afetos no país.

Do ponto de vista teórico, a EAPN-10 foi desenvolvida levando em consideração a visão da bidimensionalidade (afeto positivo e negativo) e considera que os afetos não são totalmente independentes como foi sugerido por Watson, Clark e Tellegen, (1988), embora representem dimensões consideradas legítimas.

Dentro dessa perspectiva, Gouveia et al. (2019), com base em Larsen (2007), explica que apesar dos sentimentos serem considerados positivos ou negativos, devem ser reconhecidas que as avaliações de eventos e sentimentos possam ser ambivalentes.

O Quadro 2 apresenta o conceito e os estados emocionais afetivos segundo Gouveia et al. (2019).

Quadro 2 - Estados emocionais afetivos

Estados emocionais afetivos		
Componentes afetivos	Conceito	Estado
Afetos positivos (AP)	Os afetos positivos correspondem aos diversos sentimentos que as pessoas experimentam em situações favoráveis. Pode ser um estado momentâneo, como por exemplo, diversão; como também sentimentos de longo prazo, como a satisfação com a vida, ou ainda, sentimentos relacionados às expectativas futuras positivas como o otimismo.	Feliz
		Satisfeito
		Divertido
		Otimista
		Alegre
Afetos negativos (AN)	Os afetos negativos se referem à experiência de sentimentos resultantes de eventos desfavoráveis. Pode ser um estado momentâneo como a raiva e a preocupação; como também sentimentos mais duradouros e persistentes como a depressão e a ansiedade.	Infeliz
		Deprimido
		Frustrado
		Raivoso
		Preocupado

Fonte: Gouveia et al. (2019).

A partir da análise do instrumento de Gouveia et al (2019) pode-se entender que os afetos positivos se referem ao estado emocional sobre estar feliz, satisfeito(a), divertido(a), otimista e alegre. Já os estados emocionais ruins estão ligados ao experimento emocional de se sentir infeliz, deprimido(a), frustrado(a), raivoso(a) e preocupado(a). A partir do experimento sobre esses dez estados emocionais, há alterações significativas em como as pessoas sentem e classificam os seus níveis de bem-estar subjetivo.

O subtópico seguinte abordará a percepção de satisfação com a vida que representa o componente cognitivo do BES. Este, em complemento com a experiência dos afetos (positivo e negativo) formam o conceito teórico e prático (numérico) do BES.

2.1.2 Satisfação com a vida

A satisfação com a vida é vista como uma conceituação “cognitiva” de felicidade ou bem-estar subjetivo. É considerada o autorreconhecimento da felicidade (DIENER, 1984; 1994, 1999, 2000; VEENHOVEN, 1984a; 1988a; 1991; 2002). Além disso, pode envolver julgamentos de cumprimento de necessidades, objetivos e desejos. Essa visão é essencialmente baseada em estudos seminais dos fundadores do movimento de pesquisa sobre a satisfação com a vida, tais como: Andrews e Withey (1976), Campbell, Converse e Rodgers (1976), Diener (1984) e Michalos (1985).

A satisfação com a vida pode ser entendida como um julgamento cognitivo sobre a própria vida que uma pessoa faz a partir de um processo dependente da comparação das circunstâncias vividas com o que se pensa ser um padrão apropriado. Dessa forma, quanto menor a discrepância entre a percepção das realizações da vida e algum padrão, maior a satisfação com a vida (DIENER; EMMONS; LARSEN; GRIFFIN, 1985; DIENER; HORWITZ; EMMONS, 1985).

Corroborando com esse pensamento, Frisch (1998, 2000, 2006) iguala a Qualidade de Vida (QV) com satisfação e define a satisfação com a vida também em termos cognitivos. Ele pressupõe que os correlatos afetivos do bem-estar subjetivo sejam determinados por julgamentos de satisfação com a vida com base cognitiva.

Além disso, Van Praag e Ferrer-i-Carbonell (2010), ambos economistas da felicidade, relatam que a satisfação com a vida é a variável dependente chave da felicidade. Essa visão da felicidade é defendida por muitos filósofos. Tatarkiewicz (1966), por exemplo, argumentou que felicidade é satisfação com a própria vida como um todo. Inclui não apenas um estado presente agradável, mas também uma avaliação favorável do passado e boas perspectivas para o futuro (TATARKIEWICZ, 1966; SUMNER, 1996). Por isso, estudos típicos de satisfação com a vida usam pesquisas nas quais os entrevistados são solicitados a avaliar como estão suas vidas ao longo de algum período, como as últimas semanas, meses e/ou anos.

Além disso, a satisfação com a vida é influenciada por diversos fatores desde variáveis intrínsecas ao indivíduo como os traços de personalidade, bem como fatores externos que ocorrem ao longo da vida das pessoas, os chamados, eventos de vida. É importante destacar que a satisfação com a vida é movida por fatores determinados pelo próprio indivíduo, segundo seus critérios e padrões, e não por um conjunto de fatores pré-determinados por outras pessoas ou instituições. Assim, considera-se tanto aspectos e estados momentâneos quanto as vivências passadas de uma pessoa (DIENER et al., 1985).

Como componente cognitivo do bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida também precisa considerar a influência do meio social, cultural e histórico (SCORSOLONI-COMIN; SANTOS, 2010). De acordo com os estudos de Zanon et al. (2014) e Hutz, Zanon e Bardagi (2014), a personalidade parece ser um importante preditor da satisfação com a vida.

Pessoas mais ansiosas, inseguras, instáveis emocionalmente (neuroticismo) tendem a vivenciar muitas emoções e pensamentos negativos e ver o mundo de forma mais opressiva. Já as pessoas mais comunicativas, com muitos contatos sociais, enérgicas (extroversão) tendem a ter mais sentimentos positivos, além de apresentar uma visão mais positiva sobre o mundo. Assim, os estudos confirmam que pessoas com o nível elevado de neuroticismo sentem-se mais insatisfeitas com suas vidas, enquanto aquelas que possuem alto nível de extroversão sentem-se mais satisfeitas (LUCAS, DIENER, SUH, 1996; DIENER; OISHI; LUCAS, 2012)

Corroborando com este pensamento, alguns estudos (e.g., SNYDER, 2002; SNYDER et al, 2002; SEGERSTROM; EVANS; ELSNLOHR-MOUL, 2011; CARVER; SCHEIER, 2014; JONASON et al. 2018) confirmam que evocar mais, e mais facilmente, informações positivas, apresentar expectativas positivas sobre o futuro (otimismo), assim como buscar ativamente aquilo que se considera importante (esperança) também parece influenciar os níveis de satisfação com a vida (DIENER; OISHI; LUCAS, 2012).

Dentro dessa perspectiva, podemos entender que a satisfação com a vida pode ser definida como a avaliação global dos diferentes aspectos da qualidade de vida, sendo baseada na experiência pessoal e implicando um juízo cognitivo sobre os diferentes domínios da vida pessoal (DIENER, 1994). Pesquisas sugerem que as pessoas fazem a sua avaliação, comparando as suas circunstâncias reais da vida com as circunstâncias de vida consideradas ideais e levando em conta os diferentes domínios da vida (PAVOT; DIENER, 1993).

Por fim, com o objetivo de descrever quais são os domínios da vida considerados nos estudos sobre bem-estar subjetivo e da satisfação com a vida, o subtópico seguinte apresenta um breve resumo acerca do conceito de satisfação a partir dos domínios da vida e o impacto na satisfação com a vida geral. Já a influência da satisfação do domínio material no BES, que é o domínio central desta tese, será descrita no Capítulo 3.

2.1.3 Satisfação com os domínios da vida

Além de medidas de satisfação com a vida, foram desenvolvidas pesquisas na área de QV e do Bem-estar subjetivo (BES) com o intuito de conceituar e medir a QV e o BES em termos de satisfação no domínio. Em outras palavras, altos níveis de BES, e consequentemente,

a percepção elevada da qualidade de vida, é essencialmente definida como a satisfação em domínios importantes da vida.

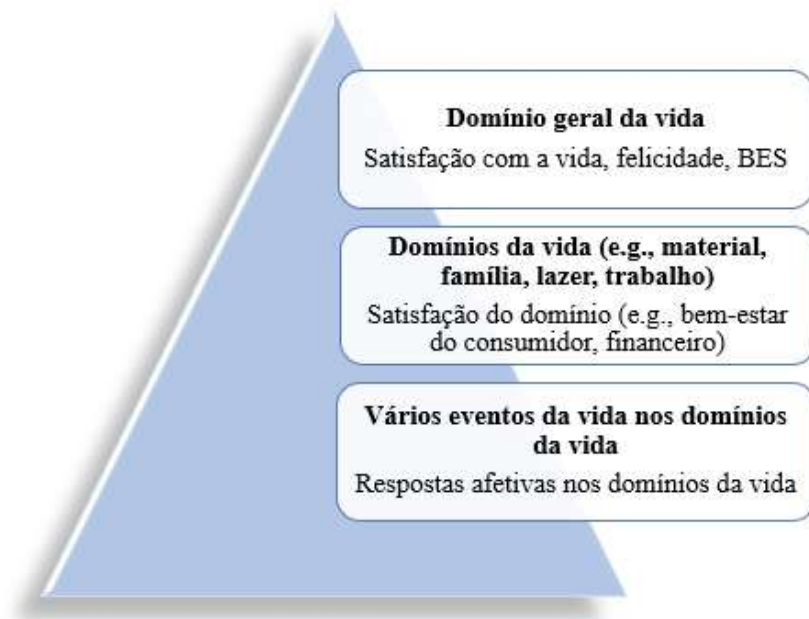
Inicialmente, Frisch (1993, 1998) criou o inventário de qualidade de vida, e conceituou a satisfação do domínio em 16 dimensões: (1) saúde, (2) autoestima, (3) objetivos e valores, (4) dinheiro, (5) trabalho, (6) lazer, (7) aprendizado, (8) criatividade, (9) ajuda, (10) amor, (11) amigos, (12) filhos, (13) parentes, (14) casa, (15) bairro e (16) comunidade. Nesse contexto, a satisfação com a vida é definida como a pessoa sente que as necessidades, metas e desejos mais importantes estão sendo atendidos a partir dos domínios essenciais da vida. Operacionalmente falando, uma satisfação geral com a vida é calculada como a soma das classificações de satisfação em domínios importantes da vida.

Em consonância, também é digno de nota o trabalho de Robert Cummins, renomado pesquisador de QV. Cummins e seus colegas desenvolveram uma medida de satisfação no domínio chamada Quality of Life-A5 (CUMMINS, 1996; CUMMINS; McCABE; ROMEO; GULLONE, 1994). A QV é capturada em termos subjetivos e objetivos. Cada eixo subjetivo e objetivo é composto por sete domínios da vida: (1) bem-estar material, (2) saúde, (3) produtividade, (4) intimidade, (5) segurança, (6) lugar na comunidade e (7) bem-estar emocional. A medida do bem-estar em cada domínio é realizada por meio de uma pontuação composta de satisfação desse domínio ponderada pela importância percebida desse domínio. Assim, um escore subjetivo total é derivado da soma do produto das pontuações de satisfação do domínio ponderadas por importância percebida. Essa visão é suportada pela Teoria de transbordamento de baixo para cima (*Bottom-up Spillover*).

Além dessa perspectiva, alguns estudos (e.g., DIENER, 2009; PÁEZ; SEGUEL; SÁNCHEZ, 2012; SULDO; MINCH; HEARON, 2014; CHENG; WEISS; SIEGEL, 2015; SOTO, 2015; ALI, 2018) demonstram que variáveis intrínsecas influenciam diretamente na satisfação com a vida geral, e esse nível de satisfação global impacta na satisfação entre os domínios da vida. É o que os autores denominam de Teoria de transbordamento de cima para baixo (*Top-down Spillover*). Ainda, vale ressaltar que, vários estudos suportam que o bem-estar subjetivo ou satisfação com a vida geral pode ser estudada a partir da junção dessas duas visões, chamada de abordagem integrativa ou bidirecional. Nessa abordagem, alguns construtos influenciam diretamente na satisfação com a vida geral, outros irão impactar inicialmente na satisfação do domínio, e por consequência, na satisfação geral. (HEADEY; VEENHOVEN; WEARING, 1991; BRIEF et al., 1993; GALINHA; PAIS-RIBEIRO, 2011; SIRGY, 2018).

Na Figura 3 apresenta-se como ocorre a influência ascendente do bem-estar subjetivo.

Figura 3 - Perspectiva da Teoria Bottom-up Spillover

Teoria de baixo para cima da satisfação com a vida

Fonte: adaptado de Sirgy (2018, p.543, tradução nossa).

Com base na teoria de baixo para cima (Bottom-up), o processo de satisfação com a vida geral, e consequentemente, de bem-estar subjetivo, é o resultado das respostas afetivas vividas, e a influência dessas ‘respostas’ na satisfação dos domínios da vida.

No contexto da pandemia atual, por exemplo, é provável que uma pessoa que ficou desempregada, tenha vivenciado emoções negativas sobre o domínio material (diminuição da renda, dívidas etc.), e essa diminuição da satisfação no domínio material, transborda de forma ascendente para o seu nível de satisfação com a vida geral.

Em consonância, a satisfação com a vida geral pode ser influenciada diretamente por variáveis intrínsecas, como os traços e dinâmica da personalidade (Figura 4).

No contexto da pandemia do Covid-19, por exemplo, entende-se que as mudanças causadas nos diversos domínios da vida, bem como nos hábitos (pessoais e de consumo) das pessoas, somadas às sensações vividas tem forte relação em como as pessoas reagem a esses eventos. Isto é fortemente associado aos traços de personalidade que determinada pessoa possui. Por exemplo: pode-se entender que indivíduos mais extrovertidos, otimistas e gratos tenham analisado o cenário caótico de uma forma mais branda e isto impactou pouco a sua satisfação geral e consequentemente a sua satisfação entre os domínios da vida também de mantiveram ‘estáveis’. O contrário também parece fazer sentido, isto é, os indivíduos com elevados níveis de neuroticismo, ansiedade e materialismo podem ter vivido mais emoções negativas o que

corroborar com menores níveis de satisfação com a vida, e consequentemente, menores níveis de satisfação entre os diversos domínios da vida.

Figura 4 - Perspectiva da Teoria Top-down Spillover

Teoria de cima para baixo da satisfação com a vida



Fonte: adaptado e modificado de Galinha e Pais-Ribeiro (2011, p. 35).

Durante a pandemia, grande parte da população mundial sofreu mudanças nos vários domínios da vida. Assim, acredita-se que tanto os eventos da vida influenciaram nas emoções positivas e negativas vividas pelas pessoas, e isto, influenciou na satisfação dos domínios da vida, e consequentemente, na satisfação com a vida geral. Como também, os traços de personalidade influenciaram na satisfação com a vida geral. O Quadro 3 resume os principais domínios da vida, bem como a principal interferência causada pela pandemia e o processo de adaptação das pessoas mediante o novo contexto com base na compreensão pessoal da autora desta tese.

Quadro 3 - Impacto da pandemia do Covid-19 nos domínios da vida

Contexto Brasileiro da Pandemia do Covid-19		
Domínio	Alteração	Adaptação
Lazer/Social	Com o isolamento social, as pessoas não puderam sair de casa para se divertir. Bares, restaurantes, praças, academias de esporte e ginásticas, clubes dentre outros tiveram que se	As pessoas tiveram que se readaptar quanto às suas atividades de lazer. Por exemplo: artistas começaram a realizar shows on-line, <i>lives</i> , as pessoas tiveram que praticar atividade física em casa e consumir utilizando as plataformas digitais/on-line (sites, Ifood, Ubereats, serviços de delivery próprio das empresas etc.). Quanto aos eventos sociais, muitos tiveram que ser cancelados e/ou

	manter fechados por um bom tempo. Além disso, muitas fronteiras foram fechadas (entre os países, como também entre os Estados).	realizados de forma virtual. O evento das Olimpíadas, por exemplo, foi uma grande modificação no calendário em nível mundial. No contexto brasileiro, mais especificamente no Nordeste, as festas juninas tiveram que ser canceladas. Eventos como desfiles de moda, corridas de rua (Ironman, maratonas) também tiveram que ser cancelados. Além disso, muitas pessoas tiveram que cancelar viagens e passeios já programados. Nesse sentido, acredita-se que houve alteração na satisfação do domínio do lazer e social, e consequentemente, na satisfação com a vida geral.
Familiar	Com o receio de disseminar o vírus, foi indicado pelos governantes e pela OMS, que as pessoas ficassem em casa e mantivessem contato físico apenas com os moradores da própria casa. Assim, muitas famílias tiveram que conviver com a distância física entre os seus entes.	Além do receio de que algum familiar viesse a contrair a doença (ou o próprio indivíduo), as pessoas tiveram que conviver a distância com seus entes. Comemorações como o Dia das mães, Dia dos pais, aniversários, casamentos, chás de bebê dentre outros, sofreram fortes alterações e as pessoas precisaram se readaptar e a conviver com isso. Assim, acredita-se que a pandemia também alterou a satisfação do domínio familiar, haja vista que o contato físico foi proibido e muitas das comemorações, encontros tiveram que ser cancelados e/ou feitos de forma remota. Além de despertar diversos sentimentos, tais como: saudade, necessidade de apoio, medo dentre outros.
Trabalho/ estudos	Com a proibição do funcionamento da maioria dos serviços e lojas, muitas empresas tiveram que reduzir o seu quadro de pessoal, isto acarretou um aumento no nível de desemprego (ou diminuição salarial). Além disso, muitos dos trabalhos tiveram que ser realizados de forma remota (virtual). Com os estudantes não foi diferente. Alguns tiveram as aulas adiadas/canceladas por um momento. Outros tiveram a possibilidade de continuar estudando só que de forma on-line. Exames e provas importantes tiveram que ser adiadas, mas de maneira geral, algumas escolas e universidades, mantiveram o seu calendário em andamento.	Os desempregados e empresários tiveram alterações consideráveis em suas rendas. Algumas pessoas tiveram que sobreviver com o auxílio emergencial recebido pelo governo, outras tiveram que inovar e começaram a vender ou trabalhar em algo on-line. As pessoas que mantiveram as suas rendas, tais como, professores e funcionários públicos (em grande parte), tiveram que trabalhar em ‘home office’. Apesar de não terem alterações financeiras, tiveram que se adequar ao novo contexto virtual. Já os profissionais que trabalham em serviços essenciais, tais como, supermercados, indústrias alimentícias, policiais, entregadores, motorista de transporte público/privado, profissionais da área de saúde dentre outros, tiveram que se adaptar às normas de sanitização dentre outras estipuladas pela OMS e pelos governos federal, estadual e municipal. No cenário dos estudantes, aqueles que não têm acesso a internet (seja ela de forma insatisfatória ou inexistente) sofreram sérias interferências no estudo, pois não puderam acompanhar (ou dar continuidade) os ensinamentos que estavam ocorrendo antes da pandemia. Em contrapartida, os estudantes com disponibilidade de aulas e acompanhamento didático-pedagógico remoto, bem como acesso fácil a internet, também tiveram que se adaptar ao novo contexto. Este, demanda responsabilidade e um maior comprometimento do estudante. Ante o exposto, também se acredita que houve modificações significativas no contexto do domínio do trabalho/estudos, e isto, deve ter impactado na satisfação do domínio e consequentemente, na satisfação com a vida geral de todos.
Material	Com o aumento do desemprego e consequentemente, a diminuição da renda individual e familiar, muitas pessoas tiveram que readaptar o seu	A pandemia trouxe graves impactos para a economia brasileira e de todo o mundo. Grande parte dos brasileiros sofreram bastante com os cortes orçamentários em suas rendas.

	consumo e planejamento financeiro. Além disso, as lojas, centros comerciais (shoppings), dentre outros, tiveram que ser fechados o que também impacta nos níveis e formas de consumir.	Corroborando com essa afirmação, de acordo com dados da Forbes (MARI, 2020), 70% dos brasileiros dizem ter comprado menos por conta de preocupações financeiras. Além disso, 55% dos consumidores disseram estar abertos a trocar sua marca preferida por uma mais barata. Isto evidencia que os consumidores tiveram que readaptar os seus hábitos de consumo. Nesse contexto, é inegável que o consumo e as finanças sofreram alterações durante o período pandêmico vivido. Em contrapartida, devido às restrições de 'ir e vir', o consumo on-line aumentou consideravelmente. As pessoas passaram a comprar mais em plataformas digitais. Diante desse contexto, estima-se que a satisfação do domínio material foi bastante afetada, seja pela questão de restrição do consumo (por conta do desemprego, diminuição da renda, impossibilidade de sair de casa – como ir ao um restaurante e centros comerciais), seja pelas novas formas de comprar/consumir que tiveram que ser adaptadas não somente ao novo 'normal', como também as restrições orçamentárias que muitos ainda estão vivendo. Assim, acredita-se que a satisfação com a renda e padrão atual, como também o bem-estar financeiro (estresse com o dinheiro atual e futuro) e valores materialistas são variáveis importantíssimas para serem investigadas nesse momento.
--	--	--

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

À luz do exposto, fica claro entender que os diversos domínios da vida influenciam diretamente no nível de bem-estar subjetivo das pessoas. Além disso, esta tese parte da perspectiva que a personalidade é um dos principais antecedentes da satisfação com a vida e dos componentes afetivos, ou seja, é uma preditora do bem-estar subjetivo. Isto justifica a escolha da autora em trabalhar com construtos que corroboram com a abordagem integrativa, conforme é exposto no Capítulo 4 no modelo teórico proposto.

O subtópico a seguir descreve os principais determinantes e condicionantes do bem-estar subjetivo conforme a teoria e evolução do tema ao longo dos anos. Justifica inicialmente, os construtos escolhidos a partir de relações já preexistentes e confirmadas na literatura da área.

2.2 ANTECEDENTES DO BEM-ESTAR SUBJETIVO (BES)

De acordo com a literatura, existem vários fatores intrínsecos e extrínsecos que influenciam direto e indiretamente no bem-estar subjetivo das pessoas, tais como: traços da personalidade, suporte social, gratidão, otimismo, resiliência, autoeficácia, religiosidade, altruísmo, satisfação financeira e material, satisfação no trabalho, satisfação com a saúde, eventos da vida, dentre outros.

Estudos que investigam a relação entre as **variáveis sociodemográficas** e o BES, por exemplo, indicam que a variável **sexo (e gênero)** não possui relação direta e significativa com alterações nos níveis de bem-estar subjetivo. Em contrapartida, no que se refere ao **estado civil**, a literatura afirma que independente do sexo, pessoas casadas se dizem mais felizes do que as que não estão casadas, tais como as divorciadas, viúvas ou solteiras (SNYDER; LOPEZ, 2009; SELIGMAN, 2011).

Ainda em relação ao perfil sociodemográfico, existem muitas pesquisas que evidenciam o estudo da **renda** no bem-estar, porém, destacam que indivíduos com rendas superiores não necessariamente tem um alto bem-estar subjetivo. Kahneman et al. (2006) demonstraram que pessoas com maior poder aquisitivo não são mais felizes do que a população geral, especialmente quando se medem experiências momento a momento. Os resultados indicaram que essas pessoas são mais tensas e destinam pouco tempo para atividades prazerosas. Além disso, o aumento da renda produz pouco benefício adicional ao bem-estar subjetivo, com exceção de pessoas em extrema pobreza, haja vista que nem as suas necessidades básicas são atendidas (SNYDER; LOPEZ, 2009; SELIGMAN, 2011).

Em consonância com o exposto acima, Csikszentmihalyi (1998) e Veenhoven (1991) afirmam que tanto para nações quanto para os indivíduos, depois de atendidas as necessidades básicas, o aumento do poder aquisitivo não está relacionado com um incremento significativo nos níveis de felicidade. Corroborando com este pensamento, Ngamaba, Panagioti e Armitage (2018) verificaram uma associação negativa entre desigualdade de renda e satisfação com a vida em países desenvolvidos. Isto sugere que o valor da renda em si não é fator decisivo e significativo na promoção de bem-estar da população.

No entanto, Diener (2013) expõe que são necessários mais debates e estudos acerca dos efeitos da renda e riqueza no bem-estar. Vale ressaltar ainda, que o BES é influenciado pela satisfação que as pessoas possuem diante da sua renda disponível (individual e/ou familiar), ou seja, a maneira que as pessoas avaliam a sua **satisfação financeira** a partir da renda (dinheiro) que possuem é que impactam na sua satisfação com a vida, e consequentemente, com o seu bem-estar material e subjetivo geral.

Outra variável bastante relacionada com o BES é o **suporte social** (apoio social). Segundo os estudos, as relações sociais positivas e a participação em grupos favorecem para o aumento do bem-estar das pessoas (SNYDER; LOPEZ, 2009; SELIGMAN, 2011).

Além disso, a **personalidade** é considerada na literatura como um dos maiores preditores do bem-estar subjetivo, da satisfação com a vida geral e entre os domínios da vida. (DIENER; 1984; DIENER et al., 1985; COSTA; Mc CRAE, 2007; LUCAS; DIENER, 2009;

HUTZ; ZANON; BARDAGI, 2014; ALI, 2018). Conceitualmente, a personalidade inclui todos aqueles traços ou características relativamente permanentes que dão alguma consistência ao comportamento de uma pessoa (SCHULTZ; SCHULTZ, 2016).

O estudo sobre **traços de personalidade**, por exemplo, iniciou-se com Allport e Cattell e parte do pressuposto que os traços são tendências de reação estáveis, e, portanto, configuram estruturas básicas da personalidade (COBB-CLARK; SCHURER, 2012; SCHULTZ; SCHULTZ, 2016). Os traços de personalidade também influenciam as percepções de satisfação com a vida e o bem-estar. A literatura fornece algumas evidências diretas e indiretas relacionadas à associação entre os traços de personalidade e as percepções de bem-estar (HA; KIM, 2012; FURLER; GOMEZ; GROB, 2014; GREVENSTEIN, BLUEMKE, 2015).

Atualmente, o modelo mais utilizado foi proposto por Costa e McCrae (2007) chamando de Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (CGF), também conhecido por Big Five. Nesse modelo, os traços são classificados em **extroversão**, **neuroticismo**, **amabilidade**, **abertura à mudança** (ou experiência) e **conscienciosidade**.

Diversos estudos sobre bem-estar subjetivo foram publicados usando este modelo como base. Conforme os resultados apontam, há relações consistentes entre o neuroticismo, o afeto negativo e a infelicidade (RUSTING E LARSEN, 1997; COSTA; McCRAE, 1980), bem como relações entre extroversão, afeto positivo e satisfação com a vida (JUDGE et al, 2002; ZHAI et al, 2013; SULDO; MINCH; HEARON, 2014; ALI, 2018). Por isso, a literatura sugere que extroversão e neuroticismo são duas dimensões básicas de personalidade que levam ao afeto positivo e afeto negativo, respectivamente (COSTA; McCRAE, 1980). Há evidências também que indivíduos com traços significativos de amabilidade apresentaram maior satisfação com a vida (LUCAS; DIENER, 2009; FURLER; GOMEZ; GROB, 2014; GREVENSTEIN; BLUEMKE, 2015; KESAVAYUTH; ROSENMAN; ZIKOS, 2015; WEBER; HUEBNER, 2015). Além disso, a literatura aponta uma associação positiva entre os traços de conscienciosidade e de abertura à experiência com a percepção da satisfação com a vida e bem-estar subjetivo (FURLER; GOMEZ; GROB, 2014; ZHAI et al., 2013; SULDO; MINCH; HEARON, 2014; GREVENSTEIN; BLUEMKE, 2015; WEBER; HUEBNER, 2015).

Além dos traços de personalidade conforme a Big Five, muitos estudos identificaram a ausência de algumas características da personalidade que não estavam contempladas no Big Five, que são: **disposição para perdoar**, o **altruísmo** e a **gratidão**. Esses construtos foram analisados de forma individual em estudos anteriores sobre bem-estar, bem como em conjunto. Ambos os traços apresentam forte relação com o bem-estar subjetivo. A junção desses três

traços positivos e virtuosos formou a conhecida teoria da personalidade luminosa, que atualmente é identificada como a Tríade Luminosa da Personalidade (FERGUSON et al., 2014).

Em consonância com o exposto acima, estudos sobre o **perdão**, especialmente a partir dos anos 1990, identificaram de forma consensual a sua natureza benéfica e positiva para as pessoas que o praticam com frequência (SNYDER; LOPEZ, 2009). Além disso, os benefícios do perdão são extensivos aos âmbitos físico e emocional dos indivíduos. Talvez por fomentar qualidades de compaixão, generosidade, misericórdia e até mesmo amor pelo outro que o ‘magoou’. Com isso, apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo; satisfação com a vida; melhores indicadores físicos e de saúde e de crescimento pessoal (McCULLOUGH; WITVLIET, 2002).

Dando continuidade, pessoas consideradas **altruístas**, isto é, que se envolvem em **trabalhos voluntários** e buscam constantemente ajudar o próximo, também revelam maior índice de bem-estar entre aqueles que não estão engajados em trabalhos voluntários (BUKOV; MAAS; LAMPERT, 2002; MUNDACA; GUTIÉRREZ, 2014). Nesse sentido, pode-se entender que ao ajudar os outros, essas pessoas têm uma satisfação pessoal e apresentam diversos afetos positivos o que acarreta um maior nível de bem-estar e satisfação com a vida (BECCHETTI et al., 2020). Talvez seja por esse motivo que é recomendado a realização de trabalhos voluntários como uma das atividades mais gratificantes e transformadoras (SNYDER; LOPEZ, 2009).

Corroborando com a tríade da personalidade luminosa, estudos sugerem que pessoas com alto nível de **gratidão** tendem a apresentar níveis mais elevados de satisfação com a vida e afeto positivo, e níveis mais baixos de afeto negativo, isto é, apresentam índices maiores de bem-estar subjetivo. A ideia é que agradecer diariamente é um ótimo exercício para melhorar diversos indicadores de saúde, como a satisfação com a vida e emoções positivas. Os benefícios da gratidão se estendem a pensamentos, sentimentos e comportamentos positivos e contribuem para a saúde mental, bem-estar e crescimento das pessoas (EMMONS; McCULLOUGH, 2003; McCULLOUGH et al., 2004; NATIVIDADE et al, 2019; MACFARLANE, 2020).

Além disso, nos estudos de Lambert et al. (2009) foi identificado que pessoas mais gratas e menos materialistas apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo. Parece haver um consenso que pessoas **materialistas** são mais propensas a não exercer a gratidão e têm a percepção de bem-estar diminuída (KASHDAN; BREEN, 2007). Isto porque de acordo com Belk (1985), os materialistas são geralmente possessivos, invejosos e não são generosos. Esses são fatores disposicionais, refletindo uma tendência a experimentar emoções negativas. Ainda, nos estudos de Christopher, Saliba e Deadmarsh (2009) foi confirmada a relação significativa

entre materialismo e afeto negativo. Isto talvez corrobore com a ideia de que ao experimentar mais emoções ruins, os materialistas têm a sua percepção de bem-estar subjetivo alterada. Vale ressaltar que, o materialismo também pode diminuir o BES por meio de avaliações frequentes do padrão de vida a partir de expectativas ideais ou fantasiosas.

Em contraste, o materialismo também pode induzir frequentes avaliações sobre o padrão de vida com base em expectativas semelhantes às habilidades. Essas avaliações podem suscitar uma motivação econômica o que leva a ganhos financeiros que, por sua vez, servem para melhorar o bem-estar subjetivo. Os efeitos positivos do materialismo no BES também podem ser explicados através do consumo de luxo (HUDDERS; PANDELAERE, 2012).

Dando continuidade, outra característica da personalidade que tem sido consistentemente relacionada à felicidade é a **interioridade**, uma tendência a atribuir resultados a si mesmo ao invés de causas externas. Essa variável, geralmente avaliada pelo ‘*Locus of Control*’ de Rotter está relacionada com o BES (DIENER, 2009; DEVIN et al., 2012). Uma variável que é relacionada à internalidade é o grau de percepção, escolha ou controle na vida de uma pessoa, e isso estaria relacionado consistentemente com à sua felicidade (MORGANTI, NEHRKE; HULIEKA, 1980; REID; ZIEGLER, 1980; DIENER, 2009).

Além dos traços de personalidade mencionados acima, estudos consideram que o **otimismo** também influencia nos níveis de bem-estar subjetivo. É considerado um traço disposicional, pois possui importantes implicações no modo como as pessoas regulam seus comportamentos e orientam suas ações para o futuro (SCHEIER; CARVER, 1985).

De acordo com Segerstrom, Evans e Elsenlohr-Moul (2011), o otimismo refere-se à forma como as pessoas buscam os seus objetivos, definindo um padrão de resposta focado no enfrentamento das adversidades, sem evitar os sentimentos negativos delas decorrentes. O otimista vê oportunidade mesmo em situações adversas, o que implica acreditar que as ocorrências futuras serão positivas (SCHEIER; CARVER, 1992; GALLO, 2012; CARVER; SCHEIER, 2014). Está relacionado com características emocionais e motivacionais. Assim, os otimistas são mais confiantes e persistentes frente aos desafios do que os pessimistas (PETERSON, 2000; PETERSON; PARK; SELIGMAN, 2005). Ademais, pessoas otimistas apresentam melhor nível de bem-estar, mesmo diante da presença de estressores, pois buscam os seus objetivos de maneira persistente e eficaz. Por isso, há maior probabilidade de acumularem recursos, como dinheiro, amizades e habilidades, ao longo do tempo. Ou seja, de maneira geral, os otimistas são mais resilientes e felizes. Por exemplo, no isolamento social ocasionado pela Covid-19 (evento de vida), os otimistas se amparam na ideia de que a pandemia não será para sempre e que irão superar essa situação.

A partir da perspectiva do otimismo fundado fundamentado por Palenzuela (1987), pessoas com altos níveis de **autoeficácia** também são correlacionadas com maiores índices de satisfação com a vida e consequentemente, de bem-estar subjetivo. De maneira geral, quando as pessoas avaliam sua eficácia, recursos pessoais ou competência, elas também as relacionam com o BES (BORTNER; HULTSCH, 1970; CAMPBELL; 1976; STROBEL, TUMASJAN E SPORRLE, 2011; SHEPPERD et al., 2015). Assim, pessoas que se baseiam na expectativa do controle para enfrentar as dificuldades da vida, tendem a apresentar expectativas realistas mais positivas sobre o futuro, além de se comprometerem com ações que previnam eventuais problemas (PALENZUELA, 1987; SHEPPERD et al., 2015).

Outra variável intrínseca identificada como forte preditora do BES é a elevada **autoestima**. Muitos estudos descobriram uma relação entre a autoestima e o bem-estar subjetivo (WILSON, 1967; CZAJA, 1975; KOZMA STONES, 1978; POMERANTZ, 1978; REID E ZIEGLER, 1980; DIENER, 2009). Campbell (1976), por exemplo, descobriu que a ‘satisfação com o eu’ tem uma maior correlação com a satisfação com a vida do que qualquer outra variável. Uma descoberta intrigante é que a autoestima cai durante períodos de infelicidade (LAXER, 1964). Isto indica que a relação entre humor e autoestima pode ser bidirecional, e uma questão importante é entender o porquê a autoestima diminui quando as pessoas estão infelizes.

Além de todas essas características intrínsecas ao indivíduo mencionadas acima, a literatura sobre o bem-estar subjetivo destaca a relação entre **religiosidade (ou espiritualidade)** e BES. Conforme a literatura aponta, pessoas que se dizem religiosas ou espiritualizadas tendem a relatar maiores índices de satisfação com a vida e de felicidade. Além disso, elas parecem lidar melhor com eventos de vida adversos tais como desemprego, doenças, morte ou divórcio (MOREIRA-ALMEIDA et al., 2006). Assim, acredita-se que elas percebem os acontecimentos ruins da vida de uma forma mais positiva e que isso influencia diretamente na sua percepção de satisfação com a vida, isto é, no seu bem-estar subjetivo.

No que concerne aos acontecimentos externos; chamados eventos da vida; existem alguns trabalhos que destacam a relação entre esses eventos, a capacidade de ser **resiliente** e o BES. Segundo Poletto e Koller (2006; 2008), a resiliência é a maneira positiva pela qual as pessoas enfrentam as dificuldades e adversidades da vida. Vale ressaltar que em 1970, a resiliência era considerada um traço de personalidade. No entanto, a partir dos anos 90, a resiliência pode ser entendida como um processo dinâmico, ou seja, pode ser potencialmente treinada (CHMITORZ et al., 2018). Rutter (1999) definiu que a resiliência se refere ao fenômeno de superação de estresse e adversidades, e categoricamente afirmou que ela não

constitui uma característica ou traço individual (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLINASCIMENTO, 2011).

Dentro desse contexto, estudos sobre o BES e **eventos de vida** mostraram uma relação consistente, mas modesta (KAMMANN, 1983). Primeiro, evidências sugerem que eventos bons e ruins são independentes na vida dos indivíduos (WARR; BARTER; BROWNBRIDGE, 1983) e que bons eventos estão relacionados a afetos positivos, e acontecimentos ruins a afetos negativos (REICH; ZAUTRA, 1981; WARR; BARTER; BROWNBRIDGE, 1983). No entanto, há também evidência de que a capacidade de agir ou controlar esses eventos está relacionada ao impacto que eles têm na vida das pessoas (GUTTMANN, 1978; REICH; ZAUTRA, 1981). Portanto, mesmo eventos agradáveis podem talvez diminuir o BES se levarem a uma sensação de falta de controle, e o contrário também parece ser consistente.

Ante o exposto, é importante que novos estudos investiguem o BES com a finalidade de compreender o impacto de eventos de grande magnitude, como o isolamento social ocorrido pela pandemia do Covid-19, e a percepção de satisfação com a vida das pessoas, além de identificar prováveis modificações e adequações relacionados ao comportamento humano e consumo.

O Quadro 4 apresenta os temas mais recorrentes relacionados nos estudos sobre bem-estar subjetivo, bem como a ideia central desses temas e principais marcos teóricos (estudos/autores).

Quadro 4 - Estudos sobre Bem-estar Subjetivo

Estudos		
Tema(s)	Descrição – Ideia central	Autor(es)
Variáveis sociodemográficas	Variáveis sociodemográficas, tais como estado civil, grau de escolaridade e satisfação com a renda, influenciam na percepção do bem-estar subjetivo. Pessoas casadas, por exemplo, de dizem mais felizes do que as que não estão casadas. Já a variável renda tem sido fortemente estudada e os debates ainda continuam sobre os efeitos da renda e riqueza no bem-estar.	Andrews e Withey (1976); Veenhoven (1991); Csikszentmihalyi (1998); Gutiérrez et al. (2005); Kahneman et al. (2006); Snyder e Lopez (2009); Seligman (2011); Diener (2013); Ngamaba, Panagioti e Armitage (2018).
Suporte social (apoio social)	Segundo os estudos, as relações sociais positivas e a participação em grupos favorecem para o aumento da qualidade de vida e bem-estar das pessoas.	Henly; Danziger e Offer (2005); Snyder; Lopez (2009); Seligman (2011); Xiao e Zhang et al. (2020).
Traços de personalidade (Big Five)	Os traços de personalidade, especialmente a extroversão e o neuroticismo tem relação direta com o bem-estar subjetivo. Alguns estudos também encontraram uma concordância em que pessoas com o traço mais aparente de amabilidade	Costa e McCrae (1980); Diener (1984); Diener et al. (1985); DeNeve e Cooper (1998); Soldz e Vaillant (1999); Hayes e Joseph (2003); Judge et al. (2002);

	(agradabilidade) também experimentam maiores níveis de BES. Além disso, também é observada uma associação positiva entre a conscienciosidade e a abertura à experiência com a satisfação com a vida e BES.	Gutiérrez et al. (2005); Ozer e Benet-Martínez (2006); Costa e McCrae (2007), Greven et al. (2008); Steel, Schmidt e Shultz (2008); Diener (2009); Joshanloo e Afshari (2011); Malkoç (2011); Qing-guo et al. (2011); Strobel, Tumasjan e Spörle (2011); Cobb-Clark e Schurer (2012); Donnelly; Lye e Howell (2012); Ha e Kim (2012); Pérez, Seguel e Sánchez (2012); Furler Gomez e Grob (2014); Zhai et al. (2013); Hutz, Zanon e Bardagi (2014); Suldo, Minch e Hearon (2014); Cheng, Weiss e Siegel (2015); Grevenstein e Bluemke (2015); Soto (2015); Weber e Huebner (2015); Mayungbo (2016); Schultz e Schultz (2016); Ali (2018); Meléndez, Satorres e Delhom (2020).
Personalidade luminosa	Pessoas que possuem uma personalidade luminosa apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo. A tríade luminosa envolve os construtos de disposição para o perdão, altruísmo e gratidão.	Ferguson et al. (2014).
Personalidade sombria	A personalidade sombria envolve os construtos de narcisismo, maquiavelismo e psicopatia. Apesar de não ser considerada uma personalidade positiva, estudos confirmam que pessoas com personalidade sombria também podem experimentar níveis elevados de BES.	Spain, Harms e Lebreton (2014); Aghahabaei e Blachino (2015); Jonason, Duineveld e Middleton (2015); Jonason et al. (2017); Jonason, Fletcher (2018).
Perdão	Pessoas que praticam o perdão com mais facilidade e frequência apresentam níveis altos de bem-estar subjetivo e de satisfação com a vida.	McCullough e Witvliet (2002); Snyder e Lopez (2009).
Altruísmo	Indivíduos que se preocupam com o próximo e exercem atividades de voluntariado, por exemplo, são mais propensas a terem bons níveis de bem-estar subjetivo.	Maner e Gailliot (2007); Snyder e Lopez (2009); Gouveia et al. (2014); Gouveia et al. (2016); Becchetti et al. (2020).
Gratidão	Pessoas que exercem mais a gratidão têm uma maior predisposição a vivenciar (relatam) altos níveis bem-estar subjetivo.	Emmons e McCullough (2003); Bartlett e Desteno (2006); Kashdan, Uswatte e Julian (2006); Wood, Joseph e Maltby (2009); Lambert et al. (2009); Bartlett et al. (2012); Tsang et al. (2014); Armenta, Fritz e Lyubomirsky (2017); Gouveia et al. (2019); Macfarlane (2020).

Materialismo	O materialismo é estudado como um antecedente que influencia diretamente nos níveis da satisfação com a vida e nos afetos. Além disso, os materialistas parecem exercer menos a gratidão e experimentam mais afetos negativos. Vale lembrar que o materialismo também pode exercer efeitos positivos no BES como, por exemplo, no consumo de luxo.	Belk (1985); Shafer (2000); Kashdan e Breen (2007); Christopher; Saliba e Deadmarsh (2009); Lambert et al. (2009); Hudders e Pandelaere (2012).
Interioridade (internalidade)	A interioridade é entendida nos estudos sobre a felicidade e BES como um traço de personalidade. Com isso, entende-se que as pessoas com alto nível de interioridade atribuem os seus resultados a si mesmo ao invés de delegar às causas externas.	Morganti, Nehrke e Hulieka (1980); Reid e Ziegler (1980); Diener (2009); Devin et al. (2012).
Otimismo	Considera-se que o otimismo influencia nos níveis de bem-estar subjetivo devido a maneira como os otimistas buscam os seus objetivos. Por incluir expectativas positivas quanto ao futuro, as pessoas otimistas tendem a vivenciar mais afetos positivos e, conseqüentemente, apresentam maiores níveis de satisfação com a vida do que os pessimistas.	Scheier e Carver (1985); Palenzuela (1987); Scheier e Carver (1992); Peterson (2000); Peterson; Park; Seligman (2005); Anderson e Galinsky (2006); Diener, Oishi e Lucas (2012); Carver et al. (2010); Segerstrom, Evans e Elsenlohr-Moul (2011); Gallo (2012); Alarcon, Bowling e Khazon (2013); Carver e Scheier (2014); Coelho et al. (2018); Jonason et al. (2018).
Autoeficácia	Pessoas com altos níveis de autoeficácia tendem a apresentar maiores níveis de bem-estar subjetivo.	Bortner e Hultsch (1970); Campbell, Converse e Rodgers (1976); Palenzuela (1987); Strobel, Tumasjan e Spörle (2011); Shepperd et al. (2015).
Ansiedade (traço e estado)	A ansiedade-traço significa uma característica fixa da personalidade, já a ansiedade-estado se apresenta de forma momentânea a partir dos acontecimentos que ocorrem no cotidiano (eventos de vida) das pessoas. Conforme a teoria, a ansiedade (estado) pode influenciar nos níveis de afeto negativo e de satisfação com a vida, isto é, influencia no bem-estar subjetivo geral e na satisfação dos domínios da vida.	Watson e Clark (1984); Galinha e Pais-Ribeiro (2011); Xiao e Zhang et al. (2020).
Autoestima	A autoestima pode ser entendida como uma “satisfação com o eu” conforme apontado no clássico estudo de Campbell (1976). Nessa perspectiva, estudos descobriram uma forte associação entre pessoas com elevada autoestima e BES. Assim, entende-se que a autoestima é um preditor da satisfação com a vida e do BES.	Wilson (1967); Czaja (1975); Campbell (1976); Kozma e Stones (1978); Pomerantz (1978); Reid e Ziegler (1980); Diener (2009).
Religiosidade	Pessoas com maior espiritualidade (ou religiosidade) apresentam maiores experimentos de bem-estar subjetivo entre as que não possuem.	Moreira-Almeida et al. (2006)

Esperança	A esperança envolve as características positivas como autoeficácia, autoestima, coragem e gratidão. Conforme a teoria, a esperança se constitui como um pensamento orientado a objetivos em que a pessoa, a partir de um dinâmico sistema cognitivo e motivacional, é capaz de conceber caminhos para atingir seus objetivos, tendo motivação para alcançá-los. Nesse sentido, estudos entendem que pessoas consideradas esperançosas são mais propensas a vivenciar maiores níveis de bem-estar subjetivo.	Snyder (2002); Snyder et al. (2002); Oliveira (2003); Herrestad e Biong (2010); Scioli et al. (2011); Diener, Oishi e Lucas (2012); Marques, Pais-Ribeiro e Lopez (2011); Dixson et al. (2017).
Resiliência	Atualmente, a resiliência é considerada um processo dinâmico, e pode ser potencialmente treinada. Além disso, pode ser conceituada como saúde mental em relação à carga estressora. Conforme a teoria, pessoas resilientes possuem autoestima positiva, responsabilidade, receptividade, habilidades de dar e receber e toleram mais o sofrimento. Além disso, pessoas resilientes tendem a apresentar níveis maiores de BES.	Rutter (1999); Barreira e Nakamura (2006); Poletto e Koller (2006); Poletto e Koller (2008); Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011); Chmitorz et al. (2018).
Eventos da vida	Estudos sobre eventos da vida e BES sugerem que não é o acontecimento em si (sendo bom ou ruim) que interfere nos níveis de satisfação com a vida do indivíduo, mas sim a maneira como ele reage diante desses acontecimentos. Isto, pode ser influenciado por várias variáveis intrínsecas (e traços de personalidade), bem como construtos que podem ser treinados (aprimorados) para se viver melhor, tais como a perspectiva da resiliência.	Guttman (1978); Reich e Zautra (1981); Kammann (1983); Warr, Barter e Brownbridge (1983); Sirgy (2018).
Satisfação no domínio do bem-estar material	Os estudos sobre os domínios da vida e bem-estar subjetivo, sugerem que as pessoas avaliam a satisfação com a vida e felicidade comparando as suas circunstâncias reais da vida com as circunstâncias consideradas ideais. Abrange uma série de domínios (áreas) da vida (por exemplo: família, trabalho, saúde, lazer, finanças). O domínio da vida foco desta tese é o domínio material. Este domínio aborda estudos sobre a satisfação com a renda (individual e familiar), materialismo, bem-estar econômico e financeiro dentre outros. Entende-se que tanto o Bem-estar material influencia no Bem-estar subjetivo geral (Teoria Bottom-up Spillover), como também o BES afeta o BEM (Teoria Top-down Spillover).	Andrews e Withey (1976); Belk (1985); Kushman e Ranney (1990); Lane (1991); Veenhoven (1991); Diener et al. (1993); Pavot e Diener (1993); Nakano et al. (1995); Chan et al. (2002); Diener e Biswas-Diener (2002); Havo e Seifert (2003); Burchardt (2005); Layard (2005); Prawitz et al. (2006); Vera-Toscano et al. (2006); Plagnol e Easterlin (2008); Shim et al. (2009); Xiao et al. (2009); Diener e NG (2010); Malone et al. (2010); Grable et al. (2013); Howell et al. (2013); Cracolici et al. (2014); NG e Diener (2014); Zyphur et al. (2015);

		Smits e Steendijk (2015); Lewin e Stier (2017); Popova e Pishniak (2017); Netemeyer et al. (2017); Sirgy (2018).
--	--	--

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Como observado no Quadro 4, muitos dos antecedentes do BES são de natureza intrínseca. No entanto, deve ficar claro que vários fatores externos também influenciam nos níveis de bem-estar subjetivo e satisfação com a vida das pessoas. Já é sabido que os eventos da vida e a forma como as pessoas lidam com esses eventos (bons ou ruins), impactam de maneira considerável em que as pessoas experimentam a satisfação com a vida e julgam a sua felicidade. Sendo assim, a forma como as pessoas respondem a esses eventos de vida é que influencia no seu bem-estar subjetivo.

Finalmente, a perspectiva do domínio do Bem-estar Material (BEM), objeto de estudo desta tese, representa um domínio que é influenciado tanto por elementos intrínsecos, quanto extrínsecos ao indivíduo. No caso recente da pandemia do Covid-19, por exemplo, houve modificação nos hábitos (pessoais e de consumo) e cotidiano das pessoas. Com isso, acredita-se que variáveis como ansiedade (quanto estado), resiliência, experimento de emoções positivas e negativas, bem como a percepção de satisfação com a vida geral e entre o domínio financeiro, foram afetadas nesse momento de medo, mudança e insegurança vividos no ano de 2020. Assim, esta tese parte do pressuposto que os eventos de vida ocorridos (fatores extrínsecos), bem como a maneira como as pessoas reagem a esses eventos provavelmente influenciam no seu bem-estar subjetivo e na sua satisfação entre os domínios da vida.

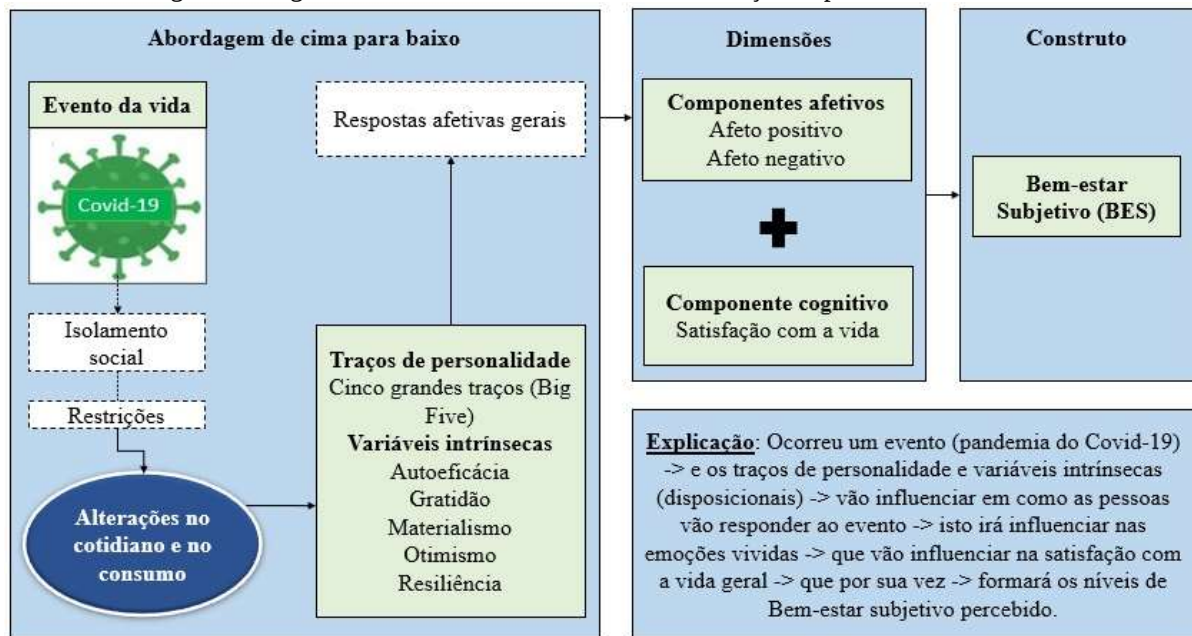
Por fim, o Capítulo 3 a seguir, aborda sobre o domínio do Bem-estar Material que é um dos temas centrais do modelo teórico desta tese. Antes disso, é exposto no próximo tópico dois desenhos teóricos acerca dos construtos que são analisados no Capítulo 6 para que esta tese colabore de forma consistente e significativa com a teoria do bem-estar.

2.3 DESIGN DO ESTUDO SOBRE BEM-ESTAR SUBJETIVO

Existe uma série de antecedentes que influenciam a percepção de bem-estar subjetivo das pessoas. À luz do exposto, foram elaborados dois desenhos que demonstram a lógica conceitual central defendida pela autora desta tese. Vale ressaltar que a escolha dos construtos e relações estão respaldadas na literatura da área, conforme teorias e estudos descritos neste capítulo e ao longo de todo documento.

Sendo assim, entende-se que o Bem-estar subjetivo (BES), a partir da Teoria *Top-down Spillover* (transbordamento de cima para baixo), é influenciado por traços de personalidade e variáveis psicológicas intrínsecas. Estas variáveis impactam em como as pessoas respondem aos eventos da vida, sejam eles positivos ou negativos; e apesar das mudanças no cenário (na vida e no consumo) devido à pandemia do Covid-19; influenciam na satisfação com a vida geral (Figura 5).

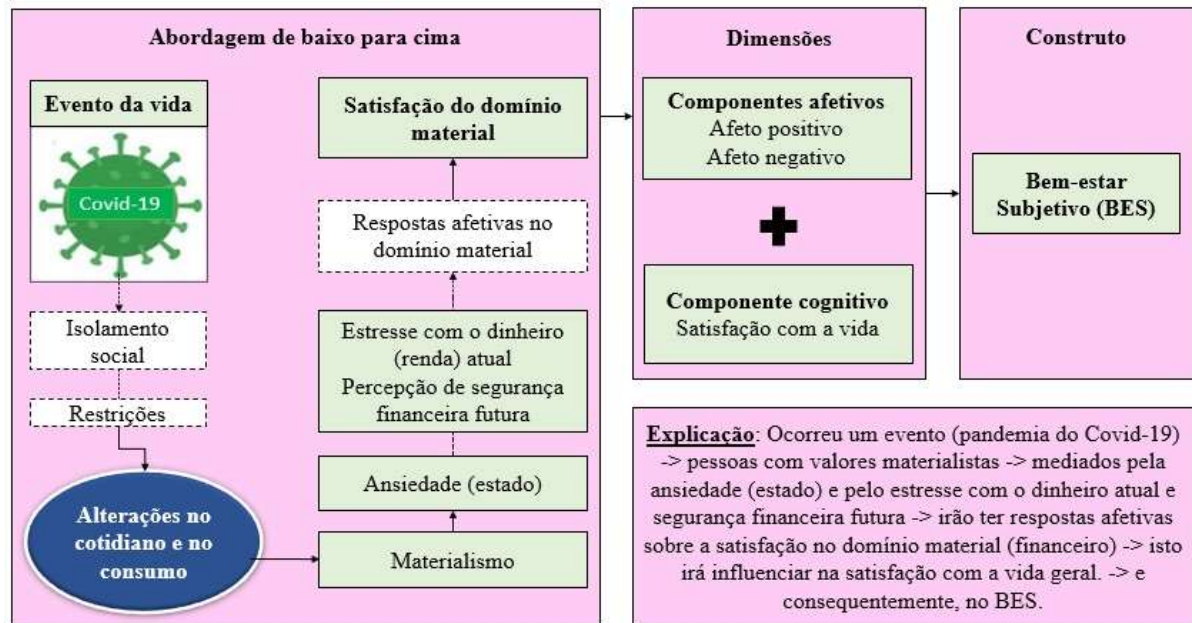
Figura 5 - Lógica conceitual adotada na tese sobre os traços de personalidade no BES



Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Em complemento, com base na Teoria *Bottom-up Spillover* (transbordamento de baixo para cima), acredita-se que, os eventos vividos nesse momento pandêmico, tais como desemprego, (in)satisfação com a renda, privações, restrições do consumo; podem ter influenciado na satisfação do domínio material e, consequentemente, na satisfação com a vida geral das pessoas (Figura 6).

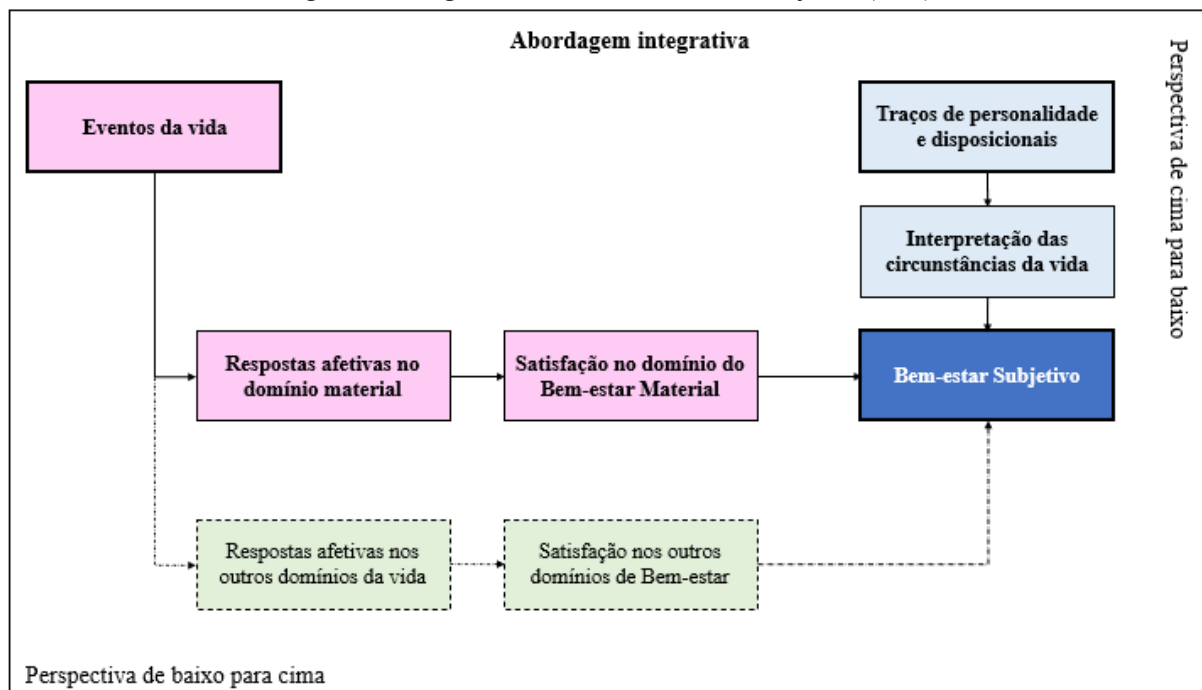
Figura 6 - Lógica conceitual adotada na tese sobre o domínio do bem-estar material e o BES



Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

À luz do exposto, a Figura 7 resume a ideia central; a partir da abordagem integrativa; a que esta tese se propôs analisar (em rosa e azul). Ressalta-se que o modelo teórico e as hipóteses deste estudo estão descritos no Capítulo 4.

Figura 7 - Design da tese sobre o Bem-estar Subjetivo (BES)



Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Por fim, vale ressaltar que o modelo integrativo foi preconizado por pesquisadores da qualidade de vida como Lance et al. (1989), Headey, Veenhoven e Wearing (1991), Brief et al. (1993), Lance, Mallard e Michalos (1995) e Nakazato, Schimmack e Oishi (2011). Segundo esses estudiosos o modelo bidirecional (ou integrativo) é mais preditivo do que modelos que são unicamente de cima para baixo ou de baixo para cima. Isso ecoa a avaliação de Diener (1984) das evidências até o início de 1980, quando o autor aponta que a felicidade é influenciada pela personalidade, como também destaca a importância das circunstâncias objetivas da vida nos níveis de BES.

CAPÍTULO 3 – CONCEITOS, ANTECEDENTES E CONSEQUENTES DO DOMÍNIO DO BEM-ESTAR MATERIAL

Nesse capítulo serão apresentados os principais conceitos, antecedentes e consequentes do bem-estar material.

3.1 BEM-ESTAR MATERIAL (BEM)

O bem-estar material é definido em termos de satisfação com uma variedade de preocupações econômicas, como o gerenciamento da economia pelo governo, impostos, custo de necessidades básicas, renda familiar, benefícios remuneratórios do trabalho, segurança financeira, padrão de vida e acordo dentro da família sobre como o dinheiro deve ser gasto (ANDREWS; WITHEY, 1976; NAKANO et al., 1995; CHAN et al., 2002; HAYO; SEIFERT, 2003; BURCHARDT, 2005; COOPER; LAYARD, 2005; GRABLE et al., 2013; CRACOLICI et al, 2014; POPOVA, PISHNIAK, 2017; LEWIN, STIER, 2017; NETEMEYER et al. 2017; SIRGY, 2018).

Para Netemeyer et al. (2017) e Sirgy (2018), o bem-estar material é considerado um conceito abrangente, pois engloba questões como a satisfação financeira, estresse financeiro, sentimentos de segurança financeira, bem-estar econômico subjetivo, satisfação com o padrão de vida, satisfação com os bens materiais, sentimento de privação econômica, entre outros. Por esses motivos, a investigação do bem-estar material é imprescindível para o entendimento do bem-estar subjetivo geral dos indivíduos.

Corroborando com este pensamento, há muitas evidências na literatura que demonstram o efeito substancial do bem-estar material em uma variedade de medidas de bem-estar subjetivo. Talvez seja por esse motivo que muitos dos antecedentes do bem-estar subjetivo, também têm relação (direta ou indireta) com o domínio do bem-estar material (ANDREWS; WITHEY, 1976; LANE, 1991; DIENER et al., 1993; LARSEN et al., 1999; LEE et al., 2002; HAYO, SEIFERT, 2003; PLAGNOL; EASTERLIN, 2008; XIAO et al, 2009; GRABLE et al., 2013; LEWIN; STIER, 2017; NETEMEYER et al., 2017; POPOVA, PISHNIAK, 2017).

Na literatura de Bem-estar Material (BEM) existe uma série de antecedentes/preditores. Em estudo recente, Sirgy (2018) destacou que os antecedentes do BEM podem ser classificados a partir de dois conjuntos de construtos, que são: fatores pessoais e contextuais (Quadro 5).

Quadro 5 - Fatores dos antecedentes do bem-estar material

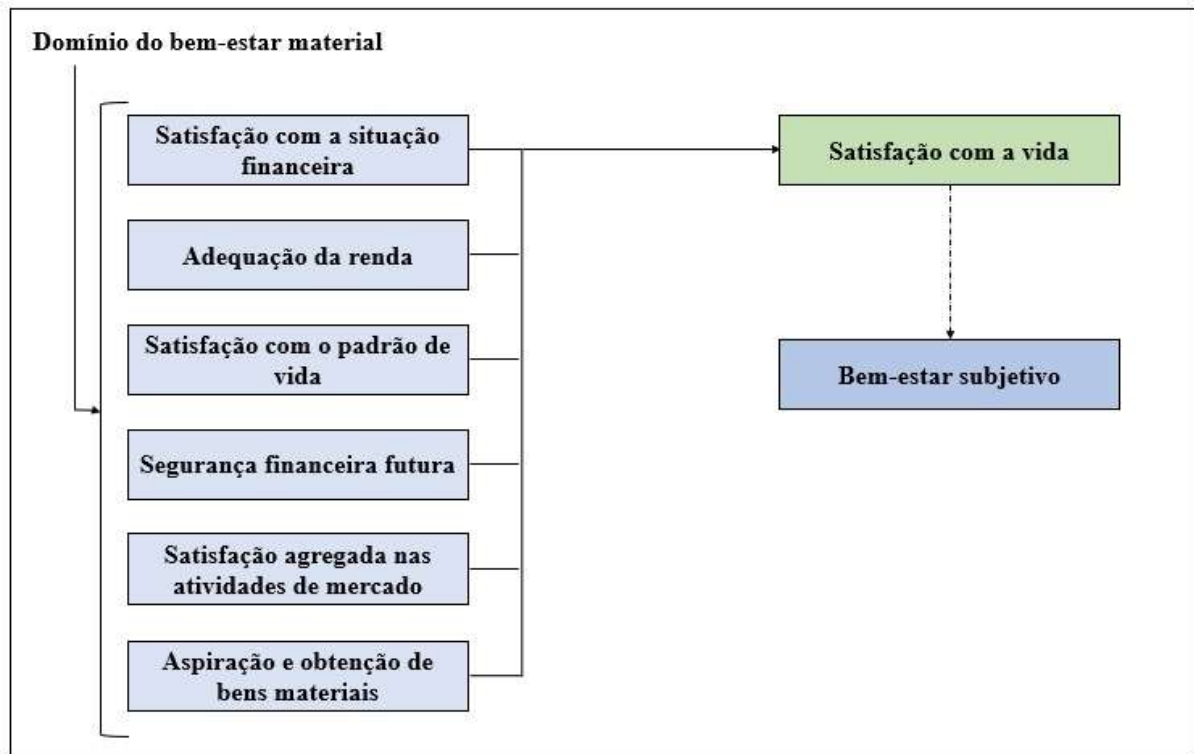
Antecedentes ou preditores do Bem-Estar Material (BEM)		
	Fatores	Exemplos
Pessoais	1. Dados sociodemográficos	Idade, sexo, educação, renda, estado civil, estrutura familiar.
	2. Traços de personalidade	Autoestima
	3. Dinâmica da personalidade	Compensação, repercussão de cima para baixo.
	4. Necessidade em satisfazer as necessidades	Como a riqueza serve para satisfazer diferentes necessidades.
	5. Crenças e associações mentais	Imagens de pessoas ricas
	6. Metas e aspirações	Metas de renda, realização de metas.
	7. Habilidades, comportamento e recursos	Capacidade financeira, comportamento financeiro, falta de recursos.
	8. Valores	Materialismo
	9. Estilo de vida	Consumo
	10. Hábitos	Consumo compulsivo, consumo impulsivo.
Contextuais	1. Comparação social	Como as avaliações do padrão de vida são influenciadas pelas comparações sociais.
	2. Adaptação	Como as expectativas de renda são adaptadas pelas mudanças nas circunstâncias.
	3. Cenário macroeconômico	Mudanças no ambiente macroeconômico: taxa de desemprego, inflação, crescimento econômico etc.

Fonte: adaptado de Sirgy (2018).

Como pode ser observado no Quadro 5 acima, existem vários elementos relacionados aos fatores pessoais e aos fatores contextuais que influenciam o bem-estar material, e consequentemente, o bem-estar subjetivo geral das pessoas. Construtos como traços de personalidade, autoestima, autocontrole, materialismo, ansiedade, compra compulsiva e impulsiva, eventos da vida, como no caso de mudanças no cenário socioeconômico exercem influência tanto na satisfação do domínio material, quanto na satisfação com a vida geral.

Além disso, existem outros exemplos de métricas de bem-estar material que se relacionam com dimensões específicas da vida útil do material. Segundo Sirgy (2018), essas dimensões específicas incluem a satisfação com a situação financeira própria e familiar, satisfação com a adequação de renda, satisfação com o padrão de vida, sentimentos de segurança financeira, sentimentos agregados sobre os principais bens e serviços, aspirações e obtenção de bens materiais e satisfação com as atividades agregadas do mercado (Figura 8).

Figura 8 - Relação da satisfação do domínio material com a satisfação com a vida



Fonte: adaptado de Sirgy (2018).

Diante desse contexto, fica claro perceber a influência do domínio material na satisfação com a vida geral. Não se trata apenas do quanto se ganha, pode comprar ou possuir em termos financeiros e materiais, mas sim, em como a pessoa percebe estar satisfeita materialmente. Essa lógica de pensamento corrobora com os achados na literatura sobre bem-estar subjetivo.

Assim, na tentativa de encontrar dados suficientes para respaldar o exposto anteriormente, o Quadro 6 aborda os principais estudos realizados sobre esses fatores (dimensões) e as definições adotadas.

Quadro 6 - Estudos sobre Bem-estar Material

Estudos		
Fatores	Definição adotada	Autor(es)
Satisfação com a situação financeira (pessoal)	Senso de bem-estar material é essencialmente baseado na satisfação da própria situação	Lane (1991); Veenhoven (1991); Diener et al. (1993); Vera-Toscano et al. (2006); Plagnol e Easterlin (2008); Xiao et al. (2009).
Satisfação com a situação financeira (familiar)	Satisfação financeira, não em relação a consigo mesmo(a), mas com a família, isto é, como o indivíduo avalia o desempenho econômico da família.	Havo e Seifert (2003)
Satisfação com a adequação da renda	A satisfação com a renda refere-se à adequação de até que ponto a sua renda é adequada às suas necessidades.	Kushman e Ranney (1990); Chan et al. (2002); Burchardt (2005); Cooper e Layard (2005); Grable et al. (2013);

		Cracolici et al. (2014); Popova e Pishniak (2017); Lewin e Stier (2017).
Satisfação com o padrão de vida	Padrão de vida em termos de posses materiais	Nakano et al. (1995)
	Padrão de vida envolve quatro dimensões: problemas de acomodação, acessibilidade de bens básicos, fazer face às despesas e problemas de solvência	Bohnke (2008)
Sentimentos de segurança financeira (Bem-estar Financeiro)	O bem-estar financeiro é definido como a percepção de ser capaz de sustentar o padrão de vida desejado atual e a liberdade financeira, isto é, sentimento de segurança financeira futura esperada.	Índice monetário sobre: (1) sentimentos de segurança financeira; (2) sentimentos sobre quão seguros estão com a renda familiar; (3) sentimentos de segurança em relação ao quão bem pensam que são financeiramente.
		Medições financeiras a partir do <i>In-Charge Financial Distress / Financial Well-Being Scale</i>
		Desenvolveu e validou a Escala de Bem-estar Financeiro.
Sentimentos agregados sobre os principais bens e serviços	Sentimentos dos consumidores quando ao acesso ao trabalho, compras e serviços que conseguem comprar.	Bem-estar material (índice do consumidor) medido a partir dos sentimentos das pessoas sobre transporte e acesso ao trabalho e às compras, serviços médicos em sua área e os bens e serviços que podem conseguir comprar (itens como comida, eletrodomésticos e roupas).
		<i>International Wealth Index (IWI)</i>
Aspiração e obtenção de bens materiais	Bem-estar material em termos de um composto que envolve diferenças entre aspirações e obtenção de bens materiais.	Pesquisas conduzidas pela Organização Roper-Starch (1978–2003); Plagnol e Easterlin (2008);
Satisfação agregada com as atividades do mercado	Bem-estar material em termos de um composto de satisfação das atividades do mercado, como satisfação com a compra de itens desejados, satisfação com a	Leelakulthanit et al. (1991); Lee e Sirgy (1995); Sirgy (1998); Sirgy et al. (1998a,1998b), Larsen et al. (1999); Lee et al. (2002); Sirgy e Lee

	posse de bens de consumo desejáveis, satisfação com o consumo de bens e serviços desejados, satisfação com o manutenção e descarte. Conhecido como Bem-estar do consumidor.	(2006); Sirgy, Lee e Rahtz (2007); Lee e Sirgy (2011).
	Domínio da vida material em termos de: (1) bens e serviços obtidos, (2) interações com o varejo (3) interações com instituições de bens e serviços. Os autores identificaram onze subdomínios entre as instituições de varejo e o consumidor: (1) alimentos; (2) habitação; (3) operações domésticas; (4) mobiliário doméstico; (5) roupas e acessórios; (6) cuidados pessoais; (7) assistência médica; (8) lazer/recreação; (9) transporte; (10) educação e (11) outros (exemplo: serviços de seguros, jurídicos e bancários).	Meadow e Sirgy (2008).

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

De acordo com a revisão da literatura (Quadro 6), os estudos sobre BEM evidenciam a perspectiva da satisfação, dos sentimentos e aspirações. Em outras palavras, muito mais do que riqueza (dinheiro), renda (familiar e individual), salário ou até mesmo a possibilidade de consumo, o indicativo de felicidade (satisfação com a vida) de uma pessoa parece ter bastante proximidade com elementos subjetivos (traços de personalidade, sentimentos, valores e variáveis intrínsecas). Isso pode explicar, porque muitas vezes, pessoas com rendas altíssimas, relatam ser infelizes. Não obstante, há pessoas com renda baixa que relatam serem felizes.

Como destacado no Capítulo 2, o quantitativo da renda disponível não necessariamente está relacionado com elevados níveis de felicidade. Por esse motivo, estudos sobre o bem-estar material é imprescindível para entender como as pessoas, sociedades e nações experimentam o bem-estar. Índices quantitativos são importantes, porém análises com construtos subjetivos são mais do que complementares, são essenciais.

Diante desse contexto, o próximo tópico irá descrever sobre o impacto do bem-estar material no bem-estar subjetivo, como também o impacto do bem-estar subjetivo no bem-estar material.

3.2 RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR MATERIAL E BEM-ESTAR SUBJETIVO

Os estudos de Campbell, Converse e Rodgers (1976) demonstraram que a satisfação financeira e a satisfação com o padrão de vida contribuem de maneira significativa para a variação da satisfação com a vida geral do indivíduo. As variações dessas satisfações controlam

os efeitos de atividades não profissionais, vida familiar, poupança/investimentos, trabalho, casamento, amigos e moradia.

Andrews e Withey (1976), a partir de dados do Money Index (índice monetário) e do índice de consumidores, identificaram que o bem-estar material é um preditor significativo e forte da satisfação com a vida. Esse índice controla a satisfação com a vida pelos efeitos da eficácia, família, dinheiro, quantidade de diversão que se está tendo, casa/apartamento, coisas feitas com a família, hora de fazer, atividades de lazer, recreação e consumo.

Esses estudos seminais revelam que a atitude de alguém em relação à renda é uma boa preditora de satisfação com a vida, não com a renda real. Em outras palavras, a satisfação com a vida material contribui para a satisfação com a vida, e a insatisfação com o dinheiro está associada à insatisfação com a vida (RUBENSTEIN, 1981, SIRGY, 2012; SIRGY, 2018). Especificamente, a satisfação com o padrão de vida e satisfação com a vida financeira são os preditores mais fortes da satisfação com a vida. Assim, entende-se que aqueles que estão mais satisfeitos com seu padrão de vida e situação financeira parecem relatar maior satisfação com a vida em geral (CAMPBELL, 1976; BERRY; WILLIAMS, 1987; LEELAKULTHANIT et al. 1991; DIENER, 1994; HAYO; SEIFERT, 2003; MICHALOS et al., 2005; NICKERSON et al., 2007; MEADOW; SIRGY, 2008; XIAO et al., 2009; DIENER et al., 2010; HAVASI, 2013; HOWELL et al., 2013; SIRGY et al., 2013; NG, DIENER 2014; NG, 2015; SIRGY, 2018).

Veenhoven (1991) examinou muitas das evidências entre renda e bem-estar subjetivo e concluiu que a satisfação com a renda (ou bem-estar financeiro) correlaciona-se alta e positivamente com o bem-estar subjetivo. Também baseado em uma revisão da literatura, Dolan et al. (2008) apontaram para o fato de que as percepções da situação financeira desempenham um papel importante no bem-estar subjetivo, sendo assim, percepções mais baixas da situação financeira atual geralmente está associada a menor satisfação com a vida.

Diante desse contexto, é inegável que o bem-estar material exerce influência no bem-estar subjetivo geral das pessoas. Esses estudos confirmam a correlação entre os temas e podem ser explicados a partir da Teoria *Bottom-up Spillover* (ou transbordamento de baixo para cima). Em conformidade, entende-se também que o bem-estar subjetivo pode afetar os níveis de bem-estar material a partir da dinâmica e traços da personalidade. Essa perspectiva é respaldada pela Teoria *Top-Down Spillover* (transbordamento de cima para baixo).

Vale ressaltar que Diener (1984) foi o autor que introduziu a distinção entre teorias de cima para baixo e de baixo para cima relacionadas ao bem-estar. E que, apesar de alguns estudos abordarem apenas uma das perspectivas (direção de influência), há evidências de que existe uma relação causal bidirecional entre o BEM e o BES (LANCE et al., 1989; BRIEF et al., 1993;

FEIST et al., 1995; DAVID et al., 1997; NAKAZATO et al., 2011; SIRGY, 2012; SIRGY, 2018).

A seguir será exposto como se dá o efeito do bem-estar material no bem-estar subjetivo (Teoria *Bottom-up Spillover*) e os principais estudos na área.

3.2.1 Teoria *Bottom-up Spillover* (transbordamento de baixo para cima)

O efeito do bem-estar material no bem-estar subjetivo foi explicado usando a teoria ascendente (de baixo para cima) da satisfação com a vida (ANDREWS; WITHEY, 1976; CAMPBELL; CONVERSE; RODGERS, 1976). Essa teoria postula que a satisfação ou insatisfação da vida das pessoas tende a ser uma função direta de suas avaliações de suas condições ambientais em domínios importantes da vida, como saúde, família, trabalho e padrão de vida. O padrão de vida é considerado um importante domínio da vida que afeta a avaliação da vida em geral (LEELAKULTHANIT et al., 1991).

Sendo assim, a satisfação com o padrão de vida provavelmente ‘transborda’ e influencia o bem-estar subjetivo, isto significa que, quanto maior a satisfação com o padrão de vida atual, maior a satisfação com a vida. O Quadro 7 demonstra alguns estudos que usaram a Teoria *Bottom-up Spillover* (de baixo para cima) para explicar o efeito do bem-estar material no bem-estar subjetivo.

Quadro 7 - Estudos sobre o Bem-estar Material – Teoria *Bottom-up Spillover*

Impacto do Bem-estar material no Bem-estar subjetivo geral	
Teoria de baixo para cima	
Descrição	Autores
Estudo focado em mulheres que vivem em áreas rurais versus urbanas. O estudo observou que a força da relação entre renda e a qualidade de vida percebida foi mais forte nas mulheres urbanas do que nas rurais. Além disso, o estudo mostrou que a adequação de renda (entre outras variáveis como felicidade e qualidade de vida em família) medeia esse relacionamento. Ao comparar com mulheres que vivem na zona rural, as mulheres urbanas provavelmente sentirão que sua renda é menos adequada, o que torna o domínio financeiro mais importante do que outros domínios da vida. Assim, o aumento do domínio financeiro serve como um catalisador para a disseminação de sentimentos de satisfação ou insatisfação com a renda (sensação de bem-estar material) até a satisfação com a vida em geral.	Walker, Lee e Bubolz (1990)
A partir de dados extraídos do Painel Russet (1993-1995), resultados do estudo mostraram que mudanças na renda causavam mudanças na satisfação da renda e satisfação com a vida. Essa evidência apoia a teoria de baixo para cima em que mudanças nos eventos da vida (ou seja, mudanças na renda) influenciam a satisfação do domínio (ou seja, satisfação com a renda) que, por sua vez, influencia a satisfação com a vida geral.	Schyns (2001)
Os resultados demonstraram que comportamentos financeiros positivos (por exemplo, economizar dinheiro regularmente, reservar dinheiro para emergências, conta de investimento ou aposentadoria etc.) contribuem significativamente para a satisfação financeira e que essa satisfação contribui positivamente para a satisfação com a vida.	Xiao et al. (2009)

Isso ocorre por meio de um processo de repercussão de baixo para cima. Assim, os comportamentos financeiros são eventos no domínio da vida material que contribuem para a sensação geral de bem-estar nesse domínio (vida material). No geral a satisfação ou insatisfação no domínio material se espalha para o mais abstrato domínio da vida em geral - uma repercussão de afeto dos eventos mais concretos relacionado ao financiamento para a concepção mais abstrata da própria vida.	
Demonstrou que o bem-estar financeiro percebido desempenha um papel significativo no bem-estar subjetivo geral. Além disso, os consumidores que gerenciam efetivamente as suas necessidades financeiras atuais e futuras correm menos riscos de créditos, contribuem para uma economia mais saudável e são mais produtivos no trabalho. Os autores desenvolveram uma escala de bem-estar financeiro, relacionando as dimensões de ‘estresse atual da gestão do dinheiro’ e ‘segurança financeira futura esperada’ com o bem-estar subjetivo. Para isso, avaliaram os construtos: pagamentos atrasados, perda de controle, materialismo, percepção de autoeficácia financeira (dimensão ‘estresse atual da gestão do dinheiro’) e organização financeira, capacidade em assumir investimentos de risco, planejamento à longo prazo (dimensão de ‘segurança financeira futura esperada’).	Netemeyer et al. (2017)
A partir de uma amostra de estudantes de graduação com acesso à internet nos Estados Unidos (N = 2781), Tay et al. (2017) examinaram os efeitos dos empréstimos estudantis sobre o bem-estar subjetivo por meio de um processo ascendente que envolve a satisfação com a vida financeira, vida conjugal e vida de lazer. Os resultados do estudo mostraram que a dívida representou 40-60% da variação prevista na satisfação com a vida, mediada pela satisfação com a vida financeira.	Tay et al. (2017)

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Além dos estudos com base na Teoria *Bottom-up Spillover*, algumas pesquisas evidenciam a influência dos traços de personalidade, bem como a dinâmica da personalidade no bem-estar subjetivo geral e como consequência, nas variações do bem-estar material. Essas pesquisas, adotam a perspectiva da Teoria *Top-down Spillover*, isto é, a influência se dá pelo transbordamento de cima para baixo. A seguir, serão detalhados alguns desses principais trabalhos.

3.2.2 Teoria *Top-down Spillover* (transbordamento de cima para baixo)

Há fortes evidências do impacto de fatores pessoais intrínsecos no bem-estar material. A influência dos traços de personalidade, bem como o funcionamento da dinâmica da personalidade, explica a relação do bem-estar material e bem-estar subjetivo geral na perspectiva da teoria de cima para baixo.

De acordo com Sirgy (2018), muitas das pesquisas em psicologia do bem-estar material podem ser categorizadas em termos de dois grupos. O primeiro grupo de estudos envolve os efeitos de **traços de personalidade** no bem-estar material. O segundo grupo envolve **dinâmicas de personalidade**, isto é, como os indivíduos compensam a insatisfação nos domínios da vida não material, envolvendo-se em certo comportamento econômico, como compras excessivas e excesso de gastos. A dinâmica da personalidade se relaciona ao efeito de

transbordo de cima para baixo, descrevendo o efeito do bem-estar subjetivo disposicional no bem-estar material. Nesse sentido, pode ser discutida a partir de dois fenômenos, um deles é chamado de compensação e o outro de transbordamento.

Nesse contexto, Fao e Foa (1974, 1980) abordam a teoria da troca de recursos e especificam seis classes de recursos necessárias para manter um nível aceitável de qualidade de vida: amor, status, serviços, informações, bens e dinheiro. As pessoas trocam recursos umas com as outras para manter um nível aceitável de qualidade de vida. Essas trocas podem ocorrer a depender dos atributos dos recursos a serem trocados, da adequação ao ambiente e estado motivacional dos trocadores. A teoria também afirma que necessidades espirituais insatisfeitas podem aumentar a demanda por bens materiais e que a provisão de recursos psicológicos (não econômicos) podem reduzir a demanda por recursos econômicos e aumentar a satisfação com a vida.

Furby (1978) argumentou que muitas pessoas obtêm satisfação genuína de seus bens materiais. Essas pessoas procuram bens materiais para compensar outras necessidades importantes não atendidas. Esses bens tornam-se substitutos das formas tradicionais de afirmar autoestima, aliviar suas dúvidas sobre adequação social ou porque não pode ganhar o carinho do outro. Essa explicação de compensação é psicanalítica e confirma a ideia de que quando sentimos falta de algo, compensamos em outra coisa.

Além disso, as pessoas geralmente substituem um objetivo por um objeto disponível, como a compra de uma roupa por alguém que não está disponível. Esse comportamento é aprendido por meio do modelo de comportamento dos pais. Normalmente, pais incapazes de expressar ou dar amor aos filhos tendem a comprar coisas para substituí-los pela falta de lhes dar o carinho necessário. Seus filhos aprendem o mesmo comportamento e aplicam esse mecanismo de compensação ao longo da vida (SIRGY, 2018).

No estudo seminal de Lawler (1971) em administração, trabalhadores marcados por ansiedade e baixa autoestima mostraram-se mais interessados em remuneração do que em outros aspectos de seus empregos. Da mesma forma, Rubenstein (1981) relatou que aqueles que são focados em dinheiro tendem a ter relacionamentos amorosos fracassados (muitos são solteiros e sem filhos); eles tendem a ser sexualmente insatisfeitos, relatam problemas de saúde, se sentem sozinhos e estão constantemente se preocupando com as coisas materiais.

Além disso, Sarason et al. (1983) mostraram que pessoas com apoio social em suas vidas tendem a se preocupar menos em ganhar dinheiro do que aqueles sem esse apoio. Outros pesquisadores fizeram observações semelhantes (SCHACHTEL, 1961; KASSER; RYAN, 1993; NICKERSON et al., 2003; RICHARDS, 2016).

Bergler (1951) defendeu o desejo de posse como um mecanismo compensatório do narcisismo. A explicação da compensação nos ajuda a entender que as pessoas tentam manter um nível aceitável de satisfação com a vida. Eles fazem isso maximizando sua satisfação em diferentes domínios da vida (vida social, vida profissional, vida material, vida espiritual, vida familiar etc.). Se eles ficarem insatisfeitos significativamente em um dos principais domínios da vida (por exemplo, vida familiar) que em última análise, reduz o seu nível geral de bem-estar abaixo do nível aceitável, eles tentam compensar. Fazem isso investindo energias em outros domínios da vida (por exemplo, vida material) para gerar um efeito positivo suficiente para compensar a perda de satisfação no domínio principal (por exemplo, vida familiar). Este estudo evidencia o impacto do materialismo na felicidade das pessoas.

No Quadro 8, apresentam-se estudos sobre personalidade e bem-estar material com base na teoria de cima para baixo.

Quadro 8 - Estudos sobre Personalidade e Bem-estar Material com base na Teoria Top-down

Dinâmica da Personalidade no Bem-estar Material	
Teoria de cima para baixo (Top-Down)	
Descrição	Autores
Argumenta que o bem-estar pode influenciar o bem-estar econômico. Isso ocorre porque aqueles que se sentem felizes sobre a vida em geral, tendem a trabalhar mais e, portanto, geram mais renda. Portanto, a felicidade contribui para uma sensação de bem-estar econômico. Essa é a essência da Teoria do transbordamento de cima para baixo - o impacto da felicidade geral na satisfação em vários domínios da vida.	Lane (1991)
Apoia a hipótese de que a satisfação com a vida influencia a satisfação com a renda (um efeito de cima para baixo). Especificamente, os resultados do estudo mostraram uma relação recíproca entre satisfação com a renda e satisfação com a vida, indicando que, além de um efeito ascendente, era evidente um efeito descendente - a satisfação com a vida não é apenas parcialmente uma soma de satisfações de domínio, mas também uma característica disposicional.	Schyns (2001)
O estudo longitudinal dos autores confirma que os traços de personalidade são úteis para compreender as experiências de trabalho subsequentes de jovens adultos. Assim, pessoas com o traço de personalidade de neuroticismo são menos propensas a se saírem bem em termos de realização profissional e são menos propensas a estarem satisfeitas com o emprego e ter menos chances de se sentir seguro em termos financeiros. Isso sugere que pessoas com altos traços de neuroticismo provavelmente são menos satisfeitas com a sua situação financeira do que pessoas que apresentam baixos níveis de neuroticismo. Além disso, a extroversão pode levar à satisfação com a situação financeira e o padrão de vida, porque tal traço de personalidade induz a pessoa a socializar com os outros, e essa sociabilidade pode desempenhar um papel importante no local de trabalho onde o desempenho no trabalho está entrelaçado com o desempenho da equipe.	Roberts et al. (2003)
Investigou o efeito da autonomia no bem-estar subjetivo mediado pela satisfação financeira. Autonomia significa alta expectativa de controle, autoeficácia e controle pessoal. Ter controle, especialmente na arena econômica, promove satisfação com a vida financeira, que por sua vez desempenha um papel importante bem-estar subjetivo. Além disso, há evidências sugerindo que a falta de autocontrole ou impulsividade pode levar os consumidores a gastar mais em compras, como por exemplo foi divulgado nos estudos de Netemeyer et al. 2017. (Observação: mesmo baseado na teoria de baixo	Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014)

para cima, Netemeyer et al. (2017) encontraram esse achado que corrobora com a perspectiva da teoria de cima para baixo).	
Usando dados do <i>World Values Survey</i> de 2012, o autor conseguiu demonstrar que traços de personalidade como extroversão, neuroticismo e autonomia podem influenciar o bem-estar subjetivo por meio dos efeitos da mediação com preocupações materiais (satisfação com a situação financeira, satisfação com o padrão de vida e satisfação com a renda).	Ng (2015)
Pessoas que relatam altos níveis de satisfação com a vida também relatam satisfação em seus domínios de vida, ou seja, sentimentos gerais de felicidade tendem a se espalhar do domínio mais abstrato da vida (satisfação com a vida em geral) aos domínios mais concretos da vida, como vida material, vida familiar, vida profissional, vida espiritual, entre outros.	Sirgy (2018)

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Ante o exposto, além dos fatores pessoais a perspectiva da satisfação material/financeira também pode ser influenciada por fatores contextuais. Com isso, o próximo tópico irá abordar como se dá a influência do contexto externo no BEM.

3.2.3 Influência de fatores contextuais no bem-estar material

Apesar dos traços e dinâmica da personalidade serem considerados os principais preditores do bem-estar material, muito estudos evidenciam também a influência do ambiente (fatores contextuais) na perspectiva da satisfação financeira e com a vida geral.

Os fatores contextuais referem-se aos aspectos do ambiente que influenciam como as pessoas produzem avaliações sobre sua situação financeira e padrão de vida. Como tal, Sirgy (2018) discute três conjuntos de fatores contextuais, um que trata de comparações sociais, o segundo, como as pessoas adaptam suas expectativas às mudanças nas circunstâncias, e o terceiro que envolve as mudanças no ambiente macroeconômico.

Com o objetivo de entender como esses fatores contextuais impactam no BEM, o Quadro 9 descreve alguns estudos importantes da área e que corroboram com tal influência no indicativo na satisfação com a vida.

Quadro 9 - Estudos de fatores contextuais no Bem-estar Material

Estudos no Bem-Estar Material (BEM)		
Fatores Contextuais	Descrição	Fonte
Comparação social	Examinou a influência do dinheiro na felicidade. Descobriu que dentro das nações o padrão de vida das pessoas se correlaciona com seu bem-estar subjetivo relatado, mas os países mais ricos não mostram maior felicidade que os mais pobres. Assim, o autor identificou que comparações sociais podem ocorrer dentro das nações, mas não entre nações. Em outras palavras, as pessoas comparam-se com as outras dentro de seu próprio país, mas não com outras pessoas de outros países.	Easterlin (1974)

	Reexaminou os dados de Easterlin e concluiu que a influência da satisfação financeira com a satisfação com a vida é mais forte nos países pobres do que nos países ricos.	Veenhoven (1991)
	Os autores examinaram a relação entre satisfação de renda e satisfação com a vida entre pessoas que vivem em comunidades pobres versus ricas nos EUA. Eles levantaram a hipótese de que pessoas com renda semelhante vivendo em áreas mais pobres provavelmente serão mais satisfeitos com a vida do que aqueles que vivem em áreas mais ricas. Isso ocorre porque as pessoas tendem a comparar sua renda com outras pessoas da mesma área. Como a maioria das pessoas em áreas pobres obtém a mesma renda, as comparações de renda não são suscetíveis de criar insatisfação. No entanto, as pessoas que vivem em áreas mais ricas, com variações significativas de renda, provavelmente irão se comparar com outras pessoas na mesma área, causando algum nível de insatisfação. No entanto, os resultados do estudo não mostraram influência geográfica na felicidade.	Diener et al. (1993)
	Conduziu dois estudos que fornecem evidências para efeitos da comparação social da renda no bem-estar subjetivo. No primeiro estudo, 7.023 adultos norte-americanos foram analisados em mais de 300 comunidades. O segundo estudo envolveu oito nações (Estados Unidos, Reino Unido, Holanda, França, Alemanha, Itália, Dinamarca e Japão) durante um período de 25 anos. Ambos os estudos mostraram como a distribuição de renda nas comunidades e nações afetam a felicidade, conforme previsto pela teoria da comparação. Portanto, a comparação social é simplesmente inferida pelos efeitos que a distribuição de renda de uma comunidade tem sobre a felicidade. Em outras palavras, a felicidade dessas nações ao longo do tempo mostra efeitos significativos da distribuição de renda, apoiando a hipótese de que as pessoas comparam sua própria renda familiar com a distribuição nacional, conforme previsto pela teoria da faixa-frequência. O autor concluiu que os dados são consistentes com a teoria das necessidades de satisfação, da habitação e da comparação social.	Hagerty (2000)
	A partir de dados do Russet Panel (1993-1995), Schyns demonstrou um efeito significativo da comparação social no bem-estar subjetivo. Os dados mostraram que os entrevistados russos compararam sua renda atual com os níveis anteriores. Como esses aumentos ocorrem nos anos atuais em comparação com o ano anterior, causam aumentos na satisfação de renda que, por sua vez, também causa aumentos na satisfação com a vida.	Schyns (2001)
	Os resultados demonstraram demonstrou que a renda do grupo de referência desempenha um papel importante no bem-estar subjetivo.	Ferrer-i-Carbonell (2005)
	Com base em uma pesquisa de larga escala na Espanha, Vera-Toscano et al. (2006) demonstraram que a satisfação financeira pode ser prevista significativamente pelos agregados familiares a partir da renda absoluta e levando em consideração a importância de renda em aspirações pessoais e comparações sociais com colegas.	Vera-Toscano et al. (2006)
Adaptação	Descobriu que a satisfação do padrão de vida das donas de casa de Detroit no período de 1955 a 1971 sofreram alterações. Isto pode ser que as expectativas das donas de casa quanto ao seu padrão de vida também tenham aumentado proporcional ao aumento da renda real. Assim, as expectativas (aspirações	Duncan (1975)

	materiais) são adaptadas (diminuí ou aumenta o nível de aspiração) como função direta a partir da renda real.	
	Nos dois estudos, os resultados empíricos apontaram que à medida que as pessoas obtêm mais sucesso e dinheiro, suas necessidades financeiras básicas também aumentam. Isso é, indivíduos com renda mais alta sentem que precisam de mais renda apenas para atender ao que desejam perceber como suas necessidades básicas.	Kapteyn et al. (1980) e Kapteyn e Wansbeek (1982)
	Mostraram que nos países desenvolvidos (por exemplo, Japão, EUA e França), os aumentos na renda pessoal não são acompanhados de aumento proporcional do bem-estar subjetivo. Ou seja, o bem-estar subjetivo nos países desenvolvidos permaneceu estável ao longo dos anos em que a renda pessoal aumentou acentuadamente. No entanto, as pessoas nos países desenvolvidos relatam níveis mais altos de bem-estar subjetivo do que as pessoas nos países em desenvolvimento. Eles explicaram essas descobertas da seguinte forma: à medida que a renda aumenta dentro de um país, as expectativas e desejos das pessoas por um melhor padrão de vida também aumentam. O resultado é um efeito de satisfação e manutenção.	Diener e Oishi (2000)
Mudanças no cenário macroeconômico	Os autores pesquisaram a população americana em tempos econômicos bons e ruins. Nos bons tempos, 27% da população se declararam felizes e 9% se diziam não serem muito felizes. Quando a economia entrou em recessão, 22% dos entrevistados relataram ser muito feliz e 11% não muito feliz. Esses resultados confirmam a hipótese de que os níveis de bem-estar subjetivo diminuem em períodos de recessão.	Andrews e Whithey (1976)
	Concluiu que mudanças recentes na renda podem ter influenciado o bem-estar, porque recessões recorrentes são curtas o suficiente para escapar do processo de adaptação. As recessões causam muita dor. Uma desaceleração acentuada tem grandes efeitos hedônicos, em parte porque as perdas são mais importantes que os ganhos, e o aumento da renda é menos impactante hedonicamente.	Lane (1991)
	A pesquisa mostrou que as crises econômicas também estão correlacionadas com o bem-estar financeiro reduzido e aumento do estresse financeiro.	Hayo e Seifert (2003)

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Como pode ser observado no Quadro 9, muitos estudos demonstram o impacto da comparação social, adaptação da renda e mudanças no cenário econômico no bem-estar material das pessoas. Desemprego, diminuição da renda e crises econômicas são relacionadas ao aumento do estresse financeiro. Em consonância, épocas de prosperidade econômica e ganhos financeiros parecem ser acompanhada de um aumento proporcional de bem-estar subjetivo (ANDREWS; WITHEY, 1976; INGLEHART, RABIER, 1986; DIENER; OISHI, 2000; HAYO, SEIFERT, 2003).

Diante desses achados, a autora desta tese parte do pressuposto que os critérios de adaptação e mudanças no cenário econômico podem ter impactado (direta ou indiretamente) no bem-estar subjetivo das pessoas durante o período da pandemia (durante e após o isolamento social), pois os estudos anteriores relatam que as mudanças e recessões econômicas

desempenham um papel significativo no bem-estar subjetivo. O nível bem-estar subjetivo dos consumidores diminui nas recessões (SIRGY, 2018).

O próximo tópico discutirá sobre vários outros antecedentes do bem-estar material e como ocorrem as relações de influência dentro da satisfação com a vida geral.

3.3 ANTECEDENTES DO BEM-ESTAR MATERIAL

Como pôde ser observado nas seções anteriores, existem diversos fatores que compõem e influenciam o domínio do Bem-estar Material (BEM). É inegável a influência de traços e da dinâmica da personalidade, bem como de variáveis intrínsecas e extrínsecas (contextuais) na satisfação do domínio do bem-estar material. Além disso, existem vários domínios da vida que influenciam no Bem-estar Subjetivo (BES) dos indivíduos, tais como: domínio do trabalho, lazer, social, saúde, familiar, dentre outros. Estes, também podem influenciar (in)diretamente na satisfação do domínio material.

Nesse contexto, Sirgy (2018) defende que o **domínio do bem-estar material responde a uma variação alta do BES**, pois além dos diversos fatores que influenciam no bem-estar material, muitas vezes, quando um domínio sem ser o material está insatisfeito, as pessoas podem acabar “descontando” essa insatisfação, aumentando a satisfação com o domínio material.

Essa perspectiva corrobora com os achados anteriores ao indicar que há compensação da insatisfação geral ou de algum outro domínio da vida, em atividades de consumo (compras), posse dentre outras, com o objetivo de elevar a satisfação geral a partir do aumento da satisfação material.

Ao longo do tempo, muitos estudos foram desenvolvidos com a finalidade de entender se há relações consistentes entre as variáveis sociodemográficas e a satisfação do domínio material. Diante disso, quanto às **variáveis sociodemográficas**, existem alguns trabalhos que relacionam a idade e a sensação de bem-estar material. Hayo e Seifert (2003), por exemplo, demonstraram que o efeito da idade é em forma de U, com um mínimo aos 37 anos. A influência da idade se torna positiva aos 75 anos. Nos estudos de Blanchflower e Oswald (2000) foi demonstrado uma relação similar entre idade e felicidade material. Assim, parece haver uma relação entre a **idade** e a sensação de bem-estar material.

Além disso, pesquisas mostraram que idosos, apesar da baixa renda, tendem a relatar níveis mais altos de satisfação financeira do que os adultos mais jovens. Isso passou a ser conhecido como o paradoxo da satisfação dos clientes na literatura sobre qualidade de vida

(OLSON, SCHOBER; 1993; BLANCHFLOWER, OSWALD; 2000). Ratificando esses achados, Norvilitis et al. (2003) e Hansen et al. (2008) descobriram que os maiores níveis de satisfação entre os idosos pode ser explicado por maiores ativos e menor endividamento, em comparação com os adultos mais jovens.

Com relação ao **gênero**, ainda não foram encontradas diferenças significativas de bem-estar financeiro entre homens e mulheres (HAYO; SEIFERT, 2003; SIRGY, 2018). No que diz respeito à educação, o bem-estar financeiro subjetivo parece ser significativo e correlacionado positivamente com a educação. Quanto maior o **nível de educação**, mais pessoas relatam níveis mais altos de bem-estar financeiro subjetivo (HAYO; SEIFERT, 2003; MALONE et al. 2010). Obviamente, a educação é uma habilidade importante que serve ao indivíduo para ter sucesso na força de trabalho, propiciando retornos financeiros. Além disso, o efeito do **desemprego** no bem-estar financeiro subjetivo parece profundo. O desemprego priva o indivíduo de renda que desempenha um papel importante na satisfação com a vida material (SIRGY, 2018).

Quanto ao **estado civil**, Hayo e Seifert (2003) constataram que ser divorciado ou viúvo reflete uma menor satisfação econômica. Cracolici et al. (2014) descobriram que casais sem filhos têm o nível mais alto de bem-estar econômico percebido. Enquanto casais com dois ou mais filhos se sentiam mais economicamente inseguros. Isso faz sentido, haja vista os gastos que são despendidos com os filhos.

Hayo e Seifert (2003) também descobriram que o **tamanho da comunidade** em países da Europa Oriental é importante para o bem-estar financeiro subjetivo. Quanto maior a comunidade, menor a satisfação econômica, apesar de melhores oportunidades econômicas oferecidas por grandes comunidades (por exemplo, grandes cidades). Os autores afirmam que as oportunidades econômicas exigem educação, que é uma variável controlada em seu estudo. Eles explicaram esse efeito afirmando que o custo de vida nas áreas rurais é significativamente menor que os centros urbanos. Talvez isso se deva à produção doméstica e preços mais baixos em itens de necessidade.

Com relação à **estrutura familiar**, Malone et al. (2010) descobriram que mulheres em famílias não tradicionais (mães solteiras, enteadas) expressaram mais preocupações com seus futuros do que as mulheres casadas. Especificamente, mães solteiras eram mais propensas a relatar dificuldades financeiras atuais e insegurança financeira futura do que as mulheres casadas.

No que concerne à **renda** e ao bem-estar material, muitos estudos foram desenvolvidos. Existem evidências sugerindo que critérios objetivos de riqueza pessoal são positiva e significativamente associados a critérios subjetivos de riqueza pessoal. Hsieh (2004), usando

dados da Pesquisa Social Geral nos EUA, conseguiram demonstrar associação entre renda e satisfação financeira entre os idosos. Hayo e Seifert (2003) também encontraram uma relação positiva e significativa entre renda e bem-estar financeiro.

Usando dados de nove países europeus, Seghieri, Desantis e Tanturri (2006) constataram que a renda contribui para a satisfação financeira. Zuzanek (2013) também demonstrou uma associação positiva entre renda familiar e bem-estar subjetivo.

Os dados de uma pesquisa norueguesa em larga escala indicam que riqueza acumulada (altos ativos financeiros e baixa dívida) desempenha um papel positivo na satisfação financeira, principalmente entre os idosos (HANSEN; SLAGSVOLD; MOUM, 2008). Os idosos estão em melhor posição de acumular ativos financeiros e reduzir dívidas (NORVILITIS; SZABLICKI; WILSON, 2003, SIRGY, 2017). Além disso, Headey et al. (2008) usando dados de pesquisas representativas de cinco países (Austrália, Grã-Bretanha, Alemanha, Hungria e Holanda), demonstraram que a **riqueza e o consumo das famílias** (uma medida mais ampla do que a renda que inclui moradia, ativos de negócios, patrimônio e investimentos em dinheiro, contas bancárias, pensões acumuladas, veículos e colecionáveis, moradia dívida, cartões de crédito, dívidas de estudantes e dívidas pessoais, bem como gastos com alimentos) é mais forte preditor de satisfação com a vida do que apenas a renda familiar. Esses resultados apoiam a noção de que **renda, riqueza e consumo** têm uma influência considerável na satisfação com o padrão de vida e com a satisfação com a vida geral (NORVILITIS; SZABLICKI; WILSON, 2003).

Baseado em dados de uma pesquisa nacional com mulheres, Malone et al. (2010) forneceram evidências de que mulheres com maior renda e que contribuíram com mais dinheiro para a renda familiar tinham percepções mais positivas de sua situação financeira.

Por fim, Nickerson et al. (2003; 2007) mostraram que a **satisfação com a renda familiar** contribui para a satisfação com a vida financeira e com o bem-estar subjetivo. Além disso, esse efeito de bem-estar subjetivo da renda foi moderado pelo materialismo (ou aspirações financeiras), isto é, o efeito positivo da renda no bem-estar subjetivo parece se aplicar principalmente a indivíduos que são menos materialistas (KASSER; RYAN, 1993).

Além das variáveis sociodemográficas, os estudos sobre BEM envolvem conceitos relacionados à **necessidade de satisfação e necessidades psicológicas** (SIRGY, 1998; 2012; 2018). Nesse sentido, Leelakulthanit et al. (1991) confirmaram a hipótese de que a **satisfação com bens materiais** tem um efeito positivo na satisfação geral da vida.

Como mencionado anteriormente, Schyns (2001) forneceu suporte para a noção teórica de que **aumento de renda** causa aumento de satisfação de renda que, por sua vez, causa aumentos na satisfação com a vida. A descoberta foi interpretada em termos de necessidade de

satisfação, ou seja, a renda serve para satisfazer as necessidades. À medida que as necessidades se tornam cada vez mais satisfeitas, elas contribuem para um julgamento geral da satisfação com a vida material, o que aumenta a satisfação com a vida (SIRGY, 1998; SCHYNS, 2001; SIRGY, 2018).

Além disso, existem **necessidades psicológicas** que influenciam no bem-estar material das pessoas. Ao considerar o estudo realizado por Howell, Kurai e Tam (2013) envolvendo idosos, foi possível entender que a posição econômica aumenta também as percepções de **segurança financeira** e satisfação de necessidades psicológicas (necessidades de **autonomia**, competência e parentesco), que por sua vez contribui para a vida satisfação.

Lane (1991) argumentou fortemente que a satisfação com a renda impacta o bem-estar subjetivo por meio do **autocontrole** e do **orgulho**. Pessoas que obtêm sucesso no mercado de trabalho (portanto, têm rendas mais altas) tendem a atribuir seus sucessos financeiros a si mesmos, e assim, sentem orgulho de suas realizações. Esses sentimentos de orgulho e controle pessoal desempenham um papel significativo nos sentimentos gerais de felicidade ou satisfação com a vida. Assim, **trabalhar em vez de consumir** desempenha um papel mais importante no bem-estar subjetivo.

Em consonância, Vlaev e Elliott (2014) demonstraram empiricamente que o **autocontrole** sobre as finanças é forte preditor de satisfação na vida financeira. Com isso, é bem provável que essas pessoas apresentem maior bem-estar do que aqueles que não têm controle sobre suas finanças (LANE, 1991).

Dando continuidade, muitos dos antecedentes do bem-estar material estão relacionados às **crenças e associações mentais**. Como as pessoas fazem inferências sobre si mesmas e outras pessoas, usando pistas econômicas, como renda, poupança e bens materiais, elas vinculam riqueza a uma série de outros atributos pessoais, como satisfação com a vida material. As pessoas fazem atribuições sobre sua satisfação com sua vida material usando pistas sobre seu próprio **padrão de vida**. Corroborando com esse pensamento, Luft (1957) conduziu um estudo que revelou que o hipotético homem rico é tipicamente percebido como relativamente saudável, feliz e bem ajustado, enquanto o homem hipotético pobre era visto como desajustado e infeliz. Assim, as pessoas têm esquemas de dinheiro que são evocados e usados fazer julgamentos sobre si e os outros (FURNHAM, 1983; SIRGY, 2018).

Outro antecedente que influencia na satisfação do domínio material está relacionado aos **objetivos e aspirações** que as pessoas possuem. Segundo uma pesquisa empírica realizada por Plagnol e Easterlin (2008), a **satisfação financeira** é uma função direta da lacuna entre as aspirações materiais (ou seja, metas) e realizações. Em outras palavras, pessoas que desejam

adquirir e possuir bens materiais (como uma casa, um quintal e gramado, um carro, um segundo carro, uma casa de praia/férias dentre outros) e já alcançaram tais bens materiais, expressam maior satisfação com a vida do que aqueles que aspiram ter esses bens materiais, mas não os tem.

Além disso, uma variação da aspiração material é a expectativa de renda. Vera-Toscano et al. (2006), por exemplo, descobriram que não apenas a renda, mas também a **expectativa de renda** teve um papel importante na previsão da satisfação financeira. Em concordância, a partir de um conjunto de dados longitudinal, Ekici e Koydemir (2016) chegaram à conclusão que após controlar as variáveis demográficas, incluindo a renda familiar, a expectativa de renda foi considerada um correlato significativo da satisfação com a vida.

Nickerson et al. (2003; 2007) encontraram em dois estudos uma relação consistente entre renda familiar e bem-estar subjetivo. Contudo, esse relacionamento foi moderado por aspirações financeiras. Ou seja, pessoas que têm mais dinheiro tendem a relatar níveis mais altos de satisfação com a vida somente se suas aspirações financeiras não são muito altas. Assim, o efeito positivo da satisfação financeira é moderado por altas aspirações financeiras.

De acordo Sirgy (2018), as **habilidades, comportamento e recursos** também são antecedentes do bem-estar material. Ao analisar estudos nesse sentido, percebe-se que de fato há evidências para tais relações de influências. Xiao Chen e Chen (2014), por exemplo, realizaram um estudo para examinar associações entre a capacidade financeira e satisfação financeira dos consumidores. A capacidade financeira do consumidor envolvida três dimensões: capacidade financeira percebida, educação financeira e comportamento financeiro. Os resultados indicaram uma associação positiva entre a **percepção de capacidade financeira** e satisfação financeira. Os resultados também sugeriram que o comportamento financeiro desejável aumenta a satisfação financeira. Por outro lado, **comportamento de riscos financeiros** diminui a satisfação financeira. A **educação financeira** também foi encontrada para melhorar satisfação financeira.

Netemeyer et al. (2017) comprovaram que a **autoeficácia** financeira percebida desempenha um papel significativo na percepção do bem-estar financeiro. Comportamentos financeiros referem-se a comportamentos positivos ou desejáveis projetados para melhorar o bem-estar financeiro, como práticas relacionadas ao gerenciamento de despesas (por exemplo, aderir a despesas mensais, gastos dentro do orçamento, revisar as faturas a cada mês quanto à precisão), controle de saldo (por exemplo, manter saldos na conta bancária, pagamento de contas em dia todo mês, pagamento do cartão de crédito total a cada mês) e economizar (por exemplo, economizar dinheiro regularmente, guardar dinheiro para emergências, contribuir

com uma conta de investimento ou aposentadoria, tem disposição para assumir riscos de investimento e planejar dinheiro a longo prazo). Muitas evidências fizeram o vínculo entre **comportamento financeiro positivo** e bem-estar financeiro percebido (JOO; GRABLE, 2004; O'NEILL et al, 2005; XIAO; SORHAINDO; GARMAN, 2006; XIAO; TANG; SHIM, 2009; SHIM et al. 2009; GUTTER; COPUR, 2011; VOSLOO; FOUICHE; BARNARD, 2014, NETEMEYER et al. 2017).

Em um estudo recente, Tay et al. (2017) examinaram os efeitos dos empréstimos estudantis sobre bem-estar subjetivo. Os resultados do estudo mostraram que a dívida representava 40-60% da variação prevista na satisfação com a vida. O argumento dessa perspectiva de recursos é que a dívida diminui os recursos financeiros, que por consequência, diminuí a satisfação financeira, que por sua vez diminui a bem-estar subjetivo. Portanto, os **recursos financeiros** servem para diminuir a carga subjetiva relacionada à dívida financeira - os recursos financeiros atuam como um amortecedor do **estresse financeiro** (NORVILITIS; SZABLICKI; WILSON, 2003).

Além de todos esses condicionantes ligados ao bem-estar material, existe uma série de variáveis intrínsecas, como também valores, comportamento, estilo de vida e hábitos de consumo que influenciam consideravelmente na satisfação do domínio material (financeiro) e na satisfação com a vida geral.

Como é de maior interesse para esta pesquisa, o próximo subtópico irá abordar de forma mais detalhada sobre os construtos de **satisfação com a renda e padrão de vida, bem-estar financeiro e materialismo**. Ambos, fazem parte do modelo teórico proposto desta tese. E apesar de serem fatores pessoais, esses construtos podem ser influenciados por fatores contextuais, como no caso do evento de vida da pandemia do Covid-19 vivenciada no Brasil no ano de 2020.

3.4 COMPONENTES DO DOMÍNIO DO BEM-ESTAR MATERIAL

Com base na literatura da área e exposição anterior, existem vários construtos que estão diretamente relacionados com a satisfação no domínio do bem-estar material (econômico ou financeiro). Apesar do domínio do bem-estar material também ser denominado de bem-estar financeiro ou econômico, neste trabalho o bem-estar financeiro representa um dos construtos analisados para mensurar a satisfação do domínio material, como também a satisfação com a vida.

Finalmente nesta tese, os construtos materiais investigados para analisar a satisfação material serão: satisfação com a renda e padrão de vida, bem-estar financeiro (estresse da gestão financeira atual e segurança financeira futura) e materialismo. Assim, os próximos tópicos irão abordar sobre essas três temáticas.

3.4.1 Satisfação com a renda disponível

A satisfação com a renda disponível envolve questões sobre o padrão de vida atual das pessoas. Estudos seminais sobre a satisfação financeira (e.g., ANDREWS; WITHEY, 1976; NAKANO et al., 1995, PRAWITZ et al., 2006; BOHNKE, 2008; PLAGNOL, EASTERLIN, 2008) relatam que as necessidades materiais influenciam mais nos níveis de BEM e BES do que a variável renda (seja ela individual e/ou familiar) de forma isolada.

Com o objetivo de mensurar a satisfação com a renda, Nakano et al. (1995), Prawitz et al. (2006) e Bohnke (2008) indicam que sejam feitos alguns questionamentos aos entrevistados sobre como eles se sentem financeiramente. O Quadro 10 aborda algumas questões que podem ser utilizadas.

Quadro 10 - Satisfação com a renda disponível

Satisfação com a renda	
Questões	Medida usada
Qual a renda familiar mensal (individual e/ou familiar)?	Múltipla escolha com alternativas que contemplam valores intervalados.
O quanto está satisfeito ou insatisfeito com a sua situação financeira?	Escala Tipo Likert de 1 até 10
Como se sente sobre até que ponto as necessidades materiais são atendidas?	
Qual o nível atual de renda financeira para cobrir suas despesas?	
Como sobrevive da partir a renda mensal total da família?	
Como se sente em relação ao seu padrão de vida?	
Qual é o nível de seu estresse financeiro atual?	
Como se sente sobre sua a situação financeira atual?	
Com que frequência se preocupa em poder pagar as despesas mensais normais?	
Quão confiante está em conseguir/ou ter o dinheiro para pagar por uma emergência financeira?	
Com que frequência quer sair para comer, ir ao cinema ou fazer outra coisa e não vai porque não pode gastar?	
Com que frequência se sente gastando mais do que deveria?	
Como se sente em relação as suas finanças pessoais?	

Fonte: adaptado de Nakano et al. (1995); Prawitz et al. (2006) e Bohnke (2008).

Além das questões que envolvem a satisfação com a renda disponível e o padrão de vida atual, Andrews e Withey (1976) sugerem que os respondentes sejam convidados a avaliar como

se sentem sobre a economia e apontar qual o comportamento em relação ao seu dinheiro (individual ou familiar). O Quadro 11 destaca questões indicadas pelos autores.

Quadro 11 - Satisfação com a economia, governos e padrão de vida

Satisfação com a renda	
Sentimento sobre...	Medida usada
O que o governo está fazendo sobre a economia - empregos, preços, lucros.	Escala de sentimentos (terrível, insatisfeito, misto, satisfeito e feliz) - Tipo Likert de 1 até 5 pontos
Os impostos que paga - locais, estaduais e nacionais - todos juntos.	
O que precisa pagar por necessidades básicas, como comida, moradia e roupas.	
A renda que possui (individual ou familiar).	
Os benefícios pagos e extras que obtém e a segurança do trabalho.	
Quão seguro está financeiramente.	
O seu padrão de vida - o que tem como moradia, carro, móveis, recreação e coisas do gênero.	
Como a família concorda em gastar a renda familiar.	

Fonte: adaptado de Andrews e Withey (1976), tradução nossa.

Em relação ao padrão de vida ideal, Plagnol e Easterlin (2008) destacam a importância de os respondentes indicarem qual(is) item(ns) (de uma lista) correspondem a ter uma vida boa na opinião deles. Em seguida, eles devem apontar qual(is) desses itens já possui. Segundo esses autores, essa é uma forma consistente para avaliar a satisfação com o padrão de vida atual das pessoas. Para isso, Plagnol e Easterlin (2008) utilizaram os seguintes itens em seu estudo:

- | | |
|---------------------------|---------------------------------------|
| a) Um quintal e gramado | f) Um aparelho de TV em cores |
| b) Um segundo carro | g) Um segundo aparelho de TV em cores |
| c) Uma casa de férias | h) Roupas muito legais |
| d) Uma piscina | i) Um ótimo emprego |
| e) Viajar para o exterior | j) Muito dinheiro |

À luz do exposto, vale dizer que todas essas questões sobre a satisfação com a renda foram utilizadas no instrumento de coleta de dados desta pesquisa (Apêndice B). A partir da análise das respostas acerca desses questionamentos, acredita-se que é possível identificar a satisfação com a renda e padrão de vida atual dos entrevistados neste estudo. O próximo subtópico irá descrever sobre o construto de bem-estar financeiro. Este, é avaliado nesta tese a partir da escala de bem-estar financeiro desenvolvida por Netemeyer et al. (2017) e, recentemente adaptada e validada para o contexto brasileiro nos estudos de Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2020).

3.4.2 Bem-estar financeiro

A concepção de bem-estar financeiro adotada nesta tese respalda-se no estudo realizado pelo Centro de Inovação em Serviços Financeiros (CFSI), organização americana sem fins lucrativos, que sustenta que a saúde financeira ou o bem-estar do consumidor provém da gestão efetiva de sua vida financeira cotidiana; de sua capacidade de resiliência diante de inevitáveis altos e baixos; e de sua sagacidade para identificar e aproveitar oportunidades de bons investimentos que gerem segurança futura e mobilidade (CFSI, 2015).

A sensação de bem-estar financeiro, portanto, centra-se na perspectiva temporal de curto e de longo prazo. Compartilhando desse entendimento, Netemeyer et al. (2017) defendem que o bem-estar financeiro percebido é um preditor-chave do bem-estar geral do indivíduo e tão relevante quanto outras dimensões primordiais à boa vida, tais como a satisfação no trabalho, a saúde física e as boas relações pessoais. Em seu estudo, desenvolveu e validou uma escala de bem-estar financeiro que mensuram dois construtos – o primeiro relacionado ao estresse da gestão financeira atual e o segundo referente a expectativa de segurança financeira futura, tendo conseguido demonstrar a relação entre as medidas objetivas do domínio financeiro com o bem-estar geral percebido pelo consumidor.

A despeito do juízo de valor que se possa fazer acerca das motivações de consumo, é bastante difícil conceber o bem-estar geral de um indivíduo dissociado de seu bem-estar financeiro. Por essa razão, alguns autores ressaltam o materialismo como uma característica marcante de nossa época. Richins e Dawson (1992), por exemplo, afirmam que se trata de um fenômeno individual e também cultural em que, muitas vezes, a aquisição de bens materiais é colocada como objetivo primordial da vida, transmutando-se, portanto, no principal indicador de sucesso, bem como no caminho para a felicidade e ainda auxiliando no reconhecimento da identidade dos indivíduos.

Nessa perspectiva, poder-se-ia deduzir, “por meio daquilo que consumo, logo saberei quem sou” ou ainda, “consumo o que quero, logo sou feliz”. Evidentemente que seriam conclusões minimamente premeditadas aceitar tais afirmações de maneira taxativa, entretanto, também seria incoerente desconsiderar que os hábitos de consumo, em boa medida, revelam muito sobre quem são as pessoas, assim como seria difícil supor a felicidade de alguém que experimenta a privação material absoluta.

Em nível individual, a análise tem como parâmetro valores subjetivos, comportamentos e traços de personalidade. Já a análise cultural investiga o nível do materialismo dentro de uma

cultura para fins de comparação entre culturas e análise temporal. Ressalte-se que a amplitude desta pesquisa restringir-se-á ao âmbito individual.

Nesse contexto, o próximo tópico irá descrever sobre o construto do materialismo que é um forte preditor do bem-estar financeiro, como também do bem-estar subjetivo geral.

3.4.3 Materialismo

Existe na atualidade uma compreensão coletiva, muitas vezes tácita, acerca do significado de sucesso, de progresso ou mesmo sobre o sentido que se tem de prosperidade. Quer seja o emprego desses conceitos realizados em sentido individual ou coletivo, haverá, quase sempre, uma imediata associação do quanto a perspectiva financeira decorrente do material caracteriza a sociedade contemporânea. Existem conotações negativas e positivas relacionadas com materialismo, tendo predominância a abordagem negativa.

Para autores como Richins e Rudmin (1994), o materialismo é o algoz do equilíbrio ambiental, contribuindo para a escassez dos recursos naturais e para poluição. O materialismo também impacta no aumento da dívida pessoal, bem como na elevação das taxas de falência pessoal. Burroughs e Rindfleisch (2002) ratificam esse entendimento, afirmando que o materialismo traz consequências deletérias em longo prazo tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

De acordo com Kashdan e Breen (2007), a busca por dinheiro, riqueza e posses materiais é uma estratégia falha para aumentar o prazer e o significado da vida. Há fortes evidências que pessoas com valores materialistas são positivamente associadas a emoções negativas e inversamente associadas à relacionamento, autonomia, competência, gratidão e presença de sentido na vida. Nessa perspectiva, o materialismo pode ser prejudicial ao bem-estar (RICHINS; DAWSON, 1992; SIRGY, 1998; SHELDON et al., 2001).

A ansiedade também é identificada como mediadora na relação entre materialismo e bem-estar. Essa visão negativa do materialismo identificada nos estudos de Kashdan e Breen (2007) corroboram com trabalhos anteriores, que demonstram que o materialismo está inversamente relacionado ao cuidado e preocupação com o bem-estar de outras pessoas, incluindo menos comportamento pró-social, mais egoísmo e narcisismo (RYAN; DECI, 2000; KASSER, 2000).

Além disso, diversos estudos afirmam que pessoas materialistas tendem a experimentar uma série de problemas financeiros, como contrair dívidas, fazer compras compulsivas e declarar falências (WATSON, 2003). Conforme apontado por Larsen et al. (1999) e Wright e

Larsen (1993), o materialismo parece estar relacionado negativamente com a satisfação com a vida. Geralmente, são pessoas que exercem menos a gratidão.

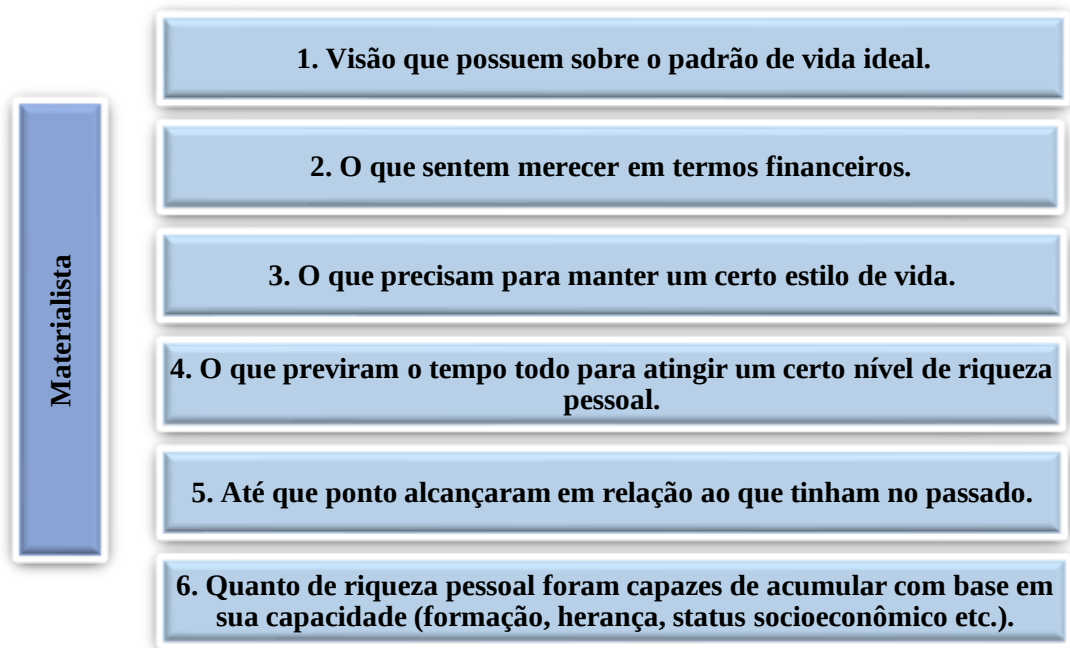
Nessa perspectiva, temos um achado consistente: o materialismo está relacionado negativamente com a satisfação geral da vida (BELK, 1985; RICHINS, 1987; DAWSON, BAMOSSY, 1991; RICHINS, DAWSON, 1992). Na metanálise realizada por Wright e Larsen (1993), os autores encontraram uma correlação negativa e estável sobre esse achado.

Em consonância, baseado na teoria *Top-down Spillover*, Belk (1985) sugeriu que as pessoas materialistas são geralmente possessivas, não generosas e invejosas. Esses são fatores disposicionais, refletindo uma tendência a experimentar emoções negativas. Em outras palavras, o efeito negativo relacionado ao materialismo disposicional pode transbordar (de cima para baixo) para influenciar a satisfação com a vida; assim, o materialismo influencia a satisfação com a vida de maneira negativa.

Já a teoria *Bottom-up Spillover* afirma que a satisfação com a vida é fortemente influenciada pela satisfação do domínio. Especificamente, afetos positivos e negativos são investidos nos domínios da vida que capturam certos tipos de experiências emocionais, que por sua vez, influenciam a sensação de bem-estar em vários domínios da vida (por exemplo, sensação de bem-estar na vida familiar, lazer, vida amorosa, vida profissional, vida social, vida espiritual e assim por diante). Um importante domínio da vida é o material (ou padrão de vida). O domínio da vida material abriga reações emocionais relacionadas a bens materiais, renda familiar, poupança, investimento, consumo e outros recursos materiais relacionados à riqueza pessoal. Nesse sentido, os julgamentos de satisfação com a vida são diretamente influenciados pelo modo como se sente em relação à vida nos importantes domínios como é o caso da vida material. Assim, os materialistas tendem a avaliar sua vida material usando expectativas infladas em comparação com os não-materialistas. Como tal, é provável que experimentem mais insatisfação com a vida material do que satisfação. Isso pode ser explicado pela relação negativa entre materialismo e bem-estar subjetivo.

Sirgy (1998) desenvolveu, a partir da perspectiva de baixo para cima, uma teoria do materialismo que lida com expectativas e avaliações do padrão de vida. De acordo com ele, os materialistas avaliam seu padrão de vida usando diferentes tipos de expectativas comparado aos não-materialistas. Para isso, o autor definiu seis tipos de expectativas encontradas no perfil do materialista (Figura 9).

Figura 9 - Expectativas dos materialistas



Fonte: adaptado de Sirgy (1998).

Conforme a Figura 9, as pessoas materialistas tendem a fazer avaliações mais frequentes de seu padrão de vida usando esses seis tipos de expectativas. Quanto maior a frequência de suas avaliações de seu padrão de vida, mais provavelmente eles fazem avaliações negativas. Também, as pessoas materialistas tendem a tornar padrão de avaliações de vida usando expectativas ideais, merecedoras e baseadas nas necessidades, mais do que pessoas não materialistas. O efeito negativo gerado pela avaliação negativa de seu padrão de vida se espalha para julgamentos da vida em geral, tornando materialista as pessoas se sentem insatisfeitas com a vida (SIRGY, 2018).

Empiricamente, Sirgy et al. (1998a, 1998b) demonstraram que o valor negativo na relação entre materialismo e satisfação com a vida pode ser explicada pela mediação da avaliação do padrão de vida. Em outras palavras, o materialismo induz avaliações frequentes do padrão de vida com base no ideal ou expectativas fantasiosas que, por sua vez, induzem insatisfação com o padrão de vida e baixo bem-estar subjetivo. Especificamente, o estudo descobriu que pessoas materialistas estão menos satisfeitas com seus bens materiais e, por sua vez, menos satisfeitas com vida do que pessoas não materialistas.

A relação negativa entre materialismo e bem-estar subjetivo também tem apoiado por uma série de pesquisas em psicologia econômica com referência a obsessão com o dinheiro ou com a consciência do dinheiro (RUBENSTEIN 1981; FURNHAM, 1983; FURNHAM; LEWIS, 1986). As medidas típicas desse construto incluem: “coloquei dinheiro antes do

prazer”; “eu sinto que o dinheiro é a única coisa que eu realmente posso contar” e “ao lado da saúde, o dinheiro é a coisa mais importante do mundo”. Assim, segundo os estudos, as pessoas que acreditam que o dinheiro desempenha um papel central em suas vidas, provavelmente ficarão insatisfeitas no trabalho, na vida amorosa e nas relações sociais. Elas são infelizes (RUBENSTEIN, 1981; FURNHAM, 1983).

Outra manifestação do materialismo é economizar muito. Aqueles que preferem economizar mais a gastar dinheiro tende a concordar com declarações como: “costumo dizer que não posso pagar mesmo se eu puder ou não”; “mesmo quando tenho dinheiro suficiente, muitas vezes sinto-me culpado por gastar dinheiro em necessidades como roupas, etc.” e “realmente eu não gosto de gastar dinheiro” (RUBENSTEIN, 1981). Essas pessoas acumuladoras acabam obtendo muito pouca felicidade de suas economias. Evidências empíricas sugerem que elas relatam níveis mais baixos de autoestima, estão descontentes com o trabalho, amigos e vidas sexuais, além de apresentar dores de cabeça frequentes (RUBENSTEIN, 1981).

Outro exemplo desse fluxo de pesquisa (ênfatisando a relação negativa entre materialismo e bem-estar subjetivo) é o estudo de Tatzel (2003). Este autor foi capaz de distinguir quatro estilos de consumidor que podem influenciar o bem-estar (Quadro 12). Tatzel (2003) demonstrou que uma pessoa caracterizada como não materialista e um tanto ‘frouxo’ com o dinheiro é provável que experimente o mais alto nível de bem-estar, em comparação com os outros três grupos (altamente materialista/seguro com dinheiro, altamente materialista/frouxo com dinheiro, e não materialista/seguro com dinheiro).

Quadro 12 - Características dos materialistas e não materialistas

Estilos de vida do consumidor baseados em disposição monetária e materialismo		
Característica	Seguro com dinheiro	Frouxo com dinheiro
Altamente materialista	É um candidato a valor, é um caçador de pechinchas, possui muitos bens materiais, gosta de fazer comparações de preços, gasta muito dinheiro para “economizar”	É um grande gastador, é exibicionista, substitui os bens materiais com frequência, associa preço alto com alta qualidade, é consciente das tendências e está sujeito a dívidas
Não materialista	Não gasta, economiza, vive um estilo de vida ascético, é avesso ao preço, não foca na qualidade na compra	É um experimentador; gasta dinheiro para recreação, autodesenvolvimento e serviços; e é generoso

Fonte: adaptado de Tatzel (2003, p. 421, tradução nossa).

Ahuvia (2001) forneceu evidências sugerindo que a satisfação com a vida diminuída dos materialistas pode ser devida a uma sensação persistente de insatisfação com sua capacidade de atender suas necessidades de ordem inferior. Isso ocorre porque os materialistas,

de acordo com Inglehart (1990) e a Teoria do Materialismo, tornou-se assim devido às experiências de privação econômica. Assim, eles crescem valorizando mais os bens materiais e aquisição de bens. Sentimento de insatisfação dos materialistas com suas necessidades mais baixas tendem a ser agravado pelo fato de os materialistas colocarem alta prioridade nessas necessidades ao avaliarem suas realizações na vida. E como os materialistas colocam muita ênfase nas coisas materiais, seus relacionamentos interpessoais tendem a sofrer como resultado (FOURNIER, RICHINS 1991; RICHINS; DAWSON, 1992; KASSER; RYAN, 1993). Assim, os materialistas podem deixar de satisfazer suas necessidades de ordem superior, pois se preocupam muito com a necessidade de aquisição de bens materiais e posse. Nesse ciclo, eles se tornam cada vez mais insatisfeitos com suas vidas.

De maneira semelhante, Kasser (2000) sugere que indivíduos orientados para objetivos materialistas e extrínsecos (ou seja, orientados para recompensas materiais e elogios) provavelmente se sentirão mais insatisfeitos com a sua vida do que aqueles que são orientados aos objetivos intrínsecos (ou seja, menos recompensas materiais e mais satisfação de necessidades psicológicas).

Em contraste, vale ressaltar que pesquisas mais recentes sobre o tema descobriram que o materialismo é uma ‘faca de dois gumes’, e que pode influenciar o bem-estar subjetivo também de forma positiva. Nessa perspectiva, o materialismo pode induzir frequentes avaliações do padrão de vida com base em expectativas semelhantes às habilidades e capacidade que a pessoa possui. Essas avaliações por sua vez, podem induzir motivação econômica. A motivação econômica leva à alta expectativa de renda, que por sua vez serve para melhorar o bem-estar subjetivo (SIRGY et al., 2013).

Outras explicações foram avançadas para explicar os efeitos positivos do materialismo no bem-estar. Hudders e Pandelaere (2012), por exemplo, conseguiram demonstrar que o materialismo contribui positivamente para a satisfação com a vida geral e material por meio do consumo de luxo, isto é, os materialistas que podem pagar/comprar itens de luxo experimentam níveis mais altos de satisfação material e bem-estar subjetivo do que os materialistas que evitam o consumo de luxo.

Além disso, contrariando alguns críticos da Sociedade de Consumo, Kilbourne, Grünhagen e Foley (2005) apresentam uma visão mais otimista para a cultura materialista, afirmando que sob uma perspectiva macro, viabiliza a maximização da riqueza de empresas, eleva o potencial de produção de capital e incentiva o investimento em pesquisa e desenvolvimento, contribuindo dessa forma para avanços tecnológicos que impulsionam a elevação do padrão da qualidade de vida de uma sociedade.

À luz do exposto, pôde-se comprovar que existe uma série de fatores pessoais e contextuais que impactam na percepção da satisfação do domínio material. Para fins desta pesquisa, foi elaborado o Modelo teórico que está exposto no Capítulo 4 a seguir.

CAPÍTULO 4 – MODELOS DE BEM-ESTAR SUBJETIVO E MODELO TEÓRICO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta vários modelos teóricos que foram testados na literatura do bem-estar subjetivo, bem como expõe as hipóteses e o modelo teórico propostos nesta tese.

4.1 MODELOS DE BEM-ESTAR SUBJETIVO

As questões relativas ao bem-estar subjetivo das pessoas podem ser compreendidas por abordagens teóricas que colaboram com uma visão genérica sobre a temática. Nesse sentido, serão detalhados oito modelos que abordam especialmente os construtos e antecedentes que foram testados e confirmados como influenciadores nos níveis de bem-estar subjetivo e de bem-estar financeiro (material) das pessoas.

4.1.1 Modelo de Sirgy et al. (2009)

No estudo de Sirgy et al. (2009) os autores criaram um modelo de bem-estar comunitário com base na Teoria *Bottom-up Spillover* (transbordamento de baixo para cima) da satisfação com a vida. Segundo os autores, o bem-estar comunitário é desenvolvido com base na noção de que residentes da comunidade percebem o impacto na qualidade de vida (QV) a partir dos serviços comunitários e condições em vários domínios da vida (por exemplo, família, social, lazer, saúde, financeiro, cultural, consumidor, trabalho, espiritual e ambiental). Essas percepções influenciam a percepção geral dos moradores sobre o bem-estar da comunidade, seu compromisso com a comunidade, e sua satisfação geral com a vida.

Em outras palavras, em vez de capturar a satisfação dos moradores com vários serviços comunitários e condições da comunidade, os autores propuseram que é melhor capturar as percepções dos residentes sobre os sistemas comunitários (serviços e condições da comunidade) e a maneira que eles percebem impactar os vários domínios da vida. O Quadro 13 consta os domínios da vida definidos pelos autores.

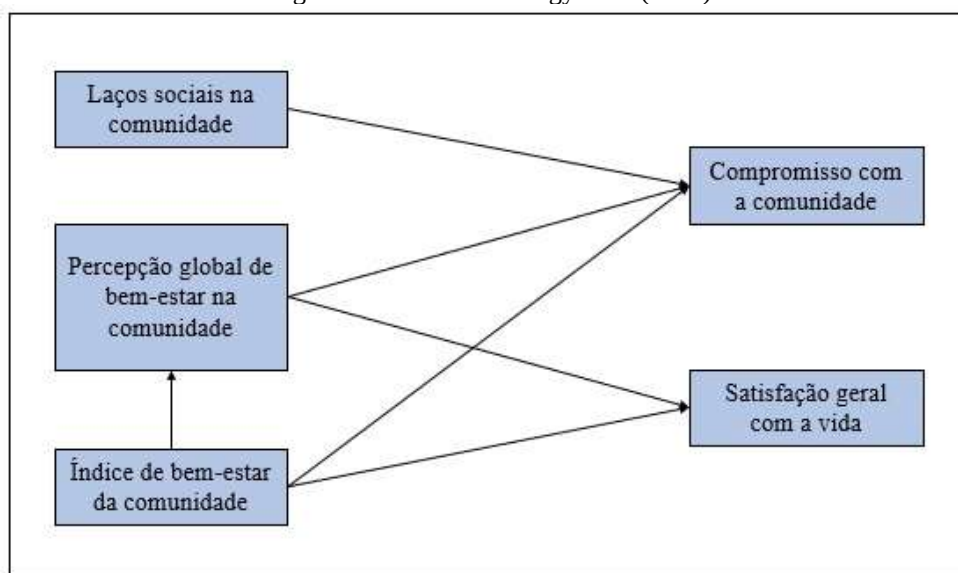
Quadro 13 - Domínios da vida em comunidade

Bem-estar da comunidade	Dimensões do bem-estar subjetivo
Domínios da vida	Bem-estar social
	Bem-estar de lazer
	Bem-estar da saúde
	Bem-estar de segurança
	Bem-estar familiar e doméstico
	Bem-estar político
	Bem-estar espiritual
	Bem-estar da vizinhança
	Bem-estar ambiental
	Bem-estar do transporte
	Bem-estar da educação
	Bem-estar no trabalho
	Bem-estar financeiro
	Bem-estar do consumidor

Fonte: Sirgy et al. (2009).

Ao definir os domínios da vida em comunidade, os autores propuseram o seguinte modelo a ser testado (Figura 10):

Figura 10 - Modelo de Sirgy et al. (2009)



Fonte: Sirgy et al. (2009).

Conforme exposto anteriormente, os autores desenvolveram uma nova medida de bem-estar comunitário, com base na noção de que os moradores da comunidade percebem o impacto na qualidade de vida (QV) dos serviços comunitários e condições no contexto dos domínios da vida.

De acordo com Sirgy et al. (2009), as percepções no domínio da vida influenciam a percepção geral de bem-estar dos moradores sobre a comunidade, seu compromisso com a

comunidade e sua satisfação geral com a vida. Os dados da pesquisa foram coletados na área de Flint (Michigan, EUA) em quatro ondas (1978, 1990, 2001, e 2006).

A partir do modelo destacado acima os autores propuseram as hipóteses a seguir:

Quadro 14 - Construtos e hipóteses do estudo de Sirgy et al. (2009)

Hipóteses	Resultado
H1: O índice composto de bem-estar da comunidade (a medida focal) deve prever significativamente a percepção global do bem-estar da comunidade.	Suportada
H2: O índice composto de bem-estar da comunidade (a medida focal) deve prever significativamente o compromisso da comunidade.	Suportada
H3: O índice composto de bem-estar da comunidade (a medida focal) deve prever significativamente a satisfação geral com a vida.	Suportada
H4: A percepção global do bem-estar da comunidade deve prever significativamente a satisfação geral com a vida.	Parcialmente suportada
H5: A percepção global do bem-estar da comunidade deve prever significativamente o comprometimento com a comunidade.	Suportada
H6: A força dos laços sociais com a comunidade deve prever significativamente o comprometimento com a comunidade.	Suportada

Fonte: Sirgy et al. (2009).

Como pode ser observado no Quadro 14, os resultados apoiam as hipóteses do estudo. Assim, os autores concluem que o índice composto de bem-estar da comunidade prevê significativamente a percepção global do bem-estar da comunidade, o compromisso da comunidade e a satisfação geral com a vida. Os resultados mostram também que o índice composto de bem-estar da comunidade de fato tem uma influência preditiva positiva na satisfação geral com a vida, com exceção do ano de 2006. Os autores reforçam que a medida da satisfação geral com a vida não estava disponível para os dados de 1978 e 1990, por esse motivo eles não foram capazes de testar a relação com esses dois conjuntos de dados e a hipótese 4 foi parcialmente suportada. Por fim, a hipótese que a força dos laços sociais com a comunidade prever o comprometimento com a comunidade também foi validada.

Diante do exposto, os autores mencionam que a medida criada por eles sobre o bem-estar comunitário é superior as medidas existentes, pois é baseada na teoria ascendente que é bastante aceita pelos pesquisadores de QV, isto é, a teoria de baixo para cima da satisfação com a vida (ANDREWS; WITHEY, 1976; CAMPBELL; CONVERSE; RODGERS, 1976). Além disso, a medida de Sirgy et al. (2019) é consideravelmente mais eficaz porque é um diagnóstico em relação aos domínios da vida que a maioria dos cidadãos e funcionários de políticas públicas estão familiarizados. Com isso, o estudo dos autores tem maior utilidade para funcionários de políticas públicas e outros líderes empresariais e de ONGs da comunidade do que as medidas realizadas em estudos anteriores.

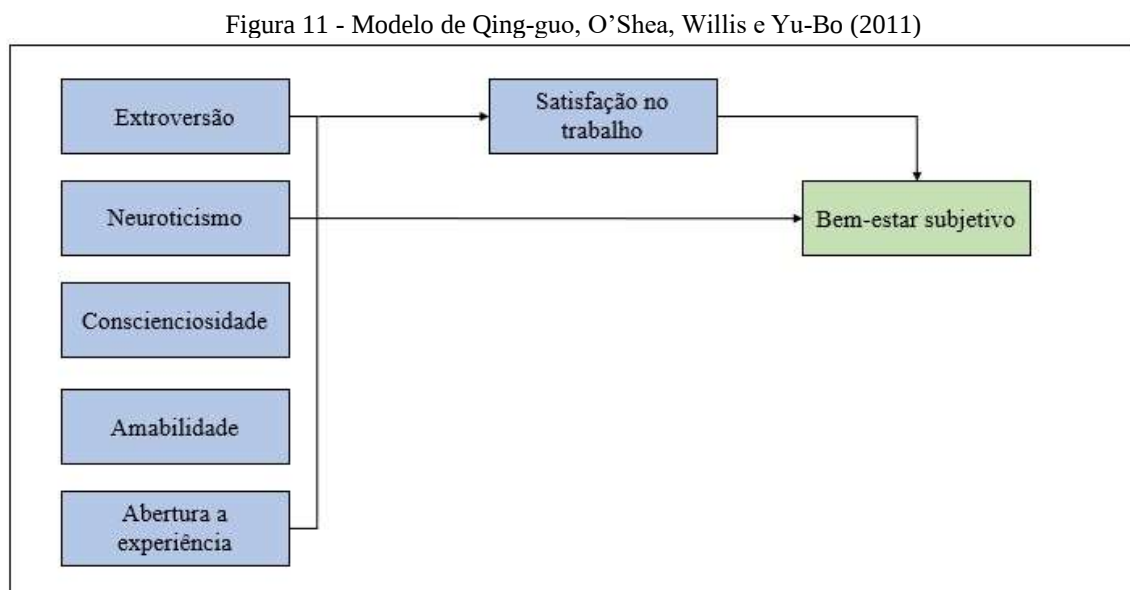
Ao monitorar a percepção dos residentes sobre o bem-estar nesses 14 domínios da vida, os formuladores de políticas públicas têm uma melhor compreensão de como desenvolver, modificar e/ou aprimorar programas e políticas específicas que contribuam diretamente para a percepção global do bem-estar dos moradores da comunidade e para a satisfação geral da vida, sem mencionar o fortalecimento entre os laços dos moradores com a comunidade.

4.1.2 Modelo de Qing-guo, O'Shea, Willis e Yu-Bo (2011)

O estudo de Qing-guo et al. (2011) examinou o efeito dos cinco grandes traços de personalidade (Big Five) no bem-estar subjetivo (BES), e testou a mediação da satisfação no trabalho na relação entre os traços de personalidade e o bem-estar subjetivo.

A amostra da pesquisa foi de 818 funcionários das cidades chinesas de Harbin, Changchun, Shenyang, Dalian e Fushun. A aplicação do instrumento de pesquisa foi realizada no ano de 2009 e envolveu profissionais da área de vários setores e grupos da indústria incluindo manufatura, serviços de saúde, educação e agências governamentais.

Com base nos construtos e relações analisadas por Qing-guo et al. (2011), pode-se dizer que este estudo foi baseado na perspectiva da teoria *Top-down Spillover*, ou seja, a influência no bem-estar subjetivo se dá de cima para baixo. A seguir é exposto o modelo testado pelos autores e os resultados da pesquisa (Figura 11).



Fonte: Qing-guo, O'Shea, Willis e Yu-Bo (2011).

Como resultados, os autores confirmaram a relação entre a ‘extroversão’ e o bem-estar subjetivo mediado pela satisfação no trabalho. Encontraram também que os traços de personalidade denominados de ‘conscienciosidade’ e o ‘neuroticismo’ têm efeito direto no bem-estar subjetivo.

Além disso, foi verificado que a Teoria Big Five prevê melhor o bem-estar subjetivo do que a satisfação no trabalho, isto é, os cinco grandes traços de personalidade possuem relação direta com o bem-estar subjetivo. Este resultado, corrobora com vários estudos anteriores conforme pôde ser observado nos Capítulos 2 e 3 desta tese. Mais especificamente, os resultados apontaram um efeito significativo da ‘extroversão’, ‘neuroticismo’ e ‘conscienciosidade’ no bem-estar subjetivo.

Vale ressaltar que a ‘extroversão’ teve um efeito mais forte do que o ‘neuroticismo’ em prever o bem-estar subjetivo, o que, segundo os autores, sugere que a cultura pode moderar os cinco grandes fatores e o bem-estar subjetivo.

A ‘extroversão’ teve maior poder preditivo do bem-estar subjetivo do que os outros cinco fatores. Tal achado, é consistente com os estudos existentes fora (STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008) e dentro da China (ZHANG, 2005). Além disso, verificou-se que a ‘extroversão’ tem efeito direto no BES e um efeito indireto no BES via satisfação no trabalho. Por fim, Qing-guo et al. (2011) afirmam que a ‘extroversão’ pode desempenhar um papel ainda mais importante no alívio do estresse das pessoas.

Quanto ao ‘neuroticismo’, o estudo também revelou ser significativamente relacionado ao bem-estar subjetivo. A hipótese do ‘neuroticismo’ influenciar negativamente no BES foi confirmada. Este resultado é consistente com os estudos realizados anteriormente e sustenta a teoria instrumental, ao indicar que pessoas altamente negativas provavelmente possuem níveis de bem-estar subjetivo menores (ZHANG, 2005; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008).

No que se refere ao traço denominado ‘conscienciosidade’, constatou-se também um efeito positivo e direto no BES, mas nenhum efeito indireto no BES via satisfação no trabalho. A descoberta de um efeito direto positivo de consciência apoia a teoria instrumental, que sugerem que indivíduos altamente conscientes provavelmente obtenha mais recompensas formais e informais. A descoberta de um efeito indireto não significativo da consciência no BES via satisfação no trabalho implica que a consciência é um preditor mais forte de BES do que um preditor de satisfação no trabalho.

Já o traço de personalidade classificado como ‘amabilidade’ segundo a pesquisa, não apresentou efeito direto significativo no BES, nem efeito indireto significativo no BES via satisfação no trabalho. Apesar do traço de ‘amabilidade’ não estar relacionado à satisfação no

trabalho e no bem-estar subjetivo, esse resultado foi bastante semelhante às meta-análises realizadas anteriormente (JUDGE et al., 2002; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008), o que sugere que o achado no estudo não deve-se a anomalia nos dados, mas sim à inclusão de outras características e variáveis demográficas. Por exemplo, os achados de uma relação não significativa entre amabilidade e BES é consistente com o estudo de Zhang (2005).

Finalmente, Qing-guo et al. (2011) descobriram que os efeitos dos cinco grandes traços de personalidade no bem-estar subjetivo são principalmente diretos, em vez de indiretos via mediação da satisfação no trabalho. A extroversão é o maior preditor entre eles.

4.1.3 Modelo de Strobel, Tumasjan e Sporrle (2011)

Inicialmente, Strobel, Tumasjan e Sporrle (2011) justificam o estudo mencionando que em pesquisas anteriores foi verificada que a autoeficácia conecta funcionalmente os fatores de personalidade aos componentes afetivos (felicidade subjetiva) e cognitivo (satisfação com a vida) do bem-estar subjetivo (BES). Além disso, fatores de personalidade e autoeficácia são predominantemente consideradas preditores, e não consequências do BES. Ainda, a autoeficácia pode mediar a relação entre personalidade e BES.

Nesse contexto, a pesquisa dos autores teve como objetivo geral analisar a autoeficácia como mediadora entre os fatores de personalidade (Big Five – variável independente) e o bem-estar subjetivo (BES – variável dependente). Para tanto, testaram três hipóteses destacadas a seguir:

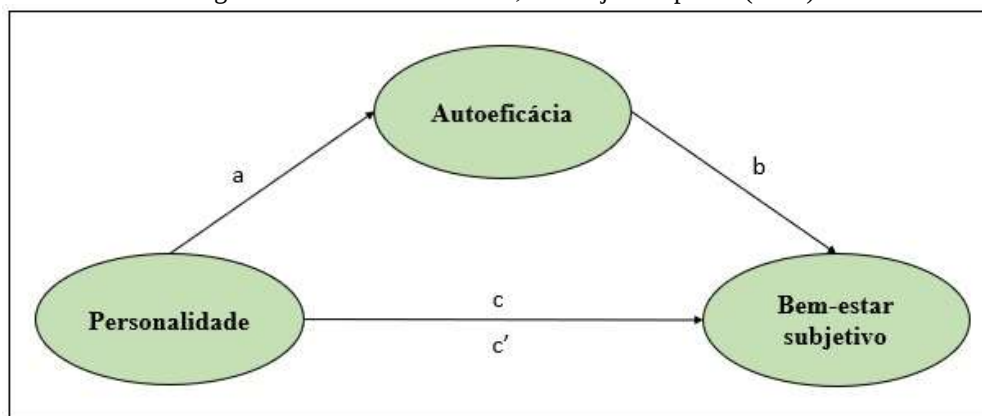
H1: A influência do neuroticismo e da extroversão na satisfação com a vida será mediada pela autoeficácia.

H2: A influência da abertura à experiência e da conscienciosidade na satisfação com a vida será mediada pela autoeficácia.

H3: A influência do neuroticismo, extroversão, abertura à experiência e a conscienciosidade sobre o bem-estar subjetivo será mediada pela autoeficácia.

Como resultado, o trabalho mostrou conexões estreitas entre a personalidade e o bem-estar subjetivo, sugerindo que os traços de personalidade predis põem os indivíduos a experimentarem diferentes níveis de BES. A Figura 12 destaca o modelo proposto no estudo dos autores.

Figura 12 - Modelo de Strobel, Tumasjan e Sporrle (2011)



*Nota: a = efeito de fatores de personalidade (neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, conscienciosidade) na autoeficácia; b = efeito da autoeficácia no bem-estar subjetivo (BES); c = efeito total da personalidade no BES quando a autoeficácia não é incluída como mediadora; c' = efeito direto de fatores de personalidade no BES quando a autoeficácia é incluída como mediadora.

Fonte: Strobel, Tumasjan e Sporrle (2011).

Participaram do estudo 180 respondentes com idades entre 19 e 60 anos ($M = 26,32$, $DP = 8,26$). A amostra foi predominantemente constituída por estudantes universitários (72,8%; idade $M = 23,15$, $DP = 3,79$) que foram recrutados no campus da universidade. O preenchimento da pesquisa demandou cerca de 20 minutos para que os participantes respondessem completamente e os participantes não foram pagos, mas os que desejaram, receberam crédito no curso pela participação. Os demais participantes eram empregados (21,7%; idade: $M = 33,77$, $DP = 9,62$) ou autônomos (5,5%; idade: $M = 38,7$, $DP = 14,17$) e puderam preencher o questionário em casa.

Os traços de personalidade foram avaliados com a tradução alemã do *NEO-Five-Factor-Inventory* (NEO-FFI) de Costa e McCrae (1992) e adaptada por Borkenau e Ostendorf (1993). A autoeficácia foi medida usando a *General Self-Efficacy Scale* (GSES) de Schwarzer e Jerusalém (1999). As duas facetas do BES (cognitiva e afetiva) foram avaliadas a partir dos escores da *Satisfaction with Life Scale* (SWLS) de Diener et al. (1985) e a avaliação global afetiva foi obtida pela *Subjective Happiness Scale* (SHS) de Lyubomirsky e Lepper (1999).

Consistente com as expectativas dos autores, os resultados deste estudo corroboram com os achados anteriores sobre as associações entre os fatores de personalidade e indicadores cognitivos e afetivos de BES, entre autoeficácia e Big Five, e entre a autoeficácia e os componentes cognitivos e afetivos do BES. Portanto, confirmam pesquisas anteriores que revelam associações entre o Big Five, indicadores cognitivos e afetivos do BES e autoeficácia.

Especificamente, a Hipótese 1 afirmou que a influência do ‘neuroticismo’ e da ‘extroversão’ na satisfação com a vida é mediada pela autoeficácia. A Hipótese 2 afirmou que

a influência da ‘abertura à experiência’ e a ‘conscienciosidade’ sobre a satisfação com a vida também é mediada pela autoeficácia. Com isso, os autores concluem que a autoeficácia pode ser considerada uma mediadora na influência de traços de personalidade na satisfação com a vida. Portanto, além de fatores de personalidade influenciando diretamente a satisfação com a vida, há também uma via de mediação da autoeficácia. Pessoas com pouco ‘neuroticismo’ e com alta ‘extroversão’, ‘abertura à experiência’ e ‘conscienciosidade’ não são apenas predispostas a serem mais satisfeitas com a vida do que outras pessoas, mas também possuem níveis mais altos de autoeficácia, que por sua vez, aumenta a satisfação com a vida geral.

Finalmente, a Hipótese 3 foi confirmada apenas parcialmente. Segundo os dados, a autoeficácia é uma mediadora significativa nas relações entre os fatores de ‘abertura à experiência’ e ‘conscienciosidade’ e felicidade subjetiva, por outro lado, não há evidências de um efeito mediador da autoeficácia para as influências do ‘neuroticismo’ e ‘extroversão’ na felicidade subjetiva. Os autores explicam que essa diferença pode ser porque os fatores de personalidade do ‘neuroticismo’ e ‘extroversão’ estão mais intimamente ligados a experiências afetivas que os demais fatores de personalidade. Assim, esses dois fatores de personalidade podem afetar a felicidade subjetiva determinada substancialmente por experiências afetivas. Em tão forte relação, mecanismos cognitivos intervenientes, como crenças de autoeficácia, podem não ter papel importante. Já os fatores de personalidade com uma noção menos afetiva (como ‘abertura à experiência’ e ‘conscienciosidade’) podem exercer sua influência na felicidade subjetiva por meio de crenças cognitivas.

Por fim, os autores concluem que os fatores de personalidade são disposições relativamente estáveis, enquanto a autoeficácia e o BES são considerados mais ‘maleáveis’. Assim, os fatores de personalidade são mais prováveis de preceder e influenciar a autoeficácia e o BES do que o contrário.

Vale ressaltar que esse estudo foi pautado na teoria *Top-down Spillover*, ou seja, a influência no bem-estar subjetivo se dá de cima para baixo, e corrobora com os achados anteriores conforme descritos nos Capítulos 2 desta tese.

4.1.4 Modelo de Tsang et al. (2014)

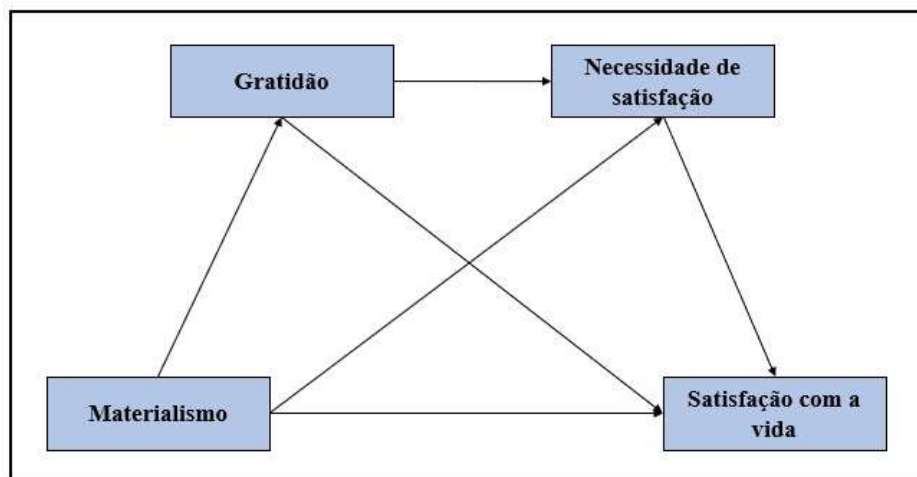
Pesquisas sugerem que os materialistas, apesar de sua crescente tendência a alcançar objetivos materiais, tendem a ser menos satisfeitos globalmente com suas vidas. Por exemplo, é mais provável que os materialistas estejam deprimidos (MUELLER et al., 2011), solitários (PIETERS, 2013) e tenham uma menor autoestima.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido por Tsang et al. (2014), analisou o papel da gratidão e a necessidade de satisfação com os construtos do materialismo e a satisfação com a vida. Segundo os autores, a gratidão pode estar relacionada a necessidades psicológicas não atendidas.

Diante desse contexto, Tsang et al. (2014) afirmam que o materialismo tem sido consistentemente relacionado a níveis mais baixos de satisfação com a vida e consequentemente, apresentam níveis mais baixos de felicidade (autorrelato). Os autores sugerem que uma das razões para esse relacionamento negativo é a probabilidade de pessoas materialistas serem mais difíceis de agradecer.

Em vez de ficarem satisfeitos com o que têm, os materialistas podem se concentrar no que não têm, dificultando a apreciar o lado positivo em suas vidas. Tal orientação pode fazer com que seja mais difícil para os materialistas obterem suas necessidades psicológicas cumpridas, contribuindo ainda mais para diminuir a satisfação com a vida. Por esse motivo, Tsang et al. (2014) propõem que os materialistas estão menos satisfeitos com suas vidas por experimentarem menos gratidão. Assim, se o materialismo está associado à diminuição da gratidão, pode explicar em parte por que os materialistas são menos felizes (Figura 13).

Figura 13 - Modelo de Tsang et al. (2014)



Fonte: Tsang et al. (2014).

A pesquisa associou gratidão a vários índices de bem-estar, incluindo diminuição da depressão, aumento das avaliações positivas da vida, afeto positivo, sentido percebido na vida e satisfação com a vida. A gratidão parece conferir benefícios robustos para o bem-estar (TSANG et al., 2014).

Por meio de um questionário estruturado o estudo obteve uma amostra de 246 respondentes. O instrumento de pesquisa foi disponibilizado por meio digital (on-line) e

participaram da pesquisa estudantes de graduação em marketing. A idade média dos respondentes foi de 21 anos (intervalo de 18 a 25 anos).

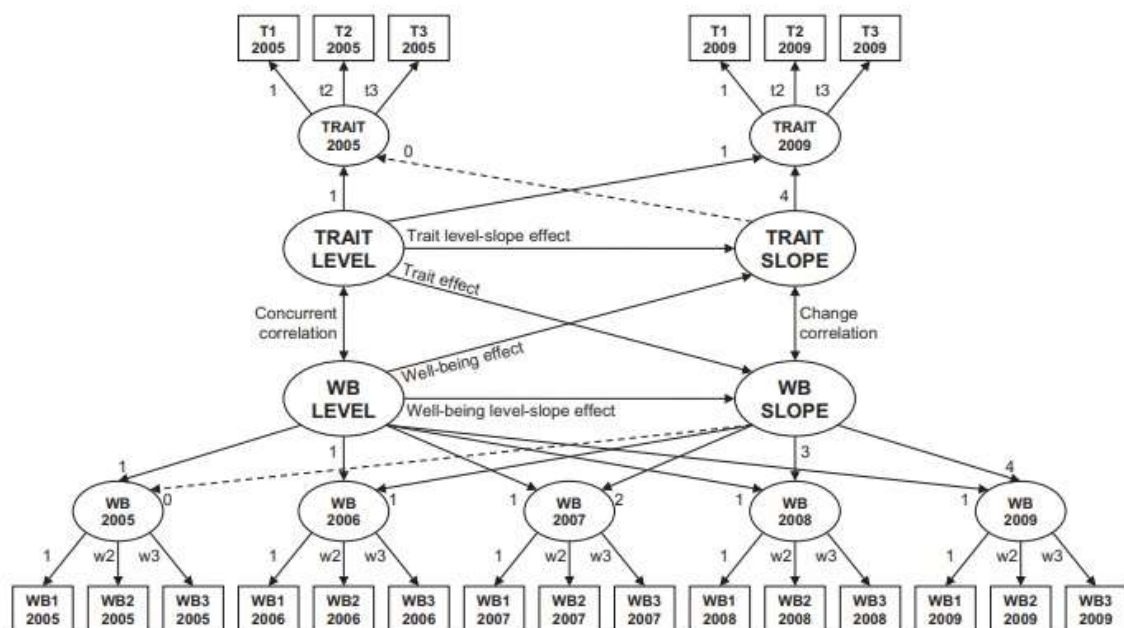
Consistente com as previsões, a gratidão e a satisfação com as necessidades mediam a relação entre materialismo e diminuem a satisfação com a vida. A gratidão foi uma direta mediadora, ao passo que a satisfação da necessidade teve um papel indireto por sua relação com a gratidão. Por fim, os resultados do estudo puderam esclarecer por que aqueles com alto materialismo são menos felizes do que aqueles com baixo materialismo.

4.1.5 Modelo de Soto (2015)

A pesquisa de Soto (2015) examinou as relações longitudinais dos cinco grandes traços de personalidade com os três aspectos centrais do bem-estar subjetivo: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo.

A amostra da pesquisa foi bastante representativa com 16.367 respondentes, ambos residentes da Austrália. As aplicações dos instrumentos de pesquisa ocorreram entre os anos de 2005 e 2009. Vale ressaltar que os participantes do estudo foram avaliados anualmente por meio de questionário e entrevista. A Figura 14 apresenta o modelo teórico da pesquisa de Soto (2015).

Figura 14 - Modelo de Soto (2015)



Legenda: TRAIT (Traço) = extroversão, amabilidade, conscienciosidade (consciência), neuroticismo ou abertura à experiência. WB (Bem-estar subjetivo) = satisfação com a vida, afeto positivo ou afeto negativo.

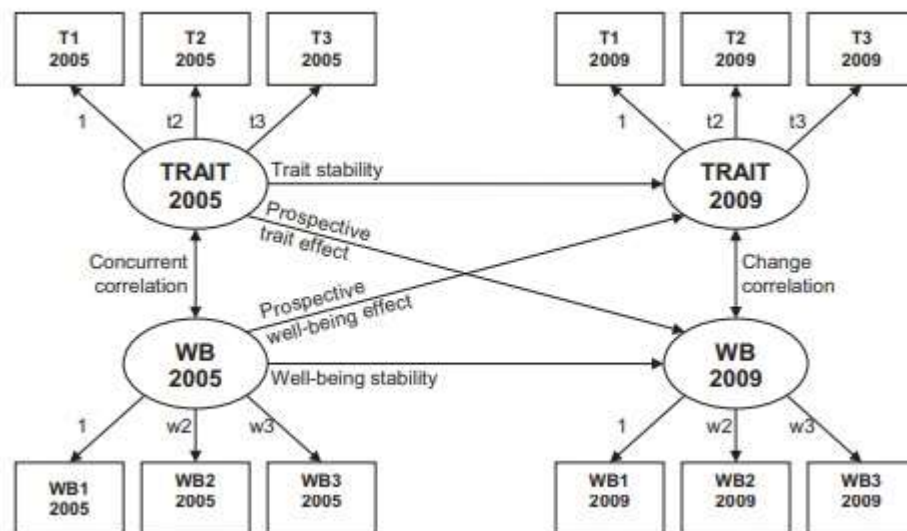
Fonte: Soto (2015).

A partir das análises das correlações, o estudo de Soto (2015) concluiu que níveis mais altos de bem-estar subjetivo estavam associados a níveis mais altos de extroversão, conscienciosidade (consciência) e amabilidade e com níveis mais baixos de neuroticismo. As descobertas desafiam a suposição comum de que associações de traços de personalidade com o bem-estar subjetivo são inteiramente, ou quase inteiramente, devido a influências de traços no bem-estar.

Com isso, o padrão de correlações simultâneas realizados no estudo indica que indivíduos com personalidades mais extrovertidas, agradáveis, conscientes e emocionalmente estáveis tendem a experimentar uma vida mais elevada em termos de satisfação e afeto positivo, e menos afeto negativo. As correlações de mudanças indicam que aumentos e diminuições nessas mesmas características estão associados com mudanças paralelas no bem-estar. Ambos os conjuntos de descobertas são consistente com pesquisas anteriores estabelecendo associações simultâneas de traços de personalidade com bem-estar subjetivo.

Os resultados apoiam a hipótese alternativa de que traços de personalidade e aspectos de bem-estar influenciam-se mutuamente ao longo do tempo (Figura 15).

Figura 15 - Modelo autorregressivo de Soto (2015)



Legenda: TRAIT (Traço) = extroversão, amabilidade, conscienciosidade (consciência), neuroticismo ou abertura à experiência. WB (Bem-estar subjetivo) = satisfação com a vida, afeto positivo ou afeto negativo.

Fonte: Soto (2015).

Vale lembrar que a presente pesquisa vai além de associações concorrentes, estabelecendo também efeitos prospectivos: traços de personalidade prevê mudanças subsequentes no bem-estar subjetivo e o bem-estar prever mudanças subsequentes na personalidade. Especificamente, o padrão de efeitos de traços indica que as pessoas que

inicialmente são extrovertidas, agradáveis, conscientes e emocionalmente estáveis, tendem a aumentar a satisfação com a vida e o afeto positivo, e apresentam uma diminuição no efeito negativo ao longo do tempo. Os efeitos no bem-estar indicam que as pessoas que inicialmente experimentam alto bem-estar tendem a se tornar mais tarde indivíduos mais agradáveis, conscientes e emocionalmente estáveis. Essas descobertas prospectivas aumentam substancialmente a compreensão de que a teoria dos traços de personalidade (Big Five) e o bem-estar subjetivo influenciam-se mutuamente.

Por fim, Soto (2015) acrescenta que a satisfação com a vida e os afetos positivo e negativo, podem ter relação com os fatores biológicos, sociais e psicológicos, já que demonstraram prever prospectivamente a ‘mudança’ de personalidade. Segundo Soto (2015), esses resultados corroboram com os achados nos estudos anteriores de Helson e Soto (2005), Boog e Roberts (2004) e Jackson et al. (2012).

4.1.6 Modelo de Díaz e Arroyo (2017)

A pesquisa de Díaz e Arroyo (2017) analisou os antecedentes e consequentes dos valores materiais. Para isso, os autores realizaram dois estudos conduzidos entre estudantes universitários do México. Os participantes preencheram uma bateria de questionários envolvendo os construtos de autonomia, materialismo, satisfação com a vida, afeto positivo, afeto negativo e preferências de trabalho.

Díaz e Arroyo (2017) usaram a teoria dos valores materiais de Kasser (2000) como estrutura orientadora. O objetivo dos estudos foi examinar o papel da orientação da comparação social e do apoio à autonomia como antecedentes dos valores materiais, como também avaliar as consequências afetivas, cognitivas e comportamentais de manter valores materiais.

Conforme a teoria dos valores materiais, os indivíduos podem chegar a endossar esses valores por duas razões principais: (1) modelos sociais que defendem a importância de bens materiais como um processo de socialização e (2) falta de cumprimento dos princípios psicológicos básicos tais como necessidades de autonomia, relacionamento e competência, que cria sentimentos de segurança. Na presente investigação, os autores analisaram o papel da orientação da comparação social (estudo 1 e 2) e apoio à autonomia (estudo 2) como proxies dos dois fatores sugeridos pela teoria dos valores materiais e examinaram os seus papéis como possíveis antecedentes do materialismo.

Para testar o papel da comparação social como um antecedente dos valores materiais, os autores realizaram dois estudos e formularam as seguintes hipóteses:

H1: A orientação da comparação social teria um efeito positivo no materialismo.

H2: O apoio à autonomia teria um efeito negativo no materialismo.

H3a: O materialismo teria um efeito negativo na satisfação com a vida.

H3b: O materialismo teria um efeito negativo no afeto positivo.

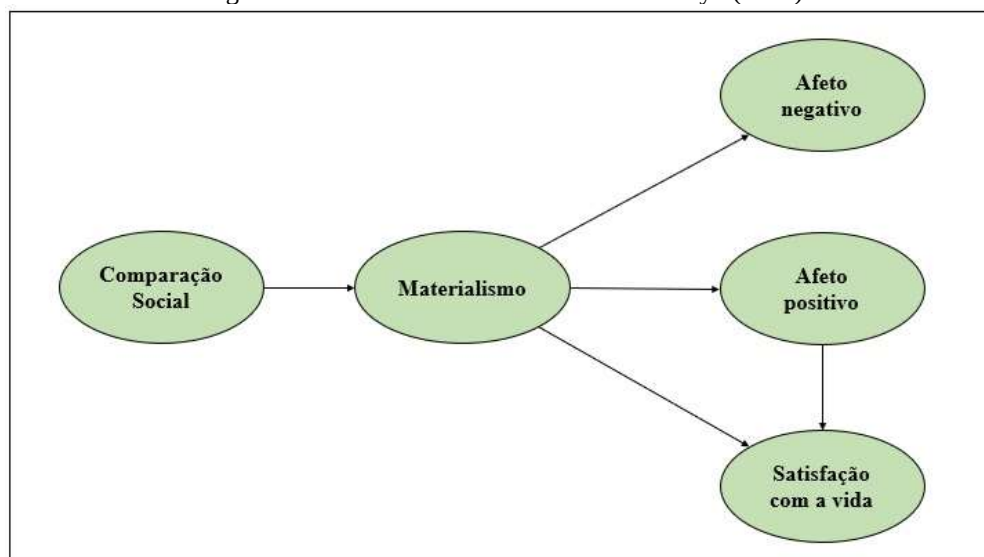
H3c: O materialismo teria um efeito positivo no afeto negativo.

H4: O materialismo aumentaria a probabilidade de escolher empregos com salários mais altos, mas mais longos.

Ambos os estudos foram realizados com o objetivo de identificar alguns antecedentes e consequentes do materialismo. A seguir estão descritos os dois estudos de forma breve:

Estudo 1: examinou o papel da orientação para comparação social como antecedente do materialismo e a influência dos valores materiais na satisfação com a vida, afetos positivos e negativos e preferências de trabalho. A Figura 16 demonstra as relações testadas.

Figura 16- Modelo do estudo 1 de Díaz e Arroyo (2017)



Fonte: Díaz e Arroyo (2017).

No estudo 1 participaram 386 universitários (247 mulheres e 139 homens) de duas universidades particulares da região da Cidade do México (Universidade Anáhuac) e Puebla (Universidade Popular Autónoma do Estado de Puebla). A idade média foi de 22,47 (DP = 2,45). Os alunos receberam crédito extra por sua participação e preencheram os questionários em pequenos grupos de dois ou três. Cada questionário demorou entre 15 e 20 minutos para ser concluído.

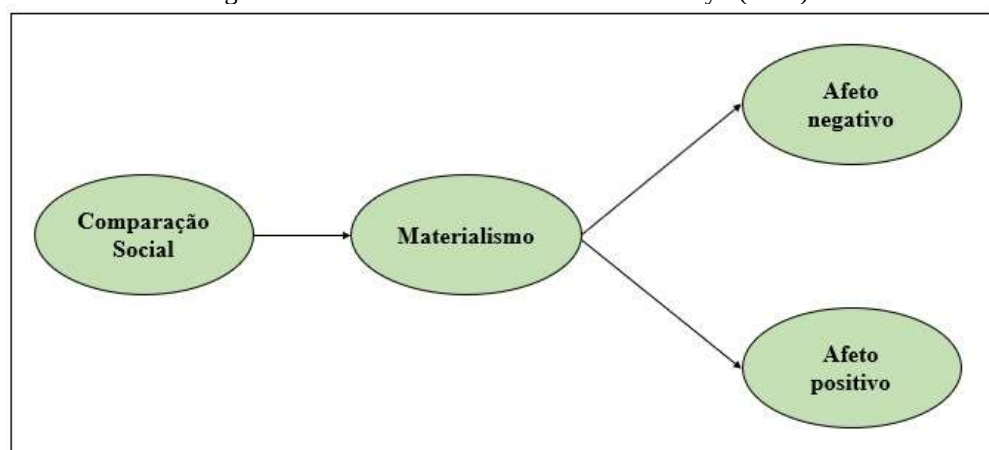
Os resultados mostraram que a comparação social teve um efeito positivo significativo no materialismo. Os resultados também apontaram que o materialismo influenciou os

resultados afetivos, cognitivos e comportamentais. O efeito significativo da comparação social no materialismo foi encorajador, mas os autores conduziram um estudo adicional (estudo 2) para validar ainda mais os resultados obtidos no estudo 1 e analisar o apoio à autonomia como outro antecedente do materialismo.

Estudo 2: examinou o papel da orientação e autonomia na comparação social como antecedentes dos valores materiais, e a influência dos valores materiais nos afetos positivo e negativo.

Para isso, participaram 339 estudantes universitários (194 mulheres e 145 homens) de duas universidades particulares da Cidade do México (Universidade Anáhuac) e Puebla (Universidade Popular Autônoma do Estado de Puebla). A idade média foi de 21,54 anos (DP = 2,61). Assim como no estudo 1, os alunos receberam crédito extra pela participação. Além disso, também preencheram os questionários em pequenos grupos de dois ou três e levaram cerca de 15 a 20 minutos para concluir (Figura 17).

Figura 17 - Modelo do estudo 2 de Díaz e Arroyo (2017)



Fonte: Díaz e Arroyo (2017).

De acordo com a análise dos dados, o estudo 2 validou ainda mais a importância da comparação social como antecedente do materialismo. No entanto, os resultados mostraram que o apoio à autonomia não previu o endosso de valores materiais. Por fim, o materialismo teve um efeito significativo nos afetos positivo e negativo.

Os autores mencionam que a comparação social é um importante preditor do materialismo porque nos comparamos com os outros para saber mais sobre nós mesmos. Assim, a conveniência de bens materiais não é apenas uma função do valor absoluto do que se têm, mas também do que outros considerados ‘importantes’ possuem. É por natureza mais

comparativa. Os seres humanos não estão naturalmente equipados para avaliar bens materiais; assim, a avaliação vem da comparação entre o que tem em relação aos outros. Desse modo, comparações sociais tornar-se uma força motriz para decidir e estimar o que é desejável possuir.

Os resultados mostraram também que a adoção de valores materiais está relacionada a menores níveis de afeto positivo e satisfação com a vida e com níveis mais altos de afeto negativo. Esses resultados são consistentes com uma ampla gama de investigações apresentadas nos Capítulos 2 e 3 nesta tese.

No entanto, Díaz e Arroyo (2017) fazem uma reflexão sobre qual seria o motivo da adoção de valores materiais ser tão difundida (e.g., KASSER, 2000; BAUMAN, 2008), haja vista que isso não leva a níveis mais altos de bem-estar. Os autores mencionam que a resposta pode vir da conceituação de situações da psicologia evolucionária. De acordo com a psicologia evolucionária, somos projetados para prestar muita atenção e agir em situações que facilitem ou dificultem a realização de um dos principais objetivos da vida humana, que é ultrapassar as gerações com sucesso. Para conseguir isso, as pessoas precisam escolher um(a) companheiro(a). Nesse contexto, encontrar maneiras de atrair um parceiro desejável é uma situação na qual os humanos são projetados para prestar atenção e agir sobre ele. As chances de ter acesso a um parceiro ideal aumentam substancialmente se alguém se classifica em termos mais altos de status social. Nesse sentido, as posses materiais são uma maneira de se comunicar com essa classificação social. Segue-se, então, que possuir bens materiais pode ser uma maneira de se apresentar como um candidato “atraente” para parceiros em potencial, comunicando um alto status social (BUSS, 2009).

Por fim, os resultados dos estudos de Díaz e Arroyo (2017) mostraram que as pessoas com níveis mais altos de materialismo eram mais propensas a escolher ofertas de emprego que envolviam trabalho com mais horas e mais atividades de rotina para ganhar mais dinheiro. De tal modo, pessoas com altos níveis de materialismo escolhem ter a chance de ganhar mais dinheiro. Essa decisão deve ter um pequeno efeito sobre o bem-estar, uma vez que pesquisas indicam que a renda tem um pequeno efeito no BES, mas deve facilitar a aquisição de bens materiais, que ironicamente não vai levar a níveis mais altos de bem-estar subjetivo e podem, inclusive, levar a níveis mais baixos na satisfação no trabalho.

4.1.7 Modelo de Netemeyer et al. (2017)

Nos estudos de Netemeyer et al. (2017), os autores buscaram demonstrar a relação entre o bem-estar financeiro e sua relação com o bem-estar geral, pois a literatura sobre bem-estar reconhece as finanças como um dos muitos domínios do bem-estar geral.

Os autores apontam que os principais domínios do bem-estar geral são: o financeiro, a saúde, o trabalho e o relacionamento. Ao escolher estudarem o domínio financeiro, buscaram analisar os efeitos do bem-estar financeiro sobre o bem-estar geral do consumidor. Nesse sentido, esse estudo está em consonância com a Teoria *Bottom-up Spillover*, isto é, o transbordamento se dá de baixo para cima. Para isso, Netemeyer et al. (2017) desenvolveram e validaram uma escala de bem-estar financeiro, que visa medir o estresse da gestão atual financeira e a segurança financeira futura esperada das pessoas.

Netemeyer et al. (2017) destacam que apesar do bem-estar financeiro percebido ser visto como um tópico importante de pesquisa do consumidor, a literatura não contém uma definição aceita desse construto. Além disso, tem havido pouco exame sistemático de como o bem-estar financeiro percebido pode afetar o bem-estar geral.

Nesse contexto, usando narrativas financeiras do consumidor, várias pesquisas em grande escala e dois experimentos, os autores conceituaram o bem-estar financeiro percebido como dois construtos relacionados, mas separados: (1) estresse relacionado à gestão do dinheiro atual e (2) sensação de segurança financeira futura esperada. Para tanto, desenvolveram e validaram medidas desses constructos e, em seguida, demonstraram sua relação com o bem-estar geral, controlando para outros domínios da vida e medidas objetivas do domínio financeiro.

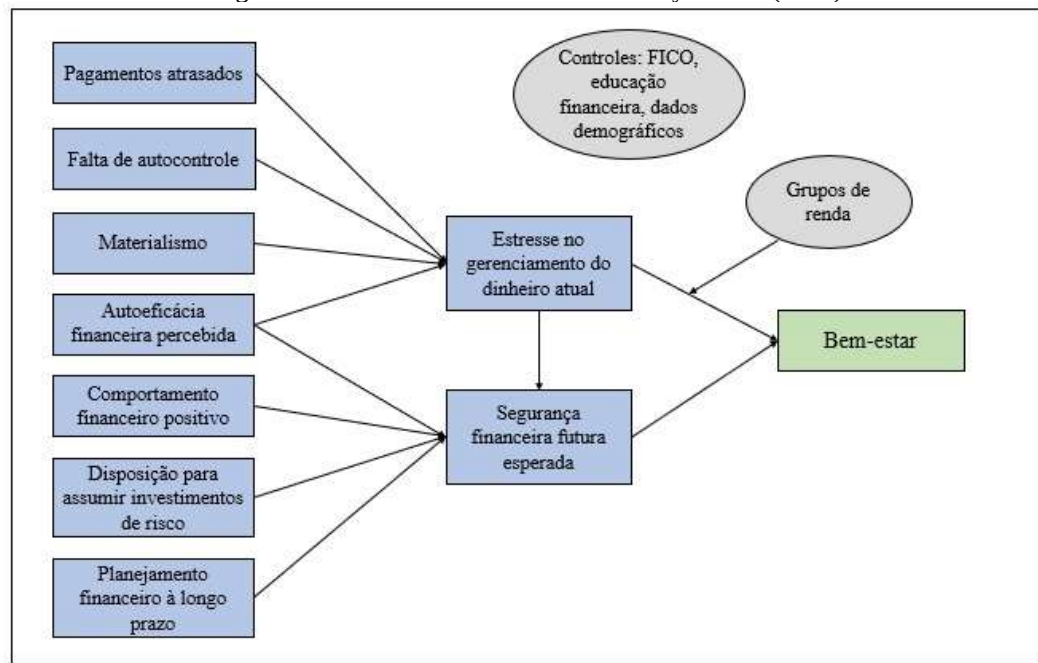
Após a realização dos três estudos, Netemeyer et al. (2017) puderam confirmar que o bem-estar financeiro percebido é um preditor chave do bem-estar geral e comparável em magnitude ao efeito combinado de outros domínios da vida (satisfação no trabalho, avaliação de saúde física e satisfação com o suporte de relacionamento). Além disso, a importância relativa do estresse da gestão do dinheiro atual para o bem-estar geral varia por grupos de renda e devido aos diferentes antecedentes do estresse da gestão do dinheiro atual e da segurança financeira futura esperada.

Especificamente, o estudo 1 buscou identificar os antecedentes e consequentes sobre a percepção de bem-estar financeiro. De maneira geral, foi demonstrado que o estresse no gerenciamento do dinheiro atual e a segurança financeira futura esperada são preditores de bem-

estar geral e lança novos luz sobre as condições em que a renda pode sim afetar o bem-estar geral.

A Figura 18 demonstra os construtos e relações entre os antecedentes e consequentes do bem-estar financeiro que foram testados no estudo 1.

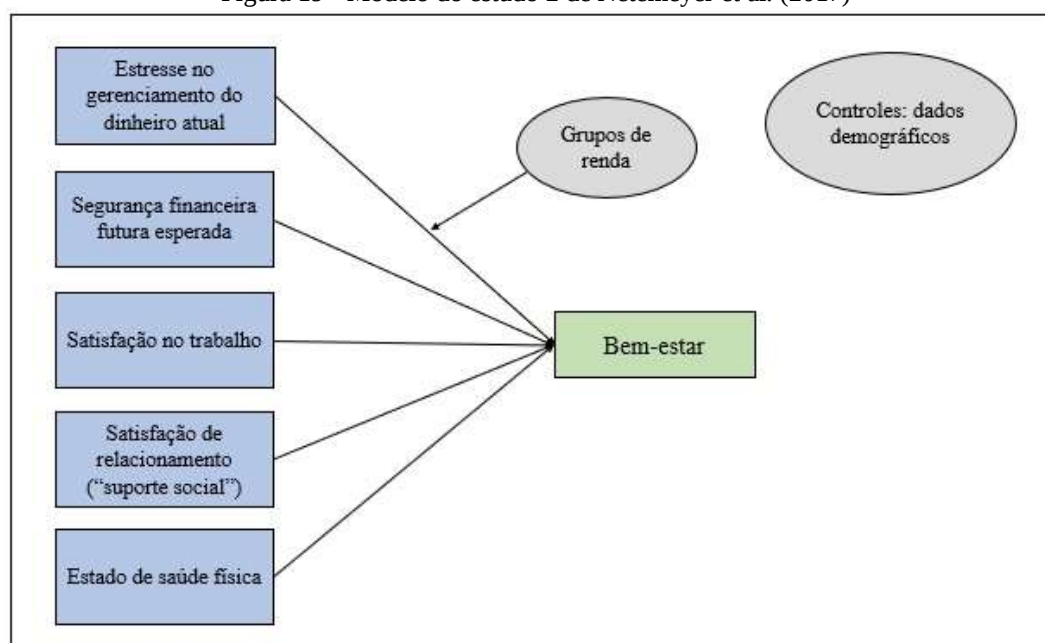
Figura 18 - Modelo do estudo 1 de Netemeyer et al. (2017)



Fonte: Netemeyer et al. (2017).

Dando continuidade, o estudo 2 realizado pelos autores analisou a percepção de bem-estar financeiro versus os demais domínios da vida (os autores destacaram os domínios social, de saúde e de relacionamento). O objetivo do estudo foi verificar o papel do bem-estar financeiro no bem-estar geral (Figura 19). Para isso, elaboraram a escala de bem-estar financeiro com as duas dimensões mencionadas anteriormente.

Figura 19 - Modelo do estudo 2 de Netemeyer et al. (2017)



Fonte: Netemeyer et al. (2017).

Ante o exposto, os estudos 1 e 2 oferecem evidências de que o bem-estar financeiro percebido afeta o bem-estar geral, mas um experimento forneceria evidências causais mais fortes para tais efeitos e validade da escala. Com isso, os autores realizaram o estudo 3 (A e B) com o objetivo de verificar, a partir de evidências experimentais, as relações entre o estresse da gestão do dinheiro atual e segurança financeira futura esperada, e o bem-estar geral.

Dessa forma, o estudo 3A manipulou o estresse da gestão de dinheiro atual e o estudo 3B manipulou a segurança financeira futura esperada. Em ambos os estudos, há evidências de validade discriminante entre as variáveis. Ambas as manipulações têm efeito no bem-estar geral médio relatado, com as duas dimensões de bem-estar financeiro percebido prevendo o bem-estar geral.

Por fim, mostram que as pontuações de bem-estar, impulsionadas pelas manipulações de pensamentos presente sobre o dinheiro e os pensamentos sobre o dinheiro futuro são mediados pelo estresse da gestão do dinheiro atual e pela segurança financeira futura esperada, respectivamente. Com isso, oferecem evidências experimentais para influências causais do estresse da gestão do dinheiro atual e segurança financeira futura esperada no bem-estar.

Os autores atestam a importância da educação financeira e ressaltam que os consumidores que gerenciam efetivamente as suas necessidades financeiras atuais e futuras correm menos riscos de créditos, contribuem para uma economia mais saudável e são mais produtivos no trabalho. Em outras palavras, a satisfação no domínio financeiro influencia não

só no bem-estar geral, como também na satisfação em outros domínios da vida, como no caso do domínio do trabalho.

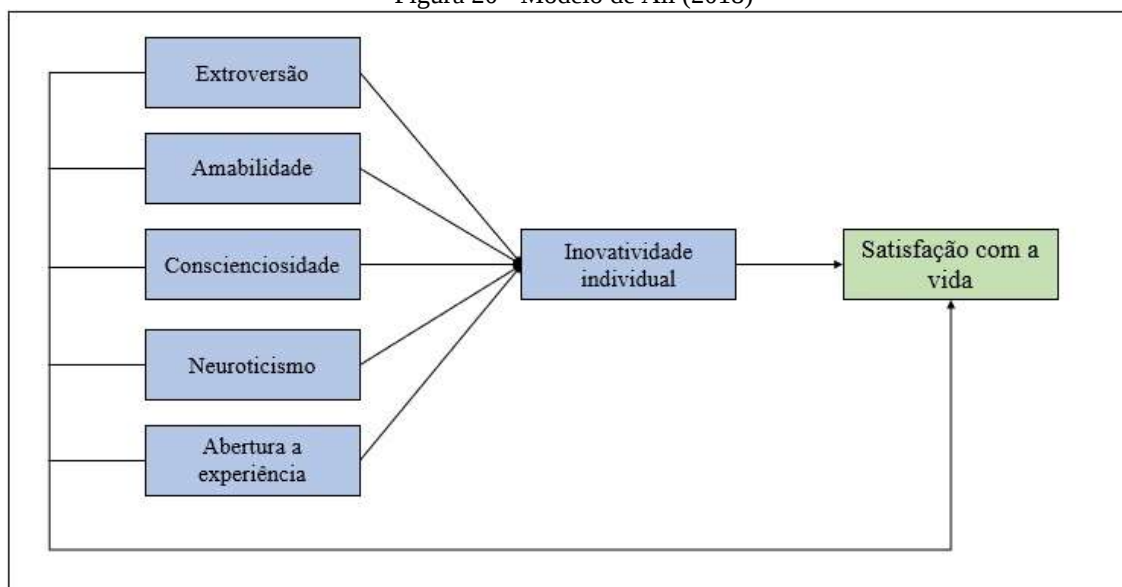
4.1.8 Modelo de Ali (2018)

O estudo de Ali (2018) teve por objetivo explicar como os traços de personalidade afetam a inovação entre os indivíduos e as percepções sobre a satisfação com a vida (bem-estar subjetivo). Para isso, o autor propôs um modelo conceitual que envolve a teoria dos cinco grandes traços de personalidade (Big Five), a perspectiva da inovação individual e a satisfação com a vida (Figura 20).

A amostra do estudo correspondeu a 613 alunos do curso de administração, matriculados nos programas de mestrado e doutorado em diferentes universidades do Paquistão. Para análise e discussão dos resultados, foi utilizada a estatística multivariada de Modelagem de Equações Estruturais.

Como resultado, o estudo encontrou a influência positiva da ‘extroversão’, ‘amabilidade’, ‘consciência’ e ‘abertura à experiência’ com a inovação individual e a percepção de satisfação com a vida. Já o ‘neuroticismo’ é relacionado negativamente com a inovação individual e satisfação com a vida. De tal modo, o estudo notou uma associação positiva entre inovação individual e satisfação com a vida.

Figura 20 - Modelo de Ali (2018)



Fonte: Ali (2018).

No Quadro 15 constam os construtos do estudo de Ali (2018), as relações testadas, bem como as hipóteses e resultados encontrados.

Quadro 15 - Construtos e hipóteses do estudo de Ali (2018)

Relações entre os construtos	Hipóteses	Resultado
Big Five e inovação	H1a. A extroversão afeta positivamente o nível de Inovação individual.	Suportada
	H1b. A amabilidade afeta positivamente o nível de Inovação individual.	Suportada
	H1c. A consciência afeta positivamente o nível de inovação individual.	Suportada
	H1d. O neuroticismo afeta negativamente o nível de inovação individual.	Suportada
	H1e. A abertura à experiência afeta positivamente o nível de inovação individual.	Suportada
Big Five e satisfação com a vida	H2a. A extroversão afeta positivamente o nível de satisfação com vida.	Suportada
	H2b. A amabilidade afeta positivamente o nível de satisfação com vida.	Suportada
	H2c. A consciência afeta positivamente o nível de satisfação com a vida.	Suportada
	H2d. O neuroticismo afeta negativamente o nível de satisfação com vida.	Suportada
	H2e. A abertura à experiência afeta positivamente o nível de satisfação com a vida.	Suportada
Inovação e satisfação com a vida	H3 A inovação individual afeta positivamente a satisfação com a vida.	Suportada

Fonte: Ali (2018).

Os resultados apoiam o modelo teórico proposto no estudo de Ali (2018) e são consistentes com a literatura. O estudo encontrou, por exemplo, uma associação positiva significativa entre ‘extroversão’, ‘amabilidade’, ‘conscienciosidade’ e ‘abertura à experiência’ com a perspectiva da inovação individual. Esses achados estão alinhados com estudos anteriores, em que foram relatados que indivíduos com altos níveis de extroversão têm maior capacidade de desempenhar tarefas inovadoras. Foi sustentado também, que a ‘amabilidade’ é um importante determinante das iniciativas inovadoras dos indivíduos.

Ainda quanto aos resultados, foi ratificado que o ‘conscientismo’ tem um efeito positivo significativo na capacidade de inovação e é um importante preditor no desempenho de tarefas inovadoras. De acordo com Ali (2018) a literatura fornece amplas evidências relacionadas à influência negativa do ‘neuroticismo’ na inovação individual. Sendo assim, há respaldo científico que indivíduos com personalidades altamente neuróticas, são difíceis de exibirem comportamentos inovadores e a busca por ideias inovadoras. Finalmente, a ‘abertura à experiência’ é um forte preditor da inovação em nível individual.

Os traços de personalidade também influenciam as percepções de satisfação com a vida e o bem-estar. A literatura fornece algumas evidências direta e indireta relacionadas à associação entre os traços de personalidade e as percepções de bem-estar. Segundo Ali (2018) a ‘extroversão’ tem influência consistente e fortemente positiva nas percepções de bem-estar. Da mesma forma, os traços de ‘amabilidade’, ‘conscientismo’ e ‘abertura à experiência’ também estão positivamente associados às percepções de satisfação com a vida e bem-estar.

De acordo com Ali (2018), quanto à relação entre a inovação individual e a satisfação com a vida, a literatura fornece evidências de associação bidirecional entre inovação e percepções de bem-estar, isto é, a alta inovação possui uma relação positiva significativa com o bem-estar e vice-versa. A influência de a inovação na satisfação geral com a vida é mais linear. O autor também observou a associação positiva entre inovação individual e satisfação com a vida.

À luz do exposto, a análise empírica apoia o modelo teórico proposto por este estudo. Como mencionado anteriormente, o trabalho de Ali (2018) encontrou forte associação entre traços de personalidade (Big Five), inovação individual e satisfação com a vida.

4.2 MODELOS COM CONSTRUTOS QUE FORAM INVESTIGADOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

As questões relativas ao comportamento, sentimentos e sensações das pessoas em momentos de pandemia mundial podem ser compreendidas por abordagens teóricas que colaboram com uma visão genérica sobre a temática. Serão detalhados dois modelos que abordam especialmente alguns fatores que são substancialmente afetados durante a vivência de uma pandemia.

4.2.1 Modelo de Xiao et al. (2020)

No estudo de Xiao et al. (2020), os autores analisaram os efeitos do apoio social na qualidade do sono da equipe médica que tratou pacientes com a Doença de Coronavírus (COVID-19) em janeiro e fevereiro de 2020 na China. Para tanto, esse estudo utilizou a modelagem de equações estruturais como forma de análise multivariada para determinar a relação estrutural entre as variáveis medidas.

Os níveis de ansiedade, autoeficácia, estresse, qualidade do sono e suporte social foram medidos. Conforme os resultados da pesquisa, houve uma correlação forte entre os construtos

analisados e que serão descritos em seguida. Para a construção do instrumento de pesquisa, os autores utilizaram a *Self-Rating Anxiety Scale* (SAS), a *General Self-Efficacy Scale* (GSES), o questionário *Stanford Acute Stress Reaction* (SASR), o *Pittsburgh Sleep Quality Index* (PSQI) e a *Social Support Rate Scale* (SSRS), respectivamente. A coleta de dados do estudo foi baseada em um questionário elaborado com base nessas escalas.

Participaram do estudo 180 equipes médicas de várias províncias que trataram pacientes com a infecção por COVID-19 em janeiro e fevereiro de 2020. Todos os participantes do estudo eram médicos ou enfermeiros que trabalhavam nos departamentos de medicina respiratória, infectologia ou Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

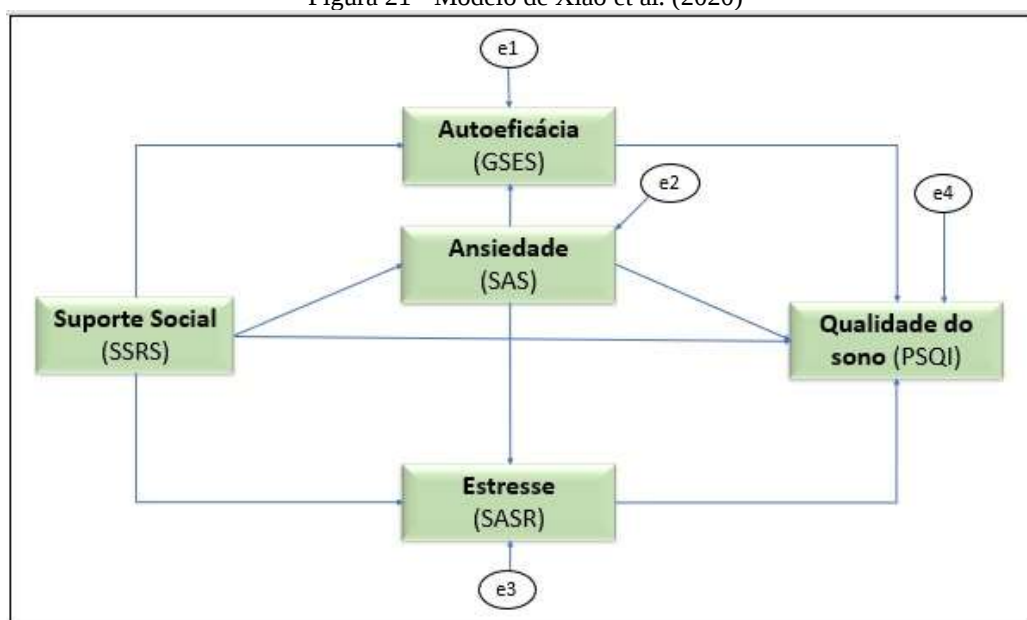
O design do estudo (Figura 21) foi realizado a partir de um estudo clínico observacional e transversal que incluiu o uso de questionários autorreferidos. Todos os questionários foram preenchidos anonimamente pela equipe médica. Os dados demográficos e sociais dos participantes do estudo incluíram idade, sexo, escolaridade e estado civil. As informações profissionais e de trabalho incluíam título, renda, função, departamento e experiência profissional ou tempo de serviço (antiguidade).

Para teste o modelo proposto, os autores elaboraram as duas hipóteses seguintes:

H1: o apoio social dado à equipe médica afetou diretamente a qualidade do sono.

H2: o suporte social afetou a qualidade do sono reduzindo a ansiedade e o estresse e aumentando a autoeficácia como variáveis intermediárias.

Figura 21 - Modelo de Xiao et al. (2020)



Fonte: adaptado de Xiao et al. (2020).

Com base nas pontuações dos questionários, os resultados mostraram que o apoio social dado à equipe médica afetou negativamente (reduziu) seus níveis de ansiedade e estresse e afetou positivamente sua autoestima, eficácia, mas não afetou diretamente a qualidade do sono. Os níveis de ansiedade da equipe afetaram significativamente os níveis de estresse e reduziram significativamente a autoeficácia e a qualidade do sono. Portanto, a hipótese 1 não foi apoiada e a hipótese 2 foi confirmada.

Os achados confirmam que os níveis de apoio social para a equipe médica foram significativamente associados à autoeficácia e a qualidade do sono e negativamente associados ao grau de ansiedade e estresse. Os níveis de ansiedade foram significativamente associados aos níveis de estresse, que impactaram negativamente a autoeficácia e a qualidade do sono. Além disso, ansiedade, estresse e autoeficácia foram variáveis mediadoras associadas ao suporte social e à qualidade do sono. Por fim, o estudo concluiu que a equipe médica tinha níveis aumentados de ansiedade, estresse e autoeficácia, dependentes da qualidade do sono e do apoio social.

4.2.2 Modelo de Li et al. (2020)

Segundo Li et al. (2020), a doença do COVID-19 resultou significativamente em um número grande de consequências psicológicas para as pessoas. Diante desse contexto, o estudo dos autores teve como objetivo explorar os impactos da pandemia na saúde mental das pessoas, além de auxiliar os formuladores de políticas a desenvolver políticas acionáveis e ajudar os clínicos (por exemplo: assistentes sociais, médicos psiquiatras e psicólogos) a fornecer serviços oportunos para as populações afetadas).

Para isso, Li et al. (2020) analisaram 17.865 usuários ativos do Weibo usando a abordagem do Reconhecimento Ecológico On-line (REA) com base em vários modelos preditivos de aprendizado de máquina. Foram calculadas a frequência das palavras, escores de indicadores emocionais (por exemplo, ansiedade, depressão, indignação e felicidade de Oxford) e indicadores cognitivos (por exemplo, julgamento de risco social e satisfação com a vida) a partir dos dados coletados. A análise de sentimentos (afetos) foi utilizada para examinar as diferenças no mesmo grupo antes e após a declaração do COVID-19 em 20 de janeiro de 2020.

Li et al. (2020) mencionam que de acordo com a teoria do Sistema Imune Comportamental (BIS) é provável que as pessoas desenvolvam emoções negativas (por exemplo, aversão, ansiedade etc.) e avaliação cognitiva negativa como autoproteção. Diante de uma potencial ameaça à doença, as pessoas tendem a desenvolver comportamentos evitáveis

(por exemplo, evitam o contato com pessoas com sintomas semelhantes à pneumonia) e obedecem estritamente às normas sociais (conformidade cega).

Além disso, segundo a Teoria do Estresse e a Teoria do Risco Percebido, as emergências de saúde pública podem desencadear emoções negativas e afetam também a avaliação cognitiva. Essas emoções negativas mantêm as pessoas longe de possíveis patógenos relativos à doença. No entanto, emoções negativas a longo prazo podem reduzir a função imune das pessoas e destruir o equilíbrio de seus mecanismos fisiológicos normais. Portanto, é essencial entender as possíveis alterações psicológicas causadas pelo Covid-19 em tempo hábil (LI et al., 2020).

Li et al. (2020) afirmam que as mudanças psicológicas causadas por emergências de saúde pública podem ser refletidas diretamente nas emoções e cognição, por esse motivo é interessante monitorar as mudanças psicológicas no tempo por meio de indicadores emocionais (por exemplo, emoções negativas e emoções positivas) e cognitivos (por exemplo, julgamento de risco social e satisfação com a vida). As emoções e cognição, por sua vez, são geralmente medidas por questionários retrospectivos, como *Oxford Happiness Inventory* (OHI), *Symptom Checklist 90* (SCL-90), *Satisfaction With Life Scale* (SWLS) e *Likert Type Attitude Scale*.

Como não era sabido o tempo da declaração do Covid-19, era impossível medir antecipadamente as emoções e a cognição das pessoas por uma pesquisa tradicional. Por esse motivo, o Weibo emergiu como um meio on-line de fonte de dados chave para os pesquisadores entenderem esse problema social de maneira não invasiva. Sina Weibo é uma das principais redes sociais on-line da China (OSN) com mais de 462 milhões de usuários diários ativos em 2019. Esses usuários usam as funções do Weibo (por exemplo, resposta, função @) para interagir entre si, formando dados avançados sobre o comportamento dos usuários.

Dentro dessa perspectiva, a amostra deste estudo foi do banco de dados original Weibo. O conjunto de dados continha mais de 1,16 milhão de usuários ativos do Weibo. Os dados recuperados incluíam (1) informações de perfil do usuário, (2) comportamentos de rede, e (3) mensagens Weibo. A privacidade foi estritamente protegida durante o procedimento, referindo-se aos princípios éticos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética (código de ética: H15009).

Para selecionar usuários ativos do Weibo no *pool* de dados, os autores verificaram primeiro quem publicou pelo menos 50 postagens originais do Weibo em cerca de um mês no total, a partir de 31 de dezembro de 2019 até 26 de janeiro de 2020. Em segundo, analisaram o tipo de autenticação (por exemplo, usuário individual, não ser institucional etc.). Terceiro, se a autenticação era regional da China, não "no exterior" ou "outro". Finalmente, selecionaram

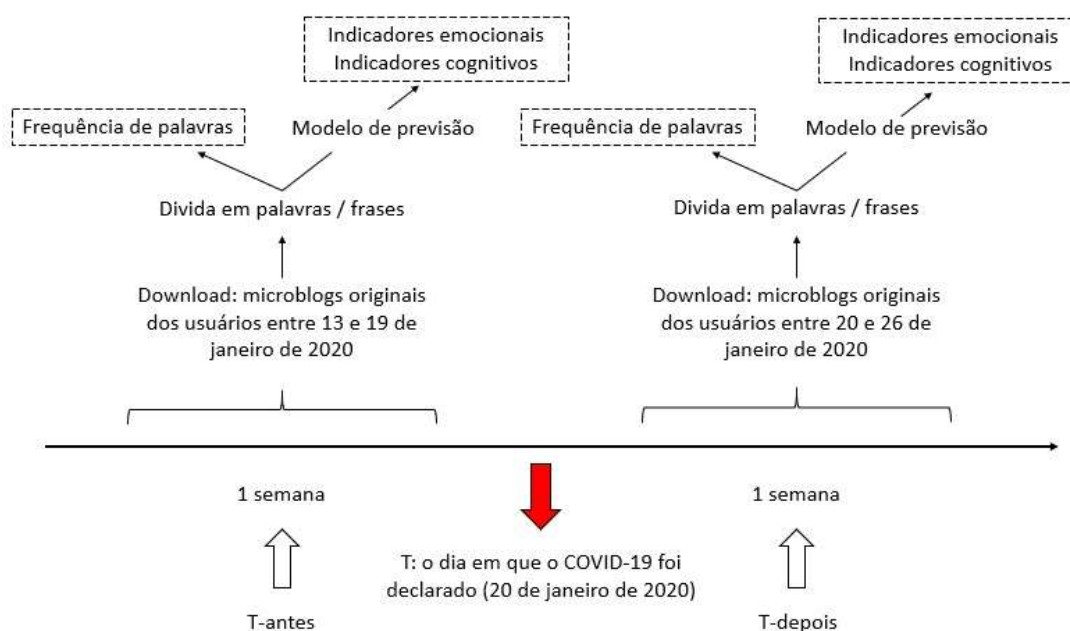
17.865 usuários ativos do Weibo e, em seguida, buscaram todas as postagens originais publicadas entre 13 à 26 de janeiro de 2020 no período de duas semanas para a análise.

Empregaram o sistema *Text Mind* desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia Cibernética Computacional do Instituto de Psicologia da Academia Chinesa de Ciências para extrair recursos de conteúdo, incluindo a ferramenta de segmentação de palavras em chinês e dicionário psicanalítico. Usaram a ferramenta de segmentação de palavras em chinês para dividir o conteúdo original do *microblog* dos usuários em palavras/frases com anotações linguísticas, como verbos, substantivos, advérbios, e extraíram categorias psicologicamente significativas por meio da contagem de palavras e análise do significado no dicionário. Esses recursos lexicais eram fontes de dados para análise de frequência de palavras.

Após a extração do recurso, usaram o modelo de previsão psicológica para prever o perfil psicológico desses usuários ativos do Weibo. Esses modelos preditivos são ferramentas desenvolvidas para pesquisas em psicologia on-line baseadas em big data e tecnologias de aprendizado profundo, incluindo indicadores emocionais (ansiedade, depressão, indignação e felicidade em Oxford), indicadores cognitivos (julgamento de risco social e satisfação com a vida) e assim por diante. Todos os modelos de previsão alcançaram uma correlação moderada com as pontuações do questionário. A Figura 22 demonstra a extração de recursos a partir de dados do Weibo on-line e indicadores psicológicos previsto por recursos dinâmicos.

Figura 22 - Modelo de Li et al. (2020)

Procedimentos de extração de recursos a partir de dados Weibo on-line e indicador psicológico previsto por recursos dinâmicos



Fonte: Li et al. (2020).

Os resultados mostraram que emoções negativas (por exemplo, ansiedade, depressão e indignação e sensibilidade a riscos sociais) aumentaram, enquanto os escores de emoções positivas (por exemplo, felicidade e a satisfação com a vida) diminuíram. As pessoas estavam mais preocupadas com sua saúde e família, e menos preocupadas com o lazer e amigos. O estudo fornece referências aos formuladores de políticas para planejar e lutar contra o Covid-19 e efetivamente, melhorar a estabilidade dos sentimentos populares e preparar urgentemente os clínicos para fornecer os fundamentos terapêuticos correspondentes para os grupos de risco e pessoas afetadas.

À luz do exposto, pôde-se verificar que existem muitas variáveis confirmadas na literatura que influenciam nos níveis de satisfação com a vida e no experimento de emoções negativas e positivas. Diante desse contexto, o próximo tópico irá apresentar o modelo e hipóteses sugeridas para esta pesquisa.

4.3 MODELO PROPOSTO DA PESQUISA

Compreender o Bem-Estar Subjetivo (BES) tem sido historicamente um esforço humano essencial e atualmente abrange campos da administração à saúde mental. A ciência do bem-estar subjetivo cresceu consideravelmente nas últimas três décadas, indo além de pesquisas transversais precoces e de apenas correlatos demográficos, tais como idade, renda, sexo e educação. Atualmente, métodos mais robustos são frequentemente usados para estudar um conjunto mais amplo de fenômenos ligados ao BES, tais como: personalidade, consumo, cultura, adaptação e genética. De acordo com Diener (2013), uma nova descoberta importante de pesquisa é que o BES tem efeitos benéficos na saúde e na longevidade, nas relações sociais e na produtividade. Diante disso, o estudo sobre o Bem-estar subjetivo é imprescindível por fornecer informações valiosas aos formuladores de políticas públicas sobre o bem-estar dos cidadãos e das nações.

Para a Psicologia Positiva, o bem-estar é uma variável fundamental que procura compreender e promover o potencial dos indivíduos (STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008). Assim, a partir da ciência, pesquisas acerca do BES representam uma oportunidade para os administradores, psicólogos e profissionais da área do marketing e do comportamento do consumidor, demonstrarem os efeitos positivos que suas intervenções podem produzir nas sociedades, bem como nas organizações.

Conforme observado ao longo deste estudo, o nível de bem-estar subjetivo é derivado de componentes afetivos e cognitivo. Pode-se dizer que os componentes afetivos são o **afeto**

positivo e negativo, e o componente cognitivo corresponde à **satisfação com a vida** (DIENER, 1984; DIENER, 2009; DIENER, 2013; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008).

Segundo Pavot, Diener e Colvin (1991), a satisfação com a vida é definida como a avaliação global da pessoa sobre a sua própria vida. Por esse motivo, o construto de satisfação com a vida representa um componente do Bem-estar Subjetivo (BES). Em consonância, os componentes emocionais do BES possuem relação direta com os níveis de satisfação com a vida. É comprovado que o **afeto positivo** exerce forte influência na satisfação com a vida, isto é, pessoas alegres, que têm bom humor, otimistas e entusiasmadas tendem a apresentar uma maior satisfação com a vida do que pessoas negativas e pessimistas (DÍAZ; ARROYO, 2017). Assim como o **afeto negativo** também influencia na satisfação com a vida geral, só que de forma negativa (DIENER, 1984; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008). Partindo dessas afirmações apresentam-se as seguintes hipóteses de estudo no Quadro 16.

Quadro 16 - Hipóteses que relacionam os componentes do BES

Perspectiva	Construto	Hipóteses
Teoria <i>Top-down Spillover</i> (transbordamento de cima para baixo)	Afetos	H1a: O afeto positivo influencia positivamente a satisfação com a vida. H1b: O afeto negativo influencia negativamente a satisfação com a vida.

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Ao revisar a literatura sobre o bem-estar fica claro identificar que os **traços de personalidade (Big Five)** estão substancialmente relacionados ao bem-estar subjetivo. Nos estudos de Steel, Schmidt e Shultz (2008), os autores relatam que este relacionamento é tipicamente muito mais forte do que se pensava anteriormente. Após realizarem uma meta-análise, eles afirmam que os **traços de personalidade** são considerados um dos melhores preditores do BES. Assim, medidas individuais de personalidade são categorias ligadas ao BES.

De acordo com a literatura, os traços de **‘amabilidade’**, **‘abertura à experiência’**, **‘extroversão’** e **‘conscienciosidade’** estão diretamente ligados a altos níveis de satisfação com a vida e de afeto positivo, e baixos níveis de afeto negativo (SOTO, 2015; ALI, 2018). Já o traço de **‘neuroticismo’** está relacionado diretamente com altos níveis de afeto negativo e baixos níveis de satisfação com a vida e afeto positivo (DIENER, 1984; DENEVE; COOPER, 1998; HAYES; JOSEPH, 2003; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008; STROBEL; TUMASJAN; SPORRLE, 2011; DÍAZ; ARROYO, 2017).

Além da relação direta entre os fatores da personalidade e bem-estar subjetivo, Strobel, Tumasjan e Sporrle (2011), confirmam a influência positiva dos traços de **‘extroversão’**, **‘abertura à experiência’** e **‘conscienciosidade’** na satisfação com a vida mediada pela

autoeficácia. Em contraste, níveis elevados de ‘**neuroticismo**’ mediados pela **autoeficácia** influenciam de maneira negativa na satisfação com a vida.

Diante disso, é evidente que os cinco grandes traços de personalidade são fatores indicados na ciência relacionados aos afetos, satisfação com a vida, e essencialmente, ao bem-estar subjetivo. Assim, são sugeridas as seguintes hipóteses para estudo (Quadro 17):

Quadro 17 - Hipóteses sobre os traços de personalidade e os componentes do BES

Perspectiva	Construto	Fatores	Hipóteses
Teoria <i>Top-down Spillover</i> (transbordamento de cima para baixo)	Traços de personalidade (Big Five)	Extroversão	H2a: A extroversão influencia positivamente a autoeficácia. H2b: A extroversão influencia positivamente o afeto positivo. H2c: A extroversão influencia positivamente o afeto negativo. H2d: A extroversão influencia positivamente a satisfação com a vida.
		Abertura à experiência	H3a: A abertura à experiência influencia positivamente a autoeficácia. H3b: A abertura à experiência influencia positivamente o afeto positivo. H3c: A abertura à experiência influencia positivamente o afeto negativo. H3d: A abertura à experiência influencia positivamente a satisfação com a vida.
		Neuroticismo	H4a: O neuroticismo influencia negativamente a autoeficácia. H4b: O neuroticismo influencia negativamente o afeto positivo. H4c: O neuroticismo influencia negativamente o afeto negativo. H4d: O neuroticismo influencia negativamente a satisfação com a vida.
		Conscienciosidade	H5a: A conscienciosidade influencia positivamente a autoeficácia. H5b: A conscienciosidade influencia positivamente o afeto positivo. H5c: A conscienciosidade influencia positivamente o afeto negativo. H5d: A conscienciosidade influencia negativamente a satisfação com a vida.
		Amabilidade	H6a: A amabilidade influencia positivamente a autoeficácia. H6b: A amabilidade influencia positivamente o afeto positivo. H6c: A amabilidade influencia positivamente o afeto negativo. H6d: A amabilidade influencia negativamente a satisfação com a vida.

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

A literatura afirma que outros ‘traços’ ou características ligadas ao indivíduo também influenciam nos níveis de bem-estar subjetivo dos indivíduos. A **autoeficácia**, por exemplo, é uma das variáveis que possuem fortes indícios de uma relação direta com o BES (BORTNER;

HULTSCH, 1970; CAMPBELL; CONVERSE; RODGERS, 1976; PALENZUELA, 1987; STROBEL TUMASJAN, SPORRLE, 2011; SHEPPERD et al., 2015). Além de ter sido corroborada em grandes estudos como uma mediadora entre o Big Five e o BES (STROBEL; TUMASJAN; SPORRLE, 2011).

Outra variável relacionada na teoria com elevados níveis de satisfação com a vida, afeto positivo e BES é a **gratidão**. A gratidão pode ser entendida também como um traço de personalidade, que não está contemplado no Big Five, mas que foi recentemente validado a partir da Tríade Luminosa da Personalidade (FERGUSON et al., 2014). De acordo com a literatura, pessoas gratas têm maior predisposição a vivenciar altos níveis de BES (EMMONS; McCULLOUGH, 2003; KASHDAN; USWATTE; JULIAN, 2006; WOOD; JOSEPH; MALTBY, 2009; LAMBERT et al., 2009; TSANG et al., 2014).

Vale ressaltar também que estudos confirmam a influência positiva do **otimismo** nos níveis de bem-estar subjetivo. É considerado um traço disposicional e tem implicações significativas em como as pessoas buscam seus objetivos. Por estar relacionado com uma expectativa positiva quanto ao futuro, estudos confirmam a sua relação direta com os afetos positivos (SCHEIER; CARVER, 1985; PALENZUELA, 1987; PETERSON; PARK; SELIGMAN, 2005; DIENER, OISHI; LUCAS, 2012; GALLO, 2012; SEGERSTROM; EVANS; ELSENLOHR-MOUL, 2011; CARVER; SCHEIER, 2014).

A **resiliência** é outra variável encontrada na literatura do BES que se apresenta de maneira positiva. Por representar um fenômeno de superação de estresse e adversidades vivenciadas, estudos confirmam que pessoas resilientes são mais positivas, responsáveis e toleram mais o sofrimento. Sendo assim, tendem a apresentar níveis maiores de bem-estar (RUTTER, 1999; BARREIRA, NAKAMURA, 2006; POLETO; KOLLER, 2008, CHMITORZ et al., 2018). Em contraste, pessoas que apresentam baixo nível de resiliência tendem a experimentar mais afetos negativos.

Ante o exposto, acredita-se que essas variáveis psicológicas exercem influência nos componentes afetivos e cognitivos do BES. Assim, são sugeridas as seguintes hipóteses para investigação (Quadro 18):

Quadro 18 - Hipóteses sobre as variáveis psicológicas e os componentes do BES

Perspectiva	Construto	Hipóteses
Teoria <i>Top-down Spillover</i> (transbordamento de cima para baixo)	Autoeficácia	H7a: A autoeficácia influencia positivamente o afeto positivo. H7b: A autoeficácia influencia positivamente o afeto negativo. H7c: A autoeficácia influencia positivamente a satisfação com a vida
	Gratidão	H8a: A gratidão influencia positivamente o afeto positivo. H8b: A gratidão influencia positivamente o afeto negativo.

		H8c: A gratidão influencia positivamente a satisfação com a vida.
	Otimismo	H9a: O otimismo influencia positivamente o afeto positivo. H9b: O otimismo influencia positivamente o afeto negativo. H9c: O otimismo influencia positivamente a satisfação com a vida.
	Resiliência	H10a: A resiliência influencia positivamente o afeto positivo. H10b: A resiliência influencia positivamente o afeto negativo. H10c: A resiliência influencia positivamente a satisfação com a vida.

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Dando continuidade, outra variável que segundo a literatura disponível tem relação direta com os componentes do bem-estar subjetivo é o **materialismo** (DUH, 2015; SIRGY, 2018). Alguns críticos do materialismo muitas vezes veem apenas consequências negativas e culpam as atividades de marketing pelo crescimento do materialismo, mas a literatura acadêmica e estudos empíricos relatam aspectos biológicos, sociais, fatores culturais, socioeconômicos, psicológicos e até políticos que impulsionam o materialismo (DUH, 2015).

Há evidências de que valores materiais e bem-estar são construtos correlacionados (BELK, 1985; KASHDAN, BREEN, 2007; LAMBERT et al., 2009). La Barbera e Gurhan (1997), por exemplo, identificaram que o materialismo afeta o bem-estar subjetivo. Corroborando com este resultado, Tan, Tambyah e Kau (2006) exploraram as ligações entre as orientações de valor, dados demográficos e as percepções de qualidade de vida, e os resultados apontam que de fato o materialismo influencia no bem-estar subjetivo pessoal.

Karabati e Cemalcilar (2010) também analisaram os antecedentes do materialismo e validaram a suposição central na literatura de que o materialismo diminui o **bem-estar**. Além disso, conforme exposto anteriormente, o estudo de Díaz e Arroyo (2017) identificou que o **materialismo** tem relação direta com o **afeto positivo e negativo**, e com a **satisfação com a vida**.

Outro achado interessante são as características (ou traços disposicionais) que os materialistas geralmente possuem. Segundo Tsang et al. (2014), por exemplo, os materialistas parecem exercer menos a **gratidão** e experimentam mais afetos negativos. Acredita-se ainda que os níveis de **otimismo** e **resiliência** são menores em indivíduos materialistas do que não materialistas.

Além do mais, no que concerne ao **bem-estar material** (financeiro), o materialismo tem sido conectado a dívidas excessivas de cartão de crédito, empréstimos excessivos e gastos impulsivos/compulsivos - os quais aumentam o **estresse da gestão financeira atual**. Ainda, àqueles com pontuação alta em materialismo relatam menor satisfação financeira atual e

preocupação elevada com dinheiro (atual/futuro). Assim, conforme demonstrado no modelo de Netemeyer et al. (2017), existe uma relação positiva entre materialismo e o estresse da gestão de dinheiro atual. Como também, podemos entender que existe uma relação negativa entre o materialismo e a **percepção de segurança financeira futura**, haja vista essa preocupação latente com o dinheiro. Tal preocupação, mediante o cenário caótico vivido pela pandemia do Covid-19 também pode ter influenciado nos níveis de **ansiedade (estado)** das pessoas.

Diante desse contexto, sugerem-se os seguintes conjuntos de hipóteses a serem testadas (Quadro 19):

Quadro 19 - Hipóteses que relacionam o materialismo com variáveis psicológicas e hipóteses que relacionam o materialismo com o bem-estar financeiro

Perspectiva	Construto	Hipóteses
Teoria Top-down Spillover (transbordamento de cima para baixo)	Materialismo	H11a: O materialismo influencia negativamente a gratidão. H11b: O materialismo influencia negativamente a satisfação com a vida.
Teoria Bottom-up Spillover (transbordamento de baixo para cima)	Materialismo	H12a: O materialismo influencia negativamente a ansiedade-estado. H12b: O materialismo influencia negativamente a segurança financeira futura esperada. H12c: O materialismo influencia negativamente o estresse na gestão financeira atual. H12d: O materialismo influencia negativamente o afeto positivo. H12e: O materialismo influencia positivamente o afeto negativo.

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Dentro desse contexto, estudos sobre a **ansiedade**, possuem duas particularidades. A ansiedade pode ser vista como um traço de personalidade ou como um estado. Na tese proposta, a autora propõe investigar a ansiedade enquanto estado, pois acredita que houve influência nos níveis de ansiedade da população devido aos acontecimentos da pandemia do Covid-19. Esses níveis de ansiedade (estado), por sua vez, podem ter favorecido as emoções negativas, e isto, influenciou a **satisfação com a vida geral** das pessoas.

Esse entendimento está alinhado com os achados nos estudos de Lau et al. (2008) que analisaram os efeitos da pandemia SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) no bem-estar subjetivo de idosos e jovens moradores de Hong Kong no ano de 2003. Segundo os autores, a sensação de ameaça influenciou o **bem-estar subjetivo** e está diretamente ligada com **emoções negativas**. Além disso, a ansiedade parece influenciar na **autoeficácia** das pessoas (XIAO et al., 2020). Diante desse contexto, foram delineadas as hipóteses a seguir (Quadro 20):

Quadro 20 - Hipóteses que relacionam o estado de ansiedade com os componentes do BES e com a autoeficácia

Perspectiva	Construto	Hipóteses
Teoria Bottom-up Spillover (transbordamento de baixo para cima)	Ansiedade (estado)	H13a: Estados de ansiedade influenciam negativamente a autoeficácia. H13b: Estados de ansiedade influenciam negativamente o afeto positivo. H13c: Estados de ansiedade influenciam negativamente o afeto negativo. H13d: Estados de ansiedade influenciam negativamente a satisfação com a vida.

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Finalmente, além dos construtos mencionados anteriormente que estão (in)diretamente relacionados ao bem-estar subjetivo, há forte evidências das implicações dos diversos domínios da vida nos níveis de BES. Como é sabido, este projeto de tese visa entender a influência do domínio material (financeiro) nos componentes afetivos e cognitivos do BES. De acordo com Sirgy (2018) existe um efeito substancial do **bem-estar material** no **bem-estar subjetivo**. Somado a isto, existem fatores pessoais e contextuais que influenciam o bem-estar material das pessoas, como no caso do materialismo, satisfação com a renda e padrão de vida atual dentre outros, conforme exposto no Capítulo 3 deste trabalho.

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa visa investigar as seguintes hipóteses de estudo constantes no Quadro 21.

Quadro 21 - Hipóteses que relacionam o bem-estar financeiro com os componentes do BES

Perspectiva	Construto	Fatores	Hipóteses
Teoria Bottom-up Spillover (transbordamento de baixo para cima)	Bem-estar Financeiro (BEF)	Segurança financeira futura esperada	H14a: A segurança financeira futura esperada influencia positivamente o afeto positivo. H14b: A segurança financeira futura esperada influencia positivamente o afeto negativo. H14c: A segurança financeira futura esperada influencia positivamente a satisfação com a vida.
		Estresse na gestão financeira atual	H15a: O estresse na gestão financeira atual influencia negativamente o afeto positivo. H15b: O estresse na gestão financeira atual influencia negativamente o afeto negativo. H15c: O estresse na gestão financeira atual influencia negativamente a satisfação com a vida.

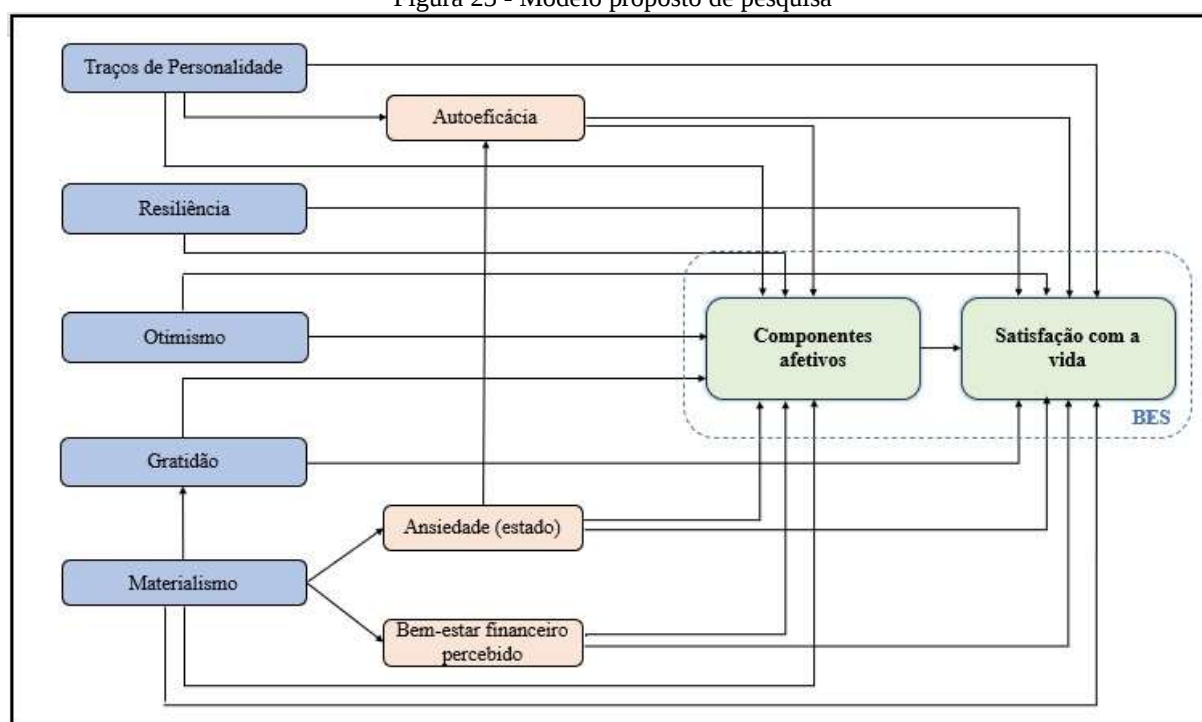
Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Perante o exposto, o **bem-estar subjetivo** foi a variável dependente a ser analisada, influenciada por diversos antecedentes segundo a literatura disponível. A análise desses fatores condicionantes e consequentes do bem-estar subjetivo, especialmente a partir da abordagem

integrativa – com construtos baseados nas Teorias *Bottom-up* e *Top-down* da satisfação com a vida – se faz muito relevante, pois suportará estratégias e políticas governamentais e empresariais eficazes, além de informar toda a comunidade sobre a importância em adotar um pensamento mais positivo, independente das adversidades ocorridas ao longo da vida.

Por fim, com base nas hipóteses destacadas anteriormente e na seleção de um conjunto de fatores preditores do bem-estar subjetivo, é proposto o seguinte modelo de pesquisa (Figura 23) a ser testado. Este visa analisar a influência dos construtos destacados no bem-estar subjetivo geral e leva em consideração o momento pandêmico vivido pelos brasileiros durante o ano de 2020.

Figura 23 - Modelo proposto de pesquisa



Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Ante o exposto, o próximo capítulo visa descrever o caminho metodológico percorrido para consecução do objetivo geral proposto pela pesquisa.

CAPÍTULO 5 – MÉTODO DA PESQUISA

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos que serão desenvolvidos nesta pesquisa. Para uma melhor compreensão, primeiramente, optou-se, pela apresentação do delineamento da pesquisa, seguido dos procedimentos de coleta de dados e escalas selecionadas, e finalmente, os procedimentos para análise dos dados.

5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto às premissas ontológicas e dimensões epistemológicas, esta proposta de tese é consoante com o positivismo. Acredita-se que o único conhecimento autêntico é o científico e tal conhecimento surge da afirmação da teoria por meio de métodos científicos. Além disso, entende-se que o conhecimento vem das observações dos fatos a partir de uma lógica formal (COMTE, 1978). Assim como a abordagem positivista, este trabalho é orientado por teoria e por meio de testes (coleta de dados) pretende-se formular uma “lei geral” passível de verificação. Na visão positivista, a pesquisa empírica e o princípio da verificação são critérios de cientificidade (EISEN, 1967; TURNER, 2003). Neste sentido, esta pesquisa é orientada por uma visão positivista.

Dito isto, este trabalho tem por objetivo analisar os antecedentes do bem-estar subjetivo a partir de uma série de construtos que estão relacionados aos traços de personalidade e ao domínio do bem-estar material. Para isso, foi desenvolvido o Modelo de Antecedentes do Bem-estar Subjetivo com base na Teoria Integrativa (transbordamento de cima para baixo e de baixo para cima) da satisfação com a vida.

Com o desejo de testar o modelo teórico proposto, foi elaborado um instrumento de pesquisa com base em escalas validadas acerca dos construtos selecionados, além de outras questões pertinentes ao objeto de estudo. A priori, houve um pré-teste com a aplicação de 30 questionários com o propósito de aprimoramento e validação. Este, foi disponibilizado de forma virtual pela pesquisadora e os respondentes sabiam que deveriam avaliar (o conteúdo e formato) e sugerir alterações de melhoria. Após o feedback dos respondentes, o questionário foi aprimorado e inserido na plataforma on-line do *Google Forms* (Apêndice B). A coleta de dados ocorreu no mês de julho de 2020, a amostragem foi por conveniência e acessibilidade e a pesquisa obteve 714 respondentes válidos.

Vale lembrar que o instrumento de pesquisa é avaliado pelo meio estatístico denominado *survey*, isto é, corresponde a um levantamento estatístico de modo a recolher informações quantitativas sobre itens de uma população.

Nesta tese, o cunho quantitativo fundamentou a análise da relação da variável dependente (bem-estar subjetivo - componentes afetivos: afeto positivo e negativo e componente cognitivo: satisfação com a vida) com as variáveis independentes selecionadas na pesquisa (Cinco grandes fatores de personalidade (Big Five), gratidão, otimismo, autoeficácia, resiliência, materialismo, ansiedade (estado), bem-estar financeiro percebido, além das variáveis sociodemográficas). Por fim, para análise dos dados coletados foi utilizada a técnica estatística multivariada chamada de Modelagem por Equações Estruturais (MEE) por considerar. Entende-se que esse método estatístico auxilia a resposta efetiva da problemática deste estudo, já que se trata de uma técnica de modelação generalizada, utilizada para testar a validade de modelos teóricos que definem relações causais, hipotéticas, entre variáveis (MAROCO, 2010).

O próximo tópico aborda os procedimentos de coleta de dados e as escalas selecionadas que compuseram o instrumento da pesquisa empírica realizada.

5.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E ESCALAS SELECIONADAS

O questionário virtual foi o instrumento utilizado para viabilizar as respostas e análises que o estudo pretende atingir, haja vista que devido à pandemia do Covid-19, o instrumento de pesquisa on-line se torna mais acessível e seguro tanto para os respondentes, quanto para a pesquisadora. Estudos como o de Schyns (2001), Tsang et al. (2014), Ng (2015) e Li et al. (2020) legitimam o uso de coleta de dados on-line. Além disso, na época da pesquisa empírica boa parcela da população ainda se encontrava em isolamento social, o que tornaria inviável a aplicação de um questionário físico em grande quantidade.

Para participar da pesquisa on-line bastava o respondente assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com a sua participação e ter idade igual ou superior a 18 anos. Como mencionado anteriormente, o instrumento desta pesquisa foi disponibilizado na internet por meio do *Google forms*. Essa plataforma do *Google* permite a ‘criação’ e o compartilhamento de formulários por meio on-line com acesso disponibilizado a qualquer hora e lugar mediante acesso à internet. Além disso, o *Google forms* proporciona o gerenciamento do questionário pela autora. Para divulgação, foram utilizadas redes sociais

como o *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e e-mails com o envio do *link* para acesso ao questionário e aceite do TCLE (Apêndice A) para participar.

Sobre o instrumento de pesquisa, este foi desenvolvido a partir de escalas validadas para a realidade brasileira e que se refere a cada construto selecionado no escopo desta pesquisa. Dessa forma, a mensuração dos antecedentes do bem-estar subjetivo é delimitada a partir das escalas dos construtos denominados de: cinco grandes fatores da personalidade (Big Five); gratidão; otimismo; resiliência; autoeficácia; bem-estar financeiro percebido; ansiedade (estado) e materialismo. Esses construtos são definidos como medidas refletivas (COSTA, 2011), isto é, a alteração do construto caracterizado como independente provoca alteração na variável dependente. Além disso, a composição dos níveis de bem-estar subjetivo foi analisada pelos escores das escalas de afetos e satisfação com a vida.

As escalas de verificação da pesquisa são classificadas como tipo Likert, escala de diferencial semântico e *frase ou phrase completion*, evidenciando o grau de concordância e de frequência do respondente. Assim, a mensuração do BES é analisada a partir dos resultados dos itens das escalas escolhidas para cada construto elegido.

No que diz respeito ao **componente afetivo** que compõe o bem-estar subjetivo, partiu-se da premissa que as pessoas que experimentam mais afetos positivos e menos afetos negativos terão níveis de bem-estar mais elevados. Dessa forma, optou-se pela escala de afetos positivos e negativos denominada “*Scale of Positive and Negative Affects*” (EAPN-10) de Diener e Emmons (1984), disponível e adaptada para o contexto brasileiro pelos autores Gouveia et al. (2019). No Quadro 22, são apresentados as orientações e itens da escala de afetos que fazem parte do instrumento de pesquisa desta tese.

Quadro 22 - Escala de Afetos Positivos e Negativos

Instruções: A seguir você encontrará uma lista com dez estados emocionais . Para cada um deles, pedimos-lhe que indique o quanto você o tem experimentado ultimamente . Faça isso marcando o número correspondente a cada estado emocional, segundo a escala de resposta abaixo. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível em suas respostas.							
Afetos	Totalmente improvável	Bastante improvável	Improvável	Mais ou menos	Provável	Muito provável	Totalmente provável
	1	2	3	4	5	6	7
01. Feliz	1	2	3	4	5	6	7
02. Deprimido	1	2	3	4	5	6	7
03. Satisfeito	1	2	3	4	5	6	7
04. Frustrado	1	2	3	4	5	6	7
05. Raivoso	1	2	3	4	5	6	7
06. Divertido	1	2	3	4	5	6	7
07. Preocupado	1	2	3	4	5	6	7
08. Otimista	1	2	3	4	5	6	7
09. Infeliz	1	2	3	4	5	6	7
10. Alegre	1	2	3	4	5	6	7

Fonte: Gouveia et al. (2019).

Na composição do BES, além dos componentes afetivos existe a análise do componente cognitivo denominado **satisfação com a vida**. Conforme os achados da literatura, parte-se do pressuposto que pessoas que experimentam maiores níveis de satisfação com a vida, terão consequentemente, níveis maiores de bem-estar subjetivo. Diante disso, foi escolhida a escala validada denominada “*Satisfaction with Life Scale*” (SWLS) de Diener et al. (1985) e que foi adaptada para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2009). O Quadro 23 apresenta os itens da escala de satisfação com a vida.

Quadro 23 - Escala de Satisfação com a vida

Instruções: Por favor, leia as afirmações a seguir e indique na escala de resposta abaixo o quanto cada uma descreve sua forma de pensar ou sentir.					
Itens	1	2	3	4	5
	Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente
Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.	1	2	3	4	5
As condições da minha vida são excelentes.	1	2	3	4	5
Estou satisfeito(a) com minha vida.	1	2	3	4	5
Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	1	2	3	4	5
Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.	1	2	3	4	5

Fonte: Gouveia et al. (2009).

Com base na Teoria de transbordamento de cima para baixo (*Top-down Spillover*) da satisfação com a vida, os traços de personalidade e variáveis intrínsecas (ou disposicionais) afetam direta e indiretamente no bem-estar subjetivo das pessoas. Nesse sentido, a literatura do bem-estar confirma as relações de antecedência dos fatores de personalidade, mais especificamente, dos cinco grandes fatores de personalidade (Big Five) com os componentes afetivos e cognitivos do BES.

Assim, com a finalidade de mensurar o relacionamento entre essas variáveis, optou-se por aplicar o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (IGFP-5) que foi validado para o contexto brasileiro na tese de doutorado de Andrade (2008), sob orientação do professor doutor Jacob Arie Laros. O IGFP-5 foi adaptado com base no inventário denominado “*Big Five Inventory*” dos autores Benet-Martínez e John (1998). Vale ressaltar que este inventário foi proposto inicialmente por John, Donahue e Kentle (1991). O Quadro 24 apresenta o IGFP-5.

Quadro 24 - Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade

Instruções: A seguir, encontram-se um número de características que podem ou não te descrever. Por favor, coloque o número que corresponde ao grau em que acredita que a frase o caracteriza, segundo a legenda seguinte. Não há respostas certas nem erradas; responda com sinceridade, de acordo com o seu modo de ser habitual.					
<u>Eu me vejo como alguém que...</u>	Concordância				
	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
...É conversador(a), comunicativo(a).	1	2	3	4	5
...Às vezes é frio(a) e distante.	1	2	3	4	5
...Tende a ser crítico(a) com os outros.	1	2	3	4	5
...É minucioso(a), detalhista no trabalho.	1	2	3	4	5
...É assertivo(a), não teme expressar o que sente.	1	2	3	4	5
...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.	1	2	3	4	5
...É depressivo, triste.	1	2	3	4	5
...Gosta de cooperar com os outros.	1	2	3	4	5
...É original, tem sempre novas ideias.	1	2	3	4	5
...É temperamental, muda de humor facilmente.	1	2	3	4	5
...É inventivo(a), criativo(a).	1	2	3	4	5
...É reservado(a).	1	2	3	4	5
...Valoriza o artístico, o estético.	1	2	3	4	5
...É emocionalmente estável, não se altera facilmente.	1	2	3	4	5
...É prestativo(a) e ajuda os outros.	1	2	3	4	5
...É, às vezes, tímido(a), inibido(a).	1	2	3	4	5
...Pode ser um tanto descuidado(a).	1	2	3	4	5
...É amável, tem consideração pelos outros.	1	2	3	4	5
...Tende a ser preguiçoso(a).	1	2	3	4	5
...Faz as coisas com eficiência.	1	2	3	4	5
...É relaxado(a), controla bem o estresse.	1	2	3	4	5
...É facilmente distraído(a).	1	2	3	4	5
...Mantém-se calmo(a) nas situações tensas.	1	2	3	4	5
...Prefere trabalho rotineiro.	1	2	3	4	5
...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.	1	2	3	4	5
...É sociável, extrovertido(a).	1	2	3	4	5
...É geralmente confiável.	1	2	3	4	5
...É, às vezes, rude ou grosseiro(a) com os outros.	1	2	3	4	5
...É cheio(a) de energia.	1	2	3	4	5
...Começa discussões, disputas com os outros.	1	2	3	4	5
...É um(a) trabalhador(a) de confiança.	1	2	3	4	5
...Faz planos e os segue à risca.	1	2	3	4	5
...Tem uma imaginação fértil.	1	2	3	4	5
...Fica tenso(a) com frequência.	1	2	3	4	5
...É engenhoso(a), alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.	1	2	3	4	5
...Fica nervoso(a) facilmente.	1	2	3	4	5
...Gera muito entusiasmo.	1	2	3	4	5
...Tende a ser desorganizado(a).	1	2	3	4	5
...Gosta de refletir, brincar com as ideias.	1	2	3	4	5
...Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.	1	2	3	4	5
...Preocupa-se muito com tudo.	1	2	3	4	5
...Tende a ser quieto(a), calado(a).	1	2	3	4	5

...Tem poucos interesses artísticos.	1	2	3	4	5
...É sofisticado(a) em artes, música ou literatura.	1	2	3	4	5

Fonte: Andrade (2008).

Para auxiliar nas análises que são feitas *a posteriori*, o Quadro 25 reúne as características relacionadas a cada traço de personalidade, como também o que cada fator (traço) avalia por meio dos itens. Vale ressaltar que essas características foram definidas inicialmente nos estudos de Costa e McCrae (1992), e está disponível nos estudos de Pervin e John (2004) e de Andrade (2008).

Quadro 25 - Características de cada traço de personalidade

Características de quem apresenta um alto escore	Fatores	Características de quem apresenta um baixo escore
Preocupado, nervoso, emotivo, inseguro, inadequado, hipocondríaco.	Neuroticismo (N): avalia ajustamento <i>versus</i> instabilidade emocional. Identifica indivíduos propensos a perturbações.	Calmo, descontraído, não emotivo, forte, seguro, auto satisfeito.
Sociável, ativo, falante, orientado para as pessoas, otimista, divertido, afetuoso.	Extroversão (E): avalia a quantidade e intensidade de interações interpessoais; nível de atividade; necessidade de estimulação e capacidade de se alegrar.	Reservado, sóbrio, contraído, indiferente, orientado para tarefas, desinteressado, quieto.
Curioso, interesses amplos, criativo, original, imaginativo, não tradicional.	Abertura à experiência (O): avalia a atividade proativa e a apreciação da experiências por si só; tolerância e exploração do que não é familiar.	Convencional, sensato, interesses limitados, não artístico, não analítico.
Generoso, bondoso, confiante, prestativo, clemente, crédulo, honesto.	Amabilidade (A): avalia a qualidade da orientação interpessoal do indivíduo ao longo de um contínuo da compaixão ao antagonismo em pensamentos, sentimentos e ações.	Cínico, rude, desconfiado, não cooperador, vingativo, inescrupuloso, irritável, manipulador.
Organizado, confiável, trabalhador, autodisciplinado, pontual, escrupuloso, asseado, ambicioso e perseverante.	Conscienciosidade (C): avalia o grau de organização, persistência e motivação do indivíduo no comportamento dirigido para os objetivos. Compara pessoas confiáveis e obstinadas com aquelas que são apáticas e descuidadas.	Sem objetivos, não confiável, preguiçoso, descuidado, negligente, relaxado, fraco, hedonístico.

Fonte: Pervin e John (2004).

Além do Big Five, a literatura do BES traz indícios que outras características positivas ligadas aos indivíduos também exercem influência nos componentes afetivos e cognitivos do bem-estar subjetivo. O construto denominado **otimismo** é um deles. Segundo a teoria, pessoas mais otimistas vivenciam mais emoções positivas e têm maior satisfação com a vida, além de apresentarem menos afetos negativos. Nesse contexto, é inegável que o otimismo é uma variável que precede e influencia o bem-estar subjetivo das pessoas.

A partir disso, a escala escolhida para mensurar o otimismo foi a escala desenvolvida inicialmente por Pedrosa et al. (2015) e que foi adaptada para o contexto brasileiro nos estudos de Coelho et al. (2018). O Quadro 26 apresenta a escala de otimismo composta por nove itens.

Quadro 26 - Escala de Otimismo

Instruções: Leia com atenção cada afirmação a seguir, escrevendo um número que indica o quanto você concorda ou discorda com o que ela indica, segundo a escala de resposta abaixo.					
Itens	1	2	3	4	5
	Discordo totalmente	Discordo	Nem Concordo, Nem Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.	1	2	3	4	5
Quando penso no futuro, sou positivo.	1	2	3	4	5
Me ocorrem mais coisas boas do que ruins.	1	2	3	4	5
Penso que tudo vai dar errado.	1	2	3	4	5
Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	1	2	3	4	5
Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	1	2	3	4	5
Vejo o lado positivo das coisas.	1	2	3	4	5
Tenho confiança para superar problemas.	1	2	3	4	5
Tenho confiança no futuro.	1	2	3	4	5

Fonte: Coelho et al. (2018).

Outro construto positivo escolhido para ser analisado neste trabalho foi a **gratidão**. De acordo com a Psicologia Positiva, a gratidão pode melhorar diversos indicadores de saúde, assim como a satisfação com a vida e emoções positivas. A ideia é que agradecer diariamente contribui para sentimentos, pensamentos e comportamentos positivos e, portanto, geram maior bem-estar nas pessoas. Diante desse contexto, optou-se por mensurar a gratidão por meio do Questionário de Gratidão (QG-6) de McCullough et al. (2002) que foi validado e adaptado para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2019).

O Quadro 27 a seguir apresenta os itens do questionário de gratidão utilizado.

Quadro 27 - Questionário de Gratidão (QG-6)

Instruções: Considere as afirmações a seguir, respondendo na escala de resposta ao lado em que medida você concorda ou discorda com o que está sendo dito.							
Legenda	Discordo Totalmente	Discordo	Discordo ligeiramente	Neutro (não concordo, nem discordo)	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
1. _____ Sou grato(a) por muitas coisas na vida.							
2. _____ Se tivesse que listar tudo pelo que sou grato (a), esta seria uma lista muito longa.							
3. _____ Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato(a).							
4. _____ Sou grato(a) a uma ampla variedade de pessoas.							

5. _____	À medida que envelheço, encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.
6. _____	Pode passar um longo período de tempo até que eu me sinta grato(a) por algo ou a alguém.

Fonte: Gouveia et al. (2019).

Outra medida escolhida para compor o instrumento de pesquisa foi a **autoeficácia**. Conforme pode ser observado no referencial teórico desta tese, a autoeficácia é um construto que influencia positivamente o bem-estar subjetivo dos indivíduos. Além disso, essa variável se apresenta como mediadora na relação de influência entre o Big Five e o BES. Ainda, estudos realizados durante a pandemia do Covid-19 confirmaram que autoeficácia é diminuída devido aos níveis de ansiedade (estado) que as pessoas são acometidas durante períodos difíceis ou de grandes mudanças na vida.

Com base nesses achados, utilizou-se a escala denominada de ‘*The General Self-Efficacy Scale*’ (Escala de Autoeficácia Geral Percebida - EAEGP) desenvolvida por Schwarzer e Jerusalem (1995), traduzida e validada para o contexto brasileiro por Souza e Souza (2004) e disponível nos estudos de Caruzzo et al. (2013). O Quadro 28 apresenta as instruções e itens da escala escolhida neste trabalho.

Quadro 28 - Escala de Autoeficácia

Instruções: Agora, temos um conjunto de afirmações sobre a sua <u>capacidade de realizar tarefas</u> . Por favor responda os itens abaixo assinalando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave das respostas apresentadas.				
Afirmação	Concordância			
	Não é verdade a meu respeito	É dificilmente verdade a meu respeito	É moderadamente verdade a meu respeito	É totalmente verdade a meu respeito
Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	1	2	3	4
Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	1	2	3	4
Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	1	2	3	4
Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	1	2	3	4
Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	1	2	3	4
Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	1	2	3	4
Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	1	2	3	4
Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	1	2	3	4
Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	1	2	3	4
Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	1	2	3	4

Fonte: Caruzzo et al. (2013).

A **resiliência**, enquanto? processo dinâmico, também compõe o modelo e instrumento de coleta de dados deste projeto de tese. Segundo a teoria do bem-estar subjetivo, a resiliência é considerada uma preditora, pois indivíduos com altos níveis de resiliência, também tendem a apresentar elevados níveis de afeto positivo e satisfação com a vida. Atualmente, a resiliência é vista como uma variável psicológica em que as pessoas respondem positivamente às dificuldades da vida. No atual contexto pandêmico que se vive, essa variável se torna bastante relevante, pois se acredita que indivíduos mais resilientes nesse momento de superação de estresse e adversidades conseguiram manter níveis maiores de bem-estar subjetivo dos que os não resilientes.

Diante desse contexto, escolheu-se trabalhar com a Escala de Resiliência construída e validada por Smith et al. (2008), adaptada e validada para o contexto brasileiro por Coelho et al. (2016). O Quadro 29 a seguir apresenta os itens e instruções dessa escala.

Quadro 29 - Escala de Resiliência

Instruções: Por favor, indique em que medida você concorda com cada uma das afirmações.					
Legenda	Discordo Totalmente	Discordo	Neutro (não concordo, nem discordo)	Concordo	Concordo totalmente
	1	2	3	4	5
1. _____	Costumo me recuperar rapidamente de momentos difíceis.				
2. _____	Tenho dificuldade em passar por eventos estressantes.				
3. _____	Não costumo demorar para me recuperar de eventos estressantes.				
4. _____	É difícil me recompor quando algo ruim acontece.				
5. _____	Costumo levar um longo tempo para superar os contratempos na minha vida.				

Fonte: Coelho et al. (2016).

Com a finalidade de investigar também os antecedentes do domínio do bem-estar financeiro, o construto chamado **materialismo também foi incluído**. Conforme a leitura do referencial teórico, o materialismo é uma variável-chave nas análises do bem-estar subjetivo geral e bem-estar financeiro. Isto porque, segundo a teoria o materialismo influencia direto e indiretamente nos componentes (afetivos e cognitivo) do BES. Além disso, é considerado um preditor do bem-estar financeiro.

Independente do conceito empregado, isto é, se o materialismo afeta de forma positiva ou negativa no BES, é sabido que há influência desse construto em uma série de medidas relacionadas ao domínio material e a satisfação com a vida geral. Nesse contexto, foi escolhida a escala de materialismo (versão reduzida) desenvolvida por Richins (2004), que foi adaptada

e validada para o contexto brasileiro por Ponchio e Aranha (2008). A seguir, são apresentados os itens da escala (Quadro 30):

Quadro 30 - Escala de Materialismo

Instruções: Levando em conta seus <u>hábitos de consumo</u> indique o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo. Utilize 1 para discordância total e 10 para concordância total.					
Afirmação	Concordância				
	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
Eu gosto de comprar coisas novas e diferentes.	1	2	3	4	5
Eu admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras.	1	2	3	4	5
Minha vida seria melhor se eu tivesse coisas que não possuo neste momento.	1	2	3	4	5
Comprar coisas me dá muito prazer.	1	2	3	4	5
Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	1	2	3	4	5
Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	1	2	3	4	5
Eu gosto de muito luxo na minha vida.	1	2	3	4	5
Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	1	2	3	4	5
Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	1	2	3	4	5

Fonte: Ponchio e Aranha (2008).

Continuando, devido ao contexto da pandemia do Covid-19, a autora da tese optou por trabalhar com o construto de **ansiedade-estado**. De acordo com a literatura da área, em momentos de instabilidade social e econômica, bem como de restrições, mudanças, dificuldades e medo, os níveis de ansiedade das pessoas parecem ser alterados substancialmente. Nessa linha de raciocínio, aumentos da ansiedade corroboram para que as pessoas venham a experimentar mais afetos negativos e isto, impacta diretamente na satisfação com a vida geral, como também nos índices de bem-estar subjetivo. Além disso, níveis elevados de ansiedade (estado) influenciam negativamente em diversas variáveis psicológicas que consideradas benéficas para a manutenção dos níveis de BES.

Dentro dessa perspectiva, foi escolhido para mensurar os níveis de ansiedade os itens referentes à ansiedade-estado disponíveis no Inventário Brasileiro de Ansiedade Traço-Estado (STAI) que foi adaptado, validado e reduzido nos estudos de Fioravanti-Bastos, Cheniaux e Landeira-Fernandez (2011) chamado de STAI-S-6. Vale ressaltar que o inventário brasileiro foi adaptado do manual denominado de “*State-Trait Anxiety Inventory*” desenvolvido por Spielberger, Gorsuch e Lushene (1970) que engloba os componentes de ansiedade-estado e ansiedade-traço.

Diante disso, o Quadro 31 informa os itens pertencentes ao construto de ansiedade-estado a que esta tese se propõe analisar.

Quadro 31- Inventário Brasileiro de Ansiedade-Estado (STAI-S-6) – versão reduzida

Instruções: Em relação ao seu estado atual, avalie as seguintes afirmações. Para isso, indique o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo, utilizando 1 para absolutamente não e 4 para muitíssimo.				
Afirmações	Indicação			
	Absolutamente não	Um pouco	Bastante	Muitíssimo
1. Sinto-me calmo(a)	1	2	3	4
2. Estou tenso(a)	1	2	3	4
3. Sinto-me à vontade	1	2	3	4
4. Sinto-me nervoso(a)	1	2	3	4
5. Estou descontraído(a)	1	2	3	4
6. Estou preocupado(a)	1	2	3	4

Fonte: Fioravanti-Bastos e Landeira-Fernandez (2011).

Por fim, com o objetivo de entender a influência do domínio do bem-estar material no bem-estar subjetivo geral, bem como seus antecedentes, optou-se por trabalhar com a escala de bem-estar financeiro desenvolvida e validada nos estudos de Netemeyer et al. (2017).

De acordo com Netemeyer et al. (2017), o construto de bem-estar financeiro é formado a partir de dois fatores, são eles: Estresse na gestão financeira atual (EG) e Segurança financeira futura esperada (SF). Dessa forma, se fez necessária a divisão da escala de acordo com os dois fatores formadores da escala de bem-estar financeiro percebido.

Em um estudo recente, essa escala foi validada e adaptada para o contexto brasileiro pelos autores Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2020). No processo de validação e adaptação para o contexto do Brasil, foram excluídos dois itens referentes ao fator de Segurança financeira futura esperada (SF). Nos procedimentos metodológicos, os itens da escala original foram traduzidos para o Português e tiveram sua tradução reversa para o Inglês, bem como sua validade de conteúdo, verificada por três especialistas. Para fins de aplicação e análise desta tese, foi utilizada a versão já adaptada dos autores mencionados anteriormente. Porém, vale ressaltar que a escala original de Netemeyer et al. (2017) pode ser visualizada em anexo neste trabalho.

No Quadro 32 estão dispostos os itens da escala disponível nos estudos dos autores Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2020).

Quadro 32 - Escala de Bem-estar Financeiro Percebido

Instruções: em relação ao seu <u>bem-estar financeiro</u> , avalie as seguintes afirmações. Para isso, indique o quanto concorda em uma escala de 1 até 5, utilizando 1 para ‘não me descreve de jeito nenhum’ e 5 para ‘me descreve completamente’.						
Fator	Afirmações	Concordância				
		Não me descreve de jeito nenhum			Me descreve completamente	
SF	Estou me tornando financeiramente seguro.	1	2	3	4	5
SF	Estou garantindo meu futuro financeiro.	1	2	3	4	5
SF	Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	1	2	3	4	5
EG	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	1	2	3	4	5
EG	Não estou em dia com minha vida financeira.	1	2	3	4	5
EG	Minhas finanças controlam minha vida.	1	2	3	4	5
EG	Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	1	2	3	4	5
EG	Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.	1	2	3	4	5

Fonte: Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2020).

Ante o exposto, a apresentação dos itens demonstrados anteriormente compôs o questionário da pesquisa (Apêndice B). Vale destacar que o instrumento de pesquisa também contempla outras questões, tais como: variáveis sociodemográficas, questões sobre satisfação com a renda e padrão de vida atual, sobre consumo e sentimentos/comportamentos durante a pandemia do Covid-19. Algumas dessas questões foram elaboradas pela autora deste projeto, outras que versam sobre a satisfação com a renda e padrão de vida atual, foram baseadas em estudos anteriores conforme exposto no Capítulo 3.

O próximo tópico abordará sobre o procedimento de análise dos dados desta tese.

5.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados desta pesquisa é de abordagem quantitativa. Nesse caso, o objetivo é quantificar os dados coletados e generalizar os resultados amostrais para a população-alvo. Dentro dessa perspectiva, houve a coleta de dados e após essa coleta, os dados foram tabulados e explorados com o auxílio dos softwares da IBM denominados de SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) na versão 21 e AMOS (*Analysis of Moment structures*) também na versão 21. Foi utilizado também o software chamado Factor para auxiliar nas decisões sobre os fatores pertencentes aos construtos. Após esses procedimentos, foram realizadas as análises estatísticas e as discussões dos resultados encontrados. Para tanto, foi testado o modelo teórico proposto, a partir da análise multivariada denominada de Modelagem por Equações Estruturais

(MEE). O próximo subtópico irá descrever de forma mais detalhada como ocorre o processo da MEE.

Diante desse contexto, as análises estatísticas permitiram um maior entendimento na relação entre a variável dependente e as independentes, obtendo assim as respostas adequadas ao propósito desta tese. Em resumo, o Quadro 33 apresenta os pontos fundamentais deste trabalho, e relaciona a questão de pesquisa com os objetivos (geral e específicos), bem como os procedimentos de coleta de dados adotados e a abordagem proposta neste estudo.

Quadro 33 - Objetivos, instrumentos de coleta de dados, natureza e análises da pesquisa

Quadro 33 – Objetivos, instrumentos de coleta de dados, natureza e análise da pesquisa

Objetivo geral da pesquisa: Analisar os fatores psicológicos e do domínio do bem-estar material que influenciam os componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.			
Objetivos específicos	Coleta de dados	Procedimentos	Abordagem
1. Identificar fatores da personalidade que influenciam nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.	Revisão da literatura	Pesquisa bibliográfica e teórica: Análise baseada em estudos relevantes e atuais disponíveis na literatura.	Quantitativa Técnicas: Análise descritiva, Análise fatorial exploratória (AFE), Análise psicométrica dos construtos, Análise fatorial confirmatória (AFC), Teste dos modelos a partir da Modelagem por equações estruturais (MEE).
2. Verificar os construtos do domínio do bem-estar material que influenciam nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.			
3. Construir um Modelo de Antecedentes do Bem-estar Subjetivo com base na Teoria Integrativa da satisfação com a vida.			
4. Avaliar quais fatores da personalidade e do domínio do bem-estar material influenciam nos níveis de bem-estar subjetivo.	Aplicação de instrumento de pesquisa (questionário estruturado) elaborado com escalas previamente validadas dos construtos definidos na pesquisa.	Pesquisa de campo/empírica: A partir do modelo teórico proposto com base na revisão da literatura.	
Realização dos objetivos para resolução da problemática de pesquisa: Quais os fatores psicológicos e do domínio do bem-estar material podem influenciar nos componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo?			

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

O próximo tópico descreve as análises estatísticas realizadas nesta tese.

5.3.1 Análises estatísticas

Nesta pesquisa, as análises estatísticas envolvem a análise exploratória dos dados, a análise descritiva (da amostra e dos construtos separadamente), a análise psicométrica dos construtos e, por fim, a modelagem por equações estruturais (MEE). Como mencionado anteriormente, o objetivo foi testar o modelo proposto e analisar as hipóteses sugeridas.

Nesse contexto, as técnicas estatísticas empregadas foram operacionalizadas por meio dos softwares estatísticos SPSS 21, Factor (análise descritiva, análise psicométrica com a

análise do *alpha de Cronbach* e a análise fatorial exploratória) e AMOS 21 (modelagem por equações estruturais). A decisão em adotar a técnica estatística de modelagem por equações estruturais é baseada na característica do próprio objetivo geral do estudo.

Inicialmente, a análise exploratória serviu para analisar os dados coletados, com o objetivo de detectar e ajustar possíveis dados perdidos (*missing values*), observações atípicas (*outliers*) e falhas na obtenção dos dados. De acordo com Hair et al. (2014), os *missing values* são valores válidos sobre os construtos, mas que não estão disponíveis para análise. Já os *outliers* dizem respeito ao valor incomum que alguma variável pode apresentar diante das demais o que torna a observação imprópria em relação as outras variáveis analisadas.

Em seguida, a avaliação descritiva procedeu em termos de frequência das respostas sobre as variáveis sociodemográficas, como também acerca de cada construto (dependente e independentes) que este projeto se propôs analisar. Pode-se dizer que, a avaliação descritiva é uma análise univariada que irá permitir as extrações estatísticas descritivas como média, desvio padrão, amplitude, variância, coeficiente de variação, assimetria e curtose de todas as variáveis (ANDERSON; SWEENEY; WILLIAMS, 2011). Para a análise psicométrica foi realizada a análise de consistência interna por meio do valor do *alpha de Cronbach*. Por fim, foi feita a análise fatorial exploratória com o objetivo de identificar os problemas e itens que devem ser excluídos. Além disso, na AFE foram analisados cada construto separadamente com o objetivo de entender como eles são formados, isto é, se são compostos por um ou mais fatores.

Dando continuidade, utilizou-se a análise estatística multivariada denominada de Modelagem por Equações Estruturais (MEE) com o objetivo de analisar as múltiplas relações de dependência (ao mesmo tempo) que o modelo proposto sugere. Diferente das demais técnicas multivariadas existentes, a MEE é uma técnica que permite explicar as relações de influência entre diversas variáveis por meio de uma série de equações. Em outras palavras, as diversas equações estimadas correspondem ao meio pelo qual os construtos se relacionam entre si, como também a sua relação com os demais itens envolvidos na análise (HAIR et al., 2014). Desse modo, entende-se que a técnica multivariada escolhida parece ser a mais apropriada ao propósito deste trabalho.

Além disso, a MEE possibilitou o exame das relações simultâneas entre as variáveis dependente e independentes (HAIR et al, 2014). Nesse sentido, a técnica pôde realizar a análise fatorial confirmatória (AFC) e a regressão múltipla de modo conjunto. Devido a essas características, a MEE vem sendo utilizada em diversos estudos na área das ciências sociais aplicadas. Pesquisas recentes como a de Ali (2018) e de Xiao et al. (2020) são exemplos da aplicação da MEE nesse contexto. Ambos os estudos aplicaram essa técnica multivariada com

o objetivo de testar o seu modelo conceitual proposto e investigar as relações (confirmação ou refutação) a partir das hipóteses estabelecidas com base na teoria (HAIR et al., 2014). Assim como esta tese se propôs a fazer.

À luz do exposto, todas as análises estatísticas que a pesquisadora utilizou, serviu como base para a consecução da análise, discussão dos resultados encontrados e consequentemente, responder à problemática de estudo.

O próximo capítulo apresenta a análise dos resultados encontrados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados e análises encontradas a partir dos dados coletados e baseados nos procedimentos estatísticos adequados ao objeto de estudo. Para tanto, é descrita a análise exploratória preliminar e a descrição da amostra, a análise exploratória dos construtos da pesquisa (medidas descritivas e análises psicométricas) e, por fim, a análise multivariada dos dados, em especial, a Modelagem por Equações Estruturais (MEE), empregada para o teste das hipóteses do modelo proposto.

6.1 ANÁLISE EXPLORATÓRIA PRELIMINAR

Após a aplicação do instrumento de pesquisa, os dados coletados foram transportados e organizados em uma planilha no Software estatístico SPSS na versão 21. Primeiramente, houve uma avaliação inicial, com a finalidade de detectar possíveis erros e em seguida, preparou-se o material para as análises estatísticas.

Nesse sentido, com o objetivo de identificar possíveis erros, levou-se em consideração o procedimento de verificação chamado *missing values*. Foram coletados 722 questionários, dentre eles, foram considerados válidos o total de 714 questionários. Respondentes com idade inferior aos 18 anos foram excluídos da amostra coletada.

Em seguida, o banco de dados foi verificado quanto ao padrão de resposta. Nesta verificação, nenhum dos questionários (e questões individualmente) apresentou um único padrão de resposta, logo, prosseguiu para a análise todos os 714. Com a finalidade de evitar esses valores perdidos, todas as questões presentes no questionário eletrônico foram classificadas como obrigatórias, isto é, para que o questionário fosse contabilizado de fato, os participantes deveriam responder obrigatoriamente todos os itens.

Após esse refinamento inicial, procedeu-se a análise de *outliers*, que correspondem aos dados extremos, ou seja, dados atípicos em comparação aos demais (HAIR et al., 2005). A priori, foram padronizados os dados em Z (distribuição normal) em que eram considerados como outliers os dados com valores menores de -3,5 e maiores que +3,5 conforme a literatura aponta (COSTA, 2011). Com esse critério, pôde-se identificar que nenhum dos dados apresentou valores extremos. Assim, prosseguiram-se para as análises dos dados todos os 714 questionários respondidos.

Por fim, deve-se ressaltar que o número de respondentes alcançado se apresenta como adequado para responder o problema geral e os objetivos deste estudo.

O tópico seguinte descreve a caracterização da amostra.

6.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Dando continuidade com as análises, após a verificação dos dados e da planilha, foi realizada a descrição da amostra com base nas variáveis sociodemográficas (gênero, estado civil, grau de escolaridade, renda e idade). Desse modo, as informações contidas sobre gênero, estado civil e idade estão dispostas na Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição das variáveis sexo, estado civil e faixa de idade

Sexo		Estado civil		Faixa de idade	
Descrição	Percentual	Descrição	Percentual	Descrição	Percentual
Feminino	65,5%	Solteiro(a)	50%	De 18 até 25 anos	22,3%
Masculino	34,5%	Casado(a)	41,5%	De 26 até 30 anos	24,4%
		Divorciado(a)	4,9%	De 31 até 40 anos	32,5%
		Outro	3,6%	De 41 até 50 anos	13,6%
				De 51 até 70 anos	7,3%
				Acima de 70 anos	0%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com a Tabela 1, pode-se observar que na variável sexo, 65,5% dos respondentes pertencem ao sexo ‘feminino’, enquanto 34,5% são do sexo ‘masculino’. Quanto à variável denominada estado civil, vê-se que a grande parcela da amostra foi formada pela descrição ‘solteiro(a)’ com 50% e ‘casado(a)’ com 41,5%. Em seguida, tiveram os sujeitos com a descrição ‘divorciado(a)’ representando apenas 4,9% dos respondentes e, por fim, as pessoas que se intitulam como ‘outro’ (3,6%) quanto ao seu estado civil.

No que concerne à faixa de idade, nota-se que a amostra é bastante homogênea. Os respondentes mais jovens com idades de 18 até 25 anos corresponderam a 22,3%, enquanto os entrevistados de 26 até 30 anos representam 24,4%. A parcela com o maior número dos respondentes foi na faixa etária de 31 até 40 anos (32,5%) e a parcela menos significativa foram os idosos de 51 até 70 anos (7,3%) e com idades de 41 até 50 anos (13,6%).

Quanto ao grau de escolaridade e renda familiar mensal, a amostra foi formada pelas características gerais descritas na Tabela 2.

Tabela 2 – Descrição da variável grau de escolaridade e renda familiar mensal

Grau de escolaridade		Renda familiar mensal	
Descrição	Percentual	Descrição	Percentual
Fundamental incompleto	0,5%	Até R\$2.000,00	14,6%
Fundamental completo	18,2%	De R\$2.000,01 até R\$4.000,00	21,3%
Médio completo	0%	De R\$4.000,01 até R\$6.000,00	18,6%
Superior completo	37,5%	De R\$6.000,01 até R\$8.000,00	11,1%
Pós-graduação completa	43,8%	De R\$8.000,01 até R\$10.000,00	9,1%
		De R\$10.000,01 até R\$15.000,00	12,2%
		De R\$15.000,01 até R\$20.000,00	7,4%
		Acima de R\$20.000,00	5,7%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quanto à variável ‘grau de escolaridade’, a maioria dos respondentes da pesquisa possui pós-graduação completa (43,8%), isto é, são pessoas com o nível educacional considerado elevado. Em seguida, seguiram-se os respondentes com o ensino superior completo (37,5%). Vale ressaltar que apesar da grande parte da amostra ser representada por pessoas com pelo menos um curso superior completo, houve também respondentes que possuem baixa escolaridade como no caso dos que apresentam apenas o ensino fundamental completo (18,2%) e pessoas que não chegaram a concluir o ensino fundamental (0,5%).

Em relação à renda familiar mensal, houve uma homogeneidade quanto aos respondentes. De maneira geral, a maior parte dos sujeitos possui de R\$2.000,01 até R\$4.000,00 (21,3%). Em seguida temos os respondentes que possuem renda familiar mensal entre R\$4.000,01 até R\$6.000,00 (18,6%) e sujeitos com até R\$2.000,00 (14,6%). Os respondentes que possuem renda familiar mensal de R\$6.000,01 até R\$8.000,00 foram 11,1%, já os sujeitos com renda de R\$8.000,00 até R\$10.000,00 representam 9,1% da amostra e os respondentes com renda de R\$10.000,01 até R\$15.000,00 representaram 12,2%.

Por fim, pessoas com padrão econômico mais elevado apresentando uma renda familiar entre R\$15.000,01 até R\$20.000,00 foram 7,4% da amostra e, com renda superior a R\$20.000,00 por mês apresentaram apenas 5,7% dos respondentes.

Além das questões sociodemográficas dispostas anteriormente, os respondentes também informaram a quantidade de pessoas (contando com ele próprio) que residem na mesma casa e quando foram questionados sobre se possuíam alguma religião responderam sim ou não, conforme pode ser compreendido na Tabela 3.

Tabela 3 – Descrição quanto ao número de pessoas residentes na mesma casa e se possuem religião

Quantidade de pessoas que residem na mesma casa		Possui alguma religião	
Descrição	Percentual	Descrição	Percentual
1	9,5%	Sim	80,5%
2	29,8%	Não	19,5%
3	23,9%		
4	25,2%		
Acima de 4	11,5%		

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A maioria dos entrevistados reside com outra pessoa (29,8%), seguidos dos sujeitos que residem com mais três pessoas (25,2%) e dos respondentes que moram com mais duas pessoas (23,9%). Vale ressaltar que 11,5% da amostra são os sujeitos que residem com mais de quatro pessoas e os que moram sozinhos representaram apenas 9,5% da amostra.

Quando questionados sobre se possuíam alguma religião, a maioria dos respondentes (80,5%) afirmou seguir sim uma religião. Como o objetivo deste estudo não é relacionado diretamente ao construto religiosidade, não foram aprofundadas outras questões sobre este tema. A pergunta dicotômica serviu apenas como uma curiosidade acerca do perfil dos respondentes da pesquisa e para uma possível análise de correlação com outros construtos.

Além dessas questões mais gerais, os entrevistados responderam a uma questão comparativa sobre o seu consumo. Sendo assim, foram questionados se comparativamente às pessoas mais próximas (família, grupo de amigos etc.) eles compram ‘menos’, ‘tanto quanto’ ou ‘mais’ que elas. A Tabela 4 retrata as respostas dos entrevistados.

Tabela 4 – Comparação de quantidade de compra

Comparativamente às pessoas mais próximas de mim (família e grupos de amigos), eu,	
Descrição	Percentual
Compro menos que elas	58,1%
Compro tanto quanto elas	26,3%
Compro mais que elas	15,5%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme pode ser visualizado nos dados acima, nota-se que a maioria dos entrevistados considera-se ‘comprar menos’ (58,1%) que as pessoas próximas a eles. Em seguida, com 26,3% do total, consumidores que se consideram ‘comprar tanto quanto’ seus amigos e familiares. Por último, os respondentes que afirmaram ‘comprar mais’ que seus colegas e familiares representaram 15,5% da amostra.

Outra questão essencial abordada, foi qual nível de vulnerabilidade (0 até 10) os sujeitos achavam que tinham quando estavam envolvidos em uma atividade de consumo. Para medição dessa questão foi utilizada a escala do tipo *phrase completion*. Como resultado, obteve-se uma média estatística de 4,99, ou seja, os respondentes da pesquisa se apresentam como moderadamente vulneráveis. Vale ressaltar, que o desvio-padrão apresentado como medida de dispersão teve um total de 2,19. Segundo Costa (2011), isto significa dizer que o grau de dispersão neste caso é moderado, haja vista que o valor ficou entre 2 e 3.

Finalmente, de acordo com as análises mencionadas acima, pode-se dizer que no perfil dos sujeitos da pesquisa há uma predominância de entrevistados do sexo feminino (65,5%), com estado civil de solteiro(a) (50,0%), faixa etária de 31 até 40 anos (32,5%), são pós-graduados (43,8%), com renda familiar mensal entre R\$ 2.000,01 até R\$4.000,00 (21,3%) e em sua maioria moram com mais outra pessoa (29,8%). Ainda, possuem uma religião (80,5%) e quanto aos hábitos de consumo, são pessoas que acreditam comprar menos que seus familiares e amigos próximos (58,1%).

Dando continuidade, o tópico seguinte apresenta uma série de questões sobre o perfil financeiro dos entrevistados.

6.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA QUANTO ÀS QUESTÕES FINANCEIRAS

Além das questões sociodemográficas gerais, os respondentes foram questionados sobre a sua vida financeira.

Inicialmente, indagou-se sobre quão satisfeitos ou insatisfeitos os respondentes estavam com a sua situação financeira. Para isso, foi utilizada a escala do tipo *phrase completion* de zero (0) até dez (10), onde o zero representava o ‘muito insatisfeito’ e o dez o ‘muito satisfeito’. Os resultados apontaram uma média estatística de 6,17, o que se pode concluir que os sujeitos da pesquisa estão moderadamente satisfeitos com a sua vida financeira. O desvio-padrão como medida de dispersão foi de 2,36. Isto indica que o grau de dispersão é moderado, pois o valor ficou entre 2 e 3 conforme aponta Costa (2011).

Em seguida, os entrevistados foram questionados sobre várias questões que relacionam a própria situação financeira e como o dinheiro está sendo gasto. A escala de frequência de todas as questões também inicia no zero (0) e vai até dez (10). A Tabela 5 retrata a média em cada item, bem como o desvio padrão entre as respostas e a conclusão descritiva sobre cada ponto.

Tabela 5 – Percepção sobre a situação financeira

Percepção sobre a situação financeira			
Questão	Média	Desvio padrão	Descrição
Indique o quanto está satisfeito ou insatisfeito com sua situação financeira.	6,17	2,36	Moderadamente satisfeitos com a situação financeira atual
Como você se sente sobre até que ponto as suas necessidades materiais são atendidas?	7,23	1,86	Satisfeitos em como as necessidades materiais estão sendo atendidas
Como você se sente em relação ao seu padrão de vida, ou seja, com o que você tem como moradia, carro, lazer e afins.	7,31	1,94	Acreditam ter um bom padrão de vida
Indique o nível atual de sua renda financeira para cobrir suas despesas.	6,72	2,14	Acreditam ter relativamente o suficiente para cobrir suas despesas (sem dificuldade)
Pensando na renda mensal total da sua família, você consegue sobreviver.	7,46	1,97	A renda familiar mensal serve para pagar as contas do mês
Qual o nível de seu estresse financeiro hoje?	5,5	2,41	Baixo estresse financeiro
Como você se sente sobre sua situação financeira atual?	6,14	2,25	Despreocupados
Com que frequência você se preocupa em poder pagar as despesas mensais normais?	5,99	2,75	Há uma preocupação quanto ao pagamento das despesas mensais
Quão confiante você está em conseguir/ou ter dinheiro para pagar por uma emergência financeira que custa cerca de R\$4.000,00?	5,94	3,14	Alguma confiança.
Com que frequência você quer sair para comer, ir ao cinema ou fazer outra coisa e não vai porque não pode gastar?	4,96	2,63	Raramente
Com que frequência você se sente gastando mais do que deveria?	5,70	2,57	Às vezes
Como você se sente com suas finanças pessoais no geral?	5,63	2,39	Baixo estresse financeiro

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como pode ser visualizado na tabela anterior, quando questionados sobre até que ponto as suas necessidades materiais são atendidas, os sujeitos do estudo demonstraram estarem satisfeitos. Em consonância, ao serem perguntados sobre o seu padrão de vida a média foi de 7,31 o que podemos entender que eles acreditam ter um bom padrão de vida. Além disso, quanto ao nível atual da renda e despesas que possuem, os entrevistados afirmaram poder pagar e ter dinheiro suficiente, sem muitas dificuldades. Sobre a renda mensal total da família, os entrevistados do estudo informaram que conseguem sobreviver com o que ganham, que se

sentem despreocupados com as finanças e possuem um nível de estresse baixo em relação ao dinheiro.

Dando continuidade, os dados apontam que os respondentes do estudo se preocupam poucas vezes quanto ao ‘poder pagar’ as despesas mensais básicas. Ademais, a média (5,94) indica que existe uma certa confiança quanto ao pagamento de uma emergência que venha a surgir no valor aproximado de R\$4.000,00. No entanto, vale ressaltar que o desvio padrão foi de 3,14, o que aponta para uma dispersão dos dados, em outras palavras, existiu um bom número de entrevistados que relataram não estarem confiantes com essa reserva indicando o número zero (13,3%), enquanto outra boa parte afirma possuir essa reserva de emergência e apontaram o grau dez de confiança (20,4%). Assim, podemos concluir que não há uma resposta homogênea quanto à essa questão, pois houve uma discrepância significativa entre os sujeitos da pesquisa.

O perfil do entrevistado também demonstrou a partir da média (4,96) que dificilmente eles deixam de sair para comer, ir ao cinema ou sair à lazer por não poder gastar. Inclusive, quando questionados sobre a sensação de estarem gastando mais do que o necessário, a média (5,70) dos respondentes indica que às vezes eles têm essa percepção. Esses resultados sugerem que há uma tendência de os participantes do estudo terem um certo controle (conhecimento) quanto à situação financeira que possuem.

Por fim, quando perguntados sobre o sentimento que possuem quanto às finanças pessoais no geral, a média (5,63) dos respondentes indica que possuem baixo estresse. Talvez, por serem pessoas com elevado nível educacional, tenham um conhecimento maior sobre educação financeira do que a população em geral e, conseqüentemente, sabem controlar melhor as suas finanças pessoais.

Ademais, os sujeitos do estudo foram questionados sobre alguns problemas de moradia e necessidades básicas. A Tabela 6 na sequência demonstra os dados coletados.

Tabela 6 – Problemas sobre moradia e necessidades básicas

Problemas sobre moradia e necessidades básicas		
Questão	Descrição	
Problemas com a sua moradia. Por exemplo: falta de espaço, falta de banheiro, umidade/vazamentos, portas e janelas com defeitos	Sim	27,2%
	Não	72,8%
Não pode pagar alguns itens básicos de necessidades. Por exemplo: refeições com carne, roupas, carro, computador em casa, máquina de lavar.	Sim	23,5%
	Não	76,5%
Nos últimos 12 meses, a sua família está em atraso nos pagamentos, ou seja, está incapaz de efetuar conforme o programado, o pagamento do aluguel ou hipoteca da acomodação ou contas como eletricidade, água, gás e condomínio?	Sim	12,2%
	Não	87,8%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme podemos observar a partir dos dados expostos acima, a maioria dos respondentes com 72,8% afirmaram não possuir problemas ligados à falta de espaço, falta de banheiro, umidade/vazamentos e portas e janelas com defeitos. Uma parcela significativa (76,5%) também afirmou poder pagar pelos itens de necessidades básicas, tais como: refeições com carne, vestimenta, veículo, máquina de lavar e computador. Além disso, a maioria deles (87,8%) não possui contas em atraso ligadas ao pagamento de aluguel ou hipoteca ou contas como as de energia, água, gás e condomínio. Esses achados corroboram com o observado anteriormente, quando aos respondentes apresentarem baixo estresse financeiro atual, haja vista que parece haver uma harmonia no quanto eles têm de renda disponível e seus principais gastos mensais.

Além de todas essas questões sobre a área financeira e necessidades básicas dos respondentes, foi-se perguntado sobre o que eles consideram ser uma ‘vida boa’, isto é, a vida que eles já têm ou gostariam de ter e acreditam ser boa. Para isso, foram listados dez itens e eles deveriam escolher qual desses itens representa essa vida considerada ‘boa’. Nessa questão, eles só poderiam escolher uma única alternativa que na visão deles é o que caracteriza essa vida boa, independente deles terem ou não. As conclusões sobre esta pergunta podem ser observadas na Tabela 7.

Tabela 7 – Características de uma vida considerada boa

Características de uma vida boa	
Itens	Percentual
Um quintal e gramado	12,3%
Um segundo carro	0,8%
Uma casa de férias	8,0%
Uma piscina	1,0%
Viajar para o exterior	28,7%
Um aparelho de TV em cores	0,6%
Um segundo aparelho de TV em cores	0,0%
Roupas muito legais	0,1%
Um ótimo emprego	36,5%
Muito dinheiro	12,0%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme os dados da pesquisa apresentados na Tabela 7, a grande parte dos respondentes afirmam que para uma vida ser considerada boa o indivíduo deve possuir um ótimo emprego (36,5%) e/ou fazer viagens para o exterior (28,7%). Outras características que os sujeitos afirmaram fazer parte de uma vida boa é ter um quintal e um gramado (12,3%) e alguns relataram ter muito dinheiro (12%) como sendo uma característica fundamental dessa

vida considerada boa. As demais características apresentadas como opção de resposta não tiveram um número de respondentes significativos.

Após responderem sobre qual a característica principal de uma ‘vida boa’, os respondentes puderam marcar quais das características listadas eles já possuíam. Ressalta-se que exclusivamente nesta questão, os entrevistados poderiam marcar mais de uma opção. A Tabela 8 aborda os resultados.

Tabela 8 – Itens de uma vida considerada boa que já possui

Itens de uma vida boa que já possui	
Itens	Percentual
Um quintal e gramado	23,8%
Um segundo carro	18,2%
Uma casa de férias	10,8%
Uma piscina	24,6%
Viajar para o exterior	30,0%
Um aparelho de TV em cores	87,7%
Um segundo aparelho de TV em cores	58,7%
Roupas muito legais	60,9%
Um ótimo emprego	38,5%
Muito dinheiro	3,4%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como pode ser visualizado na tabela anterior, os itens que a maioria dos respondentes já possuem são: aparelho de TV em cores (87,7%), roupas muito legais (60,9%) e um segundo aparelho de TV em cores (58,7%). Os itens que foram relacionados a uma vida boa conforme exposto na Tabela 7, como um ótimo emprego, só faz parte da vida de 38,5% dos entrevistados, assim como o item de viajar para o exterior só é vivenciado por 30,0% de toda a amostra. Há ainda, quem já possua um quintal e um gramado (23,8%) e aqueles que relataram ter muito dinheiro (3,4%).

Dando continuidade, os 714 entrevistados foram questionados sobre a percepção que eles tinham sobre a economia atual e o seu comportamento em relação ao dinheiro. Vale lembrar que a aplicação da pesquisa foi realizada em meio à pandemia mundial do Covid-19 na qual praticamente todas as esferas (da saúde, econômica, social, ambiental) sofreram modificações. Dentro desse contexto, a Tabela 9 aponta o sentimento das pessoas diante do contexto econômico da época.

Tabela 9 – Percepção sobre a economia e o comportamento em relação a renda que possui

Como você se sente sobre os pontos abaixo?	Sentimento				
	Terrível	Insatisfeito	Misto	Satisfeito	Feliz
O que o governo está fazendo sobre a economia - empregos, preços, lucros.	32,78%	39,07%	19,61%	7,28%	1,26%
Os impostos que você paga - quero dizer os impostos locais, estaduais e nacionais todos juntos.	37,54%	47,06%	13,72%	1,68%	0,00%
O que você precisa pagar por necessidades básicas, como comida, moradia e roupas.	12,89%	36,41%	33,61%	15,27%	1,82
A renda que você (e sua família) tem.	3,92%	19,90%	37,25%	30,11%	8,82%
Os benefícios pagos e extras que você obtém e a segurança do seu trabalho.	10,08%	24,94%	36,41%	22,97%	5,60%
Quão seguro você está financeiramente.	11,48%	23,53%	36,70%	24,65%	3,64%
O seu padrão de vida - o que você tem como moradia, carro, móveis, recreação e coisas do gênero.	4,48%	12,18%	34,32%	36,84%	12,18%
Como a sua família concorda em gastar a renda familiar.	5,04%	11,06%	37,69%	35,99%	10,22%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Mediante os dados apresentados acima, quando perguntado sobre o que o governo estava fazendo para a economia do país (empregos, preços e lucros) a grande maioria se diz insatisfeita (39,07%) e muitos apontam o sentimento de terrível (32,78%) quanto ao setor econômico. Apenas 1,26% dos entrevistados afirmaram estar felizes com o governo e economia na época.

Em relação aos impostos que são pagos por todos os cidadãos brasileiros, a maior parte dos entrevistados (47,06%) confirmam estarem insatisfeitos e ainda 37,54% afirmam achar terrível os impostos que pagam atualmente. Nesse item, nenhum respondente afirmou estar feliz. O que corrobora para uma insatisfação dentre boa parte dos respondentes do estudo.

Quando questionados sobre a percepção que tinham quando precisam pagar por itens de necessidades básicas, os entrevistados apresentaram uma insatisfação (36,41%), seguidos dos respondentes que dizem possuir um sentimento misto (33,61%), isto é, nem estão satisfeitos, nem insatisfeitos.

Sobre a renda que eles possuem em conjunto com a sua família, grande parte (37,25%) apresentam o sentimento misto, ou seja, nem satisfeito e nem insatisfeito. No entanto, há uma boa parte dos respondentes (30,11%) que afirmam estar satisfeitos com a renda que possuem.

Sobre os benefícios pagos e extras que obtém e a segurança do trabalho, os respondentes apresentam um sentimento misto (36,41%), ou seja, nem satisfeito e nem insatisfeito. Somado a isso, boa parte dos entrevistados com 24,94% relataram estar insatisfeitos, enquanto 22,97% dizem estar satisfeitos. Essa tendência acaba por confirmar o sentimento misto que foi evidenciado.

Ainda sobre a questão de segurança financeira, os respondentes avaliaram que não se sentem nem satisfeitos e nem insatisfeitos representando a percepção de segurança mista (36,70%). Somado a isto, corroborando com este sentimento ‘dúbio’, 24,65% se dizem satisfeitos e 23,53% insatisfeitos.

Acerca do padrão de vida atual, os respondentes demonstraram estar em sua maioria satisfeitos (36,84%), seguidos dos entrevistados que se descreveram a partir do sentimento misto (34,32%). Vale ressaltar que apenas uma parcela mínima (4,48%) relata se sentirem terríveis quanto ao padrão de vida atual. Este resultado pode indicar, de maneira geral, que a maioria dos entrevistados tendem a ser mais satisfeitos do que insatisfeitos com a vida financeira que possuem.

Dando continuidade, quando perguntados sobre como a família concorda em gastar a renda disponível, a maioria deles (37,69%) dizem possuir o sentimento misto (nem satisfeito, nem insatisfeito). Além disso, outra boa parcela dos respondentes assegura estarem satisfeitos (35,99%) em como a família divide e gasta o dinheiro disponível.

Finalmente, acerca da segurança financeira futura esperada, os respondentes avaliaram sobre os seus objetivos financeiros pessoais traçados e sobre sua economia e/ou reserva. A Tabela 10 aponta as informações coletadas no estudo.

Tabela 10 – Segurança financeira futura esperada

Como você se sente sobre os pontos abaixo?	Escala		
	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo
Eu alcançarei os objetivos financeiros que estabeleci para mim.	23,8%	24,09%	52,11%
Eu economizei (ou serei capaz de economizar) dinheiro suficiente para durar até o final da minha vida.	55,6%	22,83%	21,57%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Assim, diante dos dados expostos, quanto aos objetivos financeiros pessoais traçados, a maioria dos respondentes concordaram (52,11%) que acreditam que irão alcançá-los, enquanto a minoria (23,8%) afirmaram não acreditar que conseguirão alcançar tais objetivos. Há ainda

uma parcela significativa dos sujeitos que dizem não saber se irão alcançar ou não os objetivos financeiros que eles estipularam para si próprios (24,09%).

Por fim, ao serem questionados sobre se economizaram (ou são capazes de economizar) dinheiro suficiente para durar até o final de suas vidas, a maior parte dos entrevistados (55,6%) discordam que já possuam esse dinheiro. Vale ressaltar que 22,83% nem concordam e nem discordam quanto à essa economia de vida, enquanto 21,57% afirmam que acreditam ter economizado o suficiente para ter uma reserva que dure até o final de sua vida.

6.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA QUANTO ÀS QUESTÕES RELACIONADAS À PANDEMIA DO COVID-19

Com o objetivo de conhecer melhor os respondentes e a influência das mudanças ocorridas no cotidiano das pessoas devido à pandemia do Covid-19, foram elaboradas diversas questões acerca da temática. Nesse contexto, serão expostos os resultados encontrados a partir da análise exploratória dos dados coletados. Assim, serão examinadas as medidas descritivas univariadas, tais como: média, desvio-padrão, assimetria e curtose da amostra.

Para isso se fez necessário o estabelecimento de parâmetros de análise. De acordo com Hair et al. (2005), a média pode ser definida como uma medida de posição em que se identifica o valor central obtida a partir das respostas dos entrevistados que compõem a amostra. Nesses termos, quanto maior o valor da média, maior é o nível de concordância do respondente quanto à afirmação de cada item.

O desvio-padrão, por sua vez, representa uma medida de dispersão em que são exibidos os graus de dispersão dos valores apresentados pela distribuição da amostra. Para fins de análise, Costa (2011) menciona que itens com valores até 2 possuem baixa dispersão, valores entre 2 e 3 indicam dispersão moderada e acima de 3 apresentam dispersão elevada.

Ainda, com a finalidade de verificar a normalidade dos itens, serão demonstrados os valores de assimetria e curtose. Segundo o padrão de extração do software estatístico SPSS 21, valores entre -1 e +1 indicam a normalidade em ambas as medidas.

À luz do exposto, foram coletados dados sobre o cotidiano das pessoas e o isolamento social vivenciado pela pandemia do Covid-19. A escala utilizada para o padrão das respostas foi do tipo Likert de cinco (5) pontos, com variação de (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) nem concordo, nem discordo, (4) concordo e (5) concordo totalmente. Vale dizer também que as questões foram elaboradas pela autora desta tese com o intuito de conhecer um pouco melhor os respondentes do estudo, bem como diagnosticar o que estava ocorrendo no momento atípico que o mundo estava passando. A Tabela 11 resume os itens e dados encontrados.

Tabela 11 – Mudanças ocorridas na vida das pessoas devido à pandemia do Covid-19

Mudanças ocorridas na vida das pessoas devido à pandemia do Covid-19				
Item	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
Fiquei desempregado	1,77	1,168	1,53	1,355
Senti medo constantemente	3,08	1,253	-0,167	-1,121
O isolamento social alterou a minha rotina	4,24	1,032	-1,66	2,389
Consegui me manter ativo(a) e realizar as principais atividades do meu cotidiano	3,11	1,213	-0,274	-1,107
Gastei mais dinheiro do que de costume	2,41	1,246	0,678	-0,580
Percebi que meu consumo com itens supérfluos diminuiu	3,47	1,287	-0,536	-0,836
Senti que não tinha nada a esperar do futuro	2,28	1,297	0,756	-0,588
Consegui economizar	3,28	1,306	-0,288	-1,093
Ajudei alguém	3,97	1,002	-1,226	1,359
Realizei mais compras online e por aplicativos	3,72	1,303	-0,830	-0,499
Tenho me preocupado mais com o próximo	3,98	0,984	-1,112	1,156
Percebi que o meu sono foi alterado	3,63	1,373	-0,699	-0,835
Estou mais ansioso(a) que o habitual	3,47	1,344	-0,441	-1,060
Preocupei-me bastante com a economia do país	3,76	1,095	-0,952	0,413
Tenho me preocupado mais com a minha saúde	3,88	1,061	-0,922	0,321
Preocupei-me bastante com a saúde da minha família	4,40	0,905	-1,921	3,994
Iniciei um novo hábito que quero levar para sempre	3,35	1,327	-0,398	-1,019
Rezei e/ou meditei diariamente	3,36	1,395	-0,429	-1,116
Pratiquei atividade física regularmente	2,51	1,350	0,457	-1,027
Conversei com alguém que não conversava há tempos	3,15	1,343	-0,239	-1,195
Passei a dar mais importância para o convívio social com meus amigos e família	3,97	1,117	-1,067	0,435
Tenho ingerido bebidas alcoólicas com maior frequência	2,03	1,312	1,004	-0,293
Tenho ingerido alimentos considerados calóricos com maior frequência	3,30	1,392	-0,392	-1,161
Senti-me desanimado(a) e deprimido(a)	3,22	1,319	-0,315	-1,057
Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer as coisas	3,18	1,336	-0,217	-1,161
Tive dificuldade em relaxar	3,27	1,288	-0,260	-1,114
Não consegui me entusiasmar com nada	2,64	1,236	0,357	-0,933
Senti que estava sensível	3,50	1,260	-0,582	-0,757
Fiquei mais atarefado(a) do que o habitual	3,48	1,289	-0,355	-1,089
Senti que a vida estava sem sentido	2,36	1,333	0,655	-0,791
Mantive-me em isolamento social e segui as recomendações do meu Estado.	3,96	1,153	-0,973	0,050

Fonte: dados da pesquisa (2020).

O item que apresentou a menor média na Tabela 11 foi referente à empregabilidade dos participantes no período de isolamento social devido à pandemia do Covid-19. O valor de 1,77 aponta para uma discordância dos entrevistados quanto a terem ficado desempregados devido à pandemia e/ou isolamento social. Assim, acredita-se que a situação financeira dos entrevistados não sofreu tantas alterações, talvez isto explique o porquê da maioria deles possuírem baixo estresse com suas finanças.

Em contrapartida, os itens que apresentaram as maiores médias dizem respeito à uma maior preocupação dos respondentes com a saúde dos familiares e que o isolamento social alterou de forma significativa a sua rotina. Estes resultados já eram esperados, haja vista que ao viver uma crise sanitária (de saúde global) é meio óbvio que as pessoas passem a se preocupar mais com a própria saúde e de seus entes queridos. Além disso, devido o isolamento social ter ocorrido por um período prolongado acaba por acarretar novos modos de consumo, de trabalho, de estudos, de prática de atividade física/esportes dentre outros. Em outras palavras, a crise de saúde trouxe consigo mudanças significativas na rotina da maioria das pessoas e isto foi confirmado nesta pesquisa.

Ainda em relação aos resultados encontrados, pôde-se visualizar que um conjunto de afirmativas também apresentaram uma discordância moderada. Assim, os relatos dos entrevistados indicam que eles não exageraram nas compras, isto é, a média de 2,41 aponta para uma discordância dos sujeitos quando questionados se gastaram mais dinheiro do que de costume. Ao perguntar sobre a prática regular de atividade física e aumento no consumo de bebidas alcoólicas no período de isolamento, os dados apresentaram uma média que tende para a discordância quanto à prática de atividades físicas regulares, bem como também no aumento de ingestão de bebida alcoólica.

Além disso, no aspecto pessoal, houve uma moderada discordância quanto ao sentimento de que não poderiam esperar nada do futuro. Corroborando com isto, também houve uma moderada discordância quando questionados sobre não conseguirem se entusiasmar com nada e na percepção de que a vida estava sem sentido. Estes resultados sugerem que os participantes possuem um grau moderado de otimismo, pois o momento difícil vivenciado não alterou de forma substancial nos seus sentimentos quanto ao futuro e sentido da vida.

Dando continuidade, as demais questões apresentaram médias entre três e quatro (>3 e <4), indicando que os participantes do estudo concordam de forma moderada com os itens. Sendo assim, podemos destacar que durante o isolamento social as pessoas apresentaram uma tendência de ter medo constante, dificuldade em relaxar, se sentir desanimadas, estar mais sensíveis e ansiosas, ficar mais atarefadas do que o habitual, ter alterações no sono, se alimentar

com produtos mais calóricos e ter dificuldades em tomar iniciativas para realizar suas tarefas. Apesar disso, se mantiveram ativas e conseguiram realizar as principais atividades do cotidiano.

Quanto ao aspecto social, a média das respostas indica uma concordância moderada em que os participantes da pesquisa confirmam terem se preocupado mais com o próximo, ajudaram outras pessoas, passaram a dar mais importância para o convívio social com amigos e familiares, iniciaram um novo hábito que pretendem levar para sempre consigo e rezaram e/ou meditaram mais que o habitual. Segundo a teoria sobre religiosidade, pessoas que possuem religião/espiritualidade tendem a ser mais otimistas, mais gratas e resilientes. Talvez esse indicativo de que as pessoas rezaram/meditaram mais tenha contribuído com o otimismo mantido durante o momento pandêmico vivido.

Quanto ao consumo, podemos dizer que os entrevistados perceberam que diminuíram seus gastos com itens considerados supérfluos e assim conseguiram economizar. No entanto, apesar dessa economia, eles passaram a consumir mais por meio de aplicativos, sites e sistemas online de pagamentos e compras. Este resultado corrobora com os encontrados e divulgados pela mídia e órgãos de pesquisas nacionais que afirmam um aumento significativo nas vendas por E-Commerce (comércio eletrônico) durante o isolamento social ocasionado pela pandemia do Covid-19.

Ainda, os respondentes indicaram que se preocuparam bastante com a economia do país. Por fim, os respondentes concordam de forma moderada que se mantiveram em isolamento social e seguiram as recomendações de seus Estados.

Finalmente, acerca do desvio-padrão de todos os itens dispostos na Tabela 11, pode-se verificar que houve uma baixa dispersão entre as variáveis, pois todas elas apresentaram índices menores que dois. Quanto à assimetria e curtose dos dados, alguns apresentaram um grau fora da margem de normalidade dos dados e de simetria (-1 até +1). Como conclusão, isto sugere que os dados provavelmente não seguem uma distribuição normal.

Ainda sobre a pandemia do Covid-19, os respondentes foram questionados sobre a frequência que compraram, se tiveram preocupações quanto à sua situação financeira, se sentiram tristes e se tiveram receio quanto ao futuro. Para medir a frequência, os respondentes poderiam marcar de 1 até 10 numa escala com variações a partir de ‘nunca (1 e 2)’, ‘raramente (3, 4 e 5)’, às vezes (6, 7 e 8) até a opção o ‘tempo todo (9 e 10)’. A Tabela 12 retrata os resultados encontrados conforme a amostra coletada.

Tabela 12 – Frequência de ações e sentimentos durante a pandemia do Covid-19

Ações e sentimentos durante a pandemia do Covid-19				
Questão	Média	Moda	Desvio padrão	Descrição
Com que frequência durante a pandemia você comprou coisas?	5,43	5	2,42	Raramente
Com que frequência durante a pandemia você se preocupou com a sua situação financeira?	7,21	10	2,65	O tempo todo
Com que frequência durante a pandemia você se sentiu triste?	5,50	7	2,47	Às vezes
Durante a pandemia você sentiu receio quanto ao futuro?	7,61	10	2,38	O tempo todo

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme os dados apresentados na Tabela 12, pode-se dizer que houve tendência maior relacionada à uma preocupação por parte das pessoas quanto a sua própria situação financeira, além de um receio quanto ao futuro diante do novo cenário instalado e modificações no cotidiano da sociedade resultantes da pandemia mundial do Covid-19. Ambas as questões apresentaram uma média superior a sete (7) pontos e a moda, isto é, número que mais foi ‘votado/escolhido’, foi o dez (10), que corresponde ao valor máximo na escala de frequência usada. Apesar de muitos estudos não utilizarem os valores da moda como referência para análise de dados, neste caso, a autora acredita ser de grande valia esse destaque, haja vista que demonstra a tendência de respostas dos entrevistados quanto aos questionamentos levantados.

Sobre a variável relacionada ao consumo (frequência de compra), a média das respostas indica que as pessoas continuaram consumindo, mas de uma forma mais pontual. Por fim, sobre o sentimento de tristeza, a média das respostas também indica que, de maneira geral, a tristeza foi um sentimento vivenciado em alguns momentos durante o isolamento social da pandemia. Esse achado vai de encontro com a média de respostas que indicam um receio quanto ao futuro, receio quanto à situação financeira e econômica pessoal e do país, além da tristeza vivenciada pela própria doença e todo caos instalado.

Dando continuidade, com o objetivo de conhecer melhor o perfil dos respondentes, perguntou-se sobre qual a área da vida deles foi mais afetada (alterada) durante o período de isolamento social devido à pandemia do Covid-19. Segundo os dados apresentados na Tabela 13, a maioria dos respondentes indicou que o trabalho (33,6%) e o lazer (22,4%) foram as atividades que sofreram as maiores mudanças. Outros indicaram que tiveram que se adaptar quanto à prática de esportes e atividade física (16,0%), bem como alterações quanto às plataformas e métodos de estudos (16,0%).

Tabela 13 – Área da vida mais afetada durante o isolamento social devido à pandemia do Covid-19

Áreas afetadas durante o isolamento devido à pandemia do Covid-19	
Itens	Percentual
Trabalho	33,6%
Estudo	16%
Lazer	22,4%
Cuidados pessoais, beleza	4,3%
Consumo (compras)	1,4%
Prática de esportes, atividade física	16%
Outros	6,3%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Além disso, as informações geradas apontam que a área menos impactada pelo isolamento social foi a do consumo (1,4%). Esses dados corroboram com a perspectiva que os usuários não deixaram de consumir durante a pandemia, mas sim, passaram a consumir por meio das plataformas digitais. Não é à toa que os índices de vendas on-line subiram consideravelmente em 2020 conforme dados do Sebrae (2020).

Por fim, os entrevistados responderam o que deixaram de fazer durante o período de isolamento social que mais sentiram falta. A Tabela 14 resume os dados encontrados.

Tabela 14 – O que deixaram de fazer durante o isolamento social que sentiram mais falta

O que deixou de fazer durante o isolamento social que mais sentiu falta?	
Itens	Percentual
Trabalhar	9,2%
Estudar	4,5%
Lazer (sair para comer ou para festas/eventos)	39,6%
Cuidados pessoais (salão de beleza, barbearia, clínicas de estética etc.)	2,1%
Ir às compras (passeio em centros comerciais)	2%
Fazer atividade física, praticar esportes	14,8%
Viajar com os amigos, cônjuge	9%
Viajar com a família	13,6%
Outros	5,2%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Corroborando com os resultados encontrados na Tabela 13, os dados demonstram que as pessoas sentiram mais falta de atividades relacionadas ao lazer, isto é, sentiram mais falta de sair para comer ou ir às festas e eventos. Tal achado faz sentido, uma vez que, o isolamento social impossibilitou esses passeios e encontros, pois as pessoas estavam proibidas de circularem de forma livre a todo momento. Além disso, os lugares relacionados ao lazer estavam sem funcionamento ou parcialmente fechados com o funcionamento bastante limitado, tais como: shoppings centers, eventos sociais, restaurantes etc.

Outro achado interessante é que as pessoas continuaram consumindo mesmo com as limitações impostas pelo governo quanto ao funcionamento das empresas. É tanto que os consumidores sentiram pouca falta de ir às compras (2%), pois continuaram consumindo, o que houve basicamente foi a mudança em como esses consumidores estavam realizando as compras. O comércio eletrônico, bem como os meios de pagamento eletrônico e as plataformas de entrega além de outras estratégias que as empresas tiveram que se adaptar e lançar, foram decisivos para que o consumo das pessoas se mantivesse constante.

6.5 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS CONSTRUTOS

A análise exploratória das variáveis dos construtos foi composta por duas fases. Na primeira fase foram tratadas as variáveis quantitativas relativas a cada construto, isto é, por meio da averiguação das medidas descritivas univariadas, verificou-se a média, o desvio-padrão, a assimetria e a curtose da amostra e de todos os construtos da pesquisa. Na segunda, foram realizadas as análises psicométricas de cada um dos construtos separadamente. Tais análises foram feitas com base no *alpha de Cronbach* e na Análise Fatorial Exploratória (AFE).

Com isso, se fez necessário o estabelecimento de parâmetros de análise nas duas fases. Conforme exposto por Hair et al. (2005), a média representa uma medida de posição em que se identifica o valor central da amostra. Nesses termos, quanto maior o valor da média, maior é o nível de concordância do respondente quanto à afirmação de cada item do construto. Vale ressaltar que os itens reversos (R) presentes nas escalas utilizadas tiveram os seus escores invertidos na planilha criada pela autora no Software Estatístico SPSS 21. Para isso, foi utilizada a opção de ‘recodificação em variáveis diferentes’, com o objetivo de criar uma variável nova com os escores válidos e ao mesmo tempo manter o banco de dados com os dados originais.

O desvio-padrão, por sua vez, representa uma medida de dispersão onde são expostos os graus de dispersão dos valores apresentados pela distribuição da amostra. Segundo Costa (2011), para fins de análise, convencionou-se que itens com valores até dois (2) possuem baixa dispersão, valores entre dois (2) e três (3) indicam dispersão moderada e acima de três (3) apresentam dispersão elevada.

Com a finalidade de verificar a normalidade dos itens, foram retirados os valores de assimetria e curtose. Segundo o padrão de extração do software estatístico SPSS 21, valores entre -1 e +1 indicam a normalidade em ambas as medidas.

No que concerne à segunda fase, foram realizadas as análises psicométricas dos construtos. Com a finalidade de verificar a confiabilidade das escalas, realizou-se a análise da consistência interna, em que, por meio do *alpha de Cronbach*, os valores dos coeficientes devem variar de 0 a 1. Assim, quanto mais próximos de 1, considera-se que há uma maior confiabilidade dos itens e de consistência interna. Deve ressaltar que, nesta tese consideram-se insatisfatórios valores menores que 0,7 (HAIR Jr. et al., 2009).

Em seguida, procedeu-se com a análise fatorial exploratória. Na verificação da adequação dos itens, foram aplicados os testes de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e o de esfericidade de Bartlett. No KMO, o parâmetro adotado como adequado são os valores iguais ou acima de 0,70. Já no teste de Bartlett, que analisa a significância estatística do χ^2 (qui-quadrado), o p-valor do teste deve ser menor que 0,05 (HAIR et al., 2005).

Já na extração dos autovalores e dos escores fatoriais, em que o grau de explicação do construto é avaliado, baseou-se a porcentagem da variância total extraída com valores acima de 50% e os escores fatoriais com valores iguais ou acima de 0,70 (HAIR Jr. et al., 2009). Vale ressaltar que independente da carga fatorial, no processo de refinamento dos dados, todos os construtos desta tese devem ser compostos, de pelo menos, três itens em cada fator e/ou construto.

Por fim, com o objetivo de validar o processo de refinamento dos dados e ratificar as decisões sobre o número de fatores e a exclusão de itens dos construtos na AFE, foi feita concomitantemente a Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (TIMMERMAN, LORENZO-SEVA, 2011) a partir da rotação denominada de *Robust Promin* (LORENZO-SEVA, FERRANDO, 2019). Essa análise foi realizada com o uso do Software Factor e serviu para confirmar as decisões tomadas na AFE.

À luz do exposto, conforme os parâmetros retro citados são demonstrados no próximo tópico as análises de cada construto da pesquisa.

6.5.1 Construto ‘Gratidão’

❖ Estatística descritiva

Esta tese parte do pressuposto que o construto denominado **gratidão** tende a influenciar a percepção de satisfação com a vida e os afetos (positivo e negativo) vivenciados pelas pessoas. Dessa forma, parte-se da premissa que indivíduos que exercem mais a gratidão tendem a ter uma maior satisfação com a vida, além de apresentarem mais afetos positivos. Em

contrapartida, indivíduos menos gratos, tendem a vivenciar mais afetos negativos e apresentam menores índices de satisfação com a vida em geral.

Como mencionado no Capítulo 5, o Questionário de Gratidão (QG-6) utilizado nesta tese se encontra disponível nos estudos de Gouveia et al. (2019). O instrumento de medição contempla seis variáveis (itens) e utiliza a escala tipo Likert de sete (7) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) discordo ligeiramente, (4) neutro (não concordo, nem discordo), (5) concordo ligeiramente, (6) concordo e (7) concordo totalmente.

A Tabela 15 demonstra as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 15 – Medidas descritivas do construto Gratidão

Construto ‘Gratidão’					
Variáveis	Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
G1	Sou grato(a) por muitas coisas na vida.	6,27	1,13	-2,27	6,25
G2	Se tivesse que listar tudo pelo que sou grato(a), esta seria uma lista muito longa.	6,07	1,27	-1,78	3,32
G3	Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato(a). (R) ¹	5,59	1,79	-1,17	0,27
G4	Sou grato(a) a uma ampla variedade de pessoas.	5,77	1,49	-1,39	1,38
G5	À medida que envelheço, encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.	6,02	1,29	-1,66	2,73
G6	Pode passar um longo período de tempo até que eu me sinta grato(a) por algo ou a alguém (R) ¹	5,36	1,88	-0,92	-0,41

¹ as variáveis G3 e G6 são itens reversos.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

No que diz respeito às medidas das variáveis do construto Gratidão, pode-se visualizar acima que todos os itens apresentaram valores maiores que cinco (>5), isto sugere uma tendência à concordância dos respondentes sobre as afirmativas que compõem o construto.

Quanto à análise do desvio-padrão, verificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Logo, é válido dizer que a variabilidade da dispersão está adequada quanto às respostas colhidas para este estudo.

No tocante à análise de assimetria, identificou-se que as variáveis G1, G2, G3, G4 e G5 apresentaram valores fora da margem estabelecida como simétrica (-1 até +1). Apenas a variável G6 que está com o valor dentro da margem. Além disso, quanto à análise de curtose, apenas as variáveis G3 e G6 apresentaram coeficientes dentro do padrão de normalidade. As demais variáveis (G1, G2, G4 e G5) exibiram índices fora desse padrão de normalidade. Assim, pode-se concluir que há indicativos de que os dados obtidos provavelmente não seguem uma distribuição normal.

❖ Análise psicométrica

A análise psicométrica da pesquisa está baseada no valor do *alpha de Cronbach* e na Análise Fatorial Exploratória (AFE). Para validar a consistência interna do construto, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach*. Para fins de resultado, o valor inicial foi de 0,79. Tal resultado demonstra uma boa consistência interna, sendo considerado adequado segundo a margem de referência (0,70).

Com a finalidade de averiguação do *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, foram verificados os valores respectivos de cada item do construto. Conforme pode ser visualizado na Tabela 16, percebe-se que a exclusão de qualquer um dos itens, não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Sendo assim, quanto à análise do *alpha de Cronbach* todos os itens devem ser mantidos.

Tabela 16 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Gratidão)

Construto ‘Gratidão’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
G1	Sou grato(a) por muitas coisas na vida.	0,68
G2	Se tivesse que listar tudo pelo que sou grato(a), esta seria uma lista muito longa.	0,68
G3	Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato(a). (R)	0,77
G4	Sou grato(a) a uma ampla variedade de pessoas.	0,69
G5	À medida que envelheço, encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.	0,70
G6	Pode passar um longo período de tempo até que eu me sinta grato(a) por algo ou a alguém. (R)	0,78

Fonte: dados da pesquisa (2020).

No que se refere à análise fatorial exploratória, seguindo a ordem dos procedimentos foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis. De acordo com os resultados obtidos o valor do teste KMO do construto ‘Gratidão’ foi igual a 0,767. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70) e corrobora com o próprio output do sistema que considera o valor como bom. No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 1841,18$ e $gl = 15$.

Posteriormente, foram observadas as informações concernentes aos autovalores. Inicialmente, conforme a Tabela 17 pode-se constatar que o construto ‘Gratidão’ possui dois autovalores superiores a 1 conforme as saídas geradas pelo software SPSS 21, o que indicaria de início dois fatores subjacentes ao construto. No entanto, ao observarmos os autovalores, apenas um fator seria adequado já que apresenta um bom grau de explicação para o construto analisado (51,80% da variância total extraída), então prosseguiu-se para outras análises.

Tabela 17 – Autovalores do construto Gratidão

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	3,11	51,80
2	1,21	20,09
3	0,65	10,76
4	0,54	8,95
5	0,33	5,47
6	0,18	2,93

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao verificar as cargas fatoriais dos itens, detectou-se que as variáveis G3 e G6 (que são itens reversos) não obtiveram bons escores fatoriais. As demais variáveis (G1, G2, G4 e G5) apresentaram ótimos valores e estão dentro da margem de referência (igual ou acima de 0,70).

A Tabela 18 retrata os valores encontrados.

Tabela 18 – Escores fatoriais do construto Gratidão

Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais	
		Fator 1	Fator 2
G1	Sou grato(a) por muitas coisas na vida.	0,85	-0,7
G2	Se tivesse que listar tudo pelo que sou grato(a), esta seria uma lista muito longa.	0,86	-0,7
G3	Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato(a). (R)	0,33	0,57
G4	Sou grato(a) a uma ampla variedade de pessoas.	0,74	-0,13
G5	À medida que envelheço, encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.	0,73	-0,15
G6	Pode passar um longo período de tempo até que eu me sinta grato(a) por algo ou a alguém. (R)	0,29	0,48

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao realizar uma segunda extração da AFE com a exclusão do item reverso G6 a partir do método de extração denominado Fatoração do eixo principal, percebe-se que os dados melhoram um pouco, no entanto, o construto ainda parece ser explicado a partir de dois fatores. Só que apenas o item G3 (que também é um item reverso) é que está responsável (gera) esse segundo fator.

Com isso, optou-se por realizar uma terceira extração da AFE agora com a exclusão dos itens G3 e G6. Após isso, os dados do construto Gratidão melhoram substancialmente e passou a ser explicado apenas com um único fator com uma variância total de 73,33% (Tabela 19) e com um valor de *alpha de Cronbach* de 0,88. Este resultado demonstra uma melhora considerável na consistência interna do construto e no poder de explicação dos itens.

Tabela 19 – Autovalores do construto Gratidão após a exclusão de itens problemáticos

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,93	73,33
2	0,55	13,87
3	0,34	8,41
4	0,18	4,39

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Em seguida, foi realizado novamente os testes de KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO manteve o valor de 0,767 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 1664,19$ e $gl = 6$, sinalizando dessa forma a adequação

das variáveis para a análise fatorial. Além disso, após as exclusões dos itens que estavam apresentando ‘problemas’ para o construto, os valores das comunalidades foram todos bons (superior a 0,5) e as cargas fatoriais também apresentaram valores excelentes. A Tabela 20 aborda os novos escores fatoriais após as três extrações realizadas.

Com o objetivo de respaldar ainda mais as decisões tomadas quanto a esse construto, os dados foram analisados também pelo Software Factor com base na Análise Paralela (PA) dos autores Timmerman e Lorenzo-Seva (2011) e os resultados matemáticos e estatísticos apontam que a melhor decisão é manter o construto gratidão com um único fator, assim como foi sugerido pelo relatório extraído do próprio software Factor. Tal decisão indica que o conjunto de variáveis possui apenas um fator subjacente e corrobora com as decisões tomadas pela autora e com a teoria apresentada sobre a gratidão.

Tabela 20– Terceira extração das cargas fatoriais do construto Gratidão

Construto ‘Gratidão’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
G1	Sou grato(a) por muitas coisas na vida.	0,86
G2	Se tivesse que listar tudo pelo que sou grato(a), esta seria uma lista muito longa.	0,86
G4	Sou grato(a) a uma ampla variedade de pessoas.	0,74
G5	À medida que envelheço, encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.	0,74

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Portanto, o construto passa a ser representado neste estudo pelas variáveis G1, G2, G4 e G5 expostas acima. Assim, acredita-se que as variáveis se mostram como adequadas para a mensuração da influência da gratidão nos afetos (positivo e negativo), bem como na percepção de satisfação com a vida do indivíduo.

6.5.2 Construto ‘Resiliência’

❖ Estatística descritiva

Esta tese parte do pressuposto que o construto denominado **resiliência** tende a influenciar a percepção de satisfação com a vida e os afetos (positivo e negativo) vivenciados pelas pessoas. Dessa forma, parte-se da ideia de que indivíduos que exercem mais a resiliência tendem a ter uma maior satisfação com a vida, além de apresentarem mais afetos positivos. Em

contrapartida, indivíduos menos resilientes tendem a vivenciar mais afetos negativos e isto pode influenciar na sua satisfação com a vida em geral.

Como mencionado no Capítulo 5, a Escala de Resiliência utilizada neste estudo está disponível nos estudos de Coelho et al. (2016). O instrumento de medição contempla cinco variáveis (itens) e utiliza a escala tipo Likert de cinco (5) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) neutro (não concordo, nem discordo), (4) concordo e (5) concordo totalmente.

A Tabela 21 demonstra as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 21 – Medidas descritivas do construto Resiliência

Construto ‘Resiliência’					
Variáveis	Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
R1	Costumo me recuperar rapidamente de momentos difíceis.	3,46	1,05	-0,50	-0,36
R2	Tenho dificuldade em passar por eventos estressantes. (R) ¹	3,01	1,10	-0,01	-0,86
R3	Não costumo demorar para me recuperar de eventos estressantes.	3,23	1,09	-0,33	-0,72
R4	É difícil me recompor quando algo ruim acontece. (R) ¹	3,39	1,06	-0,43	-0,45
R5	Costumo levar um tempo para superar os contratempos na minha vida. (R) ¹	3,49	1,13	-0,44	-0,64

¹ as variáveis R2, R4 e R5 são itens reversos.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme os dados acima, a média de todas as variáveis do construto Resiliência apresentaram valores maiores que três (>3) o que indica uma tendência à concordância dos sujeitos com as afirmativas.

Quanto à análise do desvio-padrão, verificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Logo, pode-se dizer que a variabilidade da dispersão está adequada quanto às respostas colhidas para este estudo.

No tocante à análise de assimetria, identificou-se que todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica (-1 até +1). Além disso, quando à análise de curtose, apresentaram também coeficientes dentro do padrão de normalidade. Assim, em relação a esse construto, os dados parecem seguir uma distribuição normal.

❖ Análise psicométrica

Como mencionado anteriormente, a análise psicométrica do estudo é baseada no valor do *alpha de Cronbach* e na análise fatorial. Para validar a consistência interna do construto Resiliência, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach*. O resultado do coeficiente foi de 0,84. Este resultado aponta para uma elevada consistência interna, sendo considerado adequado segundo a margem de referência.

Com a finalidade de averiguação do *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, foram verificados os valores respectivos de cada item do construto. Conforme pode ser visualizado na Tabela 22, percebe-se que a exclusão de qualquer um dos itens, não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Sendo assim, quanto à análise do *alpha de Cronbach* todos os itens devem ser mantidos.

Tabela 22 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Resiliência)

Construto ‘Resiliência’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
R1	Costumo me recuperar rapidamente de momentos difíceis.	0,80
R2	Tenho dificuldade em passar por eventos estressantes. (R)	0,83
R3	Não costumo demorar para me recuperar de eventos estressantes.	0,83
R4	É difícil me recompor quando algo ruim acontece. (R)	0,77
R5	Costumo levar um tempo para superar os contratempos na minha vida. (R)	0,78

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A seguir, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis do construto para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos na extração dos dados, o valor do teste KMO foi igual a 0,778. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70) e corrobora com o próprio output do sistema que considera o valor como bom.

No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 1550,14$ e $gl = 10$, sinalizando dessa forma a adequação das variáveis para a análise fatorial. Além disso, a análise das comunalidades também apresentou índices acima de 0,5 em todos os itens.

Ao analisar os autovalores das variáveis, pode-se constatar que o construto ‘Resiliência’ possui apenas um autovalor com um bom grau de explicação para o construto analisado

(60,78% da variância total extraída). Este resultado corrobora com os achados obtidos tanto pelo software SPSS 21, quanto pelo software Factor em que o construto Resiliência é composto por um único fator subjacente.

A Tabela 23 apresenta os autovalores do construto conforme output extraído do software SPSS 21.

Tabela 23 – Autovalores do construto Resiliência

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	3,04	60,78
2	0,78	15,68
3	0,59	11,89
4	0,36	7,26
5	0,22	4,39

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Por fim, ao averiguar as cargas fatoriais dos itens, a partir do método de extração de fatoração do eixo principal, detectou-se que as variáveis R1, R2 e R3 do construto obtiveram escores fatoriais abaixo da margem de referência (igual ou acima de 0,70). Levando em consideração a decisão de exclusão dos itens com cargas fatoriais incipientes ao estabelecido e a manutenção de pelo menos, três itens por construto/fatores, os itens R2 e R3 devem ser excluídos, pois são os que apresentam menores cargas.

Independente da exclusão dos itens apontados anteriormente, o resultado inicial já corrobora com a teoria aqui retratada, no que se refere a existência de um único fator que representa o construto denominado Resiliência. Abaixo estão descritas as cargas fatoriais dos itens (Tabela 24).

Tabela 24 – Escores fatoriais do construto Resiliência

Construto 'Resiliência'		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
R1	Costumo me recuperar rapidamente de momentos difíceis.	0,699
R2	Tenho dificuldade em passar por eventos estressantes. (R)	0,601
R3	Não costumo demorar para me recuperar de eventos estressantes.	0,586
R4	É difícil me recompor quando algo ruim acontece. (R)	0,856
R5	Costumo levar um tempo para superar os contratemplos na minha vida. (R)	0,819

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao realizar uma segunda extração da AFE com a exclusão dos itens R2 e R3, percebe-se que os dados melhoram um pouco em termos de variância total explicada para 75,14% (Tabela 25). Este resultado demonstra uma melhora considerável na consistência interna do construto e no poder de explicação dos itens. Além disso, o valor de *alpha de Cronbach* foi de 0,83, estando dentro do padrão de adequação.

Tabela 25 – Autovalores do construto Resiliência após a exclusão de itens problemáticos

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,25	75,14
2	0,52	17,39
3	0,22	7,47

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Em seguida, foi realizado novamente os testes de KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO ficou no valor de 0,70 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 948,570$ e $gl = 3$, sinalizando dessa forma a adequação das variáveis para a análise fatorial. A Tabela 26 aborda os novos escores fatoriais após as duas extrações realizadas.

Tabela 26 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Resiliência

Construto 'Resiliência'		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
R1	Costumo me recuperar rapidamente de momentos difíceis.	0,622
R4	É difícil me recompor quando algo ruim acontece. (R)	0,882
R5	Costumo levar um tempo para superar os contratemplos na minha vida. (R)	0,878

Fonte: dados da pesquisa (2020).

O construto Resiliência passou a incluir as variáveis R1, R4 e R5. Com isso, acredita-se que as variáveis se mostram como adequadas para a mensuração da influência da Resiliência nos afetos (positivo e negativo), bem como na percepção de satisfação com a vida dos indivíduos.

6.5.3 Construto ‘Otimismo’

❖ Estatística descritiva

Este estudo parte do pressuposto que as pessoas que apresentam maiores níveis de **otimismo** tendem a vivenciar mais emoções positivas e têm maior satisfação com a vida, além de apresentarem menos afetos negativos.

Como mencionado no Capítulo 5, a Escala de Otimismo utilizada se encontra disponível nos estudos de Coelho et al. (2018). O instrumento de medição contempla nove variáveis (itens) e utiliza a escala tipo Likert de cinco (5) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) neutro (não concordo, nem discordo), (4) concordo e (5) concordo totalmente.

A Tabela 27 demonstra as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 27 – Medidas descritivas do construto Otimismo

Construto ‘Otimismo’					
Variáveis	Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
O1	Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.	3,78	1,19	-0,89	-0,07
O2	Quando penso no futuro, sou positivo.	4,00	1,04	-1,05	0,54
O3	Ocorrem-me mais coisas boas do que ruins.	4,09	1,04	-1,13	0,66
O4	Penso que tudo vai dar errado. (R) ¹	3,93	1,15	-0,86	-0,26
O5	Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	3,76	1,05	-0,65	-0,13
O6	Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	3,72	1,06	-0,70	-0,11
O7	Vejo o lado positivo das coisas.	3,91	1,01	-0,91	0,41
O8	Tenho confiança para superar problemas.	3,89	1,01	-0,89	0,49
O9	Tenho confiança no futuro.	3,88	1,07	-0,97	0,50

¹ a variável O4 é um item reverso.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados expostos na Tabela 27, pode-se verificar que a média de todas as variáveis foram maiores que três (>3). Isto indica que há uma tendência maior de concordância dos respondentes com tais afirmativas. Em outras palavras, os sujeitos da pesquisa parecem ter um bom otimismo.

Quanto ao coeficiente do desvio-padrão de cada item, observou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Assim, podemos entender que a variabilidade da dispersão está adequada quanto às respostas colhidas para este estudo.

Quando à da normalidade dos dados, foram verificados os dados de assimetria e curtose dos nove itens. Dessa forma, identificou-se que todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica e dentro do padrão de normalidade (-1 até +1), com exceção dos coeficientes de assimetria dos itens O2 e O3 que foram discretamente superiores a margem de -1,00.

❖ Análise psicométrica

Como mencionado anteriormente, a análise psicométrica do estudo é baseada no valor do *alpha de Cronbach* e na análise fatorial. Para validar a consistência interna do construto denominado Otimismo, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach* que resultou no valor de 0,91. Este resultado é muito bom e aponta para uma elevada consistência interna, sendo considerado adequado conforme o padrão de referência.

Dando continuidade, com o objetivo de averiguar o *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, estão expostos os valores respectivos de cada item do construto (Tabela 28). Conforme pode ser visualizado, a exclusão de todos os itens com exceção da variável O4 (0,92) não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Vale ressaltar que este é o único item reverso disposto na escala de otimismo. Talvez seja por esse motivo, que esse item apresente uma diferença estatística discreta diante das demais variáveis.

Tabela 28 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Otimismo)

Construto ‘Otimismo’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
O1	Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.	0,91
O2	Quando penso no futuro, sou positivo.	0,89
O3	Ocorrem-me mais coisas boas do que ruins.	0,90
O4	Penso que tudo vai dar errado. (R)	0,92
O5	Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	0,90
O6	Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	0,89
O7	Vejo o lado positivo das coisas.	0,89
O8	Tenho confiança para superar problemas.	0,89
O9	Tenho confiança no futuro.	0,89

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A seguir, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos o valor do teste KMO do construto ‘Otimismo’ foi igual a 0,91. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70) sendo considerado como um bom valor.

No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 4307,39$ e $gl = 36$, sinalizando dessa forma a adequação das variáveis para a análise fatorial.

Dando continuidade às análises, ao verificar os autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto ‘Otimismo’ possui apenas um autovalor com um bom grau de explicação para o construto analisado (59,91 % da variância total extraída). Este resultado corrobora com os achados mencionados ao indicar que o conjunto de variáveis possui apenas um fator subjacente (Tabela 29).

Tabela 29 – Autovalores do construto Otimismo

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	5,39	59,91
2	0,88	9,82
3	0,82	9,14
4	0,49	5,44
5	0,43	4,73
6	0,38	4,20
7	0,28	3,13
8	0,17	1,94
9	0,15	1,68

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao verificar as cargas fatoriais dos itens, detectou-se que as variáveis O1 e O4 não apresentam um bom escore fatorial conforme o padrão determinado. Somado ao fato de que a exclusão do item O4 aumenta discretamente o valor do *alpha de Cronbach*, optou-se por excluir este item, assim como o item O1 e realizar a segunda extração da AFE afim de averiguar a melhora ou não dos índices do construto. Vale ressaltar que as demais variáveis apresentaram ótimos valores e estão dentro da margem de referência (igual ou acima de 0,70) como pode ser observado na Tabela 30 a seguir.

Tabela 30 – Escores fatoriais do construto Otimismo

Construto ‘Gratidão’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
O1	Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.	0,508
O2	Quando penso no futuro, sou positivo.	0,808
O3	Ocorrem-me mais coisas boas do que ruins.	0,703
O4	Penso que tudo vai dar errado. (R)	0,452
O5	Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	0,732
O6	Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	0,807
O7	Vejo o lado positivo das coisas.	0,860
O8	Tenho confiança para superar problemas.	0,848
O9	Tenho confiança no futuro.	0,869

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao realizar a segunda extração da AFE com a exclusão dos itens O1 e O4, os dados melhoraram de forma significativa e o construto Otimismo passa a ser explicado com uma variância total de 69,76% (Tabela 31) e com um valor de *alpha de Cronbach* de 0,93. Este resultado demonstra uma leve melhora na consistência interna do construto e no poder de explicação dos itens.

Tabela 31 – Autovalores do construto Otimismo após a exclusão de itens problemático

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	4,88	69,76
2	0,66	9,38
3	0,44	6,34
4	0,40	5,69
5	0,29	4,11
6	0,18	2,53
7	0,15	2,18

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Dando continuidade, foi verificado novamente os testes de KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO apresentou o valor de 0,896 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 3849,740$ e $gl = 21$, sinalizando dessa forma a adequação das variáveis para a análise fatorial. Além disso, após a exclusão dos itens

com carga fatorial abaixo do estabelecido, verificou-se que os valores das comunalidades foram todos bons (superior a 0,5) com exceção do item O3. Além disso, todas as cargas fatoriais apresentaram valores dentro do estabelecido com exceção do item O3. A Tabela 32 aborda os novos escores fatoriais após a segunda extração da AFE realizada.

Tabela 32 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Otimismo

Construto 'Otimismo'		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
O2	Quando penso no futuro, sou positivo.	0,777
O3	Ocorrem-me mais coisas boas do que ruins.	0,681
O5	Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	0,724
O6	Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	0,823
O7	Vejo o lado positivo das coisas.	0,875
O8	Tenho confiança para superar problemas.	0,858
O9	Tenho confiança no futuro.	0,867

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Mediante o exposto, decidiu-se realizar uma terceira extração da AFE, dessa vez com a exclusão também do item O3 com o objetivo de verificar como os dados e resultados se comportariam.

A partir da terceira extração realizada, o construto Otimismo passa a ter uma variância total explicada de 73,25% e com o valor de *alpha de Cronbach* permanecendo em 0,93. Este resultado demonstra uma melhora considerável no poder de explicação dos itens (Tabela 33).

Tabela 33 – Autovalores do construto Otimismo após a terceira extração da AFE

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	4,40	73,25
2	0,55	9,15
3	0,43	7,11
4	0,30	4,92
5	0,18	2,97
6	0,16	2,60

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na terceira extração o valor do teste de KMO foi de 0,879 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 3390,734$ e $gl = 15$, sinalizando novamente uma adequação das variáveis para a análise fatorial. Além disso, após a exclusão dos itens com carga fatorial menores ao padrão definido, verificou-se que os valores das comunalidades foram todos bons (superior a 0,5). Assim como todas as cargas fatoriais foram satisfatórias. A Tabela 34 aborda os novos escores fatoriais após a terceira extração da AFE realizada.

Tabela 34 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Otimismo

Construto ‘Otimismo’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
O2	Quando penso no futuro, sou positivo.	0,750
O5	Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	0,739
O6	Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	0,840
O7	Vejo o lado positivo das coisas.	0,882
O8	Tenho confiança para superar problemas.	0,869
O9	Tenho confiança no futuro.	0,861

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Com o objetivo de respaldar as decisões tomadas quanto a esse construto, os dados foram analisados também pelo Software Factor com base na Análise Paralela (PA) dos autores Timmerman e Lorenzo-Seva (2011). Os resultados apontam que a melhor decisão é excluir os três itens com cargas fatoriais mais baixas, pois eles prejudicam os índices do construto como um todo. Além disso, a ideia de que o construto Otimismo é formado por apenas um fator é confirmada por ambas as análises.

Ante o exposto, o construto Otimismo passa a ser representado neste estudo pelas variáveis O2, O5, O6, O7, O8 e O9 descritas acima. Dessa forma, entende-se que os itens se mostram como adequados para a mensuração da influência do Otimismo nos afetos (positivo e negativo), bem como na percepção de satisfação com a vida dos indivíduos.

6.5.4 Construto ‘Autoeficácia’

❖ Estatística descritiva

Esta tese parte do pressuposto que as pessoas que apresentam maiores níveis de **autoeficácia** tendem a vivenciar mais emoções positivas e têm maior satisfação com a vida. Além disso, a Autoeficácia aparece na teoria como um construto influenciador na relação entre os traços de personalidade (Big Five) e satisfação com a vida. Além disso, a Autoeficácia parece ser influenciada também pela ansiedade (quanto estado).

Dentro dessa perspectiva, para a mensuração da Autoeficácia dos sujeitos, optou-se por trabalhar com a escala traduzida e validada para o contexto brasileiro por Souza e Souza (2004) e que está disponível nos estudos de Caruzzo et al. (2013). O instrumento contempla dez (10) variáveis (itens) e utiliza a escala tipo Likert de quatro (4) pontos, que estão distribuídas da seguinte forma: (1) não é verdade a meu respeito, (2) é dificilmente verdade a meu respeito, (3) é moderadamente verdade a meu respeito e (4) é totalmente verdade a meu respeito.

A Tabela 35 demonstra as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 35 – Medidas descritivas do construto Autoeficácia

Construto ‘Autoeficácia’					
Variáveis	Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
A1	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	3,39	0,67	-1,07	1,66
A2	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	3,12	0,70	-0,62	0,63
A3	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	3,11	0,74	-0,66	0,47
A4	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	3,34	0,67	-0,82	0,65
A5	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	3,07	0,72	-0,38	-0,22
A6	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	3,25	0,70	-0,68	0,39
A7	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	3,05	0,82	-0,62	-0,09
A8	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	2,94	0,76	-0,55	0,23

A9	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	2,75	0,88	-0,30	-0,61
A10	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	2,85	0,78	-0,39	-0,14

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados expostos acima, a média das variáveis A1, A2, A3, A4, A5, A6 e A7 foram maiores que três (>3). Isto indica que há uma tendência maior de concordância dos respondentes com tais afirmativas. Em outras palavras, os sujeitos concordam moderadamente com as afirmações desses itens. Em contrapartida, as variáveis A8, A9 e A10 apresentaram médias inferiores a três (<3), indicando que os sujeitos discordam em partes com as respectivas afirmativas.

No que concerne ao desvio-padrão de cada item, observou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a um (1). O que representa uma baixa variabilidade de dispersão e está adequada quanto às respostas colhidas para este trabalho.

Quando à normalidade dos dados, foram verificados os dados de assimetria e curtose dos dez itens. Dessa forma, identificou-se que todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica e dentro do padrão de normalidade (-1 até +1), com exceção dos coeficientes de assimetria e curtose do item A1 que foi discretamente superior a margem de referência.

❖ Análise psicométrica

Para a análise psicométrica do construto Autoeficácia foi extraído o valor do *alpha de Cronbach* e a análise fatorial exploratória. Com o objetivo de validação da consistência interna do construto foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach* que foi no valor de 0,90. Este resultado é muito bom e aponta para uma elevada consistência interna, sendo considerado adequado conforme o padrão de referência.

Além disso, foram extraídos o valor do *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído para detectar a confiabilidade dos itens estudados. Sendo assim, ao observar a Tabela 36, os resultados iniciais apontam que a exclusão de qualquer um dos itens não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Dessa forma, o indicado é que todos os itens sejam mantidos e os demais resultados sejam avaliados para que sejam retiradas novas conclusões e decisões.

Tabela 36 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Autoeficácia)

Construto ‘Autoeficácia’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
A1	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	0,89
A2	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	0,89
A3	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	0,89
A4	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	0,89
A5	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	0,88
A6	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	0,89
A7	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	0,90
A8	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	0,89
A9	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	0,90
A10	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	0,89

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Em seguida, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o intuito de identificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos o valor do teste KMO do construto ‘Autoeficácia’ foi igual a 0,93. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70), sendo considerado um bom valor.

No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 3380,88$ e $gl = 45$. Este resultado sinaliza para uma adequação das variáveis.

Dando continuidade, ao verificar os autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto ‘Autoeficácia’ possui apenas um autovalor com um bom grau de explicação (53,58% da variância total extraída). Este resultado corrobora com os achados mencionados acima, como também com a teoria destacada nesta tese, ao indicar que o conjunto de variáveis possui apenas um fator subjacente (Tabela 37).

Tabela 37 – Autovalores do construto Autoeficácia

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	5,36	53,58
2	0,85	8,46
3	0,73	7,27
4	0,66	6,62
5	0,49	4,89
6	0,45	4,47
7	0,40	4,05
8	0,40	4,03
9	0,36	3,61
10	0,30	3,02

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Por fim, ao averiguar as cargas fatoriais dos itens, a partir do método de extração de ‘fatoração do eixo principal’ e rotação ‘varimax’, detectou-se que apenas as variáveis A3, A5, A6 e A8 apresentam escores fatoriais igual ou acima de 0,70. A Tabela 38 retrata as cargas fatoriais encontradas de todos os itens.

Tabela 38 – Escores fatoriais do construto Autoeficácia

Construto ‘Autoeficácia’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
A1	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	0,685
A2	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	0,657
A3	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	0,755
A4	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	0,691
A5	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	0,789
A6	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	0,707
A7	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	0,594
A8	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	0,756
A9	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	0,618
A10	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	0,692

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Diante dos resultados encontrados, se fez necessário realizar a segunda extração da AFE com a exclusão dos itens A1, A2, A4, A7, A9 e A10, pois todos eles apresentaram cargas fatoriais menores que o padrão estabelecido e o construto ainda pode ser explicado por quatro itens.

Nesse contexto, após a realização da segunda rodada da AFE o construto Autoeficácia passou a ser explicado com uma variância total de 66,51% e com *alpha de Cronbach* de 0,83. A Tabela 39 apresenta os autovalores após a segunda extração da AFE com a exclusão dos itens com baixas cargas fatoriais.

Tabela 39 – Autovalores do construto Autoeficácia após a exclusão de itens com cargas fatoriais baixas

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,66	66,51
2	0,55	13,79
3	0,43	10,73
4	0,36	8,97

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Em seguida, foi verificado novamente os testes de KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO apresentou o valor de 0,798 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 1057,312$ e $gl = 6$. Isto sinaliza a adequação das variáveis para a análise fatorial. Além disso, após a exclusão dos itens com carga fatorial abaixo do estabelecido, verificou-se que os valores das comunalidades foram todos bons (superior a 0,5) com exceção do item A6. Assim como, todas as cargas fatoriais apresentaram valores dentro do estabelecido com exceção do item A6. A Tabela 40 destaca os novos escores fatoriais após a segunda extração realizada da AFE.

Tabela 40 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Autoeficácia

Construto 'Autoeficácia'		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
A3	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	0,722
A5	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	0,814
A6	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	0,684
A8	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	0,755

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como a variável A6 do construto Autoeficácia apresentou na segunda extração da AFE um escore fatorial um pouco abaixo do padrão definido, assim como o valor da comunalidade menor que 0,50, decidiu-se excluir o item e realizar a terceira extração da AFE referente ao construto Autoeficácia.

Nesse contexto, após a terceira extração realizada, o construto passou a ter uma variância total explicada de 72,27%. Este resultado aponta para uma melhora no poder de explicação dos itens (Tabela 41). Além disso, o valor do *alpha de Cronbach* foi de 0,81 e se manteve dentro do parâmetro estabelecido.

Tabela 41 – Autovalores do construto Autoeficácia após a terceira extração da AFE

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,17	72,27
2	0,43	14,39
3	0,40	13,34

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na terceira extração o valor do teste de KMO foi de 0,714 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 698,255$ e $gl = 3$. Além disso, após a exclusão deste último item com carga fatorial menor ao padrão estabelecido, verificou-se que os valores das comunalidades dos demais itens continuaram sendo bons (superior a 0,5). Assim como todas as cargas fatoriais foram satisfatórias. A Tabela 42 aborda os novos escores fatoriais após a terceira extração da AFE realizada.

Tabela 42 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Autoeficácia

Construto 'Autoeficácia'		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
A3	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	0,767
A5	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	0,780
A8	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	0,746

Fonte: dados da pesquisa (2020).

À luz do exposto, o construto Autoeficácia passa a ser representado agora pelas variáveis A3, A5 e A8. Com isso, entende-se que este refinamento dos dados é de grande valia para que se obtenha um modelo com bons índices de ajustes. Acredita-se ainda que, os itens pertencentes ao construto após o refinamento, são adequados para mensurar a influência da Autoeficácia nos níveis de satisfação com a vida, bem como para os testes posteriores realizados a fim de identificar as hipóteses rejeitadas e não rejeitadas desta tese.

6.5.5 Construto ‘Satisfação com a vida’

❖ Estatística descritiva

Esta tese parte do pressuposto que as pessoas que experimentam maiores níveis de **satisfação com a vida** apresentarão consequentemente, níveis maiores de bem-estar subjetivo. Além disso, parte-se da premissa que a satisfação com a vida é influenciada pelos demais construtos trabalhados nesta tese.

Como mencionado no Capítulo 5, a Escala de Satisfação com a vida utilizada está disponível nos estudos de Gouveia et al. (2009). O instrumento de medição contempla cinco variáveis (itens) e utiliza a escala tipo Likert de cinco (5) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) não me descreve, (2) descreve-me pouco, (3) descreve-se mais ou menos, (4) descreve-me bastante e (5) descreve-se totalmente.

A Tabela 43 demonstra as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 43 – Medidas descritivas do construto Satisfação com a vida

Construto ‘Satisfação com a vida’					
Variáveis	Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
S1	Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.	2,62	1,15	0,06	-0,96
S2	As condições da minha vida são excelentes.	3,31	1,11	-0,41	-0,56
S3	Estou satisfeito(a) com minha vida.	3,19	1,12	-,029	-0,53
S4	Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	3,33	1,12	-0,43	-0,52
S5	Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.	2,90	1,24	-0,04	-,100

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados expostos na Tabela 43, pode-se verificar que a média das variáveis S2, S3 e S4 foram maiores que três (>3). Isto indica que há uma tendência maior de concordância dos respondentes com tais afirmativas. Em outras palavras, os sujeitos da pesquisa estão satisfeitos com as condições de suas vidas atuais e que têm conseguido o que consideram importantes nas suas vidas.

Em contrapartida, a média das variáveis S1 e S5 apresentaram valores menores que três (<3), isto pode indicar que apesar da satisfação atual, os respondentes acham que a vida pode melhorar (ficar mais próxima ao ideal que eles desejam) e que se tivessem uma segunda chance, poderiam mudar algo que viesse a melhorar a sua vida.

Ao analisar o desvio-padrão, verificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Com isso podemos dizer que a variabilidade da dispersão está adequada quanto às respostas colhidas para este estudo.

Quando à análise de assimetria e curtose, identificou-se que todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica e dentro do padrão de normalidade (-1 até +1). Assim, em relação a esse construto, os dados parecem seguir uma distribuição normal.

❖ Análise psicométrica

Para validar a consistência interna do construto Satisfação com a vida, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach* que resultou no valor de 0,84. Este resultado é ótimo e aponta para uma elevada consistência interna, sendo considerado adequado conforme o padrão de referência. Além disso, com o objetivo de averiguar o *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, estão expostos os valores respectivos de cada item do construto (Tabela 44).

Tabela 44 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Satisfação com a vida)

Construto ‘Satisfação com a vida’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
S1	Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.	0,80
S2	As condições da minha vida são excelentes.	0,83
S3	Estou satisfeito(a) com minha vida.	0,83
S4	Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	0,77
S5	Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.	0,78

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme pode ser visualizado na tabela anterior, a exclusão de qualquer um dos itens, não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Com isso, quanto à análise do *alpha de Cronbach* todos os itens devem ser mantidos.

A seguir, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados gerados, o valor do teste KMO do construto ‘Satisfação com a vida’ foi igual a 0,856. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70) e corrobora com o próprio output do sistema que considera o valor como bom.

No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 1489,89$ e $gl = 10$. Esta informação sinaliza para uma adequação das variáveis. Além disso, a análise das comunalidades também apresentou índices acima de 0,5 em todos os itens.

Dando continuidade às análises, ao extrair os autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto ‘Satisfação com a vida’ possui apenas um autovalor com um bom grau de explicação para o construto analisado (63,35% da variância total extraída). Este resultado corrobora com os achados mencionados acima ao indicar que o conjunto de variáveis possui apenas um fator subjacente (Tabela 45).

Tabela 45 – Autovalores do construto Satisfação com a vida

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	3,17	63,35
2	0,64	12,70
3	0,46	9,29
4	0,42	8,39
5	0,31	6,27

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Por fim, ao analisar as cargas fatoriais dos itens, detectou-se que apenas as variáveis S1, S3 e S4 do construto obtiveram bons escores fatoriais e estão dentro da margem de referência (acima de 0,70). A Tabela 46 detalha os valores de cada item.

Vale lembrar que independente dos escores fatoriais dos itens, os resultados encontrados nesta tese corroboram com a teoria sobre a Satisfação com a vida, ao referenciar a existência de um único fator que compõe o construto estudado.

Tabela 46 – Escores fatoriais do construto Satisfação com a vida

Construto ‘Satisfação com a vida’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
S1	Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.	0,729
S2	As condições da minha vida são excelentes.	0,645
S3	Estou satisfeito(a) com minha vida.	0,848
S4	Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	0,794
S5	Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.	0,661

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Devido às cargas fatoriais dos itens S2 e S5 terem sido inferiores ao padrão adotado neste estudo, optou-se por extrair uma segunda AFE com a exclusão desses itens para verificar como os dados do construto iriam se comportar. Feito isto, a Satisfação com a vida passou a ser explicada com uma variância total de 74,22% e com *alpha de Cronbach* de 0,83. A Tabela 47 apresenta os autovalores após a segunda extração da AFE com a exclusão dos itens com baixas cargas fatoriais.

Tabela 47 – Autovalores do construto Satisfação com a vida após a exclusão de itens com cargas fatoriais baixas

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,23	74,22
2	0,46	15,17
3	0,32	10,61

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na sequência, foi extraído novamente os testes de KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO obteve um valor de 0,708 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 804,511$ e $gl = 3$. Vale ressaltar ainda, que após a exclusão dos itens com carga fatorial abaixo do estabelecido, os valores das comunalidades foram todos bons (superior a 0,5), assim como todas as cargas fatoriais. A Tabela 48 destaca os novos escores fatoriais após a segunda extração realizada da AFE.

Tabela 48 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Satisfação com a vida

Construto ‘Satisfação com a vida’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
S1	Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.	0,711
S3	Estou satisfeito(a) com minha vida.	0,861
S4	Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	0,780

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme as análises de refinamento, o construto Satisfação com a vida passa a ser formado neste estudo pelas variáveis S1, S3 e S4. Acredita-se que o conteúdo e índices são favoráveis e corroboram para explicar o construto investigado.

6.5.6 Construto ‘Ansiedade (estado)’

❖ Estatística descritiva

Esta tese parte do pressuposto que em momentos de instabilidade social, sanitária e econômica, bem como de restrições, mudanças e dificuldade, as pessoas apresentam níveis de **ansiedade** maiores. Dentro dessa perspectiva, aumentos nos níveis de ansiedade corroboram para que as pessoas possam experimentar mais afetos negativos, e isto impacta diretamente na satisfação com a vida geral dos sujeitos.

Como mencionado no Capítulo 5, o instrumento escolhido para mensurar a Ansiedade-estado dos respondentes do estudo foi os itens que constam no Inventário Brasileiro de Ansiedade Traço-Estado (STAI) que foi adaptado, validado e reduzido nos estudos de Fioravanti-Bastos, Cheniaux e Landeira-Fernandez (2011) chamado de STAI-S-6.

O instrumento de medição contempla seis variáveis (itens) e utiliza a escala tipo Likert de quatro (4) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) absolutamente não, (2) um pouco, (3) bastante e (4) muitíssimo. A Tabela 49 a seguir retrata as medidas descritivas do construto em questão, quanto aos valores da média, desvio-padrão, assimetria e curtose.

Tabela 49 – Medidas descritivas do construto Ansiedade-estado

Construto ‘Ansiedade-estado’					
Variáveis	Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
ANS1	Sinto-me calmo(a)	2,24	0,75	0,26	-0,17
ANS2	Estou tenso(a)	2,78	0,87	-0,44	-0,40
ANS3	Sinto-me à vontade	2,23	0,86	0,33	-0,51
ANS4	Sinto-me nervoso(a)	2,93	0,89	-0,60	-0,27
ANS5	Estou descontraído(a)	2,03	0,80	0,42	-0,32
ANS6	Estou preocupado(a)	2,44	0,88	-0,21	-0,76

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados expostos na Tabela 49, pode-se verificar que a média de todas as variáveis foram maiores que dois (>2). Este resultado indica uma tendência em que os sujeitos da pesquisa estavam um pouco ansiosos no momento que viviam quando a pesquisa foi aplicada. Vale lembrar que a coleta de dados ocorreu em meio ao isolamento social derivado da pandemia do Covid-19 que trouxe diversas mudanças no contexto social, econômico e sanitário (de saúde) de toda a população. Pesquisas recentes já evidenciam que houve impactos na saúde mental das pessoas. Quando falamos de ansiedade, este construto está totalmente relacionado com a saúde dos indivíduos.

Quanto à análise do desvio-padrão, identificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a um (1). Sendo assim, podemos dizer que a variabilidade da dispersão está adequada quanto às respostas colhidas para este estudo.

Para a análise de simetria e normalidade dos dados, foram extraídos os coeficientes de assimetria e curtose dos itens. Conforme os dados apresentados, todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica e dentro do padrão de normalidade (-1 até $+1$). Assim, em relação a esse construto, os dados parecem seguir distribuição normal.

❖ Análise psicométrica

Como mencionado anteriormente, a análise psicométrica do estudo é baseada no valor do *alpha de Cronbach* e na análise fatorial. Para validar a consistência interna do construto Ansiedade-estado, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach* que resultou no coeficiente de 0,88. Este resultado é ótimo e aponta para uma elevada consistência interna, sendo considerado adequado conforme o padrão de referência.

Ademais, com o intuito de averiguar o *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, a Tabela 50 apresenta os valores respectivos de cada item do construto. Conforme pode ser visualizado, a exclusão de qualquer um dos itens, não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Com isso, quanto à análise do *alpha de Cronbach* todos os itens devem ser mantidos.

Tabela 50 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Ansiedade-estado)

Construto ‘Ansiedade-estado’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
ANS1	Sinto-me calmo(a)	0,85
ANS2	Estou tenso(a)	0,84
ANS3	Sinto-me à vontade	0,86
ANS4	Sinto-me nervoso(a)	0,85
ANS5	Estou descontraído(a)	0,87
ANS6	Estou preocupado(a)	0,86

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A seguir, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos pelo Software Factor o valor do teste KMO do construto ‘Ansiedade-estado’ foi igual a 0,86. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70) e corrobora com o próprio output do sistema que considera o valor como bom.

No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 2143,24$ e $gl = 15$. Além disso, a análise das comunalidades também apresentaram índices acima de 0,5 em todos os itens.

Quanto aos autovalores das variáveis, ao analisar os dados gerados pelos softwares, pôde-se constatar que o construto ‘Ansiedade-estado’ possui apenas um autovalor com um bom grau de explicação (61,71% da variância total extraída). Este resultado corrobora com os achados mencionados acima ao indicar que o conjunto de variáveis possui apenas um fator subjacente, além de corroborar com a teoria exposta ao longo desta tese (Tabela 51).

Tabela 51 – Autovalores do construto Ansiedade-estado

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	3,70	61,71
2	0,88	14,65
3	0,45	7,43
4	0,35	5,90
5	0,33	5,51
6	0,29	4,80

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Finalmente, ao analisar as cargas fatoriais dos itens do construto, foi verificado que os itens ANS1, ANS2, ANS4 e ANS6 apresentaram ótimos escores fatoriais (Tabela 52). No entanto, as variáveis ANS3 e ANS5 expuseram cargas fatoriais abaixo do padrão de referência adotado (igual ou acima de 0,70). Neste contexto, se fez necessária a realização da segunda extração da AFE com a exclusão desses itens para verificar como os itens e resultados do construto irão se comportar.

Tabela 52 – Escores fatoriais do construto Ansiedade-estado

Construto 'Ansiedade-estado		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
ANS1	Sinto-me calmo(a)	0,778
ANS2	Estou tenso(a)	0,816
ANS3	Sinto-me à vontade	0,691
ANS4	Sinto-me nervoso(a)	0,768
ANS5	Estou descontraído(a)	0,640
ANS6	Estou preocupado(a)	0,713

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao realizar a segunda extração da AFE, podemos perceber que o construto Ansiedade-estado passou a ser explicado com uma variância total de 71,23% e com um *alpha de Cronbach* de 0,87. Estes valores são ótimos e estão dentro da margem desejável estipuladas neste estudo. Ao dar continuidade, a Tabela 53 apresenta os autovalores após a segunda extração da AFE com a exclusão dos itens com baixas cargas fatoriais.

Tabela 53 – Autovalores do construto Ansiedade-estado após a exclusão de itens com cargas fatoriais baixas

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,85	71,23
2	0,51	12,78
3	0,35	8,72
4	0,29	7,26

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Dando continuidade, foram reverificados os testes de KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO obteve um valor de 0,820 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 1359,410$ e $gl = 6$.

Após a exclusão dos itens com carga fatorial abaixo do estabelecido, apenas o item ANS1 apresentou baixa comunalidade (menor que 0,50) e carga fatorial inferior ao padrão estabelecido. A Tabela 54 a seguir descreve os novos escores fatoriais após a segunda extração realizada da AFE.

Tabela 54 – Segunda extração das cargas fatoriais do construto Ansiedade-estado

Construto 'Ansiedade-estado'		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
ANS1	Sinto-me calmo(a)	0,689
ANS2	Estou tenso(a)	0,862
ANS4	Sinto-me nervoso(a)	0,835
ANS6	Estou preocupado(a)	0,754

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como mencionado anteriormente após a segunda extração da AFE, o item ANS1 apresentou dados insatisfatórios. Se avaliarmos o conteúdo do item, podemos entender que o conteúdo dele é contrário aos demais itens do construto que apresentaram bons índices, talvez por esse motivo, o item não esteja tão adequado como os demais. Nessa perspectiva, decidiu-se realizar uma terceira extração da AFE com a exclusão do item ANS1, com o objetivo de reavaliar a consistência, confiabilidade e poder de explicação do construto.

Após realizar a terceira extração da AFE, o construto Ansiedade-estado passou a ser explicado por uma variância de 77,85%. Este resultado aponta para uma melhora no poder de

explicação dos itens (Tabela 55). Além disso, o valor do *alpha de Cronbach* foi de 0,86 e se manteve dentro do parâmetro estabelecido.

Tabela 55 – Autovalores do construto Ansiedade-estado após a terceira extração da AFE

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,34	77,85
2	0,37	12,42
3	0,29	9,73

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na terceira extração o valor do teste de KMO foi de 0,730 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 974,312$ e $gl = 3$. Além disso, após a exclusão deste último item com carga fatorial menor ao padrão estabelecido, verificou-se que os valores das comunalidades dos demais itens continuaram sendo bons (superior a 0,5). Assim como todas as cargas fatoriais foram satisfatórias.

A Tabela 56 aborda os novos escores fatoriais após a terceira extração da AFE realizada.

Tabela 56 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Ansiedade-estado

Construto ‘Ansiedade-estado’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
ANS2	Estou tenso(a)	0,856
ANS4	Sinto-me nervoso(a)	0,823
ANS6	Estou preocupado(a)	0,773

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Diante do exposto, o construto Ansiedade-estado passa a ser representado pelas variáveis ANS2, ANS4 e ANS6. Como apontado anteriormente, compreende-se que ao considerar ótimos padrões/valores de referência, os construtos se tornam mais robustos após o refinamento, pois irão ser formados para as análises posteriores (AFC e MEE) apenas com os itens que de fato possuem bom poder de explicação e confiabilidade.

6.5.7 Construto ‘Materialismo’

❖ Estatística descritiva

Este estudo parte do pressuposto que o **materialismo** é um construto-chave nas análises do bem-estar subjetivo geral e do bem-estar financeiro dos indivíduos. De acordo com a teoria, como pôde ser visto no referencial teórico deste trabalho, o materialismo parece influenciar direta e indiretamente nos componentes (afetivos e cognitivo) do BES. Além de ser considerado um preditor do bem-estar financeiro.

Nessa lógica, aumentos nos níveis de materialismo corroboram para que as pessoas possam experimentar mais afetos negativos, e isto impacta diretamente na satisfação com a vida geral dos sujeitos. Além disso, o materialismo moderado pelas variáveis psicológicas como gratidão, otimismo e resiliência, exerce influência no bem-estar subjetivo das pessoas.

Como mencionado no Capítulo 5, a escala escolhida para mensurar o construto Materialismo foi a versão reduzida desenvolvida por Richins (2004), que foi adaptada e validada para o contexto brasileiro por Ponchio e Aranha (2008). O instrumento de medição contempla nove variáveis (itens), apresenta três fatores divididos em: (C) Centralidade, (H) Felicidade e (S) Sucesso. Além disso, utiliza a escala tipo Likert de cinco (5) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) discordo totalmente, (2) discordo em parte, (3) nem concordo, nem discordo, (4) concordo em parte e (5) concordo totalmente.

A Tabela 57 a seguir retrata as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 57 – Medidas descritivas do construto Materialismo

Construto ‘Materialismo’						
Variáveis		Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
M1	C	Eu gosto de comprar coisas novas e diferentes.	3,34	1,20	-0,41	-0,83
M2	S	Eu admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras.	2,36	1,23	0,44	-0,92
M3	H	Minha vida seria melhor se eu tivesse coisas que não possuo neste momento.	2,42	1,29	0,44	-1,02
M4	C	Comprar coisas me dá muito prazer.	3,16	1,22	-0,23	-0,97
M5	H	Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	3,04	1,35	-0,10	-1,20
M6	S	Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	1,79	1,04	1,20	0,57
M7	C	Eu gosto de muito luxo na minha vida.	1,79	1,07	1,28	0,79
M8	H	Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	2,67	1,28	0,24	-1,14

M9	S	Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	1,35	0,73	2,22	4,63
----	---	--	------	------	------	------

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados expostos na tabela acima, pode-se verificar que a média das variáveis M1, M4 e M5 apresentaram valores superior a três (>3). Isto indica uma tendência de concordância dos sujeitos com essas afirmativas. Em contrapartida, as variáveis M2, M3 e M8 tiveram valores entre dois e três, o que indica uma leve discordância quanto as afirmações. Já as variáveis M6, M7 e M9 obtiveram valores menores que dois, indicando um grau de discordância dos entrevistados com as afirmativas relacionadas.

Ao analisar o desvio-padrão, identificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Sendo assim, podemos dizer que a variabilidade da dispersão é baixa e considerada adequada para fins deste estudo.

Na análise de simetria e normalidade dos dados, foram extraídos os coeficientes de assimetria e curtose dos itens. Conforme a Tabela 57, todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica com exceção das variáveis M6 e M7 que indicaram valor um pouco superior a margem de +1. Quanto aos valores de curtose dos itens, vale ressaltar que M3, M5, M8 e M9 apresentaram valores fora da margem estipulada como adequada, o que indica que provavelmente os dados não seguem uma distribuição normal. As demais variáveis apresentaram valores dentro da margem de normalidade (-1 até +1).

❖ Análise psicométrica

Como mencionado anteriormente, a análise psicométrica do estudo é baseada no valor do *alpha de Cronbach* e na análise fatorial. Para validar a consistência interna do construto Materialismo, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach* que resultou no coeficiente de 0,85, considerado adequado conforme o padrão de referência (0,70).

Ademais, com o intuito de averiguar o *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, a Tabela 58 apresenta os valores respectivos de cada item do construto. Conforme pode ser visualizado, a exclusão de qualquer um dos itens não aumenta o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Com isso, quanto à análise do *alpha de Cronbach* todos os itens devem ser mantidos.

Tabela 58 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Materialismo)

Construto ‘Materialismo’		
Variáveis	Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
M1	Eu gosto de comprar coisas novas e diferentes.	0,84
M2	Eu admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras.	0,82
M3	Minha vida seria melhor se eu tivesse coisas que não possuo neste momento.	0,83
M4	Comprar coisas me dá muito prazer.	0,83
M5	Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	0,80
M6	Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	0,82
M7	Eu gosto de muito luxo na minha vida.	0,82
M8	Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	0,82
M9	Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	0,83

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A seguir, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos pelo Software Factor o valor do teste KMO do construto foi igual a 0,85. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70) e corrobora com o próprio output do sistema que considera o valor como bom.

No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 2189,69$ e $gl = 36$. Quanto aos autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto ‘Materialismo’ possui dois autovalores que somados apresentam um grau de explicação adequado (57,14% da variância total extraída). Este resultado se difere ao esperado quando na teoria a escala inicial teria três fatores, enquanto neste estudo, os dados confirmam a existência de dois fatores (Tabela 59).

Tabela 59 – Autovalores do construto Materialismo

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	4,04	44,89
2	1,10	12,24
3	0,85	9,5
4	0,76	8,48
5	0,58	6,40
6	0,54	5,96

7	0,45	4,95
8	0,39	4,31
9	0,29	3,27

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Prosseguindo com a análise fatorial exploratória (AFE), foram extraídos os valores das variáveis, a partir do método de fatoração do eixo principal e rotação varimax, com o objetivo de verificar as cargas fatoriais dos itens nos dois fatores subjacentes. A Tabela 60 demonstra os resultados encontrados.

Tabela 60 – Cargas fatoriais do construto Materialismo

Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais	
		Fator 1	Fator 2
M1	Eu gosto de comprar coisas novas e diferentes.	0,131	0,430
M2	Eu admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras.	0,521	0,373
M3	Minha vida seria melhor se eu tivesse coisas que não possuo neste momento.	0,442	0,370
M4	Comprar coisas me dá muito prazer.	0,205	0,771
M5	Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	0,361	0,746
M6	Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	0,650	0,318
M7	Eu gosto de muito luxo na minha vida.	0,738	0,226
M8	Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	0,385	0,447
M9	Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	0,616	0,135

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Inicialmente, observa-se a partir dos dados apontados na Tabela 60, que apenas os itens M4, M5 e M7 apresentaram cargas fatoriais dentro do padrão de aceitação previamente estabelecido. No entanto, foi estabelecida também a regra de que independente das cargas fatoriais, o fator e/ou construto devem permanecer com, pelo menos, três itens. Ao seguir com essa regra, levando em consideração que o construto apresentou inicialmente, dois fatores, os itens M6, M8 e M9 serão considerados na segunda extração da AFE referente ao construto Materialismo, mesmo apresentando cargas fatoriais indesejadas. O objetivo é avaliar como os itens e o construto irão de comportar na segunda retirada da AFE com a exclusão dos itens M1, M2 e M3.

Nesse contexto, foi realizada a segunda extração da análise psicométrica dos dados com a exclusão dos itens que apresentaram menor carga fatorial entre os fatores (M1, M2 e M3). Após isso, o valor do *alpha de Cronbach* se manteve bom (0,81). O teste de KMO, por sua vez,

continuou com um bom índice (0,801) e o construto continuou apresentando significância estatística com o coeficiente do $\chi^2 = 1437,709$ com $gl = 15$.

Quanto aos autovalores, percebeu-se que agora existe apenas um autovalor maior que 1,0 (mais especificamente com o resultado de 3,14), ou seja, o construto é explicado a partir de um único fator com uma extraída de 52,35%. Dessa forma, com a exclusão dos itens com cargas fatoriais ruins, o construto Materialismo, de maneira geral, apresentou melhora e agora pode ser explicado por apenas um fator com adequação ao padrão estipulado (de 50%) como pode ser visualizado na Tabela 61 a seguir.

Tabela 61 – Autovalores do construto Materialismo após a segunda extração da AFE

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	3,14	52,35
2	0,97	16,22
3	0,63	10,58
4	0,52	8,69
5	0,42	6,92
6	0,31	5,24

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Dando sequência às análises, foram averiguadas novamente as cargas fatoriais após essa segunda extração. A Tabela 62 destaca as cargas fatoriais do construto Materialismo após a exclusão dos itens problemáticos.

Tabela 62 – Cargas fatoriais do construto Materialismo após a exclusão de itens problemáticos

Construto 'Materialismo'		
Variáveis	Itens válidos	Cargas fatoriais
M4	Comprar coisas me dá muito prazer.	0,633
M5	Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	0,756
M6	Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	0,691
M7	Eu gosto de muito luxo na minha vida.	0,680
M8	Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	0,612
M9	Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	0,547

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os resultados das cargas fatoriais da segunda extração, pôde-se visualizar que os itens M4, M8 e M9 apresentaram valores insatisfatórios. Neste caso, optou-se por realizar uma terceira extração da AFE com o objetivo de verificar o comportamento dos dados e, conseqüentemente, do construto em questão.

Sendo assim, após a exclusão dos itens M4, M8 e M9, o construto Materialismo passou a apresentar um *alpha de Cronbach* no valor de 0,723. Valor este, dentro do parâmetro adotado como adequado. Além disso, o construto passou a ser explicado por uma variância total de 65,58%. A Tabela 63 apresenta os novos autovalores a partir da terceira extração que foi realizada.

Tabela 63 – Autovalores do construto Materialismo após a terceira extração da AFE

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	1,97	65,58
2	0,61	20,23
3	0,43	14,19

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na terceira extração o valor do teste de KMO baixou para 0,680 e os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 481,277$ e $gl = 3$. Além disso, após a exclusão deste último item com carga fatorial menor ao padrão estabelecido, verificou-se que apenas o item M5 apresentou baixa comunalidade (inferior a 0,5) e carga fatorial inferior ao desejável. No entanto, seguindo a regra de que um construto deve ser formado por, pelo menos três itens, os itens M5, M6 e M7 serão mantidos para as análises subsequentes.

Por fim, o construto Materialismo passa a ser representado nesta tese pelas variáveis M5, M6 e M7. Na Tabela 64 constam os novos escores fatoriais após a terceira extração da AFE realizada.

Tabela 64 – Terceira extração das cargas fatoriais do construto Materialismo

Construto ‘Materialismo’		
Variáveis	Itens da escala	Cargas fatoriais
M5	Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	0,577
M6	Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	0,773
M7	Eu gosto de muito luxo na minha vida.	0,741

Fonte: dados da pesquisa (2020).

6.5.8 Construto ‘Bem-estar financeiro’

❖ Estatística descritiva

Esta tese parte do pressuposto que o **bem-estar financeiro percebido** é um construto-chave nas análises do bem-estar subjetivo geral dos indivíduos. De acordo com a teoria, exposta no referencial teórico deste trabalho, o bem-estar financeiro parece influenciar direta e indiretamente nos componentes (afetivos e cognitivo) do BES. Além de ser influenciado pelo construto denominado materialismo.

De acordo com os achados na literatura, os níveis de bem-estar financeiro parecem corroborar para que as pessoas possam experimentar mais afetos positivos e/ou negativos, e isto acaba por impactar diretamente na satisfação com a vida geral delas. Ainda segundo a teoria, o materialismo tende a impactar de forma direta nos níveis de bem-estar financeiro percebido dos indivíduos. Nessa perspectiva, as pessoas mais materialistas podem apresentar níveis mais baixos de bem-estar financeiro e esse nível mais baixo de satisfação é percebido também no experimento das emoções (afetos) e na satisfação com a vida geral delas, o contrário também é respaldado pela literatura. Dentro dessa lógica, acredita-se que comportamentos de consumo, financeiros e as características pessoais afetam o bem-estar financeiro dos indivíduos.

Diante do exposto, o construto de bem-estar financeiro percebido é muito importante para avaliar se a satisfação financeira do indivíduo impacta diretamente na satisfação com a vida geral das pessoas. Em outras palavras, a partir da teoria *Bottom-up Spillover* (transbordamento de baixo para cima), a hipótese a ser averiguada é que a satisfação entre os domínios da vida, mais especificamente, no domínio econômico-financeiro influencia diretamente nos níveis de bem-estar subjetivo geral dos indivíduos.

Para tanto, conforme exposto no Capítulo 5, a escala escolhida para mensurar o construto Bem-estar financeiro percebido foi a versão desenvolvida por Netemeyer et al. (2017), recentemente adaptada e validada para o contexto brasileiro por Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2020).

Diferente da versão original que contempla dez itens, o instrumento de medição na versão brasileira contempla oito variáveis (itens), mas mantém os dois fatores apresentados na escala da Netemeyer et al. (2017). Os fatores são nomeados de: (SF) Segurança financeira futura esperada e (EG) Estresse na gestão financeira atual. Além disso, utiliza a escala de cinco (5) pontos, que foi distribuída da seguinte forma: (1) não me descreve de jeito nenhum e (5) me

descreve completamente. A Tabela 65 a seguir retrata as medidas descritivas do construto em questão.

Tabela 65 – Medidas descritivas do construto Bem-estar financeiro

Construto ‘Bem-estar financeiro’						
Variáveis		Itens da escala	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
B1	SF	Estou me tornando financeiramente seguro.	2,95	1,27	-0,19	-1,16
B2	SF	Estou garantindo meu futuro financeiro.	3,23	1,22	-0,48	-0,78
B3	SF	Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	3,03	1,35	-0,11	-1,19
B4	EG	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	3,86	1,10	-0,81	-0,05
B5	EG	Não estou em dia com minha vida financeira.	4,03	1,26	-1,06	-0,16
B6	EG	Minhas finanças controlam minha vida.	3,91	1,17	-0,82	-0,31
B7	EG	Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	3,78	1,19	-0,64	-0,67
B8	EG	Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.	4,65	0,77	-2,68	7,54

Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados expostos acima, pode-se verificar que a média da variável B1 apresentou um valor um pouco menor que três. Isto indica uma tendência de discordância dos sujeitos quando a estarem se tornando financeiramente seguros. Já as variáveis B2, B3, B4, B6 e B7 tiveram valores superiores a três (<3). O que indica uma concordância moderada dos respondentes quanto a essas afirmativas. Por fim, as variáveis B5 e B8 apresentaram uma média alta (>4) o que indica uma tendência das pessoas entrevistadas em concordarem que não estão em dia com as suas finanças e que também não conseguem aproveitar a vida pois geralmente estão preocupados com dinheiro.

Ao analisar o desvio-padrão, identificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Dessa forma, podemos dizer que a variabilidade da dispersão é baixa e considerada adequada para fins deste estudo.

Na análise de simetria e normalidade dos dados, foram extraídos os coeficientes de assimetria e curtose dos itens. Conforme os dados encontrados, todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica com exceção das variáveis B5 e B8 que indicaram um valor fora da margem de -1 até +1. Quanto aos valores de curtose, o item B1 e B3 apresentaram valores um pouco fora da margem. O item B8, por sua vez, apresentou um

valor muito superior (fora da margem) ao estipulado como adequado. Isto sugere que os dados desses itens provavelmente não seguem uma distribuição normal. As demais variáveis apresentaram valores dentro da margem de normalidade (-1 até +1).

❖ Análise psicométrica

Como mencionado anteriormente, a análise psicométrica do estudo é baseada no valor do *alpha de Cronbach* e na análise fatorial. Para validar a consistência interna do construto Bem-estar financeiro, foi extraído o coeficiente *alpha de Cronbach* que resultou no coeficiente de 0,71. Este resultado é bom e aponta para uma consistência interna adequada conforme o padrão de referência adotado (0,70).

Ademais, com o intuito de averiguar o *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído, a Tabela 66 apresenta os valores respectivos de cada item do construto. Conforme pode ser visualizado, a exclusão do item B8 (EG) aumenta levemente o valor do coeficiente do *alpha de Cronbach*. No entanto, serão analisados outros dados para verificar se a exclusão do item é a melhor opção para este caso.

Tabela 66 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Bem-estar financeiro)

Construto ‘Bem-estar financeiro’			
Variáveis		Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
B1	SF	Estou me tornando financeiramente seguro.	0,66
B2	SF	Estou garantindo meu futuro financeiro.	0,68
B3	SF	Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	0,69
B4	EG	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	0,69
B5	EG	Não estou em dia com minha vida financeira.	0,69
B6	EG	Minhas finanças controlam minha vida.	0,68
B7	EG	Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	0,67
B8	EG	Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.	0,72

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Nesse sentido, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos o valor do teste KMO do construto ‘Bem-estar financeiro’ foi igual a 0,73. Este valor está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70). No

que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 1401,75$ e $gl = 28$.

Dando continuidade, ao averiguar os autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto ‘Bem-estar financeiro’ possui dois autovalores que somados apresentam um grau de explicação adequado (56,29% da variância total extraída). Este resultado corrobora com a escala inicial em que se divide o construto em dois fatores (Tabela 67).

Tabela 67 – Autovalores do construto Bem-estar financeiro

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,69	33,64
2	1,81	22,65
3	0,85	10,61
4	0,79	9,87
5	0,58	7,20
6	0,50	6,28
7	0,46	5,78
8	0,32	3,96

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Prosseguindo com a Análise Fatorial Exploratória (AFE), foram extraídos os valores das variáveis a partir do método de fatoração do eixo principal e rotação varimax, com o objetivo de avaliar as cargas fatoriais dos itens nos dois fatores subjacentes. A Tabela 68 demonstra os resultados encontrados.

Tabela 68 – Cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro

Variáveis		Itens da escala	Cargas fatoriais	
			Fator 1	Fator 2
B1	SF	Estou me tornando financeiramente seguro.	0,670	0,202
B2	SF	Estou garantindo meu futuro financeiro.	0,904	0,021
B3	SF	Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	0,682	0,43
B4	EG	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	0,204	0,407
B5	EG	Não estou em dia com minha vida financeira.	0,104	0,563
B6	EG	Minhas finanças controlam minha vida.	0,029	0,762
B7	EG	Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	0,129	0,665
B8	EG	Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.	0,037	0,422

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Observa-se inicialmente que apenas os itens B2 e B6 apresentaram índices elevados de carga fatorial. No entanto, levando em consideração a regra de pelo menos três itens por fatores, os itens B1 e B3 serão considerados no fator SF. Assim como os itens B5 e B7 serão considerados dentro do fator EG.

Primeiramente, como o item B8 foi o único que demonstrou uma melhoria no valor do *alpha de Cronbach* caso fosse excluído, procedeu-se inicialmente com a exclusão apenas desse item. Assim, na segunda extração da análise psicométrica dos dados verificou-se que o valor do *alpha de Cronbach* subiu para 0,72. O teste de KMO, por sua vez, também aumentou para 0,72 com o coeficiente do $\chi^2 = 1279,66$ e $gl = 21$.

Quanto aos autovalores, percebeu-se o construto continua sendo explicado por dois fatores com variância extraída de 61,28%. Dessa forma, com a exclusão do item B8 (EG) o construto apresentou uma melhora quanto à variância extraída.

Por fim, foi realizada a segunda extração das cargas fatoriais dos itens. A Tabela 69 destaca as cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro após a exclusão do item B8.

Tabela 69 – Cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro após a segunda extração

Variáveis		Itens da escala	Cargas fatoriais	
			Fator 1	Fator 2
B1	SF	Estou me tornando financeiramente seguro.	0,663	0,226
B2	SF	Estou garantindo meu futuro financeiro.	0,898	0,056
B3	SF	Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	0,686	0,061
B4	EG	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	0,191	0,406
B5	EG	Não estou em dia com minha vida financeira.	0,076	0,594
B6	EG	Minhas finanças controlam minha vida.	0,018	0,702
B7	EG	Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	0,095	0,712

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como pôde ser visualizado na tabela acima, a variável B4 continua apresentando baixa carga fatorial e talvez a sua exclusão melhore o construto estudado como um todo. Neste caso, foi necessário realizar uma terceira extração da AFE.

Na terceira extração da AFE com a exclusão dos itens B4 e B8, o valor do *alpha de Cronbach* foi de 0,70, ficando na margem de adequação (0,70). Em seguida, foi extraído, pela terceira vez, o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett. Os novos resultados apontaram para um valor de 0,69 do teste de KMO. Valor este bem próximo

ao parâmetro adotado (acima de 0,70). No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 1145,49$ e $gl = 15$.

Continuando com as análises, o construto ‘Bem-estar financeiro’ passou a ser explicado por uma variância total de 67,61%. Este resultado continua corroborando com a escala inicial em que o construto é formado por dois fatores (Tabela 70).

Tabela 70 – Autovalores do construto Bem-estar financeiro

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	2,41	40,13
2	1,65	27,48
3	0,59	9,91
4	0,54	8,93
5	0,49	8,24
6	0,32	5,31

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Prosseguindo com a análise fatorial exploratória, foram extraídos os valores dos itens com o objetivo de avaliar as novas cargas fatoriais. A Tabela 71 retrata as novas cargas fatoriais do construto.

Tabela 71 – Cargas fatoriais do construto Bem-estar financeiro após a terceira extração

Variáveis		Itens da escala	Cargas fatoriais	
			Fator 1	Fator 2
B1	SF	Estou me tornando financeiramente seguro.	0,653	0,190
B2	SF	Estou garantindo meu futuro financeiro.	0,914	0,040
B3	SF	Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	0,687	0,048
B5	EG	Não estou em dia com minha vida financeira.	0,093	0,612
B6	EG	Minhas finanças controlam minha vida.	0,037	0,701
B7	EG	Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	0,114	0,697

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Vale ressaltar que o construto ‘Bem-estar financeiro percebido’ apresentou algumas cargas fatoriais menores que 0,70 talvez por se tratar de um construto exploratório novo, além de ter sido validado e adaptado para a versão brasileira recentemente. De acordo com a literatura

de Hair Jr. et al. (2009), para construtos exploratórios novos podem ser consideradas cargas fatoriais mais baixas (acima de 0,50). De qualquer forma, os itens excluídos, apresentavam cargas menores que o indicado e com a exclusão dessas variáveis o construto continuou a apresentar bons índices de explicação e confiabilidade.

À luz do exposto, conclui-se que a exclusão dos itens B4 e B8 antes pertencentes ao fator de ‘estresse na gestão financeira atual’ melhora o construto bem-estar financeiro percebido, haja vista que há uma melhoria na variância explicada, além da manutenção dos demais resultados estatísticos dentro dos padrões adotados. Sendo assim, ficam mantidos apenas os itens B1, B2, B3, B5, B6 e B7 por apresentarem maior adequação nas cargas fatoriais entre os fatores do construto analisado.

6.5.9 Construto ‘Componentes afetivos (afeto positivo e afeto negativo)’

❖ Estatística descritiva

No que diz respeito aos **componentes afetivos** que compõem o bem-estar subjetivo, esta tese defende que indivíduos que experimentam mais **afetos positivos** e menos **afetos negativos** tendem a apresentar níveis maiores de bem-estar subjetivo geral (BES)

Os componentes afetivos (afeto positivo e negativo) têm relação direta com a satisfação com a vida geral das pessoas. Além disso, os componentes afetivos parecem sofrer influência de variáveis psicológicas como a gratidão, otimismo, resiliência, autoeficácia, assim como traços da personalidade. Ainda, a teoria suporta que construtos como materialismo, ansiedade-estado e a percepção de bem-estar financeiro também influenciam nas emoções vivenciadas pelas pessoas, isto é, esses construtos exercem influência no experimento de afetos positivos e negativos das pessoas e a vivência dessas emoções/sensações influenciam diretamente na perspectiva de bem-estar subjetivo geral delas.

Para avaliar as relações existentes e testar o modelo teórico desenvolvido, optou-se por trabalhar com a escala de **Afetos positivos e negativos** desenvolvida por Diener e Emmons (1984), recentemente adaptada e validada para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2019).

A escala disponível nos estudos de Gouveia et al. (2019) contempla dez estados emocionais (10 itens) e estão divididas em dois fatores: (AP) afetos positivos e (NA) afetos negativos. Além disso, utiliza a escala tipo Likert de sete (7) pontos, que está distribuída da seguinte forma: (1) totalmente improvável, (2) bastante improvável, (3) improvável, (4) mais ou menos, (5) provável, (6) muito provável) e (7) totalmente provável.

A Tabela 72 destaca as medidas descritivas do construto em questão. De acordo com os dados expostos, pode-se conferir que a média das variáveis dos afetos positivos (P) foram todas superiores a quatro (>4), isto indica que há uma tendência para uma concordância dos sujeitos da pesquisa quanto às afirmações positivas. Em outras palavras, a média das respostas indica que provavelmente as pessoas vivenciaram emoções boas como felicidade, satisfação, diversão, otimismo e alegria. Com a finalidade de averiguar qual a moda para cada item, observou-se que todos os itens referentes aos afetos positivos tiveram moda igual a 5, isto é, a maioria dos respondentes provavelmente estavam vivenciando essas emoções positivas.

Tabela 72 – Medidas descritivas do construto Afetos

Construto 'Afetos'							
Variáveis		Itens da escala	Média	Moda	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
AF1	P	Feliz	5,14	5	1,31	-0,66	0,58
AF2	P	Satisfeito	4,82	5	1,31	-0,55	0,41
AF3	P	Divertido	4,84	5	1,36	-0,39	0,02
AF4	P	Otimista	5,02	5	1,44	-0,65	0,30
AF5	P	Alegre	5,11	5	1,36	-0,63	0,41
AF6	N	Deprimido	3,45	4	1,60	0,15	-0,66
AF7	N	Frustrado	3,55	4	1,65	0,08	-0,73
AF8	N	Raivoso	3,26	3	1,54	0,13	-0,82
AF9	N	Preocupado	4,90	5	1,46	-0,64	0,15
AF10	N	Infeliz	2,60	1	1,50	0,68	-0,18

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Já as médias das variáveis pertencentes ao componente afetivo negativo (N) foram menores que 5, o que indica que as pessoas possam ter vivenciado menos essas emoções ruins durante o período que participaram da pesquisa. Vale destacar que a menor média se referiu à infelicidade (2,60). Em outras palavras, isto quer dizer que é bastante improvável que eles se consideravam infelizes no momento que participavam do estudo. É interessante destacar também, que dentre os itens relacionados aos afetos negativos, a variável 'preocupado(a)' apresentou um alto valor na média das respostas (4,90). Este resultado indica uma tendência em que as pessoas estavam preocupadas, e isto corrobora com o momento da aplicação deste estudo, haja vista que estava ocorrendo o isolamento social devido à pandemia do Covid-19 e todas as mudanças/dificuldades que a sociedade como um todo estavam passando. Assim,

acredita-se que entre as emoções negativas, a ‘preocupação’ foi a variável mais vivenciada de fato pelos respondentes.

Quanto ao desvio-padrão, identificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Dessa forma, podemos dizer que a variabilidade da dispersão é baixa e adequada para fins deste estudo.

Na análise de simetria e normalidade dos dados, foram extraídos os coeficientes de assimetria e curtose dos itens. Conforme a Tabela 72, todas as variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica (-1 até +1). Assim como a curtose dos dados que também se apresentaram dentro da margem de normalidade (-1 até +1). Isto sugere que os dados desses itens provavelmente seguem uma distribuição normal.

❖ Análise psicométrica

Com o objetivo de analisar a confiabilidade do construto denominado **componentes afetivos**, foi extraído inicialmente o valor do *alpha de Cronbach*. Os resultados indicaram um coeficiente no valor de 0,88. Valor este considerado ótimo e adequado (>0,70) conforme os parâmetros utilizados nesta tese. Após isso, foi verificado como se comportaria o valor do *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído. A Tabela 73 resume os dados encontrados.

Tabela 73 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Afetos)

Construto Afetos			
Variáveis		Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
AF1	P	Feliz	0,86
AF2	P	Satisfeito	0,87
AF3	P	Divertido	0,87
AF4	P	Otimista	0,87
AF5	P	Alegre	0,87
AF6	N	Deprimido	0,86
AF7	N	Frustrado	0,87
AF8	N	Raivoso	0,88
AF9	N	Preocupado	0,88
AF10	N	Infeliz	0,86

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme o exposto acima, constata-se que a exclusão de qualquer um dos itens não altera positivamente o valor do *alpha de Cronbach*. Neste caso, não se faz necessário a exclusão de itens a priori e todos eles devem ser mantidos.

Em seguida foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação das variáveis para a análise fatorial. De acordo com os resultados obtidos o valor do teste KMO do construto ‘Afetos’ foi igual a 0,89. Este valor é ótimo e está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70). No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 4022,89$ e $gl = 45$.

Dando continuidade, ao averiguar os autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto possui de fato dois autovalores com um bom grau de explicação (68,57% da variância total extraída). Este resultado corrobora com a teoria sobre os componentes afetivos e com o instrumento de mensuração utilizado no questionário desta tese (Tabela 74).

Tabela 74 – Autovalores do construto Afetos

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	4,92	49,19
2	1,94	19,38
3	0,61	6,13
4	0,51	5,15
5	0,47	4,73
6	0,43	4,30
7	0,35	3,50
8	0,29	2,93
9	0,25	2,54
10	0,22	2,15

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao prosseguir com a Análise Fatorial Exploratória (AFE), foram extraídos os valores dos escores fatoriais de todos os itens dos dois fatores. Como pode ser observado na Tabela 75, apenas os itens AF8, AF9 e AF10 referentes ao fator ‘Afeto Negativo’, apresentaram cargas fatoriais menores que o desejável (igual ou maior que 0,70).

Tabela 75 – Cargas fatoriais do construto Afetos

Variáveis		Itens da escala	Cargas fatoriais	
			AP	NA
AF1	P	Feliz	0,81	0,23
AF2	P	Satisfeito	0,72	0,23
AF3	P	Divertido	0,75	0,07
AF4	P	Otimista	0,76	0,22
AF5	P	Alegre	0,86	0,17
AF6	N	Deprimido	0,28	0,80
AF7	N	Frustrado	0,22	0,81
AF8	N	Raivoso	0,12	0,66
AF9	N	Preocupado	0,03	0,65
AF10	N	Infeliz	0,41	0,62

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Diante dos resultados encontrados, e levando em consideração a regra estipulada (pelo menos três itens por fator) decidiu-se realizar uma segunda extração da AFE com a exclusão dos itens AF9 e AF10, pois foram os que apresentaram menor carga fatorial no fator.

Nesse contexto, após a segunda extração, o construto ‘Afetos’ (componentes afetivos) apresentou o valor do *alpha de Cronbach* em 0,87. Este, considerado um valor excelente. Em seguida, foi extraído, pela segunda vez, o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett. Os novos resultados apontaram para um valor de 0,853 do teste de KMO e uma significância estatística ($p < 0,01$) do valor do $\chi^2 = 3173,725$ e $gl = 28$.

Continuando com as análises, o construto ‘Afetos’ passou a ser explicado por uma variância total de 72,76%. Este resultado continua corroborando com a escala inicial em que o construto é formado por dois fatores. A Tabela 76 apresenta os autovalores encontrados a partir da extração dos dados no software SPSS 21.

Tabela 76 – Autovalores do construto Afetos

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	4,26	53,21
2	1,56	19,55
3	0,52	6,54
4	0,48	5,99
5	0,39	4,91
6	0,30	3,81

7	0,26	3,27
8	0,22	2,74

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Para confirmar, ao avaliar os resultados obtidos a partir da Análise Paralela realizada no software Factor, também há evidências de que o construto é composto por dois fatores subjacentes.

Dito isto, dando sequência com a análise fatorial exploratória, foram extraídas as novas cargas fatoriais. A Tabela 77 destaca os valores encontrados.

Tabela 77 – Cargas fatoriais do construto Afetos após a segunda extração da AFE

Variáveis		Itens da escala	Cargas fatoriais	
			AP	NA
AF1	P	Feliz	0,800	0,249
AF2	P	Satisfeito	0,722	0,245
AF3	P	Divertido	0,752	0,068
AF4	P	Otimista	0,746	0,249
AF5	P	Alegre	0,856	0,186
AF6	N	Deprimido	0,282	0,747
AF7	N	Frustrado	0,189	0,886
AF8	N	Raivoso	0,110	0,644

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Diante das análises e decisões tomadas, pode-se dizer que os resultados apresentados continuam por corroborar com a teoria sobre os componentes afetivos, assim como também, concordam com a escala utilizada neste estudo quanto à existência de dois fatores subjacentes (afeto positivo e afeto negativo). Sendo assim, o fator Afeto Positivo (AP) continua sendo representado pelos itens AF1, AF2, AF3, AF4 e AF5, enquanto o fator Afeto Negativo (AN) é agora composto pelos itens AF6, AF7 e AF8. Em outras palavras, acredita-se que o poder de explicação dos itens está adequado aos fatores e devem permanecer para as análises que forem realizadas na sequência.

6.5.10 Construto ‘Traços de personalidade (Big Five)’

❖ Estatística descritiva

O construto denominado **Traços de personalidade**, mais especificamente, os cinco grandes fatores da personalidade (ou Big Five) é composto conforme a teoria pelos fatores: (EX) Extroversão, (NE) Neuroticismo, (AM) Amabilidade, (AB) Abertura à experiência e (CO) Conscienciosidade.

De acordo com a literatura, os traços de personalidade exercem influência direta na satisfação com a vida geral das pessoas. Um dos pressupostos básicos é que dependendo do traço de personalidade do indivíduo, ele irá experimentar mais ou menos afetos positivos e negativos e isto irá influenciar nos seus níveis de satisfação com a vida. Dentro dessa perspectiva, é inerente que há uma relação entre os traços de personalidade e o bem-estar subjetivo (BES) geral das pessoas.

Além disso, os traços de personalidade, mediados indiretamente pela autoeficácia, também parecem influenciar nas emoções (positivas e negativas) vivenciadas pelas pessoas. Essas influências nas emoções das pessoas fazem com que o coeficiente (sensação e julgamento) de satisfação com a vida seja balizado a partir dessa interrelação.

Em outras palavras, pessoas com traços de personalidade como extroversão, amabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade tendem a apresentar níveis maiores de bem-estar subjetivo geral (BES), enquanto as pessoas com traços de personalidade mais altos em neuroticismo apresentam níveis de BES ruins, isto é, geralmente não estão satisfeitas com a vida que possuem.

Vale ressaltar que as relações mencionadas acima são respaldadas a partir da Teoria de transbordamento de cima para baixo (*Top-down Spillover*) da satisfação com a vida. Assim, esta tese parte do pressuposto que os traços de personalidade (variáveis intrínsecas e disposicionais ao indivíduo) afetam direta e indiretamente no bem-estar subjetivo das pessoas.

Ante o exposto, para avaliar as relações existentes e testar o modelo teórico proposto, optou-se por trabalhar com o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (IGFP-5) que foi validado para o contexto brasileiro por Andrade (2018). O IGFP-5 foi adaptado com base no inventário denominado “*Big Five Inventory*” dos autores Benet-Martínez e John (1998).

O IGFP-5 original é composto inicialmente por 44 itens, mas conforme as análises desenvolvidas nos estudos de Andrade (2008), o inventário passou a ter 32 itens, que foram distribuídos da seguinte forma: 9 itens compõem o fator abertura à experiência, 6 itens

compõem o neuroticismo, 8 itens o fator extroversão, 6 itens o fator conscienciosidade e 3 itens o fator amabilidade. Além disso, utiliza a escala do tipo Likert de cinco (5) pontos, divididas dessa maneira: (1) discordo totalmente, (2) discordo em parte, (3) nem concordo, nem discordo, (4) concordo em parte e (5) concordo totalmente.

No entanto, para esta tese, optou-se por aplicar o instrumento completo (com 44 itens) a fim de verificar o comportamento dos dados gerados após a aplicação do instrumento na amostra da pesquisa. Assim, ao realizar as primeiras análises ficou evidente que alguns itens reversos estavam com cargas fatoriais baixas e outros estavam gerando um fator ‘espúrio’, ou seja, estavam formando um fator adicional, diferentes dos fatores nos quais os itens pertenciam. Nesse contexto, a decisão da pesquisadora, quanto a este construto, foi trabalhar apenas com os itens não reversos, tendo em vista que em termos estatísticos e matemáticos eles estavam atrapalhando o comportamento dos dados.

A decisão foi respaldada por estudos anteriores que também excluíram os itens reversos que apresentavam problemas em pesquisas. Gouveia et al. (2012), por exemplo, ao analisarem o Questionário de Saúde Geral (QSG-12) que é um instrumento voltado para análise da saúde psicológica, mencionaram que há uma polêmica sobre se a estrutura do questionário é unifatorial ou bifatorial. Vários estudos tentaram compreender isto. Na verdade, segundo Gouveia et al. (2012), há um elemento chamado de itens revertidos que causam um fator espúrio. Assim, com o controle (exclusão) desses itens revertidos o instrumento QSG-12 se torna unifatorial. No caso desta tese, alguns dados revertidos estavam formando um fator adicional que não estaria em consonância com a teoria.

Nesse ponto de vista, a exclusão desses itens reversos pertencentes ao IGFP-5 se fez necessária, para melhorar a confiabilidade do instrumento entre os dados coletados. Dito isto, o inventário que inicialmente tem 44 itens, com a seleção dos itens não reversos ficou composto por 28 itens divididos entre os cinco fatores. A divisão ficou da seguinte forma: 5 itens para o fator Extroversão, 8 itens no fator Abertura à experiência, 5 itens no fator Neuroticismo, 5 itens no fator Conscienciosidade e 5 itens no fator Amabilidade.

A Tabela 78 apresenta os itens válidos e destaca as medidas descritivas de todas as variáveis do construto analisado.

Tabela 78 – Medidas descritivas do construto Traços de personalidade

	Itens	Média	Desvio padrão	Assimetria	Curtose
EX1	...É conversador(a), comunicativo(a).	3,84	1,22	-0,87	-0,35
EX2	...É assertivo(a), não teme expressar o que sente.	3,47	1,15	-0,43	-0,64
EX3	...É sociável, extrovertido(a).	3,80	1,11	-0,76	-0,10
EX4	...Gera muito entusiasmo.	3,61	1,05	-0,46	-0,34
EX5	...É cheio(a) de energia.	3,62	1,05	-0,43	-0,48
AB1	...É inventivo(a), criativo(a).	3,60	1,10	-0,52	-0,49
AB2	...É engenhoso(a), alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.	3,76	1,08	-0,62	-0,33
AB3	...Tem uma imaginação fértil.	3,88	1,09	-0,88	0,15
AB4	...É sofisticado(a) em artes, música ou literatura.	3,09	1,23	-0,09	-0,90
AB5	...Gosta de refletir, brincar com as ideias.	3,86	0,96	-0,68	0,04
AB6	...É original, tem sempre novas ideias.	3,69	1,00	-0,57	-0,11
AB7	...Valoriza o artístico, o estético.	3,69	1,08	-0,54	-0,43
AB8	...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.	4,03	1,00	-0,93	0,30
NE1	...É depressivo, triste.	2,03	1,15	0,87	-0,30
NE2	...Fica nervoso(a) facilmente.	2,90	1,25	0,12	-0,98
NE3	...Preocupa-se muito com tudo.	3,85	1,08	-0,76	-0,18
NE4	...É temperamental, muda de humor facilmente.	2,74	1,30	0,18	-1,11
NE5	...Fica tenso(a) com frequência.	3,11	1,15	-0,12	-0,80
CO1	...É minucioso(a), detalhista no trabalho.	3,79	1,13	-0,79	-0,13
CO2	...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.	4,01	0,98	-0,97	0,53
CO3	...Faz as coisas com eficiência.	4,02	0,88	-0,80	0,47
CO4	...É um(a) trabalhador(a) de confiança.	4,53	0,78	-1,87	3,51
CO5	...Faz planos e os segue à risca.	3,45	1,05	-0,33	-0,53
AM1	...É geralmente confiável.	4,46	0,80	-1,64	2,72
AM2	...Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.	3,64	1,20	-0,62	-0,58
AM3	...É prestativo(a) e ajuda os outros.	4,33	0,79	-1,32	2,26
AM4	...Gosta de cooperar com os outros.	4,33	0,84	-1,38	2,01
AM5	...É amável, tem consideração pelos outros.	4,30	0,85	-1,37	1,98

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme pode ser observada na tabela acima, a média das variáveis do fator Extroversão (EX) foram todas superiores a três (>3), que indica uma moderada tendência de concordância dos sujeitos da pesquisa quanto às afirmações. Em outras palavras, essa média representa que as pessoas se consideram de certa maneira um pouco comunicativas, assertivas, extrovertidas, sociáveis, entusiasmadas e cheias de energia.

Quanto às médias dos itens do fator Abertura a Experiência (AB), há uma tendência de concordância quanto às afirmações dessa variável. Todas as médias foram superiores a três (>3), tendo destaque para o item AB8 que teve um valor superior a quatro, sugerindo que as pessoas se consideram curiosas sobre muitas coisas diferentes.

Em contrapartida, as médias dos itens do fator Neuroticismo (NE) apresentaram valores entre 2,03 e 3,85. Os itens NE1, NE2 e NE4 apresentaram índices menores que três o que indica discordância das pessoas quanto às afirmações negativas dos itens. O item NE3 foi o que obteve o maior escore (3,85) nesse construto, isto evidencia que as pessoas tendem a serem preocupadas como um todo. Esse achado corrobora com alguns resultados anteriores mencionados nesta análise, em que há indícios de que as pessoas estavam preocupadas durante o período de aplicação da pesquisa empírica (pandemia mundial ocasionada pelo COVID-19).

Já o fator Conscienciosidade (CO) apresentou médias entre 3,45 até 4,53, o que sugere uma intenção de concordância dos sujeitos da pesquisa com as afirmações referentes ao construto. A média do item CO4, por exemplo, foi de 4,53 e este resultado defende que as pessoas se consideram trabalhadores de confiança. Boa parte também se considera eficiente e tende a insistir até concluir uma tarefa ou trabalho.

Por fim, quanto às médias do fator Amabilidade (AM), percebeu-se maior concordância entre os respondentes. A média variou de 3,64 até 4,46, apresentando níveis de aceitação dos entrevistados com os itens. Assim, os entrevistados se consideram confiáveis, prestativos, gostam de cooperar, têm consideração pelos outros e são amáveis.

Dando continuidade à interpretação dos dados, quanto ao desvio-padrão de todos os fatores do construto, identificou-se que todas as variáveis apresentaram baixa dispersão, com desvio-padrão inferior a dois (2). Dessa forma, podemos dizer que a variabilidade da dispersão é baixa e considerada adequada para fins deste estudo.

Na análise de simetria e normalidade dos dados, foram extraídos os coeficientes de assimetria e curtose de todos os itens dos cinco fatores. Conforme apontam os resultados, grande parte das variáveis apresentaram valores dentro da margem estabelecida como simétrica (-1 até +1). No entanto, os itens CO4, AM1, AM3, AM4 e AM5 apresentaram valores de assimetria divergente do padrão considerado. Além disso, esses mesmos itens e o NE4 apresentaram valores de curtose fora da margem de normalidade (-1 até +1). Isto sugere que esses dados provavelmente não seguem uma distribuição normal.

❖ Análise psicométrica

Com o objetivo de analisar a confiabilidade do construto **Traços de personalidade** foi extraído inicialmente o valor do *alpha de Cronbach*. O resultado indicou um coeficiente no valor de 0,89. Valor este considerado ótimo e adequado (>0,70) conforme os parâmetros utilizados nesta tese.

Após isso, foi verificado como se comportaria o valor do *alpha de Cronbach* caso algum item fosse excluído. A Tabela 79 resume os dados encontrados.

Tabela 79 – Valor do *alpha de Cronbach* se item excluído (Construto Traços de personalidade)

Construto Traços de Personalidade			
Variáveis		Itens da escala	Alpha de Cronbach se item excluído
Extroversão	EX1	...É conversador(a), comunicativo(a).	0,87
	EX2	...É assertivo(a), não teme expressar o que sente.	0,87
	EX3	...É sociável, extrovertido(a).	0,87
	EX4	...Gera muito entusiasmo.	0,87
	EX5	...É cheio(a) de energia.	0,87
Abertura à experiência	AB1	...É inventivo(a), criativo(a).	0,87
	AB2	...É engenhoso(a), alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.	0,87
	AB3	...Tem uma imaginação fértil.	0,87
	AB4	...É sofisticado(a) em artes, música ou literatura.	0,87
	AB5	...Gosta de refletir, brincar com as ideias.	0,87
	AB6	...É original, tem sempre novas ideias.	0,87
	AB7	...Valoriza o artístico, o estético.	0,87
	AB8	...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.	0,87
Neuroticismo	NE1	...É depressivo, triste.	0,88
	NE2	...Fica nervoso(a) facilmente.	0,88
	NE3	...Preocupa-se muito com tudo.	0,87
	NE4	...É temperamental, muda de humor facilmente.	0,88
	NE5	...Fica tenso(a) com frequência.	0,87
Conscienciosidade	CO1	...É minucioso(a), detalhista no trabalho.	0,87
	CO2	...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.	0,87
	CO3	...Faz as coisas com eficiência.	0,87
	CO4	...É um(a) trabalhador(a) de confiança.	0,87
	CO5	...Faz planos e os segue à risca.	0,87
Amabilidade	AM1	...É geralmente confiável.	0,87
	AM2	...Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.	0,87
	AM3	...É prestativo(a) e ajuda os outros.	0,87
	AM4	...Gosta de cooperar com os outros.	0,87
	AM5	...É amável, tem consideração pelos outros.	0,87

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme a tabela acima, a exclusão de qualquer um dos itens não altera positivamente o valor do *alpha de Cronbach*. Neste caso, não se faz necessário a exclusão de itens a priori e todos eles devem ser mantidos para as análises que se seguem.

Após isso, foi realizado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett com o objetivo de verificar a adequação da amostra e das variáveis para o estudo. De acordo com os resultados obtidos o valor do teste KMO do construto Traços de Personalidade foi igual a 0,89. Este valor é considerado ótimo e está dentro do parâmetro adotado (acima de 0,70). No que diz respeito ao teste de esfericidade de Bartlett, os resultados apontaram para uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 8085,34$ e $gl = 378$.

Dando continuidade, ao averiguar os autovalores das variáveis, pôde-se constatar que o construto possui na primeira extração seis autovalores com um bom grau de explicação (59,21% da variância total extraída). A Tabela 80 apresenta os autovalores do construto.

Tabela 80 – Autovalores do construto Traços de personalidade

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	7,77	27,77
2	2,91	10,38
3	1,89	6,75
4	1,69	6,02
5	1,30	4,63
6	1,02	3,66
7	0,97	3,45
8	0,91	3,25
9	0,76	2,70
10	0,73	2,62
11	0,68	2,43
12	0,64	2,30
13	0,61	2,17
14	0,60	2,14
15	0,55	1,95
16	0,51	1,84
17	0,51	1,81
18	0,49	1,76
19	0,48	1,73
20	0,45	1,61
21	0,41	1,47
22	0,37	1,31

23	0,36	1,28
24	0,32	1,15
25	0,29	1,03
26	0,27	0,96
27	0,27	0,95
28	0,24	0,86

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao prosseguir com a Análise Fatorial Exploratória (AFE), foram extraídos os valores dos escores fatoriais de todos os itens dos seis fatores gerados. O objetivo foi verificar a adequação dos itens aos fatores gerados conforme as análises estatísticas e matemáticas. Os dados apresentados na Tabela 81 demonstram a adequação (maior ou igual 0,7) ou inadequação (menor que 0,70) dos escores fatoriais entre todas as variáveis e seus respectivos fatores. Esses resultados preliminares estão destacados em cores diferentes (por fator) para facilitar o entendimento do leitor.

Inicialmente, foram destacados os maiores escores fatoriais de cada item e a qual fator pertence. Conforme o esperado, os conjuntos de itens se encaixaram nos fatores estabelecidos na divisão prévia (de acordo com o instrumento de mensuração validado). No entanto, os itens CO4 e AM1 formaram um novo fator (em amarelo). Ao observar os itens, percebe-se a semelhança no conteúdo das afirmativas o que aponta para uma provável constância residual. Em outras palavras, talvez a proximidade contextual tenha sido uma falha na tradução e validação dos itens na versão para o português brasileiro e/ou a similaridade semântica fizeram com que esses dois itens parecessem pertencer a um ‘novo’ fator, por não se encaixarem inicialmente em seus fatores de origem.

Além disso, estão destacados os itens que apresentaram cargas fatoriais abaixo do padrão estipulado (maior ou igual 0,7). Vale lembrar que, levando em consideração a decisão metodológica em manter pelo menos três itens em cada fator e/ou construto, se fez necessário realizar uma segunda extração dos dados com a exclusão dos seguintes itens: EX2, EX4, AB2, AB4, AB5, AB7, NE1, NE3, CO5 e AM2. O objetivo é verificar a consistência e confiabilidade dos dados após esse refinamento.

Tabela 81 – Cargas fatoriais do construto Traços de personalidade

Itens		Cargas fatoriais					
		1	2	3	4	5	6
EX1	...É conversador(a), comunicativo(a).	0,11	0,24	0,01	0,69	0,03	0,02
EX2	...É assertivo(a), não teme expressar o que sente.	0,24	0,00	0,00	0,47	0,30	0,13
EX3	...É sociável, extrovertido(a).	0,13	0,33	0,04	0,76	0,02	0,07
EX4	...Gera muito entusiasmo.	0,31	0,25	0,03	0,47	0,13	0,07
EX5	...É cheio(a) de energia.	0,30	0,17	0,16	0,50	0,16	0,16
AB1	...É inventivo(a), criativo(a).	0,68	0,06	0,03	0,31	0,13	0,03
AB2	...É engenhoso(a), alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.	0,47	0,22	0,08	0,03	0,45	0,01
AB3	...Tem uma imaginação fértil.	0,62	0,13	0,12	0,22	0,07	0,16
AB4	...É sofisticado(a) em artes, música ou literatura.	0,47	0,03	0,08	0,05	0,08	0,03
AB5	...Gosta de refletir, brincar com as ideias.	0,58	0,34	0,01	0,13	0,13	0,03
AB6	...É original, tem sempre novas ideias.	0,63	0,09	0,11	0,30	0,22	0,05
AB7	...Valoriza o artístico, o estético.	0,48	0,14	0,09	0,02	0,03	0,14
AB8	...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.	0,62	0,27	0,11	0,15	0,20	0,03
NE1	...É depressivo, triste.	0,01	0,07	0,52	0,21	0,02	0,20
NE2	...Fica nervoso(a) facilmente.	0,02	0,04	0,85	0,07	0,00	0,04
NE3	...Preocupa-se muito com tudo.	0,12	0,32	0,49	0,01	0,23	0,08
NE4	...É temperamental, muda de humor facilmente.	0,04	0,04	0,62	0,03	0,05	0,05
NE5	...Fica tenso(a) com frequência.	0,11	0,01	0,80	0,02	0,00	0,11
CO1	...É minucioso(a), detalhista no trabalho.	0,23	0,13	0,12	0,00	0,66	0,05
CO2	...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.	0,10	0,21	0,04	0,24	0,65	0,13
CO3	...Faz as coisas com eficiência.	0,23	0,31	0,09	0,18	0,51	0,22
CO4	...É um(a) trabalhador(a) de confiança.	0,22	0,38	0,01	0,12	0,23	0,72
CO5	...Faz planos e os segue à risca.	0,13	0,09	0,09	0,14	0,38	0,36
AM1	...É geralmente confiável.	0,20	0,44	0,02	0,21	0,20	0,51
AM2	...Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.	0,11	0,39	0,04	0,15	0,02	0,07
AM3	...É prestativo(a) e ajuda os outros.	0,18	0,73	0,04	0,18	0,25	0,09
AM4	...Gosta de cooperar com os outros.	0,09	0,59	0,09	0,16	0,21	0,15
AM5	...É amável, tem consideração pelos outros.	0,15	0,65	0,05	0,20	0,13	0,13

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Após a segunda extração da AFE com a exclusão dos itens descritos anteriormente, o valor do *alpha de Cronbach* foi de 0,82. O valor continua bom e adequado conforme o padrão definido anteriormente (>0,70). Além disso, foi verificado que a exclusão dos itens que restaram após o refinamento não altera positivamente o valor do *alpha de Cronbach*. Sendo assim, todos os demais itens serão mantidos nas análises subsequentes.

A nova extração dos dados continuou apresentando uma adequação da amostra em relação ao construto analisado. Nesse contexto, o KMO se manteve em um valor muito bom

(0,85). O teste de esfericidade de Bartlett apontou uma significância estatística ($p < 0,01$) com o valor do $\chi^2 = 4994,681$ e $gl = 153$.

Dando continuidade, ao averiguar os autovalores após a segunda extração dos dados, pôde-se verificar que agora o construto passa a ser explicado por cinco fatores. Esses cinco fatores somam uma variância total extraída de 65,71%. Esse resultado corrobora com o esperado, haja vista que, com base na teoria, os traços de personalidade são formados por cinco grandes fatores. A Tabela 82 apresenta os novos autovalores gerados.

Tabela 82 – Autovalores do construto Traços de personalidade após a segunda extração

Fator	Autovalores	
	Total	% da variância
1	5,42	30,12
2	2,57	14,29
3	1,48	8,21
4	1,36	7,54
5	1,00	5,56
6	0,74	4,12
7	0,69	3,83
8	0,61	3,41
9	0,58	3,25
10	0,57	3,15
11	0,51	2,85
12	0,46	2,58
13	0,42	2,35
14	0,41	2,29
15	0,33	1,82
16	0,29	1,62
17	0,28	1,58
18	0,26	1,43

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na sequência foram verificadas as novas cargas fatoriais após a exclusão dos itens conforme as decisões metodológicas adotadas previamente. De acordo com os dados encontrados, os itens continuaram apresentando maiores escores em seus respectivos fatores, com exceção dos itens CO4 e AM1 que estavam formando um sexto fator, mas passaram a compor o fator ‘Amabilidade’ nessa segunda extração dos dados.

Os resultados estão apresentados na Tabela 83 a seguir.

Tabela 83 – Cargas fatoriais do construto Traços de personalidade após a segunda extração

Itens		Cargas fatoriais				
		1	2	3	4	5
EX1	...É conversador(a), comunicativo(a).	-	-	-	0,83	-
EX3	...É sociável, extrovertido(a).	-	-	-	0,84	-
EX5	...É cheio(a) de energia.	-	-	-	0,57	-
AB1	...É inventivo(a), criativo(a).	-	0,80	-	-	-
AB3	...Tem uma imaginação fértil.	-	0,75	-	-	-
AB6	...É original, tem sempre novas ideias.	-	0,76	-	-	-
AB8	...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.	-	0,63	-	-	-
NE2	...Fica nervoso(a) facilmente.	-	-	0,87	-	-
NE4	...É temperamental, muda de humor facilmente.	-	-	0,76	-	-
NE5	...Fica tenso(a) com frequência.	-	-	0,83	-	-
CO1	...É minucioso(a), detalhista no trabalho.	-	-	-	-	0,79
CO2	...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.	-	-	-	-	0,78
CO3	...Faz as coisas com eficiência.	-	-	-	-	0,67
CO4	...É um(a) trabalhador(a) de confiança.	0,61	-	-	-	-
AM1	...É geralmente confiável.	0,61	-	-	-	-
AM3	...É prestativo(a) e ajuda os outros.	0,78	-	-	-	-
AM4	...Gosta de cooperar com os outros.	0,79	-	-	-	-
AM5	...É amável, tem consideração pelos outros.	0,74	-	-	-	-

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Os itens CO4 e AM1 (em amarelo), apresentaram as mesmas cargas fatoriais (0,61). Este resultado somado com as sugestões anteriores, corrobora com a ideia de que provavelmente os itens são entendidos como similares. Diante desse achado e das demais decisões metodológicas adotadas, ambos os itens não serão mantidos, pois apresentam as menores cargas fatoriais dentro do fator agora pertencentes. Sendo assim, o fator ‘Amabilidade’ será composto pelas variáveis AM3, AM4 e AM5 na realização das próximas análises deste estudo. Além disso, no fator denominado de ‘Abertura à experiência’, o item AB8 apresentou a menor carga (0,63), sendo assim este item também será excluído e o fator será representado pelos itens AB1, AB3 e AB6.

À luz do exposto, mediante todas as análises estatísticas e adequações com base na teoria, o construto ‘Traços de Personalidade’ será representado por quinze (15) itens sendo distribuídos da seguinte forma: 3 itens sobre o fator Extroversão (EX), 3 itens compõem o fator Abertura à experiência (AB), 3 itens compõem o fator Neuroticismo (NE), 3 variáveis foram o fator Conscienciosidade (CO) e 3 itens formam o fator Amabilidade (AM). Com isso, acredita-se que os fatores estão bem representados em termos de conteúdo e confiabilidade dos itens e conseguem manter o grau de adequação e de medição necessários para este estudo (Tabela 84).

Tabela 84 – Fatores e itens após o refinamento (Construto Traços de personalidade)

Construto Traços de Personalidade		
Fatores	Variáveis	Descrição
Extroversão	EX1	...É conversador(a), comunicativo(a).
	EX3	...É sociável, extrovertido(a).
	EX5	...É cheio(a) de energia.
Abertura à experiência	AB1	...É inventivo(a), criativo(a).
	AB3	...Tem uma imaginação fértil.
	AB6	...É original, tem sempre novas ideias.
Neuroticismo	NE2	...Fica nervoso(a) facilmente.
	NE4	...É temperamental, muda de humor facilmente.
	NE5	...Fica tenso(a) com frequência.
Conscienciosidade	CO1	...É minucioso(a), detalhista no trabalho.
	CO2	...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.
	CO3	...Faz as coisas com eficiência.
Amabilidade	AM3	...É prestativo(a) e ajuda os outros.
	AM4	...Gosta de cooperar com os outros.
	AM5	...É amável, tem consideração pelos outros.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

6.5.11 Itens excluídos

Com base na análise psicométrica das variáveis dos construtos componentes desta tese, foi possível identificar cinquenta e oito (58) itens que não corresponderam adequadamente aos parâmetros pré-estabelecidos e adotados e, portanto, foram excluídos. A decisão de exclusão partiu da análise do *alpha de Cronbach*, da análise fatorial exploratória (AFE) e de decisões metodológicas adotadas. O intuito da exclusão dos itens foi melhorar os resultados do estudo. Dessa forma, compreende-se que o conteúdo e a mensuração de cada construto continuam válidos para serem testados no modelo teórico proposto.

Além dos critérios mencionados acima, optou-se por excluir os itens reversos que comporiam o Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade. Os itens reversos especificamente nesse instrumento de mensuração estavam causando fatores espúrios e cargas fatoriais insipientes entre os fatores. Após a exclusão desses itens, os dados coletados puderam corroborar com a teoria mais utilizada a acerca dos traços de personalidade, conhecidos como ‘Big Five’.

A Tabela 85 resume os itens que precisaram ser excluídos.

Tabela 85 – Itens excluídos no estudo

Construtos		Itens excluídos	
Gratidão	G3	Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato(a). (R)	
	G6	Pode passar um longo período de tempo até que eu me sinta grato(a) por algo ou a alguém. (R)	
Resiliência	R2	Tenho dificuldade em passar por eventos estressantes. (R)	
	R3	Não costumo demorar para me recuperar de eventos estressantes.	
Otimismo	O1	Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.	
	O3	Ocorrem-me mais coisas boas do que ruins.	
	O4	Penso que tudo vai dar errado. (R)	
Autoeficácia	A1	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	
	A2	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	
	A4	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	
	A6	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	
	A7	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	
	A9	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	
	A10	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	
Satisfação com a vida	S2	As condições da minha vida são excelentes.	
	S5	Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.	
Ansiedade-estado	ANS1	Sinto-me calmo(a) (R)	
	ANS3	Sinto-me à vontade (R)	
	ANS5	Estou descontraído(a) (R)	
Materialismo	M1	Eu gosto de comprar coisas novas e diferentes.	
	M2	Eu admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras.	
	M3	Minha vida seria melhor se eu tivesse coisas que não possuo neste momento.	
	M4	Comprar coisas me dá muito prazer.	
	M8	Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	
	M9	Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	
Bem-estar financeiro	Estresse na gestão financeira atual (EG)	B4	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.
		B8	Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.

Afetos	Afeto Negativo (AN)	AF9	Preocupado
		AF10	Infeliz
Traços de personalidade	Extroversão (EX)	EX2	...É assertivo(a), não teme expressar o que sente.
		EX4	...Gera muito entusiasmo.
		EX6	...É reservado(a). (R)
		EX7	...É, às vezes, tímido(a), inibido(a). (R)
		EX8	...Tende a ser quieto(a), calado(a). (R)
	Abertura à experiência (AB)	AB2	...É engenhoso(a), alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.
		AB4	...É sofisticado(a) em artes, música ou literatura.
		AB5	...Gosta de refletir, brincar com as ideias.
		AB7	...Valoriza o artístico, o estético.
		AB8	...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.
		AB9	...Prefere trabalho rotineiro. (R)
		AB10	...Tem poucos interesses artísticos. (R)
	Neuroticismo (NE)	NE1	...É depressivo, triste.
		NE3	...Preocupa-se muito com tudo.
		NE6	...É emocionalmente estável, não se altera facilmente. (R)
		NE7	...Mantém-se calmo(a) nas situações tensas (R)
		NE8	...É relaxado(a), controla bem o estresse. (R)
	Conscienciosidade (CO)	CO4	...É um(a) trabalhador(a) de confiança.
		CO5	...Faz planos e os segue à risca.
		CO6	...Pode ser um tanto descuidado(a). (R)
		CO7	...Tende a ser desorganizado(a). (R)
		CO8	...Tende a ser preguiçoso(a). (R)
		CO9	...É facilmente distraído(a). (R)
	Amabilidade (AM)	AM1	...É geralmente confiável.
		AM2	...Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.
		AM6	...Às vezes é frio(a) e distante. (R)
		AM7	...Tende a ser crítico(a) com os outros. (R)
		AM8	...É, às vezes, rude ou grosseiro(a) com os outros. (R)
		AM9	...Começa discussões, disputas com os outros. (R)

Fonte: dados da pesquisa (2020).

6.6 MODELAGEM POR EQUAÇÕES ESTRUTURAIS (MEE)

Com o objetivo de avaliar o modelo teórico desenvolvido nesta tese, procedeu-se com a análise de Modelagem por Equações Estruturais (MEE). Para esta análise foi necessário utilizar o Software AMOS (*Analysis of Moment Structures*) na versão 21. A MEE permite avaliar a influência dos construtos na satisfação com a vida geral.

De acordo com essa análise estatística multivariada, foi possível identificar quais as hipóteses foram rejeitadas ou não rejeitadas, por meio da averiguação do valor do ‘p’ e do ‘beta’. Ainda e, mais importante, se o modelo teórico proposto pôde ser ‘aceito’, isto é, apresentam bons índices de ajustes.

Com isso, para fins de análises, realizou-se inicialmente a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e, em seguida, foi feita a análise do modelo estrutural ajustado. Nesse contexto, foram considerados o modelo derivado da Análise Fatorial Exploratória (Modelo 1) e o modelo sugerido após os resultados da Análise Fatorial Confirmatória (Modelo 2).

Para cada modelo, foram realizadas a análise fatorial confirmatória, análise de validade convergente e o teste do modelo estrutural, além dos dados referentes aos índices de ajustes. O Quadro 34 aborda os modelos testados na MEE, bem como as variáveis utilizadas nas análises de cada um deles.

Quadro 34 – Modelos testados na MEE e suas variáveis válidas

Modelo	Construto		Variáveis consideradas
Modelo 1	Gratidão		G1, G2, G4 e G5
	Resiliência		R1, R4 e R5
	Otimismo		O2, O5, O6, O7, O8 e O9
	Autoeficácia		A3, A5 e A8
	Satisfação com a vida		S1, S3 e S4
	Ansiedade-estado		ANS2, ANS4 e ANS6
	Materialismo		M5, M6 e M7
	Bem-estar financeiro	Segurança financeira futura esperada (SF)	B1, B2 e B3
		Estresse na gestão financeira atual (EG)	B5, B6 e B7
	Componentes afetivos	Afeto positivo (AP)	AF1, AF2, AF3, AF4 e AF5
		Afeto negativo (AN)	AF6, AF7 e AF8
	Traços de personalidade	Extroversão	EX1, EX3 e 3X5
		Abertura à experiência	AB1, AB3 e AB6
		Neuroticismo	NE2, NE4 e NE5
		Conscienciosidade	CO1, CO2 e CO3
		Amabilidade	AM3, AM4 e AM5

Modelo	Construto		Variáveis consideradas
Modelo 2	Gratidão		G1, G2 e G5
	Resiliência		R1, R4 e R5
	Otimismo		O2, O5, O6, O7, O8 e O9
	Autoeficácia		A3, A5 e A8
	Satisfação com a vida		S1, S3 e S4
	Ansiedade-estado		ANS2, ANS4 e ANS6
	Materialismo		M5, M6 e M7
	Bem-estar financeiro	Segurança financeira futura esperada (SF)	B1, B2 e B3
		Estresse na gestão financeira atual (EG)	B5, B6 e B7
	Componentes afetivos	Afeto positivo (AP)	AF1, AF2, AF3, AF4 e AF5
		Afeto negativo (AN)	AF6, AF7 e AF8
	Traços de personalidade	Extroversão	EX1, EX3 e 3X5
		Abertura à experiência	AB1, AB3 e AB6
		Neuroticismo	NE2, NE4 e NE5
		Conscienciosidade	CO1, CO2 e CO3
	Amabilidade		AM3, AM4 e AM5

Fonte: desenvolvido pela autora (2020).

Após a construção do Modelo 1 no Software Amos 21, foi extraída a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com base nas cargas fatoriais geradas e, na sequência, fez-se a extração da análise do Modelo 2 (modelo ajustado).

Nas observações e análises, definiu-se como margem aceitável as cargas fatoriais iguais ou acima de 0,70, levando em consideração a regra de manutenção de pelo menos três itens por fator e/ou construto, além da significância estatística com o $p \leq 0,05$. Para o teste das hipóteses foi realizada a Modelagem por Equações Estruturais (MEE) dos construtos.

Vale ressaltar que a adequação dos Modelos 1 e 2 foi avaliada por meio dos índices de adequação denominado de ‘*Comparative Fit Index (CFI)*’; índice Tucker-Lewis conhecido como ‘*Tucker-Lewis Index (TLI)*’; índice de ajuste residuais (índice de parcimônia) denominado de ‘*Root mean square error of approximation (RMSEA)*’ e a razão do qui-quadrado com os graus de liberdade (χ^2 / gl). Segundo Brown (2006), valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90, o RMSEA deve ser menor que 0,08, sendo esperado um resultado menor que 0,05 e a razão do χ^2 / gl deve ser menor que 3,0. Para efetivação das análises, foi utilizado o método denominado de *Maximum Likelihood Estimates* (estimador de máxima verossimilhança).

Além disso, foram extraídos os índices de confiabilidade (*alpha de Cronbach* e Confiabilidade composta), a Variância Extraída (AVE), Validade Convergente e a Validade Discriminante de todos os construtos deste estudo.

Dentro desse contexto, o tópico a seguir aborda as análises referentes ao Modelo 1, isto é, modelo derivado do refinamento realizado após a AFE.

6.6.1 Modelo 1: derivado da Análise Fatorial Exploratória (AFE)

❖ Análise fatorial confirmatória (AFC)

A partir da aplicação do modelo derivado da análise fatorial exploratória, foram verificados os coeficientes das hipóteses definidas para este modelo. Assim, por meio do Software AMOS 21, foi utilizada a base de dados sem os 58 itens que foram excluídos após a AFE, com a finalidade de obter os resultados e análises concernentes para mensurar esse modelo. Vale ressaltar que a AFC tem o objetivo de examinar, por meio dos escores fatoriais, se as relações entre as variáveis e seus construtos não possui nulidade estatística a $p < 0,001$.

Pôde-se constatar que todos os construtos foram considerados não nulos estatisticamente a $p < 0,001$. Quanto às cargas fatoriais padronizadas, poucos itens apresentaram valores menores que o recomendado (igual ou maior que 0,70). Os itens que tiveram cargas incipientes foram: G4, R1, M5, B1, B3, B5, B6, AF8, EX5, AB3, NE4, CO1 e CO2. Vale ressaltar que esses itens apresentavam cargas menores que o estipulado já na AFE, porém, foram mantidos no estudo devido à decisão metodológica de que os fatores e/ou construtos devem ser compostos por, pelo menos, três itens independente da carga fatorial.

A Tabela 86 resume as cargas fatoriais padronizadas, como também o erro padrão, o índice T-Student, a significância e o R^2 do Modelo 1.

Tabela 86 – Cargas fatoriais do Modelo Teórico ajustado após a AFE

Análise Fatorial Confirmatória (AFC)						
Construto		Cargas padronizadas	Erro padrão	T	P-valor (sig.)	R ²
Gratidão	G1	0,899				0,808
	G2	0,894	0,034	33,155	***	0,799
	G4	0,694	0,047	21,817	***	0,482
	G5	0,697	0,040	21,955	***	0,486
Resiliência	R1	0,656				0,430
	R4	0,870	0,072	18,761	***	0,757
	R5	0,874	0,077	18,790	***	0,764
Otimismo	O2	0,752				0,566
	O5	0,745	0,049	20,580	***	0,555
	O6	0,842	0,048	23,683	***	0,709
	O7	0,879	0,046	24,913	***	0,773
	O8	0,876	0,046	24,828	***	0,767

	O9	0,850	0,049	23,975	***	0,723
Autoeficácia	A3	0,791				0,626
	A5	0,763	0,048	19,824	***	0,582
	A8	0,738	0,050	19,179	***	0,545
Satisfação com a vida	S1	0,704				0,496
	S3	0,857	0,061	19,379	***	0,734
	S4	0,790	0,059	18,578	***	0,624
Ansiedade-estado	ANS2	0,853				0,728
	ANS4	0,826	0,040	24,671	***	0,682
	ANS6	0,773	0,040	22,844	***	0,598
Materialismo	M5	0,607				0,368
	M6	0,752	0,073	13,113	***	0,566
	M7	0,738	0,073	13,103	***	0,545
Bem-estar financeiro	Fator 'Segurança financeira futura esperada (SF)'					
	B1	0,695				0,483
	B2	0,880	0,069	17,572	***	0,774
	B3	0,697	0,066	16,282	***	0,486
	Fator 'Estresse na gestão financeira atual (EG)'					
	B5	0,606				0,367
	B6	0,682	0,085	12,164	***	0,465
	B7	0,734	0,093	12,286	***	0,539
Afetos	Fator 'Afeto Positivo (AP)'					
	AF1	0,834				0,696
	AF2	0,772	0,039	23,667	***	0,596
	AF3	0,732	0,042	21,993	***	0,536
	AF4	0,810	0,042	25,344	***	0,656
	AF5	0,854	0,039	27,414	***	0,729
	Fator 'Afeto Negativo (AN)'					
	AF6	0,851				0,724
	AF7	0,836	0,042	24,488	***	0,699
	AF8	0,657	0,041	18,392	***	0,432
Traços de personalidade (Big Five)	Fator 'Extroversão (EX)'					
	EX1	0,767				0,588
	EX3	0,871	0,052	19,922	***	0,759
	EX5	0,576	0,044	14,551	***	0,332
	Fator 'Abertura à experiência (AB)'					
	AB1	0,807				0,651
	AB3	0,590	0,047	15,221	***	0,348
	AB6	0,850	0,046	20,722	***	0,723
	Fator 'Neuroticismo (NE)'					
	NE2	0,875				0,766
	NE4	0,625	0,045	16,710	***	0,391
	NE5	0,784	0,040	20,989	***	0,615
	Fator 'Conscienciosidade (CO)'					
	CO1	0,588				0,346
	CO2	0,686	0,078	13,026	***	0,471
	CO3	0,770	0,074	13,678	***	0,593
	Fator 'Amabilidade (AM)'					
	AM3	0,826				0,682
	AM4	0,713	0,049	18,891	***	0,508
	AM5	0,716	0,049	18,956	***	0,513

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como justificado, a Tabela 86 apresenta em destaque (na cor vermelha) as questões que obtiveram cargas padronizadas menores que 0,70. Levando em consideração as regras estipuladas neste estudo, seguiremos para um novo refinamento com o descarte apenas do item G3. Ressalta-se assim, a permanência de doze itens com cargas fatoriais abaixo do padrão em virtude da dimensão ou subdimensão possuir apenas três variáveis.

Por fim, com o objetivo de verificar os índices de ajustes global do Modelo 1, o Quadro 35 expõe os valores encontrados para verificar os índices comparativos e os índices de ajustes residuais desse modelo.

Quadro 35 – Índices de ajustes global do Modelo 1

Modelo 1		
Indicadores	Literatura	Coeficientes do Modelo 1
CFI	Acima de 0,90	0,906
TLI	Acima de 0,90	0,888
RMSEA	Entre 0,04 e 0,08	0,047
X ²	-	3261,811
Gl	-	1257
X ² /gl	Menor que 3	2,595

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como pode ser visualizado no Quadro 35, os índices de ajustes global do Modelo 1 estão bons. O CFI está dentro do indicado, além disso, o valor do RMSEA está excelente, assim como a relação entre o X²/gl também está dentro do padrão definido pela literatura (BROWN, 2006). Dentre todos os índices, apenas o TLI está apresentando um valor um pouco abaixo do almejado. No entanto, valores de TLI próximos de 0,90 já podem ser considerados um bom resultado (HATCHER, 1994; BYRNE, 2010; KLINE, 2011).

Acrescido a isso, de acordo com Kline (1994) e Kline (2011), um modelo que apresente três indicadores de adequação dentro dos valores de referência, já pode ser considerado um bom modelo, independente de apresentar valores insatisfatórios em outros índices. Sendo assim, há indícios que o modelo teórico proposto é coerente.

No entanto, apesar do Modelo 1 já apresentar bons níveis de ajustes, se fez necessário refinar o modelo com a exclusão do item G4. No tópico seguinte serão expostos e tratados os resultados referentes ao Modelo 2 (modelo final ajustado).

6.6.2 Modelo 2: derivado da Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

O Modelo 2 é derivado dos ajustes realizados após a AFC no modelo extraído da AFE. Como mencionado anteriormente, seguindo os indicadores e regras definidas nesta tese, decidiu-se pela exclusão da questão G4, por ter apresentado carga padronizada abaixo do valor desejado (maior ou igual a 0,70) e pelo construto se manter com pelo menos três itens mesmo com a exclusão dessa variável.

A Tabela 87 apresenta os valores das cargas fatoriais padronizadas, o erro padrão, a distribuição T-Student, a significância estatística do p-valor e o coeficiente de determinação (R^2).

Tabela 87 – Cargas fatoriais do Modelo 2 após a AFC

Análise Fatorial Confirmatória (AFC)						
Construto		Cargas padronizadas	Erro padrão	T	P-valor (sig.)	R ²
Gratidão	G1	0,912				0,832
	G2	0,898	0,034	32,589	***	0,806
	G5	0,665	0,041	20,516	***	0,442
Resiliência	R1	0,656				0,430
	R4	0,870	0,072	18,759	***	0,757
	R5	0,874	0,077	18,787	***	0,764
Otimismo	O2	0,753				0,567
	O5	0,745	0,049	20,583	***	0,555
	O6	0,841	0,048	23,680	***	0,707
	O7	0,879	0,046	24,918	***	0,773
	O8	0,876	0,045	24,846	***	0,767
	O9	0,851	0,048	23,996	***	0,724
Autoeficácia	A3	0,791				0,626
	A5	0,763	0,048	19,834	***	0,582
	A8	0,737	0,050	19,172	***	0,543
Satisfação com a vida	S1	0,705				0,497
	S3	0,857	0,061	19,383	***	0,734
	S4	0,789	0,059	18,571	***	0,623
Ansiedade-estado	ANS2	0,853				0,728
	ANS4	0,826	0,040	24,671	***	0,682
	ANS6	0,773	0,040	22,839	***	0,598
Materialismo	M5	0,607				0,368
	M6	0,752	0,073	13,112	***	0,566
	M7	0,739	0,074	13,102	***	0,546
Bem-estar financeiro	Fator 'Segurança financeira futura esperada (SF)'					
	B1	0,695				0,483
	B2	0,880	0,069	17,571	***	0,774
	B3	0,697	0,066	16,283	***	0,486
	Fator 'Estresse na gestão financeira atual (EG)'					
	B5	0,605				0,366
	B6	0,682	0,086	12,159	***	0,465
	B7	0,734	0,093	12,279	***	0,539

Afetos	Fator ‘Afeto Positivo (AP)’					
	AF1	0,833				0,694
	AF2	0,772	0,039	23,655	***	0,596
	AF3	0,732	0,042	21,982	***	0,536
	AF4	0,810	0,042	25,350	***	0,656
	AF5	0,854	0,039	27,408	***	0,729
	Fator ‘Afeto Negativo (AN)’					
	AF6	0,851				0,724
	AF7	0,836	0,042	24,485	***	0,699
	AF8	0,657	0,041	18,394	***	0,432
Traços de personalidade (Big Five)	Fator ‘Extroversão (EX)’					
	EX1	0,767				0,588
	EX3	0,871	0,052	19,926	***	0,759
	EX5	0,576	0,044	14,555	***	0,332
	Fator ‘Abertura à experiência (AB)’					
	AB1	0,807				0,651
	AB3	0,590	0,047	15,224	***	0,348
	AB6	0,850	0,046	20,723	***	0,723
	Fator ‘Neuroticismo (NE)’					
	NE2	0,876				0,767
	NE4	0,625	0,045	16,713	***	0,391
	NE5	0,784	0,040	20,979	***	0,615
	Fator ‘Conscienciosidade (CO)’					
	CO1	0,587				0,345
	CO2	0,685	0,078	13,014	***	0,469
	CO3	0,770	0,074	13,764	***	0,593
	Fator ‘Amabilidade (AM)’					
	AM3	0,826				0,682
	AM4	0,713	0,049	18,892	***	0,508
	AM5	0,716	0,049	18,954	***	0,513

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Na sequência, foi constatado que todas as variáveis foram consideradas estatisticamente não nulas com significância a $p < 0,001$. Isto indica há uma adequação das variáveis, bem como os fatores e construtos que compõem o modelo. Nestes termos, considera-se que as relações dos itens estão mensuradas adequadamente para o modelo elaborado neste estudo.

Em seguida, foram extraídos os índices de ajustes do Modelo 2. O Quadro 36 descreve os índices analisados, os valores indicados pela literatura e os resultados encontrados no modelo final desta tese.

Quadro 36 – Índices de ajustes global do Modelo 2 – Modelo final

Modelo final		
Indicadores	Literatura	Coefficientes do modelo final ajustado
CFI	Acima de 0,90	0,910
TLI	Acima de 0,90	0,900
RMSEA	Entre 0,04 e 0,08	0,046
X ²	-	3079,838
Gl	-	1205
X ² /gl	Menor que 3	2,556

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como observado no Quadro 36, o ajustamento global do modelo foi satisfatório e sustentado pelos índices conforme a literatura científica usual indica (BROWN, 2006). Os resultados até agora encontrados, demonstram uma boa adequação do modelo teórico proposto nesta tese.

Dando continuidade, para que uma escala de medida seja considerada válida ela precisa ser confiável. Nesta pesquisa, foram calculadas a confiabilidade composta, a confiabilidade de consistência interna e a validade convergente. Para isso, o valor de referência adotado na confiabilidade composta e na análise do *alpha de Cronbach* foi de 0,70 (BAGOZZI, YI, 1988; HAIR Jr. et al., 2009). Já para a análise da validade convergente utilizou-se o critério indicado por Fornell e Larcker (1981) em que há validação convergente quando a Variância Média Extraída (AVE) é igual ou maior que 0,50, ou igual ou maior que 0,40 como no caso de pesquisas exploratórias (NUNNALLY; BERNSTEIN, 1994).

O Quadro 37 retrata os resultados encontrados de cada construto e fator.

Quadro 37 – Confiabilidade composta, Alpha de Cronbach e AVE

Modelo final				
Construtos		Confiabilidade composta	Alpha de Cronbach	AVE
Gratidão		0,87	0,85	0,69
Resiliência		0,85	0,83	0,65
Otimismo		0,91	0,93	0,67
Autoeficácia		0,81	0,81	0,58
Satisfação com a vida		0,83	0,83	0,62
Ansiedade-estado		0,86	0,86	0,67
Materialismo		0,74	0,72	0,49
Bem-estar financeiro	Segurança financeira futura esperada	0,80	0,79	0,58

	Estresse na gestão financeira atual	0,71	0,71	0,46
Afetos	Positivo	0,90	0,90	0,64
	Negativo	0,83	0,82	0,62
Traços de personalidade	Extroversão	0,79	0,76	0,56
	Abertura à experiência	0,80	0,79	0,57
	Neuroticismo	0,81	0,80	0,59
	Conscienciosidade	0,72	0,72	0,47
	Amabilidade	0,80	0,79	0,57

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme pode ser verificado no quadro acima, todos os construtos do estudo demonstraram ótima confiabilidade composta e consistência interna, além de apresentarem bons níveis de validação convergente. Observa-se que apenas o construto ‘Materialismo’ obteve validação convergente um pouco menor que o padrão ideal geral (0,50), mesmo assim, o valor apresentado foi bem próximo do indicado (0,49). De qualquer forma, o valor de 0,49 é respaldado pela literatura ao considerar esta pesquisa como sendo exploratória (NUNNALLY; BERNSTEIN, 1994). Somado a isto, o construto apresentou bons índices nos indicadores de confiabilidade composta (0,74) e do *alpha de Cronbach* (0,72).

Além disso, ao analisar os fatores separadamente, o fator ‘Estresse na gestão financeira atual’ pertencente ao construto ‘Bem-estar financeiro percebido’ também indicou uma AVE um pouco abaixo do padrão determinado (0,46). No entanto, ao realizar as mesmas análises considerando o construto ‘Bem-estar financeiro percebido’ como um todo, todos os índices foram satisfatórios, onde se obteve um valor de 0,86 na confiabilidade composta, 0,70 para o *alpha de Cronbach* e 0,52 na AVE. O mesmo ocorreu quando consideramos o construto ‘Traços de personalidade’ por completo. Apesar do fator ‘Conscienciosidade’ ter apresentado uma AVE de 0,47, ao realizarmos as análises considerando o construto, todos os índices foram satisfatórios, com 0,95 de confiabilidade composta, 0,80 no coeficiente do *alpha de Cronbach* e 0,55 na AVE. Diante disso, podemos entender que todos os construtos apresentam ótimos resultados quanto à confiabilidade composta, valor do *alpha de Cronbach* e AVE.

Dando continuidade às análises, foram calculadas a validade discriminante entre todos os construtos desta pesquisa. Tal análise foi feita com base nos autores Bagozzi e Philips (1982) em que a validade discriminante é realizada por pares de construtos. O Quadro 38 destaca os resultados encontrados.

Quadro 38 – Validade discriminante

Validade discriminante do modelo final							
Construto A	Construto B	Com restrição X ²	df	Sem restrição X ²	df	Diferença do X ²	Sig
Gratidão	Resiliência	289,348	9	73,512	8	215,836	0,0000
	Otimismo	391,632	27	312,596	26	79,036	0,0000
	Autoeficácia	270,239	9	27,281	8	242,958	0,0000
	Satisfação com a vida	116,934	9	22,208	8	94,726	0,0000
	Ansiedade-estado	300,153	9	25,214	8	274,939	0,0000
	Materialismo	317,249	9	17,408	8	299,841	0,0000
	Bem-estar financeiro	316,565	27	66,438	24	250,127	0,0000
	Afetos	334,596	44	229,338	41	105,258	0,0000
	Traços de personalidade	2477,335	135	399,701	120	2077,634	0,0000
Resiliência	Otimismo	612,913	27	428,683	26	184,23	0,0000
	Autoeficácia	379,311	9	86,035	8	293,276	0,0000
	Satisfação com a vida	262,16	9	25,788	8	236,372	0,0000
	Ansiedade-estado	300,52	9	8,853	8	291,667	0,0000
	Materialismo	424,493	9	23,467	8	401,026	0,0000
	Bem-estar financeiro	483,008	27	110,114	24	372,894	0,0000
	Afetos	445,738	44	295,812	41	149,926	0,0000
	Traços de personalidade	3128,898	135	391,104	120	2737,794	0,0000
Otimismo	Autoeficácia	530,088	27	325,293	26	204,795	0,0000
	Satisfação com a vida	487,68	27	333,773	26	153,907	0,0000
	Ansiedade-estado	595,669	27	336,845	26	258,824	0,0000
	Materialismo	669,623	27	302,645	26	366,978	0,0000
	Bem-estar financeiro	683,445	54	381,32	51	302,125	0,0000
	Afetos	797,527	77	689,482	74	108,045	0,0000
	Traços de personalidade	1383,311	189	782,341	174	600,97	0,0000
Autoeficácia	Satisfação com a vida	295,408	9	9,641	8	285,767	0,0000
	Ansiedade-estado	449,545	9	18,18	8	431,365	0,0000
	Materialismo	458,942	9	6,875	8	452,067	0,0000
	Bem-estar financeiro	467,061	27	46,385	24	420,676	0,0000
	Afetos	520,473	44	219,309	41	301,164	0,0000
	Traços de personalidade	1061,649	135	400,739	120	660,91	0,0000
Satisfação com a vida	Ansiedade-estado	273,259	9	29,462	8	243,797	0,0000
	Materialismo	386,672	9	22,682	8	363,99	0,0000
	Bem-estar financeiro	295,721	27	85,762	24	209,959	0,0000
	Afetos	328,895	44	233,054	41	95,841	0,0000

	Traços de personalidade	917,291	135	364,774	120	552,517	0,0000
Ansiedade-estado	Materialismo	448,817	9	24,761	8	424,056	0,0000
	Bem-estar financeiro	361,521	27	47,308	24	314,213	0,0000
	Afetos	370,272	44	209,57	41	160,702	0,0000
	Traços de personalidade	370,272	44	209,57	41	160,702	0,0000
Materialismo	Bem-estar financeiro	586,67	27	61,405	24	525,265	0,0000
	Afetos	606,691	44	194,296	41	412,395	0,0000
	Traços de personalidade	1059,099	135	405,276	120	653,823	0,0000
Bem-estar financeiro	Afetos	578,337	77	308,803	71	269,534	0,0000
	Traços de personalidade	1107,565	189	436,215	168	671,35	0,0000
Afetos	Traços de personalidade	1644,257	230	773,808	209	870,449	0,0000

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como pode ser visualizado no Quadro 38, a análise discriminante foi realizada por pares e todos os resultados apresentaram significância estatística com $p < 0,0001$. Isto significa que cada construto deste estudo é diferente dos demais. A título de informação, a validade discriminante acontece quando a AVE de um construto é maior que a variância compartilhada desse construto com os demais, com isso é verificado o grau em que um construto se difere dos demais.

Em complemento, com o objetivo de ratificar que os fatores pertencentes aos construtos Bem-estar financeiro percebido, Afetos e Traços de personalidade são diferentes entre si, realizou-se separadamente a análise discriminante por pares entre os fatores de cada construto. O Quadro 39 reporta os resultados encontrados.

Quadro 39 – Validade discriminante dos construtos que possuem mais de um fator

Validade discriminante							
Fator A	Fator B	Com restrição X ²	df	Sem restrição X ²	df	Diferença do X ²	P-valor (sig.)
Construto Bem-estar financeiro							
Segurança financeira futura esperada	Estresse na gestão financeira atual	205,763	9	30,144	8	175,619	0,0000
Construto Afetos							
Afeto positivo	Afeto negativo	161,26	20	138,667	19	12,593	0,0000

Construto Traços de personalidade							
EX ¹	AB ¹	150,765	9	74,875	8	75,89	0,0000
	NE ¹	218,603	9	20,126	8	198,477	0,0000
	CO ¹	211,354	9	69,892	8	141,462	0,0000
	AM ¹	179,036	9	28,965	8	150,071	0,0000
AB	NE	243,339	9	41,309	8	202,03	0,0000
	CO	140,28	9	24,188	8	116,092	0,0000
	AM	211,677	9	27,738	8	183,939	0,0000
NE	CO	256,511	9	31,05	8	225,461	0,0000
	AM	326,441	9	20,582	8	305,859	0,0000
CO	AM	210,545	9	33,428	8	177,117	0,0000

¹ Legenda: EX significa Extroversão, AB significa Abertura à experiência, NE significa Neuroticismo, CO significa Conscienciosidade e AM significa Amabilidade.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como pode ser observado nos dados apresentados, os fatores que compõem cada construto demonstraram-se ser diferentes entre si. Este resultado é positivo e era o esperado. Com isso, há evidências que de fato todos os construtos, assim como todos os fatores pertencentes a este estudo são diferentes e devem ser mantidos no modelo teórico proposto.

Dando continuidade com as análises multivariadas, o próximo tópico apresenta todas as relações e hipóteses testadas nesta tese, bem como a discussão dos resultados obtidos.

6.7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A construção desta tese iniciou com o argumento de que o bem-estar subjetivo das pessoas, a partir dos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e do componente cognitivo (satisfação com a vida) pode ser influenciado por variáveis intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo. Nessa perspectiva, a autora desenvolveu e testou um Modelo teórico com base na **Abordagem Integrativa da Satisfação com a Vida**. Tal modelo teve o objetivo de analisar as relações de influência dos traços de personalidade e variáveis psicológicas intrínsecas nos componentes do BES (**Teoria Top-Down Spillover**), assim como a análise de construtos pertencentes ao domínio do bem-estar material que influenciam nos componentes do BES (**Teoria Bottom-up Spillover**).

Dito isto, tomando por base os resultados obtidos nas análises estatísticas descritas neste capítulo, são discutidas as hipóteses indicadas na compreensão dos fatores influenciadores no

Bem-estar subjetivo das pessoas com base na Teoria integrativa da satisfação com a vida. O Quadro 40 apresenta os resultados obtidos no teste de hipóteses oriundas do modelo proposto.

Quadro 40 – Teste de Hipóteses

Abordagem	Hipótese	Variável independente	➡	Variável dependente	Estimativa padronizada	Erro padrão	C.R	Sig.	R ²	Status
Top-down Spillover	H1a (+)	Afeto positivo	➡	Satisfação com a vida	0,197	0,043	3,667	***	0,153	Não rejeitada
	H1b (-)	Afeto negativo	➡	Satisfação com a vida	0,207	0,040	3,199	0,001	0,144	Não rejeitada
	H2a (+)	Extroversão	➡	Autoeficácia	0,267	0,024	6,395	***	0,000	Não rejeitada
	H2b (+)			Afeto positivo	0,119	0,039	3,025	0,002		Não rejeitada
	H2c (+)			Afeto negativo	0,126	0,05	3,224	0,001		Não rejeitada
	H2d (+)			Satisfação com a vida	-0,041	0,034	-0,966	0,334		Rejeitada
	H3a (+)	Abertura à experiência	➡	Autoeficácia	0,384	0,026	8,675	***	0,000	Não rejeitada
	H3b (+)			Afeto positivo	0,004	0,043	0,088	0,930		Rejeitada
	H3c (+)			Afeto negativo	-0,027	0,056	-0,642	0,521		Rejeitada
	H3d (+)			Satisfação com a vida	-0,091	0,037	-1,999	0,046		Não rejeitada
	H4a (-)	Neuroticismo	➡	Autoeficácia	-0,254	0,02	-6,106	***	0,000	Não rejeitada
	H4b (-)			Afeto positivo	-0,06	0,032	-1,541	0,123		Rejeitada
	H4c (-)			Afeto negativo	-0,233	0,042	-5,856	***		Não rejeitada
	H4d (-)			Satisfação com a vida	0,074	0,029	1,659	0,097		Rejeitada
	H5a (+)	Conscienciosidade	➡	Autoeficácia	0,252	0,035	5,446	***	0,000	Não rejeitada
	H5b (+)			Afeto positivo	0,08	0,055	1,881	0,060		Rejeitada
	H5c (+)			Afeto negativo	-0,034	0,07	-0,824	0,410		Rejeitada
	H5d (+)			Satisfação com a vida	0,15	0,048	3,251	0,001		Não rejeitada
	H6a (+)	Amabilidade	➡	Autoeficácia	-0,049	0,031	-1,217	0,224	0,000	Rejeitada
	H6b (+)			Afeto positivo	0,027	0,049	0,734	0,463		Rejeitada
	H6c (+)			Afeto negativo	-0,085	0,063	-2,332	0,020		Não rejeitada
	H6d (+)			Satisfação com a vida	-0,075	0,042	-1,9	0,057		Rejeitada
	H7a (+)	Autoeficácia	➡	Afeto positivo	0,377	0,074	9,265	***	0,122	Não rejeitada
	H7b (+)			Afeto negativo	0,180	0,088	4,783	***		Não rejeitada
	H7c (+)			Satisfação com a vida	0,434	0,080	7,915	***		Não rejeitada
	H8a (+)	Gratidão	➡	Afeto positivo	0,387	0,034	10,184	***	0,000	Não rejeitada
	H8b (+)			Afeto negativo	0,075	0,041	2,114	0,035		Não rejeitada
	H8c (+)			Satisfação com a vida	0,243	0,033	5,344	***		Não rejeitada

	H9a (+)	Otimismo	➔	Afeto positivo	0,148	0,042	4,198	***	0,000	Não rejeitada
	H9b (+)			Afeto negativo	0,054	0,054	1,564	0,118		Rejeitada
	H9c (+)			Satisfação com a vida	0,083	0,036	2,173	0,030		Não rejeitada
	H10a (+)	Resiliência	➔	Afeto positivo	0,142	0,051	3,877	***	0,000	Não rejeitada
	H10b (+)			Afeto negativo	0,221	0,069	5,917	***		Não rejeitada
	H10c (+)			Satisfação com a vida	0,054	0,047	1,287	0,198		Rejeitada
	H11a (-)	Materialismo	➔	Gratidão	-0,122	0,056	-2,692	0,007	0,000	Não rejeitada
	H11b (-)			Satisfação com a vida	0,028	0,045	0,569	0,569		Rejeitada
Bottom-up Spillover	H12a (-)	Materialismo	➔	Ansiedade-estado	-0,192	0,043	-4,061	***	0,000	Não rejeitada
	H12b (-)			Segurança financeira futura esperada	-0,097	0,049	-2,066	0,039		Não rejeitada
	H12c (-)			Estresse na gestão financeira atual	-0,403	0,054	-6,903	***		Não rejeitada
	H12d (-)			Afeto positivo	0,059	0,052	1,275	0,202		Rejeitada
	H12e (-)			Afeto negativo	-0,12	0,067	-2,592	0,010		Não rejeitada
	H13a (-)	Ansiedade-estado	➔	Autoeficácia	0,180	0,030	4,592	***	0,001	Não rejeitada
	H13b (-)			Afeto positivo	0,351	0,048	8,928	***		Não rejeitada
	H13c (-)			Afeto negativo	0,540	0,067	13,059	***		Não rejeitada
	H13d (-)			Satisfação com a vida	0,156	0,042	3,902	***		Não rejeitada
	H14a (+)	Segurança financeira futura esperada	➔	Afeto positivo	0,024	0,039	0,661	0,508	0,000	Rejeitada
	H14b (+)			Afeto negativo	-0,060	0,051	-1,647	0,099		Rejeitada
	H14c (+)			Satisfação com a vida	0,270	0,036	6,375	***		Não rejeitada
	H15a (-)	Estresse na gestão financeira atual	➔	Afeto positivo	0,047	0,055	1,046	0,296	0,026	Rejeitada
	H15b (-)			Afeto negativo	0,071	0,071	1,567	0,117		Rejeitada
	H15c (-)			Satisfação com a vida	0,207	0,049	4,094	***		Não rejeitada

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A partir dos dados expostos acima, podemos verificar que a hipótese **H1** abordou a relação de influência entre os componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e o componente cognitivo (satisfação com a vida) do Bem-estar Subjetivo (BES). Os resultados das hipóteses **H1a** e **H1b** corroboraram com a literatura exposta ao longo desta tese. Com isso, as hipóteses de que o **Afeto positivo** e o **Afeto negativo** influenciam diretamente a satisfação com a vida das pessoas não foi rejeitada. Ao realizar também a ‘análise conjunta’, considerando o construto afeto em geral com a satisfação com a vida à relação de influência também não foi rejeitada. De forma detalhada, podemos compreender que o afeto positivo influencia positivamente na satisfação, assim como o afeto negativo influencia negativamente na satisfação com a vida. Esses resultados são favoráveis e estão de acordo com o argumento desta tese e grande parte da literatura que trata sobre BES (WATSON, CLARK; TELLEGEN, 1988; LARSEN; DIENER, 1992; GALINHA; PAIS-RIBEIRO, 2005; DIENER, 2006; SELIGMAN, 2011; SEGABINAZI et al., 2021; DIENER et al., 2017).

Dando continuidade, com base da Teoria *Top-Down Spillover* foram testadas as relações de influências dos Cinco grandes fatores da personalidade (mais conhecido como Big Five) na autoeficácia, nos componentes afetivos e na satisfação com a vida. A hipótese **H2** tratou do fator do Big Five denominado **Extroversão**. De acordo com os resultados encontrados, há respaldo estatístico para se dizer que o traço de personalidade extroversão tem relação direta com a Autoeficácia (**H2a**), como também há influência direta nos afetos positivos (**H2b**) e afetos negativos (**H2c**) vivenciados pelas pessoas. E apesar da hipótese **H2d** ter sido rejeitada, isto é, não há indicação de que a extroversão influencia diretamente a satisfação com a vida, esta influência ocorre de forma indireta, tanto pelo construto denominado autoeficácia, quanto pelos componentes afetivos que impactam diretamente nos níveis de satisfação com a vida geral. Nos estudos de Costa e McCrae (1980) também foram encontradas relações entre o fator extroversão e o afeto positivo.

Já a hipótese **H3** abordou o fator do Big Five denominado de **Abertura à experiência**. De acordo com os dados, esse fator também exerce influência direta na autoeficácia (**H3a**). Diferente da extroversão, as hipóteses de que a abertura à experiência influencia diretamente nos afetos positivos (**H3b**) e negativos (**H3c**) foram rejeitadas. No entanto, a influência desse fator na satisfação com a vida ocorre de maneira direta (**H3d**). Esse resultado é corroborado em estudos anteriores (ZHAI et al, 2013; FURLER; GOMEZ; GROB, 2014; SULDO; MINCH; HEARON, 2014; GREVENSTEIN; BLUEMKE, 2015; WEBER; HUEBNER, 2015). Em outras palavras, pessoas que apresentam mais traços de personalidade relacionados a abertura à experiência tendem a ter maiores níveis de satisfação com a vida. Além disso, apesar das

hipóteses que relaciona o fator de Abertura à experiência com os componentes afetivos do BES terem sido rejeitadas, pode-se entender que a influência entre eles ocorre de forma indireta, tanto com a influência a partir da autoeficácia, como também pela ‘mediação e/ou interferência’ de outros fatores psicológicos e demais características individuais.

Na sequência, a hipótese **H4** abordou as relações entre o traço do Big Five denominado **Neuroticismo** com os construtos psicológicos denominados de autoeficácia, afeto positivo e negativo e a satisfação com a vida. Inicialmente, os resultados indicaram para uma não rejeição da hipótese **H4a** que testou a influência direta do fator neuroticismo na autoeficácia. Ainda, de acordo com a literatura e com os resultados aqui encontrados, pessoas com elevados níveis de neuroticismo tendem a vivenciar mais afetos negativos (**H4c**) e estas emoções influenciam diretamente na satisfação com a vida dos indivíduos. Corroborando com a literatura científica, a hipótese de que há uma relação de influência direta do neuroticismo com o afeto positivo (**H4b**) foi rejeitada, assim como não há indícios para uma relação direta com a satisfação com a vida (**H4d**). Sendo assim, a influência do neuroticismo na satisfação com a vida ocorre de maneira indireta a partir da vivência de afetos negativos que acabam por impactar negativamente nos níveis de bem-estar subjetivo geral do indivíduo. Além disso, como o neuroticismo influencia negativamente na autoeficácia das pessoas, esta influência também pode impactar indiretamente nas emoções e na percepção de satisfação com a vida. Vale dizer, que esses resultados estão de acordo com boa parte dos estudos publicados anteriormente acerca desse fator da personalidade (RUSTING; LARSEN, 1997; COSTA; McCRAE, 1980).

A hipótese **H5** tratou das relações de influência do fator do Big Five denominado **Conscienciosidade** com os construtos autoeficácia, afetos positivo e negativo e satisfação com a vida. Os dados revelaram que o fator Conscienciosidade possui uma relação direta e positiva com a autoeficácia (**H5a**) e com a satisfação com a vida (**H5d**). Assim como o neuroticismo, as hipóteses que relacionam uma influência direta do fator com o afeto positivo (**H5b**) e negativo (**H5c**) foram rejeitadas. Sendo assim, podemos entender que o fator Conscienciosidade influencia positivamente nos níveis de BES a partir da sua influência direta na satisfação com a vida, assim como na influência indireta nos componentes afetivos com a ‘mediação’ da autoeficácia, além de outras características intrínsecas ao indivíduo que também podem participar dessa influência indireta na sensação e vivência das emoções em pessoas com características de personalidade relacionados à Conscienciosidade. Vale ressaltar que essa relação direta do fator conscienciosidade na satisfação com a vida é confirmada em pesquisas anteriores (ZHAI et al, 2013; FURLER; GOMEZ; GROB, 2014; SULDO; MINCH; HEARON, 2014; GREVENSTEIN; BLUEMKE, 2015; WEBER; HUEBNER, 2015).

Finalmente, a hipótese **H6** verificou as relações de influência positiva entre o fator do Big Five chamado de **Amabilidade** com os construtos da autoeficácia, afeto positivo e negativo e satisfação com a vida. Para nossa surpresa, a única hipótese não rejeitada sobre esse construto foi a **H6c**. Tal hipótese testou a validade da influência direta da Amabilidade no afeto negativo. Dentro dessa perspectiva, podemos entender que pessoas consideradas ‘amáveis’ tendem a apresentar menores níveis de afetos negativos. Assim, a influência desse fator da personalidade na satisfação com a vida geral é obtida de forma indireta. Entende-se que essas pessoas terão menos emoções negativas e isto, influenciará em uma maior percepção de satisfação com a vida. Com isso, as hipóteses que relaciona a Amabilidade diretamente com a autoeficácia (**H6a**), o afeto positivo (**H6b**) e a satisfação com a vida (**H6d**) foram rejeitadas. Vale ressaltar e resumir que a relação que trata da influência do construto **Traços de personalidade** no construto **Afetos** não foi rejeitada, isto significa que ao considerarmos ambos os construtos ‘como um todo’ sem a divisão dos fatores, a relação de influência direta é respaldada com a não rejeição da hipótese. Em outras palavras, podemos concluir que os Traços de personalidade têm influência nas emoções das pessoas (afetos vividos) e isto pode influenciar na satisfação com a vida delas. Esses achados estão em consonância com a literatura já exposta ao longo desta tese e traz respaldo científico de que a satisfação com a vida dos indivíduos, assim como os níveis de bem-estar subjetivo podem ser influenciados por fatores intrínsecos com base na Teoria *Top-Down Spillover*.

Ainda com base na Teoria do transbordamento de cima para baixo, a hipótese **H7** investigou as influências positivas do construto denominado **Autoeficácia** nos afetos positivos e negativos e na satisfação com a vida. Como pode ser visualizado no Quadro 42, a hipótese **H7a** que testou a relação de influência da Autoeficácia no afeto positivo não foi rejeitada, isto é, há evidências empíricas que pessoas autoeficazes tendem a ter mais afetos positivos e isto influencia indiretamente na percepção de satisfação com a vida delas. Além disso, as hipóteses que testaram a relação direta entre a autoeficácia e o afeto negativo (**H7b**) e a autoeficácia e a satisfação com a vida (**H7c**) também não foram rejeitadas. Em outras palavras, podemos compreender que pessoas autoeficazes possuem bons níveis de satisfação com a vida, além de serem mais propensas a terem mais emoções positivas do que emoções negativas. Dito isso, há evidências que a autoeficácia é um antecedente que exerce influência direta e indireta nos níveis de BES. Esses resultados estão em concordância com estudos anteriores que relacionaram esses construtos e relações (CAMPBELL, 1976; PALENZUELA, 1987; STROBEL, TUMASJAN, SPORRLE, 2011; SHEPPERD et al. 2015).

Além dos construtos mencionados anteriormente que fazem parte da perspectiva *Top-Down Spillover*, foram investigados também os construtos psicológicos denominados de Gratidão, Otimismo, Resiliência e Materialismo. A **H8** tratou das relações de influência da **Gratidão** nos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e no componente cognitivo (satisfação com a vida) do BES. Em consonância com a revisão da literatura, os resultados deste estudo apontaram para uma não rejeição das hipóteses **H8a**, **H8b** e **H8c**. Isto significa dizer que pessoas mais gratas tendem a vivenciar mais afetos positivos do que afetos negativos, além de terem uma maior percepção de satisfação com as suas vidas. De maneira geral, a Gratidão parece influenciar de forma direta ainda nos níveis de bem-estar subjetivo das pessoas. Esses resultados encontrados estão em consonância com estudos anteriores (EMMONS; McCULLOUGH, 2003; McCULLOUGH et al. 2004; NATIVIDADE et al, 2019; MACFARLANE, 2020).

Seguindo com as conclusões, a hipótese **H9** tratou do construto denominado **Otimismo**. Com base nas análises, as relações de influência do Otimismo nos afetos positivos (**H9a**) e na satisfação com a vida (**H9c**) não foram rejeitadas. Esses resultados estão de acordo com a literatura científica (SCHEIER; CARVER, 1992; GALLO, 2012; CARVER; SCHEIER, 2014). A ideia é que pessoas otimistas tendem a ter mais emoções/afetos positivos e apresentam maiores níveis de satisfação com a vida geral. Vale ressaltar que apesar de estudos anteriores não mencionarem a influência direta do otimismo nos afetos negativos, este estudo testou essa relação e verificou que a hipótese **H9b** foi rejeitada. Em contrapartida, a relação do Otimismo no construto Afetos de maneira geral não foi rejeitada, isto indica que pessoas otimistas podem sim experimentar mais afetos positivos do que negativos. Sendo assim, podemos concluir que o Otimismo influencia direta e indiretamente, por meio dos afetos, na percepção de satisfação com a vida dos indivíduos. É mais uma característica psicológica que influencia positivamente nos níveis de BES dos indivíduos. É como Peterson; Park e Seligman (2005) destacam, os otimistas são mais confiantes e persistentes frente aos desafios do que os pessimistas.

Já a hipótese **H10** averiguou as relações de influência do construto **Resiliência** nos componentes afetivos e na satisfação com a vida. Os resultados deste estudo apontaram para uma não rejeição das hipóteses H10a e H10b. Em outras palavras, pode-se compreender que indivíduos que exercem mais a resiliência tendem a viver mais afetos positivos (**H10a**) e menos afetos negativos (**H10b**). Assim, essas emoções vão influenciar na satisfação com a vida geral. Vale lembrar que a hipótese que tratou da influência direta da Resiliência na Satisfação com a vida foi rejeitada (**H10c**). No entanto, como mencionado anteriormente, podemos entender que a influência da resiliência na satisfação com a vida se dá de maneira indireta por meio dos afetos

positivos e negativos que são influenciados por esse traço psicológico disposicional. Com isso, podemos concluir que exercitar a resiliência pode ser um bom caminho para melhorar os níveis de bem-estar subjetivo individual das pessoas.

Finalmente, a hipótese **H11** analisou o construto denominado **Materialismo**. Com base na Teoria *Top-Down Spillover* o Materialismo pode ser considerado um traço intrínseco ao indivíduo. Nesse contexto, estudos anteriores afirmam que pessoas materialistas exercem menos a gratidão e conseqüentemente, tendem a apresentar menores níveis de satisfação com a vida (TSANG et al., 2014). Assim, a relação de influência do Materialismo na satisfação com a vida ocorre de forma indireta. Em consonância com o esperado, a hipótese **H11a** deste trabalho não foi rejeitada e a hipótese **H11b** foi rejeitada. Em outras palavras, os resultados indicam que o Materialismo influencia negativamente na gratidão, que por sua vez, pode impactar na satisfação com a vida em geral.

À luz do exposto, podemos verificar que muitas das relações testadas, com base na Teoria *Top-Down Spillover* não foram rejeitadas e há indícios que de fato os afetos positivos e negativos, assim como a percepção de satisfação com a vida sofrem influências direta e/ou indiretamente de traços de personalidade, assim como de traços disposicionais psicológicos que foram investigados neste estudo. Com isso, concluímos que os níveis de Bem-estar subjetivo (BES) dos indivíduos podem sofrer influência de fatores antecedentes com base na teoria de transbordamento de cima para baixo.

Em completude, esta tese também buscou analisar as relações de influência de construtos com base na Teoria *Bottom-up Spillover* da satisfação com a vida. A ideia central é que os diversos domínios da vida influenciam de forma direta ou indireta nas emoções e na satisfação com a vida das pessoas. Para isso, este estudo buscou trabalhar com construtos relacionados ao Bem-estar Material (BEM). Segundo a literatura da área, esse domínio é bastante importante nos índices de BES, pois envolve questões ligadas ao consumo, aos bens materiais, como também questões financeiras e econômicas (ANDREWS, WITHEY, 1976; LANE, 1991; DIENER et al. 1993; LARSEN et al., 1999, NAKANO et al., 1995; BOHNKE, 2008, XIAO et al., 2009; DIENER, NG, 2010; CRACOLICI et al., 2014; SIRGY, 2018).

Para isso, esta tese buscou identificar as relações de influência dos construtos denominados de Materialismo, Bem-estar financeiro e a Ansiedade (estado). Vale ressaltar que os construtos Materialismo e Bem-estar financeiro estão diretamente relacionados com o consumo, sendo totalmente relevantes para a área do Marketing e Sociedade. Já a escolha do construto Ansiedade quanto estado, foi devido ao momento de vida que estávamos passando quando a pesquisa empírica foi aplicada (isolamento social devido à pandemia do Covid-19) e

que perdura até o momento. Sendo assim, as escolhas desses construtos foram balizadas na ‘perspectiva de baixo para cima’ da satisfação com a vida, por acreditar que eventos externos, assim como a satisfação entre os diversos domínios da vida influenciam nos componentes afetivos e cognitivo do BES.

Para isso, a hipótese **H12** analisou as influências do **Materialismo** na Ansiedade-estado, no Bem-estar financeiro percebido e nos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) do BES. A hipótese **H12a** que testou a relação de influência do Materialismo na Ansiedade-estado não foi rejeitada. Sendo assim, acredita-se que pessoas mais materialistas tendem a ter mais ansiedade diante de eventos adversos da vida. Dando continuidade, a hipótese de que o Materialismo influencia diretamente no Bem-estar financeiro não foi rejeitada. Esses resultados corroboram com a literatura (RYAN; DECI, 2000; KASSER, 2000; KASHDAN; BREEN, 2007; NETEMEYER et al. 2017). De forma mais específica, a hipótese que trata da influência negativa do Materialismo na **Segurança financeira futura esperada** dos indivíduos não foi rejeitada (**H12b**), assim como a hipótese que verificou a influência negativa do Materialismo no **Estresse na gestão financeira atual** também não foi rejeitada (**H12c**). Esses resultados sugerem que os indivíduos materialistas têm índices menores de bem-estar financeiro percebido. Além disso, a hipótese que analisou o Materialismo impactando nos afetos negativos não foi rejeitada (**H12e**), ou seja, pessoas materialistas tendem a apresentar mais afetos negativos e essas emoções ruins, impactam indiretamente na satisfação com a vida geral. Em resumo, o Materialismo influencia negativamente na Ansiedade-estado, no Bem-estar financeiro percebido e no Afeto negativo. Assim, a influência do Materialismo na satisfação com a vida se dá de forma indireta, seja pela ‘insatisfação’ no domínio do Bem-estar material (BEM), seja na vivência de mais afetos negativos e/ou aumento nos níveis de Ansiedade-estado advindos de eventos externos que ocorrem no dia a dia. Como complemento, apesar da literatura não relacionar a influência direta do Materialismo nos afetos positivos, este trabalho averiguou e a hipótese que relacionava essas duas variáveis foi rejeitada (**H12d**).

Dando continuidade, a hipótese **H13** abordou as relações de influência do construto **Ansiedade-estado** na autoeficácia, nos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e no componente cognitivo (satisfação com a vida) do BES. A hipótese que testou a influência da Ansiedade-estado na autoeficácia não foi rejeitada (**H13a**). Esse resultado corrobora com a literatura ao entender que eventos externos impactam no estado de ansiedade do indivíduo que, por sua vez, influencia negativamente no poder de autoeficácia das pessoas. Além disso, as hipóteses que testaram as relações da Ansiedade-estado nos afetos positivos (**H13b**) e negativos (**H13c**) não foram rejeitadas. Sendo assim, vemos novamente o impacto dos eventos externos

na Ansiedade-estado que gera consequentemente o experimento de mais emoções negativas e menos emoções positivas. Essas emoções acabam por influenciar nos níveis de satisfação com a vida das pessoas. Ainda, a hipótese que testou a influência direta do construto Ansiedade-estado na satisfação com a vida também não foi rejeitada (**H13d**). Sendo assim, podemos entender que a Ansiedade quanto estado, tende a impactar negativamente nos componentes afetivos e cognitivo do BES. Aqui, ocorre a influência direta e indireta nos níveis de satisfação com a vida em geral.

Por fim, as hipóteses **H14** e **H15** analisaram as relações entre o construto do Bem-estar Financeiro percebido com os componentes afetivos e cognitivo do BES. A hipótese H14 testou as relações do fator denominado ‘Segurança financeira futura esperada’. Conforme os resultados descritos no Quadro 42, as hipóteses **H14a** e **H14b** que testaram as relações desse fator com os componentes afetivos do BES foram rejeitadas. No entanto, a hipótese **H14c** que testou a relação de influência direta do fator ‘Segurança financeira futura esperada’ na satisfação com a vida não foi rejeitada. Em consonância, a hipótese **H15** avaliou as relações de influência do fator denominado ‘Estresse na gestão financeira atual’ nos afetos positivos e negativos e na satisfação com a vida. De forma específica, as hipóteses que trataram da influência desse fator nos afetos positivos (**H15a**) e negativos (**H15b**) também foram rejeitadas. Porém, a hipótese **H15c** que relacionou o fator como um antecedente direto da satisfação com a vida não foi rejeitada. Isto indica que os fatores analisados separadamente têm poder de influência nos níveis de satisfação com a vida geral das pessoas. O fator de ‘Segurança financeira futura esperada’ influencia positivamente, assim como o fator ‘Estresse na gestão financeira atual’ influencia negativamente nos níveis de satisfação e, consequentemente nos níveis de BES. Além disso, é interessante destacar que quando consideramos o construto Bem-estar Financeiro de forma geral, as relações de influência direta nos componentes afetivos e no componente cognitivo do BES não são rejeitadas, ou seja, estes resultados sugerem que há de fato influências do domínio do Bem-estar financeiro nos afetos e na satisfação com a vida.

Ante o exposto, podemos compreender que muitos construtos e fatores com base na Teoria *Bottom-up Spillover* também influenciam direta e indiretamente nos componentes afetivos, bem como no componente cognitivo do BES. Assim, pode-se concluir que a abordagem integrativa de satisfação com a vida é plausível e, portanto, o argumento desta tese pode ser considerado válido a partir das análises e dados apresentados.

O próximo tópico destaca algumas relações gerais que foram testadas para uma maior compreensão acerca dos dez construtos estudados e o argumento defendido nesta tese.

6.7.1 Análise das relações gerais e o Modelo estrutural final

O modelo teórico proposto neste estudo é baseado na teoria integrativa da satisfação com a vida. Assim, acredita-se que a satisfação com a vida geral das pessoas pode ser influenciada tanto por aspectos intrínsecos (tais como: traços de personalidade e traços disposicionais como a gratidão, o otimismo, a autoeficácia e a resiliência), quanto por aspectos extrínsecos que influenciam na percepção de bem-estar entre os diversos domínios da vida dos indivíduos. Nesta tese, o domínio investigado foi o do bem-estar material (financeiro).

De forma específica, esta tese trabalhou com dez construtos. A partir da Teoria *Top-down Spillover* (teoria de transbordamento de cima para baixo) analisou-se a relação entre os ‘Traços de personalidade’ (Big Five: extroversão, neuroticismo, amabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade); a ‘Gratidão’; o ‘Otimismo’; a ‘Resiliência’ e a ‘Autoeficácia’ com os ‘componentes afetivos’ (afeto positivo e negativo) e o ‘componente cognitivo’ (satisfação com a vida) do bem-estar subjetivo (BES).

Em conjunto, com base na Teoria *Bottom-up Spillover* (transbordamento de baixo para cima) analisou-se também as relações entre o ‘Materialismo’; a ‘Ansiedade-estado’ e o ‘Bem-estar financeiro percebido’ nos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e no ‘componente cognitivo’ (satisfação com a vida) do bem-estar subjetivo (BES).

Nesse contexto, com o objetivo de complementar as análises realizadas, o Quadro 41 apresenta uma série de relações conceituais gerais que também foram testadas a fim de trazer respaldo científico para a lógica conceitual defendida nesta tese.

Quadro 41 – Teste das relações conceituais gerais desta tese

Abordagem	Variável Independente	➡	Variável Dependente	Estimativa padronizada	Erro padrão	C.R	Sig.	R ²	Status
Top-down Spillover	Traços de personalidade	➡	Afetos	0,217	0,097	3,276	0,001	0,000	Não rejeitada
	Autoeficácia	➡	Afetos	0,137	0,078	1,976	0,048	0,122	Não rejeitada
	Gratidão	➡	Afetos	0,347	0,029	7,566	***	0,000	Não rejeitada
	Otimismo	➡	Afetos	0,209	0,036	4,815	***	0,000	Não rejeitada
	Resiliência	➡	Afetos	0,329	0,047	6,845	***	0,000	Não rejeitada
Bottom-up Spillover	Materialismo	➡	Bem-estar financeiro	-0,552	0,043	-4,954	***	0,000	Não rejeitada
	Bem-estar financeiro	➡	Afetos	0,364	0,185	4,353	***	0,009	Não rejeitada
			Satisfação com a vida	0,505	0,205	4,489	***		Não rejeitada
	Ansiedade-estado	➡	Afetos	0,717	0,050	12,262	***	0,001	Não rejeitada
Componentes do BES	Afetos	➡	Satisfação com a vida	0,647	0,066	8,721	***	0,194	Não rejeitada

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Conforme exposto no Quadro 41, a ideia de que os ‘Traços de personalidade’ influenciam diretamente nos ‘Componentes afetivos (afetos)’ é suportada, isto é, os dados apontam para uma boa significância estatística e não rejeição da relação testada. Além disso, os traços disposicionais investigados que foram a ‘Gratidão’, o ‘Otimismo’, a ‘Resiliência’ e a ‘Autoeficácia’ também apresentaram resultados esperados em consonância com a literatura. Em outras palavras, as hipóteses de influência direta entre esses construtos e os ‘Componentes afetivos (afetos)’ do bem-estar subjetivo (BES) não foram rejeitadas.

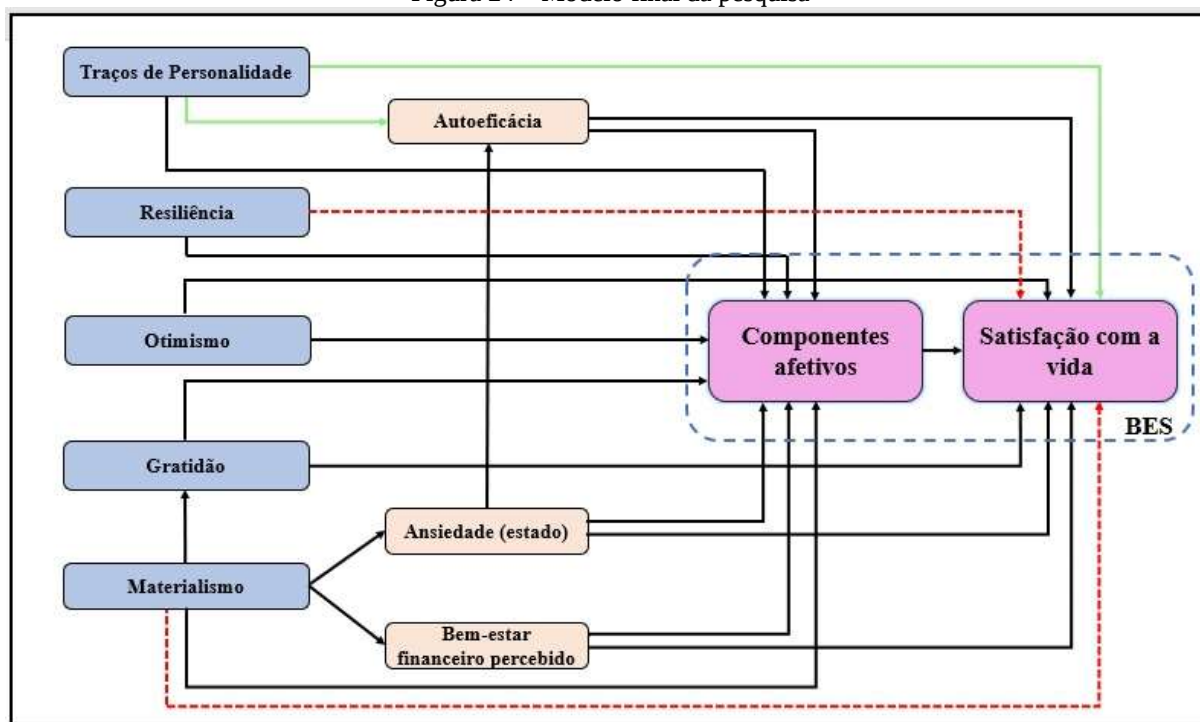
Somado ao exposto acima, os dados também apresentam indícios de que o ‘Materialismo’ influencia diretamente na ‘Ansiedade-estado’ e no ‘Bem-estar financeiro percebido’ dos indivíduos. Assim como, há indicações de que os construtos ‘Ansiedade-estado’ e ‘Bem-estar financeiro percebido’ influenciam diretamente nos ‘Componentes afetivos (afetos)’ do bem-estar subjetivo (BES). Ainda, nos testes estatísticos realizados, pôde-se averiguar que a relação de influência direta entre o ‘Bem-estar financeiro percebido’ e a Satisfação com a vida geral possui um excelente grau de significância.

Ainda, foi constatada significância estatística na relação direta entre os ‘componentes afetivos (afeto positivo e negativo)’ e ‘componente cognitivo’ (satisfação com a vida) do Bem-estar Subjetivo (BES). Sendo assim, pode-se dizer que há indícios de que a satisfação com a vida geral é influenciada direta e indiretamente tanto por fatores com base na teoria *Top-down Spillover*, quanto por construtos derivados da teoria *Bottom-up Spillover*.

À luz do exposto, a construção argumentativa desta tese a partir da abordagem integrativa da Satisfação com a vida, parece ser plausível e possui respaldo científico e estatístico conforme dados apresentados ao longo deste trabalho. A seguir, é exposto o Modelo estrutural final com as conclusões sobre os dados encontrados (Figura 24).

Vale ressaltar que o modelo proposto neste trabalho apresenta uma modelagem por equações estruturais completa, mas por motivos de parcimônia os itens não estão visíveis no desenho do modelo. Além disso, a título de identificação, as relações com a linha na cor preta representam as hipóteses que não foram rejeitadas. Em contrapartida, as ligações em linha vermelha tracejada indicam as hipóteses que foram rejeitadas.

Figura 24 – Modelo final da pesquisa



Fonte: desenvolvido pela autora (2022).

Ainda, deve-se destacar que no construto ‘Traços de Personalidade (Big Five)’ que é formado por cinco fatores, a linha na cor verde representa que algumas hipóteses testadas foram rejeitadas e outras não. De modo específico, as hipóteses que relacionam a influência direta dos fatores denominados de ‘abertura à experiência e conscienciosidade’ com a ‘satisfação com a vida’ foram suportadas pelo estudo, isto é, não foram rejeitadas. Entretanto, as hipóteses que relacionam a influência direta dos fatores chamados de ‘extroversão, neuroticismo e amabilidade’ com o componente cognitivo do BES, foram rejeitadas.

Dando continuidade, as hipóteses que relacionam a influência direta entre os traços de ‘extroversão, abertura à experiência, neuroticismo e conscienciosidade’ com a ‘autoeficácia’, também foram suportadas (não rejeitadas). Já a hipótese de que o fator ‘amabilidade’ teria relação direta na ‘autoeficácia’ não pôde ser suportada pelos dados coletados (foi rejeitada).

No Capítulo 7 a seguir serão descritas as considerações finais deste estudo, destacando as principais conclusões obtidas; as contribuições deste trabalho; as limitações encontradas e recomendações para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo são apresentadas as considerações finais deste trabalho com o objetivo de expor as principais conclusões quanto ao argumento defendido nesta tese. Além disso, são expostas considerações sobre implicações do trabalho, do ponto de vista teórico e prático e, por fim, as limitações da pesquisa com o intuito de sugerir novas propostas de estudo.

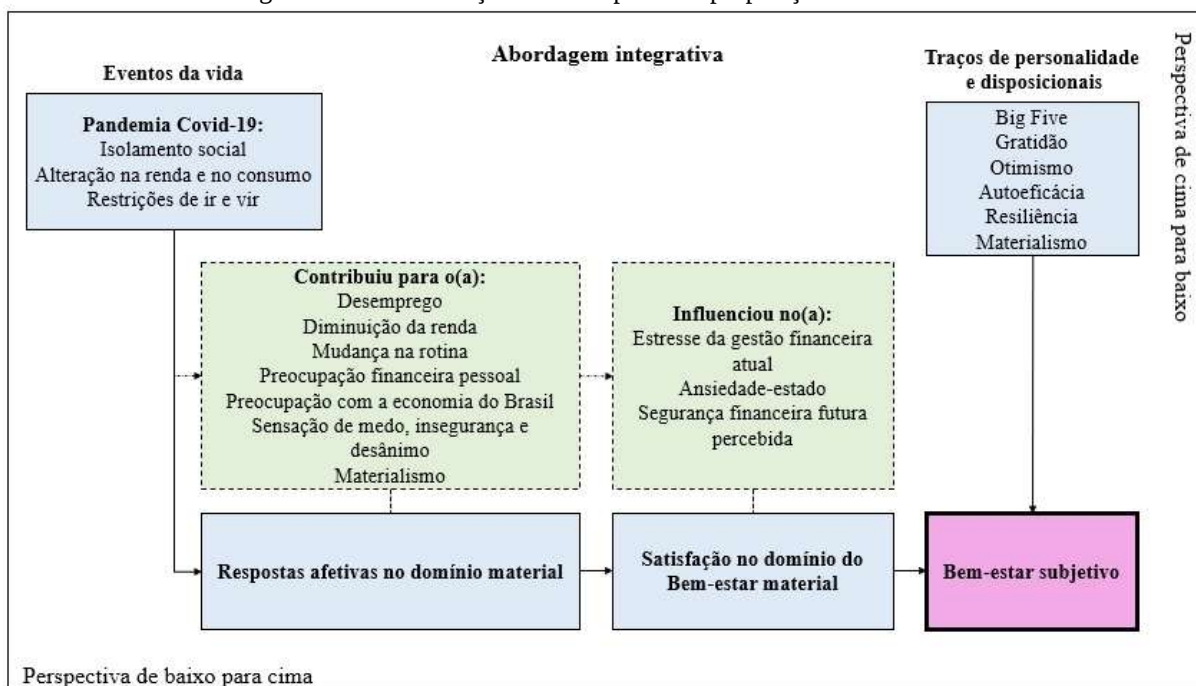
7.1 CONCLUSÕES

Como vimos no capítulo anterior, os sujeitos da pesquisa são predominantemente do sexo feminino, estão solteiros(as), possuem de 31 até 40 anos, são pós-graduados, com renda familiar mensal entre R\$2.000,01 até R\$4.000,00 e em sua maioria moram com mais outra pessoa. Ainda, são pessoas que dizem possuir uma religião e quanto aos hábitos de consumo, acreditam comprar menos que seus familiares e amigos próximos.

Além das questões sociodemográficas, os respondentes do estudo foram questionados sobre a sua situação financeira e as mudanças ocorridas em suas vidas devido à pandemia do Covid-19. Dentro desse contexto, considerou-se o isolamento social - ocorrido devido à pandemia – como um evento de vida (externo) que influenciou na satisfação do domínio material das pessoas, bem como nos níveis de bem-estar subjetivo geral.

Nesse contexto, o pressuposto inicial desta tese é que as pessoas que melhor reagem aos eventos estressores de vida são aquelas que apresentam um perfil de serem extrovertidas, amáveis, abertas à experiência, conscienciosas, gratas, otimistas, resilientes, eficazes, menos materialistas e estão satisfeitas quanto ao domínio do bem-estar material. Em contrapartida, pessoas que possuem mais características de neuroticismo, materialismo, ansiedade (estado) e estresse com a situação financeira atual provavelmente apresentam mais experiências negativas e, conseqüentemente, níveis mais baixos de satisfação com a vida. Conforme os resultados destacados no Capítulo 6 desta tese, a Figura 25 apresenta algumas conclusões gerais com base na proposição inicial destacada na Figura 1 (disponível no Capítulo 1).

Figura 25 – Considerações finais a partir da proposição inicial da tese



Fonte: desenvolvido pela autora (2022).

Como pode ser observada na análise e discussão dos resultados encontrados neste estudo, os dados sugerem e ratificam que traços de personalidade (Big Five) e fatores psicológicos disposicionais como otimismo, gratidão, autoeficácia, resiliência e materialismo podem influenciar nos afetos vividos pelos indivíduos e, conseqüentemente, na percepção de satisfação com a vida das pessoas. Em outras palavras, pode-se considerar válido o argumento inicial de que o Big Five assim como os fatores psicológicos destacados podem influenciar em certa medida nos níveis de BES das pessoas (Figura 25).

Somado a esse entendimento, parece fazer sentido o pressuposto inicial de que eventos estressores vividos pelas pessoas durante a pandemia do Covid-19 - como alterações na renda e no consumo, restrições de ir e vir, aumento do desemprego e/ou diminuição da renda, além de mudanças de hábitos pessoais e de consumo - podem ter influenciado nos níveis de BES da população.

De acordo com os dados apresentados no tópico 6.4, pôde-se verificar que de fato o isolamento social alterou significativamente a rotina das pessoas. A média das respostas indicam que a maior parte dos entrevistados tiveram alterações no sono, se sentiram mais ansiosos do que o habitual, sentiram receio quanto ao futuro, além de relatarem uma preocupação com a sua situação financeira atual e futura (Tabelas 9, 11 e 12). Ainda, os dados coletados apontam para uma sensação de insatisfação das pessoas sobre a economia do Brasil,

especialmente em termos de empregabilidade, impostos que pagam, preços dos itens de necessidades básicas como alimentação, moradia e vestimenta (Tabela 9).

Dando sequência as conclusões, ao relacionar os dados expostos nos tópicos 6.3 e 6.4 com os resultados obtidos no teste de hipóteses desta tese (Quadros 40 e 41), pôde-se compreender que:

1. É provável que os respondentes que ficaram desempregados durante a pandemia (Tabela 11), tenham vividos mais afetos negativos e maior estresse na gestão financeira atual. Com isso, podem ter sofrido uma queda na sua satisfação em relação ao domínio material e, consequentemente, podem ter apresentado menores níveis de satisfação com a vida e de BES.
2. É provável que os entrevistados que relataram não economizar dinheiro suficiente para durar até o final de suas vidas (Tabela 10) e sentem receio quanto à falta de segurança em relação ao seu trabalho (Tabela 9), possam apresentar níveis mais baixos de segurança financeira futura esperada. E, como vimos nos resultados deste estudo, menores níveis de segurança financeira futura esperada influenciam diretamente em menores níveis de satisfação com a vida.
3. É provável que os respondentes que relataram sentir que não tinham nada a esperar do futuro (Tabela 11) e estavam o tempo todo preocupados com a sua situação financeira atual (Tabela 5), tenha vivenciados mais afetos negativos. Conforme os resultados, os afetos negativos podem influenciar diretamente nos níveis de satisfação do domínio material, bem como nos níveis de BES dos indivíduos.
4. É provável que os respondentes que sentiram receio quanto ao futuro e apresentaram maiores níveis de ansiedade-estado (Tabela 11), tenham experimentado mais emoções negativas e, consequentemente, menores níveis de satisfação com a vida e BES geral.
5. É provável que os entrevistados que se sentiram muitas vezes tristes, desanimados, deprimidos (Tabela 11), provavelmente viveram mais emoções negativas do que os demais. Esses maiores níveis de afetos negativos influenciam negativamente nos níveis de satisfação com a vida geral, assim como nos níveis de BES.
6. É provável ainda, que os sujeitos da pesquisa que tiveram mais dificuldades em relaxar e sentiram que a vida estava sem sentido (Tabela 11), tenham vivenciados mais afetos negativos e, consequentemente, menores níveis de satisfação com a vida.

Além dessas proposições e conclusões, ficou evidente que as restrições ocasionadas pelo isolamento social, suscitou - em boa parte dos entrevistados - a sensação de medo, de desânimo,

de maior sensibilidade, bem como na dificuldade em relaxar diante dos acontecimentos ruins que estavam ocorrendo por todo o mundo durante a pandemia do Covid-19 (Tabela 11). Todos esses relatos corroboram no entendimento de que eventos externos vivenciados pelas pessoas podem influenciar nos seus níveis de bem-estar subjetivo geral. Nesse contexto, parece ser plausível acreditar que os níveis de bem-estar subjetivo das pessoas podem ser influenciados tanto por fatores psicológicos intrínsecos e disposicionais (perspectiva *Top down Spillover*), quanto por eventos externos que acabam por influenciar nos níveis de satisfação entre os domínios da vida e, conseqüentemente, nos níveis de satisfação com a vida geral (perspectiva *Bottom up Spillover*).

Assim, é compreensível entender que o isolamento social devido à pandemia do Covid-19 - quanto um evento externo - não somente alterou a rotina das pessoas, como também impactou de forma direta e/ou indireta nos níveis de satisfação do domínio material, bem como nas emoções vividas (positivas e negativas) e nos níveis de satisfação com a vida geral e de BES das pessoas.

Finalmente, pode-se concluir que o pressuposto inicial e argumento defendido nesta tese pode ser considerado válido e aceito cientificamente. Dito isto, o próximo tópico dará continuidade as considerações finais ao destacar as implicações desta pesquisa do ponto de vista teórico e prático.

7.2 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Mediante o exposto, acredita-se que os resultados gerados neste trabalho trazem recomendações valiosas para a teoria e prática do bem-estar subjetivo. Além do avanço teórico, este estudo pode gerar benefícios em nível individual, empresarial, governamental e educativo.

Sob a **perspectiva teórica**, esta pesquisa contribui para o avanço da área de estudos do marketing e sociedade, uma vez o modelo final deste estudo abarca uma série de relações de influências que não foram rejeitadas e estes entendimentos podem auxiliar no comportamento das pessoas, especialmente nas atividades ligadas ao bem-estar individual, por possibilitar uma maior compreensão dos fatores que influenciam positivamente e negativamente nas emoções vividas e na satisfação com a vida das pessoas. Ainda, podemos dizer que os resultados desta pesquisa ampliam os esforços do marketing e sociedade ao considerar o bem-estar subjetivo individual primordial para que se alcance mais qualidade de vida em sociedade.

Além disso, esta tese complementa os estudos sobre o Bem-estar subjetivo (BES) e do domínio do Bem-estar material (BEM) já realizados nacionalmente e internacionalmente, tendo

em vista que conseguiu abranger construtos relevantes que haviam sido estudados apenas separadamente e em outros contextos. Como por exemplo, estudos recentes sobre o **Bem-estar subjetivo (BES)** vinculados às **variáveis sociodemográficas** (SELIGMAN, 2011; DIENER, 2013; NGAMABA; PANAGIOTI; ARMITAGE, 2018), aos **Traços de personalidade** (JOSHANLOO; AFSHARI, 2011; MALKOÇ, 2011; QING-GUO et al., 2011; STROBEL; TUMASJAN; SPORRLE, 2011; COBB-CLARK; SCHURER, 2012; DONNELLY; LYER; HOWELL, 2012; HA; KIM, 2012; PÁEZ; SEGUEL; SÁNCHEZ, 2012; FURLER GOMEZ; GROB, 2014; ZHAI et al., 2013; HUTZ; ZANON; BARDAGI, 2014; SULDO; MINCH; HEARON, 2014; CHENG; WEISS; SIEGEL, 2015; GREVENSTEIN; BLUEMKE, 2015; SOTO, 2015; WEBER; HUEBNER, 2015; MAYUNGBO, 2016; SCHULTZ; SCHULTZ, 2016; ALI, 2018; MELÉNDEZ; SATORRES; DELHOM, 2020), à **Gratidão** (BARTLETT et al., 2012; TSANG et al., 2014; ARMENTA; FRITZ; LYUBOMIRSKY, 2017; GOUVEIA et al., 2019; MACFARLANE, 2020); ao **Otimismo** (SEGERSTROM; EVANS; ELSENLOHR-MOUL, 2011; GALLO, 2012; ALARCON; BOWLING; KHAZON, 2013; CARVER; SCHEIER, 2014; COELHO et al., 2018; JONASON et al., 2018); à **Resiliência** (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011; CHMITORZ et al., 2018); à **Autoeficácia** (STROBEL; TUMASJAN; SPORRLE, 2011; SHEPPERD et al., 2015); à **Ansiedade-estado** (GALINHA; PAIS-RIBEIRO, 2011; ZHANG et al., 2020); ao **Materialismo** (HUDDERS; PANDELAERE, 2012) e ainda a **satisfação no domínio do Bem-estar Material** (DIENER; NG, 2010; MALONE et al., 2010; GRABLE et al., 2013; HOWELL et al., 2013; CRACOLICI et al., 2014; NG; DIENER, 2014; ZYPHUR et al., 2015; SMITS; STEENDIJK, 2015; LEWIN; STIER, 2017; POPOVA; PISHNIAK, 2017; NETEMEYER et al., 2017; TAY et al., 2017; SIRGY, 2018). Neste trabalho, elaborou-se um único modelo com a junção de todos esses construtos em destaque, com a finalidade de avaliar em conjunto a influência de cada um deles nos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e no componente cognitivo (satisfação com a vida) do BES.

Diante desse modelo, os resultados apresentados e discutidos nesta tese favorecem o contexto geral sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos e bem-estar material dos consumidores, na medida em que tentou explicar, por meio da técnica de Modelagem por Equações Estruturais, os fatores que antecedem e influenciam direta ou indiretamente na satisfação com a vida das pessoas. As conclusões do estudo foram significativas e, do ponto de vista teórico, pode constituir como referência e auxiliar nas próximas pesquisas que abordem a temática do marketing e sociedade com o BES e o BEM.

Em complemento, os estudos de marketing e sociedade na área do comportamento das pessoas e do consumidor desenvolvem uma **perspectiva prática** que deve estar alinhada ao conhecimento acadêmico gerado pelas pesquisas. A seguir, estão descritos como os potenciais ‘clientes’ poderão se beneficiar dos resultados desenvolvidos nesta tese.

7.2.1 Nível individual

No nível individual, as evidências científicas deste estudo podem incentivar diretamente as pessoas a mudarem suas atitudes e comportamento, como focar nos aspectos positivos do dia a dia, e não nos negativos. Como vimos, muitos fatores influenciam direta e indiretamente nos componentes do BES. Alguns deles são de ordem intrínseca e outros são baseados na vivência das pessoas, isto é, são extrínsecas a elas. Sendo assim, o conhecimento gerado por este estudo tem a capacidade de informar e suscitar no leitor reflexões em como cada um pode melhorar seus níveis de BES a partir da influência desses fatores condicionantes.

Além disso, as recomendações no nível individual visam incentivar ações como campanhas de saúde pública, eventos e festivais, campanhas de marketing, ferramentas de alfabetização, conselhos sobre estilos de vida saudáveis e todas as outras possíveis formas de educação. Então, entendendo que é o indivíduo que tem a maior capacidade de transformar sua própria vida, vários métodos de provisão de informações e transferência de conhecimento devem ser implantados para garantir que um conjunto de ações que melhorem o bem-estar pessoal de um indivíduo sejam disponibilizados à população em geral de forma clara, envolvente e motivadora.

Ademais, é importante ressaltar que como a maior parte da literatura aponta para a prevalência de condições internas sobre externas na conquista do bem-estar, um número substancial de políticas deve ser selecionado com base nessa premissa. O tópico seguinte destaca algumas contribuições deste trabalho do ponto de vista organizacional.

7.2.2 Nível organizacional

Dentro de uma organização, é possível tomar decisões que afetam todos os funcionários ou todas as pessoas que interagem com a organização (clientes externos, fornecedores etc.). Portanto, as organizações podem ser incentivadas a examinar seus processos e procurar maneiras de aumentar as oportunidades de promover o bem-estar a partir da forma que eles lidam com funcionários e clientes, além da integração de sistemas, processos e atividades

existentes para influenciar as formas de trabalho. Isso pode incluir a introdução de trabalho flexível ou atividades que gerem emoções positivas ao longo do trabalho rotineiro, por exemplo.

De acordo com alguns estudos, os funcionários que têm razões mais intrínsecas para ter um emprego relatam níveis mais altos de satisfação do que os funcionários que têm motivos mais extrínsecos, como querer ganhar mais dinheiro. Estes que buscam o trabalho visando apenas o ganho financeiro geralmente são materialistas e apresentam baixos níveis de satisfação com a vida e afeto positivo e níveis elevados de afetos negativos (DUNN; GILBERT; WILSON, 2011; HALL; LAS HERAS, 2012). Sendo assim, a empresa pode identificar os tipos de colaboradores que possui e traçar ações que visem ao aumento de emoções positivas para que se gere a satisfação no trabalho e, consequentemente, a satisfação com a vida geral.

Além disso, profissionais (e.g., educadores, terapeutas etc.) que visam melhorar o bem-estar de seus clientes podem ser aconselhados a focar mais na autoeficácia, em função da forte influência na interação entre os traços de personalidade e os componentes do bem-estar subjetivo.

Gestores que promovem a satisfação do consumidor podem mudar o foco para a ‘satisfação do indivíduo’ e gerar maior benefício para o cliente, por compreender como os fatores intrínsecos (de personalidade e/ou disposicionais) influenciam no estilo de vida e comportamento de consumo de determinado cliente.

Por fim, enfatizar a importância de adquirir bens materiais está relacionada a níveis mais altos de afetos negativos e de ansiedade (estado), e consequentemente, níveis menores de satisfação com a vida. Assim, empresas podem sugerir aos consumidores a compra de experiências em vez de bens materiais, uma vez que a experiência está ligada a maiores níveis de satisfação com a vida (DUNN; GILBERT; WILSON, 2011).

Esses são apenas alguns exemplos do que as pesquisas sobre bem-estar subjetivo, assim como os resultados obtidos neste trabalho, podem trazer para a prática organizacional. O foco do marketing atual deve ser no indivíduo, não apenas na satisfação de um ‘grupo geral’, leia-se comportamento do consumidor.

No próximo tópico serão destacadas algumas contribuições deste trabalho no nível comunitário (local e nacional).

7.2.3 Nível comunitário – governo local e nacional

Em nível comunitário, podem ser desenvolvidas ações e serviços que visem promover o bem-estar dos cidadãos, com foco em grupos específicos de pessoas (por exemplo, um grupo

local de mães e bebês, ou de obesos, ou de idosos) ou em organizações locais que ofereçam serviços que promovam a saúde física e mental das pessoas. De maneira geral, o objetivo é suscitar políticas que motivem ou facilitem a ação sobre o bem-estar dentro de grupos/comunidades, ao integrar os objetivos mais amplos e fornecer iniciativas com um impacto e objetivo local.

No nível nacional, as decisões estratégicas sobre questões econômicas, sociais e políticas ambientais influencia o contexto em que as pessoas têm sobre suas vidas diárias. Considera-se possível, portanto, promulgar políticas que afetam toda a população (ou grupos significativos dentro dela) com a intenção explícita em promover o bem-estar, talvez restringindo ou obrigando certos tipos de atividades ou incentivando e/ou levantando barreiras a certas decisões e comportamentos (e.g., casamento, divórcio etc.). Muitas políticas em saúde mental (passando da ênfase no tratamento para a perspectiva de promoção e prevenção da saúde) se enquadram nessa categoria.

Por fim, o tópico a seguir destaca algumas ações práticas e educativas que podem ser realizadas com base nos resultados encontrados neste e nos demais estudos robustos sobre bem-estar subjetivo.

7.2.4 Ações práticas e educativas para melhorar os níveis de BEM e BES

Uma das descobertas desta tese é que o bem-estar financeiro está diretamente ligado à satisfação com a vida das pessoas. Levando em consideração que a satisfação no domínio do bem-estar material está diretamente ligada à satisfação com a vida das pessoas, é importante destacarmos algumas características do nosso país que corroboram para níveis baixos de qualidade de vida e de BES.

Como é sabido, o Brasil é um país que possui elevada carga tributária e uma moeda desvalorizada. Além disso, boa parte dos consumidores brasileiros possui uma renda mensal incipiente para ter uma boa qualidade de vida. Esses fatores contribuem de forma negativa para que os brasileiros vivam às margens da inadimplência com seus gastos, por isso o número de endividados no país é enorme. Com a pandemia do Covid-19 o resultado não poderia ser pior.

Segundo uma pesquisa realizada em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil atingiu uma taxa de 14,4 milhões de cidadãos desempregados. São 2 milhões de desempregados a mais que em maio de 2020 (STIVANIM, 2021). Somado a isso, o total de brasileiros endividados ficou em 74% da população em setembro deste ano de acordo

com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Com mais desemprego, a renda familiar diminui e os níveis de endividamento continuam a aumentar. Diante desse contexto, isso pode refletir em um aumento significativo no estresse financeiro das pessoas e, como vimos nesta tese, esse estresse pode impactar diretamente na satisfação com a vida delas.

Assim, é de se acreditar que os níveis de bem-estar financeiro dos brasileiros, especialmente os mais pobres, são baixos. Como consequência, essas pessoas podem apresentar menores níveis de satisfação com a vida. Dentro dessa lógica, a partir dos resultados aqui encontrados, se faz necessário o desenvolvimento de programas de reestruturação da dívida, além de projetos que auxiliem na educação financeira das pessoas, especialmente os jovens e famílias de baixa renda.

Além disto, outras implicações práticas podem ser geradas por este estudo, na medida em que os órgãos governamentais, em especial, os de defesa do consumidor e as instituições financeiras de crédito, possam desenvolver políticas públicas e de obtenção de crédito que auxiliem os consumidores a terem uma gestão financeira saudável, por meio de ações de combate ao exagero de dívidas, tanto por meio legal quanto por meio educacional.

Outrossim, programas de educação financeira podem fornecer informações benéficas para os consumidores, abrangendo o uso adequado do dinheiro e práticas que melhorem a forma do consumo. Ainda como recomendação, pode-se citar a promoção de cursos, seminários e palestras nas universidades, para que haja uma discussão ampla sobre finanças pessoais em que os alunos aprendam desde cedo como controlar os seus gastos e seu comportamento de compra. Todas essas ações práticas servem para potencializar o bem-estar financeiro dos indivíduos com o objetivo de promover maiores níveis de qualidade de vida e satisfação com a vida.

Outra descoberta deste estudo destaca que indivíduos mais autoeficazes tendem a experimentar mais afetos positivos e apresentar uma maior satisfação com a vida. Nesse contexto, recomenda-se que sejam realizados cursos, palestras e eventos sobre a importância do planejamento pessoal para que as pessoas se conscientizem e possam se tornar mais eficazes em suas atividades do cotidiano. O objetivo é informar e educar a população dando destaque que uma melhora nesse aspecto pode contribuir no aumento das emoções positivas vivenciadas e na satisfação com a vida em geral delas.

Além disso, os resultados sugerem que pessoas mais otimistas, resilientes e que exercem a gratidão tendem a apresentar maiores níveis de satisfação com vida. Desse modo, é interessante educar a população sobre a importância de se manterem positivas, confiantes e

resilientes diante dos acontecimentos vividos ao longo da vida. De acordo com a psicologia, os traços disposicionais como otimismo e resiliência podem ser adquiridos/melhorados, isto é, podem ser educados e treinados pelas pessoas. Com isso, indica-se que sejam traçadas ações educativas que visem estimular as pessoas a trabalharem com foco na melhoria desses traços psicológicos, pois esses fatores poderão contribuir no experimento de emoções positivas e, consequentemente, no aumento no BES delas.

Por fim, indica-se que sejam realizadas ações educativas como reportagens, cursos, palestras e eventos destinados a conscientizar pessoas com perfis materialistas e consumistas a tentarem melhorar esse traço negativo, haja vista que os resultados deste estudo sugerem uma provável relação direta entre o materialismo com a ansiedade(estado), com o estresse na gestão financeira atual e com o experimento de emoções negativas. Como consequência, todos esses aspectos acabam influenciando de forma negativa nos níveis de BES das pessoas.

Ademais, acredita-se que a partir de ações educativas e práticas, as pessoas possam ter ciência e motivação para melhorar substancialmente os traços negativos e positivos que ‘possuem’, com vistas à experimentarem mais afetos positivos e, por conseguinte, maiores níveis de satisfação com a vida.

Nestes termos, a análise aqui desenvolvida contribui, significativamente, na indicação de pontos essenciais da relação entre as pessoas e a sociedade, assim como entre o bem-estar individual e coletivo.

O tópico seguinte aborda sobre as principais limitações deste trabalho, assim como traz recomendações para futuras pesquisas.

7.3 LIMITAÇÕES E SUGESTÕES DE PESQUISA

Como visto no tópico anterior, a abordagem desta pesquisa contribui para direcionamentos teóricos e práticos. Porém, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, o referencial teórico ilustrado e as análises desenvolvidas acerca a partir da abordagem integrativa da satisfação com a vida, faz-se necessário o levantamento de algumas limitações que fizeram parte deste estudo e que são comuns em trabalhos acadêmicos, além de sugestões para novos estudos.

Nesse sentido, uma das limitações desta pesquisa trata da seleção dos construtos pertencentes ao modelo teórico proposto. Apesar da proposta desta tese ter elencado vários construtos (de ordem intrínseca e extrínseca aos indivíduos) para averiguar as relações de antecedência e influência nos componentes afetivos e cognitivo do BES, é importante destacar

que nem todos os antecedentes segundo a literatura disponível foram utilizados e testados neste trabalho. Com isso, é interessante que surjam novas pesquisas - especialmente no contexto brasileiro - que relacionem outros construtos com o BES com o objetivo de compreender, ainda mais, esse fenômeno e prováveis novas relações.

Outra limitação presente foi a forma como os sujeitos da pesquisa foram selecionados. Pela natureza da pesquisa, qualquer pessoa (maior que 18 anos) poderia responder o instrumento de coleta de dados. Então, pela característica da amostragem ter sido não probabilística e por conveniência, já pôde haver um comprometimento diante dos resultados obtidos. Nesse contexto, sugere-se que novos estudos utilizem uma amostra mais precisa, especialmente em aspectos qualitativos, com a finalidade de ampliar o contexto da pesquisa e tornar os resultados mais consistentes e com maior poder de generalização. Por exemplo, estudos específicos com pessoas de baixa renda, apenas com mulheres, ou com jovens, dentre outros. Do mesmo modo, sugerem-se estudos a partir de uma coleta diferenciada, isto é, com o objetivo de realizar comparações entre as respostas dos entrevistados, do ponto de vista presencial e eletrônico.

Interessa lembrar que, o questionário de pesquisa foi disponibilizado na internet por meio do *google docs*, e isto é outra limitação, pois a maneira como os dados são coletados podem incidir na veracidade das respostas dos respondentes. Ainda, como o modelo teórico proposto possui muitos construtos (dez), o instrumento de coleta de dados ficou extenso, o que pode ter corrompido a atenção e comprometimento dos entrevistados ao responder a pesquisa completa. Assim, sugere-se que novos estudos sejam aplicados englobando os construtos aqui adotados, porém com um instrumento de pesquisa mais curto ou enxuto, ou até mesmo que sejam realizadas pesquisas qualitativas utilizando entrevistas estruturadas e/ou grupos focais para que os temas sejam debatidos em maior profundidade.

Além disso, é natural que as hipóteses rejeitadas nesta pesquisa e que foram aceitas em estudos anteriores, acabem por reforçar a necessidade de verificações mais específicas que expliquem como os níveis de BES podem ser influenciados. Essas discordâncias podem ter sido desencadeadas devido às características específicas dos brasileiros, na medida em que apresentou comportamentos diferentes dos estudos internacionais. Assim, se faz necessário novamente, estudos que ampliem o escopo (mais ou novos construtos) e/ou selecionem os sujeitos da pesquisa (ampliar e especificar para o âmbito local, regional e nacional ou trabalhar com grupos específicos).

Ademais, é interessante que novas pesquisas brasileiras trabalhem com a criação e validação de escalas com construtos que são relacionados com a temática do Bem-estar

subjetivo (BES) e do Bem-estar material (BEM), porém que não possuem um instrumento de medição adequado para a realidade do Brasil, como por exemplo, uma escala de educação financeira. Complementarmente, indicam-se estudos de base qualitativa que visem a aprofundar a realidade do BES e BEM no contexto brasileiro.

Por fim, propõem-se estudos que aprofundem as análises estatísticas com o intuito de que sejam comprovados os fatores que influenciam na satisfação do domínio do bem-estar material e nos níveis de bem-estar subjetivo das pessoas. O objetivo com todos esses estudos é que o fenômeno do BES possa ser mais bem compreendido, para que assim, sejam geradas ações práticas que visem à melhoria da qualidade de vida do indivíduo e da sociedade. Essa é uma abordagem relativamente nova do marketing, porém importantíssima por se preocupar primeiramente com o indivíduo, antes mesmo de vê-lo como um consumidor.

REFERÊNCIAS

- AGHAHABAEI, N.; BLACHINO, A. Well-being and the Dark Triad. **Personality and Individual Differences**, v.86, 365-368, 2015.
- AHUVIA, A. C. Individualism/collectivism and cultures of happiness: a theoretical conjecture on the relationship between consumption, culture and subjective well-being at the national level. **Journal of Happiness Studies**, v.3, 23–36, 2001.
- ALARCON, G. M., BOWLING, N. A., KHAZON, S. Great expectations: A meta-analytic examination of optimism and hope. **Personality and Individual Differences**, v.54(7), 821–827, 2013.
- ALBUQUERQUE, A. S., TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.20(2), 153-164, 2004.
- ANDERSON, C.; GALINSKY, A. D. Power, optimism and risk-taking. **European Journal of Social Psychology**, v.36, 511-536, 2006.
- ANDERSON, D. R; SWEENEY, D. J.; WILLIAMS, T. A. **Estatística aplicada à Administração e Economia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.
- ANDRADE, J. M. **Evidências de validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil**. Brasília: UNB, 2008.
- ALI, I. Personality traits, individual innovativeness and satisfaction with life. **Journal of Innovation & Knowledge**, 2018.
- AQUINO, V.; MONTEIRO, N. Brasil confirma primeiro caso da doença. **Agência Saúde**. 26 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso em 30 de julho de 2020.
- ANDREWS, F. M., WITHEY, S. B. **Social Indicators of Well-being**: America's perception of life quality. New York: Plenum Press, 1976.
- ARMENTA, C. N.; FRITZ, M. M.; LYUBOMIRSKY, S. Functions of Positive Emotions: Gratitude as a Motivator of Self-Improvement and Positive Change. **Emotion Review**, v.9(3), 2017.
- BAGOZZI, R. P.; YI, Y. On the evaluation of structural equation models. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v.16, n.1, p. 74-94, 1988.
- BAGOZZI, R. P., PHILLIPS, L. W. Representing and Testing Organizational Theories: A holistic construal. **Administrative Science Quarterly**, 27, p. 459-489, 1982.
- BARREIRA, D. D., NAKAMURA, A. P. Resiliência e a autoeficácia percebida: Articulação entre conceitos. **Aletheia**, v.23, 75-80, 2006.

BARTLETT, M. Y., CONDON, P., CRUZ, J., BAUMANN, J., DESTENO, D. Gratitude: Prompting behaviors that build relationships. **Cognition & Emotion**, v.26, 2–13, 2012.

BARTLETT, M. Y., DESTENO, D. Gratitude and prosocial behavior: Helping when it costs you. **Psychological Science**, v.17, 319–325, 2006.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

BECCHETTI, L.; CORRADO, G.; PELLIGRA, V.; ROSSETTI, F. Satisfaction and preferences in a legality social dilemma: Does corporate social responsibility impact consumers' behaviour? **Journal of Policy Modeling**, v.42(2), 483-502, 2020.

BENET-MARTÍNEZ, V.; JOHN, O. P. Los Cinco Grandes Across Cultures and Ethnic Groups: Multitrait Multimethod Analyses of the Big Five in Spanish and English. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.75(3), 729-750, 1998.

BELK, R. W. Materialism: trait aspects of living in the material world. **Journal of Consumer Research**, v.12, 265–280, 1985.

BERGLER, E. Money and emotional conflict. Garden City: Doubleday, 1951.

BERRY, R., WILLIAMS, F. Assessing the relationship between quality of life and marital and income satisfaction: a path analytic approach. **Journal of Marriage and Family**, v.49, 107–116, 1987.

BLANCHFLOWER, D. G., OSWALD, A. Well-being over time in Britain and the USA. **NBER Working Paper** 7487, 2000.

BOHNKE, P. Does society matter? Life satisfaction in the enlarged Europe. **Social Indicators Research**, v.87, 189–210, 2008.

BOGG, T., ROBERTS, B. W. Conscientiousness and healthrelated behaviors: A meta-analysis of the leading behavioral contributors to morality. **Psychological Bulletin**, v.130, 887–919, 2004.

BORKENAU, P. OSTENDORF, F. **NEO-Fünf-Faktoren-Inventar (NEO-FFI) nach Costa und McCrae**. Gottingen: Hogrefe, 1993.

BORTNER, R. W., HULTSCH, D. F. A multivariate analysis of correlates of life satisfaction in adulthood. **Journal of Gerontology**, v.25, 41–47, 1970.

BRADBURN, N. M. **The Structure of Psychological Well-Being**. Chicago: Aldine, 1969.

BRANDÃO, J., MAHFOUD, M., GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. The construction of the concept of resilience in psychology: discussing the origins of resilience. **Paidéia**, v.21(49), 263-271, 2011.

- BRIEF, A. P; BUTCHER, A. H., GEORGE, J. M., LINK, K. E. Integrating Bottom-Up and Top-Down Theories of Subjective Well-Being: The Case of Health. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.64(4), 646-653, 1993.
- BRISLIN, R. W. Back-translation for cross-cultural research. **Journal of Cross-cultural Psychology**, v.1(3), 185-216, 1970.
- BROWN, T. A. **Confirmatory factor analysis for Applied research**. New York: The Guilford Press, 2006.
- BUKOV, A., MASS, I., LAMPERT, T. Social participation in very old age: Cross-sectional and longitudinal findings from BASE. **The Journals of Gerontology: B, Psychological Sciences and Social Sciences**, v.57B(6), 510-517, 2002.
- BURCHARDT, T. Are one man's rags another man's riches? Identifying adaptive expectations using panel data. **Social Indicators Research**, v.74, 57–102, 2005.
- BURROUGHS, J. F.; RINDFLEISCH. A. Materialism and well-being a conflicting values perspective. **Journal of Consumer Research**. v.29(3), 348-370, 2002.
- BUSS, D. M. An evolutionary formulation of person–situation interactions. **Journal of Research in Personality**, v.43(2), 241–242, 2009.
- CAMPBELL, A. Subjective measures of well-being. **American Psychologist**, v.31, 117-124, 1976.
- CAMPBELL, A., CONVERSE, P. E., RODGERS, W. L. The quality of American life: perceptions, evaluations, and satisfactions. **New York: Russell Sage Foundation**, 1976.
- CARUZZO, N. M.; ABIKO, R. H.; SILVA, J. C.; VIEIRA, J. L. L.; NAZARIO, P. F. Relação entre o nível de autoeficácia e o desempenho de atletas de vôlei de praia. **Revista Arquivos em Movimento - UFRJ**. Rio de Janeiro, v.9(2), 08-18, 2013.
- CARVER, C. S., SCHEIER, M. F. Dispositional optimism. **Trends in cognitive sciences**, v.18(6), 293-299, 2014.
- CFSI. Center for Financial Services Innovation. U.S. **Financial Diaries 2015**. Disponível em: <<http://www.usfinancialdiaries.org/>>. Acesso em: 20 de junho de 2020.
- CHA, E.; KIM, K. H.; ERLÉN, J. A. Translation of scales in cross-cultural research: issues and techniques. **Journal of Advanced Nursing**, v.58(4), 386-395, 2007.
- CHAN, A., OFSTEDAL, M. B., HERMALIN, A. Changes in subjective and objective measures of economic well-being and their interrelationship among the elderly in Singapore and Taiwan. **Social Indicators Research**, v.57, 263–300, 2002.
- CHAMBERLAIN, K. On the structure of subjective well-being. **Social Indicators Research**, v.20, 581–604, 1988.

CHENG, C. E., WEISS, J. W., SIEGEL, J. M. Personality traits and health behaviors as predictors of subjective wellbeing among a multiethnic sample of university-attending emerging young adults. **International Journal of Wellbeing**, v.5(3), 21-43, 2015.

CHMITORZ, A. KUNZLER, I. HELMREICH, O. TÜSCHER, R. KALISCH, T. KUBIAK, M. WESSA, K. LIEB. Intervention studies to foster resilience – A systematic review and proposal for a resilience framework in future intervention studies. **Clinical Psychology Review**, v.59, 78–100, 2018.

COBB-CLARK, D. A., SCHURER, S. The stability of big-five personality traits. **Economics Letters**. v.115 (1), 11-15, 2012.

COELHO, G. L. H., CAVALCANTI, T. M., RESENDE, A. T., GOUVEIA, V. V. Brief Resilience Scale: Testing its factorial structure and invariance in Brazil. **Universitas Psychologica**, v.15(2), 397-408, 2016.

COELHO, G. L., VILAR, R., HANEL, P. H., MONTEIRO, R. P., RIBEIRO, M. G., GOUVEIA, V. V. Optimism scale: Evidence of psychometric validity in two countries and correlations with personality. **Personality and Individual Differences**, v.134, 245-251, 2018.

COHEN, J. B., ANDRADE, E. B. Affective intuition and task-contingent affect regulation. **Journal of Consumer Research**, v.31(2), 358–367, 2004.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COOPER, R. N.; LAYARD, R. Happiness: lessons from a new science. **Foreign Affairs**, v.84(6), 139, 2005.

COSTA, F.J. **Mensuração e desenvolvimento de escalas**: aplicações em administração. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

COSTA, P. T., McCRAE, R. R. Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: Happy and unhappy people. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.38, 668–678, 1980.

COSTA, P. T., McCRAE, R. R. Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five Factor Inventory (NEO-FFI) professional manual. Odessa, Florida: **Psychological Assessment Resources**, 1992.

COSTA, P. T., McCRAE, R. R. Brief Versions of the NEO-PI-3. **Journal of Individual Differences**, v.28(3):116–128, 2007.

CRACOLICI, M. F., GIAMBONA, F., CUFFARO, M. Family structure and subjective economic well-being. **Social Indicators Research**, v.118, 433–456, 2014.

CHRISTOPHER, A. N., SALIBA, L., DEADMARSH, E. J. Materialism and well-being: The mediating effect of locus of control. **Personality and Individual Differences**, v.46, 682–686, 2009.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Finding flow**: The Psychology of engagement with everyday life. New York: Basic Books, 1998.

CUMMINS, R. A. The domains of life satisfaction: An attempt to order chaos. **Social Indicators Research**, v.38, 303–332, 1996.

CUMMINS, R. A., McCABE, M. P., ROMEO, Y., GULLONE, E. The comprehensive quality of life scale: Instrument development and psychometric evaluation on tertiary staff and students. **Educational and Psychological Measurement**, v.54, 372–382, 1984.

CZAJA, S. J. Age differences in life satisfaction as a function of discrepancy between real and ideal self-concepts. **Experimental Aging Research**, v.1, 81–89, 1975.

DAVID, J. P.; GREEN, P. J., MARTIN, R. SULS, J. Differential Roles of Neuroticism, Extraversion, and Event Desirability for Mood in Daily Life: An Integrative Model of Top-Down and Bottom-Up Influences. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.73, No. I, 149-159, 1997.

DAWSON, S., BAMOSSY, G. If we are what we have, what are we when we don't have? An exploratory study of materialism among expatriate Americans. **Journal of Social Behavior and Personality**, v.6, 363– 384, 1991.

DENEVE, K. M., COOPER, H. The happy personality: A meta analysis of 137 personality traits and subjective wellbeing. **Psychological Bulletin**, v.124, 197–229, 1998.

DEVIN, H. F.; GHAHRAMANLOU, F.; FOOLADIAN, A.; ZOHOORIAN, Z. The Relationship Between Locus of Control (Internal – External) and Happiness in Pre-elementary Teachers in Iran. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 46, 4169-4173, 2012.

DÍAZ, R. P.; ARROYO, J. C. Material values: A study of some antecedents and consequences. **Contaduría y Administración**, v.62, 1214–1227, 2017.

DIENER, E. Subjective Well-Being. **Psychological Bulletin**, v. 95(3), 542-575, 1984.

DIENER, E. Assessing subjective well-being: progress and opportunities. **Social Indicators Research**, v.31, 103–157, 1994.

DIENER, E. Introduction to the special section on the structure of emotion. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.76, 803-804, 1999.

DIENER, E. Subjective Well-Being: The Science of Happiness and a Proposal for a National Index. **American Psychologist**, v.55(1), 34-43, 2000.

DIENER, E. Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. **Journal of Happiness Studies**, v.7(4), 397–404, 2006.

DIENER, E. Subjective Well-Being. In: Diener E. (eds) *The Science of Well-Being. Social Indicators Research Series*. Springer, Dordrecht, v.37, 2009.

DIENER, E. The Remarkable Changes in the Science of Subjective Well-Being. **Perspectives on Psychological Science**, v.8(6), 663–666, 2013.

DIENER, E., BISWAS-DIENER, R. Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. **Social Indicators Research**, v.57(2), 119-169, 2002.

DIENER, E.; CHAN, M.Y. Happy People Live Longer: Subjective Well-Being Contributes to Health and Longevity. **Applied Psychology: Health and Well-Being**, v.3, 1-43, 2011.

DIENER, E., EMMONS, R. A. The independence of positive and negative affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.47, 1105–1117, 1984.

DIENER, E., EMMONS, R. A., LARSEN, R. J., GRIFFIN, S. The satisfaction with life scale. **Journal of Personality Assessment**, v.49, 71–75, 1985.

DIENER, E., HEINTZELMAN, S. J., KUSHLEY, K., TAY, L., WIRTZ, D., LUTES, L. D., OISHI, S. Findings all psychologists should know from the new science on subjective well-being. **Canadian Psychology**, v.58, 87-104, 2017.

DIENER, E., HORWITZ, F., EMMONS, R. A. Happiness of the very wealthy. **Social Indicators Research**, v.16, 263–274, 1985.

DIENER, E., LUCAS, R. E. Personality and subjective well being. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwartz (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology*. New York: **Russell Sage**, v.213-229, 1999.

DIENER, E., NG, W., HARTER, J., ARORA, R. Wealth and happiness across the world: material prosperity predicts life evaluation, while psychosocial prosperity predicts positive feeling. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.97, 143–156, 2010.

DIENER, E., OISHI, S. Money and happiness: income and subjective well-being across nations. In E. Diener & E. M. Suh (Eds.), *Subjective well-being across cultures* (p. 185–218). **Cambridge: MIT Press**, 2000.

DIENER, E., OISHI, S., LUCAS, R. E. Personality, Culture, and Subjective Well-Being: Emotional and Cognitive Evaluations of Life. **Annual Review of Psychology**, v.54, 403-425, 2003.

DIENER, E., OISHI, S., LUCAS, R. E. Subjective Well-Being: The Science of Happiness and Life Satisfaction. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), **The Oxford Handbook of Positive Psychology** (2 ed.), 2012.

DIENER, E., SANDVIK, E., SEIDLITZ, L., DIENER, M. The relationship between income and subjective well-being: relative or absolute? **Social Indicators Research**, v.28, 195–223, 1993.

DIENER, E., SMITH, H., FUJITA, F. The personality structure of affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.69, 130–141, 1995.

DIENER, E., SUH, E. M., LUCAS, R. E., SMITH, H. L. Subjective well-being: Three decades of progress. **Psychological Bulletin**, v.125, 276-302, 1999.

DIENER, E., WIRTZ, D., TOV, W., KIM-PRIETO, C., CHOI, D. W., OISHI, S., & BISWAS-DIENER, R. New well-being measures: Short scales to assess flourishing and positive and negative feelings. **Social Indicators Research**, 97, 2010.

DIXSON, D. D., KELTNER, D., WORRELL, F. C., MELLO, Z. The magic of hope: Hope mediates the relationship between socioeconomic status and academic achievement. **The Journal of Educational Research**, v.111(4), 507–515, 2017.

DOLAN, P., PEASGOOD, T., & WHITE, M. P. Do we really know what makes us happy? A review of the economic literature on factors associated with subjective well-being. **Journal of Economic Psychology**, v.29, 94–122, 2008.

DONNELLY, G., LYER, R., HOWELL, R. T. The Big Five personality traits, material values, and financial well-being of self-described money managers. **Journal of Economic Psychology**, v.33, 1129-1142, 2012.

DUH, H. I. Antecedents and Consequences of Materialism: An Integrated Theoretical Framework. **Journal of Economics and Behavioral Studies**, v.7(1), 20-35, 2015.

DUNCAN, O. Does money buy satisfaction? **Social Indicators Research**, v.2, 267–274, 1975.

DUNN, E. W., GILBERT, D. T., WILSON, T. D. If money doesn't make you happy, then you probably aren't spending it right. **Journal of Consumer Psychology**, v.21, 115–125, 2011.

EASTERLIN, R. Does economic growth improve the human lot? some empirical evidence. In P. A. David & M. W. Reder (Eds.), *Nations and households in economic growth: essays in honor of Moses Abramovitz*. **New York: Academic Press**, 1974.

EISEN, S. Herbert Spencer and the Spectre of Comte. **Journal of British Studies**, v.7(1), 48-67, 1967.

EKICI, T., KOYDEMIR, S. In come expectations and happiness: evidence from British panel data. **Applied Research in Quality of Life**, v.11, 539–552, 2016.

EMMONS, R. A., MCCULLOUGH, M. E. Counting blessings versus burdens: An experimental investigation of gratitude and subjective well-being in daily life. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.84, 377-389, 2003.

FALTER, M.; HADWICH, K. Customer service well-being: scale development and validation. **The Service Industries Journal**, v.40(1-2), 181-202, 2020.

FAO, U., FOA, E. **Societal structures of the mind**. Springfield: Charles Thomas, 1974.

FAO, U., FOA, E. Resource theory: interpersonal behaviour as exchange. In Gergen, Greenberg, & Willis (Eds.), *Social exchange: advances in theory and research*. **New York: Plenum Press**, 1980.

FEIST, G. J.; BODNER, T. E.; JACOBS, J. F., MILES, M. TAN, V. Integrating Top-Down and Bottom-Up Structural Models of Subjective Well-Being: A Longitudinal Investigation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.68(1),138-150, 1995.

FERGUNSON, E., SEMPER, H., YATES, J., FITZGERALD, E., SKATOVA, A., JAMES, D. The ‘dark side’ and ‘bright side’ of personality: When too much conscientiousness and too little anxiety are detrimental with respect to the acquisition of medical knowledge and skill. **PLoS ONE**, v.9, 1–11, 2014.

FERNANDES, D., LYNCH, J. G., NETEMEYER, R. G. Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. **Management Science**, v.60, 1861–1883, 2014.

FERRER-I-CARBONELL, A. Income and well-being: an empirical analysis of the comparison income effect. **Journal of Public Economics**, v.89, 997–1019, 2005.

FIORAVANTI-BASTOS, A. N. M.; CHENIAUX, E.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Desenvolvimento e Validação da Forma Reduzida do Inventário de Ansiedade Traço-estado. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.24(3), 485-494. 2011.

FORNELL, C.; LARCKER, D. F. Evaluating structural equations models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing**, v.18, n.1, p. 39-50, 1981.

FOURNIER, S., RICHINS, M. L. Some theoretical and popular notions concerning materialism. **Journal of Social Behavior and Personality**, v.6, 403–414, 1991.

FRISCH, M. B. The quality of life inventory: A cognitive-behavioral tool for complete problem assessment, treatment planning, and outcome evaluation. **Behavior Therapist**, v.16, 42–44, 1993.

FRISCH, M. B. Quality of life therapy and assessment in health care. **Clinical Psychology: Science and Practice**, v.5, 19–40, 1998.

FRISCH, M. B. Improving mental and physical health care through quality of life therapy and assessment. In E. Diener & D. Rahtz (Eds.), **Advances in quality of life theory and research** (v. 1, p. 207–241). New York: Kluwer Academic Publishers, 2000.

FRISCH, M. B. **Quality of life therapy**: Applying a life satisfaction approach to positive psychology and cognitive therapy. New York: Wiley, 2006.

FURBY L. Possessions in humans: An exploratory study of its meaning and motivation. **Journal of Social Behavior and Personality**, v.6, 49–52, 1978.

FURLER K, GOMEZ V, GROB A. Personality perceptions and relationship satisfaction in couples. **Journal of Research in Personality**. v.50, 33–41, 2014.

- FURNHAM, A. Attributions of affluence. **Personality and Individual Differences**, v.4, 31–40, 1983.
- FURNHAM, A., LEWIS, A. The economic mind: the social psychology of economic behaviour. **Brighton: Wheatsheaf/Harvester**, 1986.
- GALINHA, I. C.; PAIS-RIBEIRO, J. L. Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): I – Abordagem teórica ao conceito de afecto. **Análise Psicológica**, 2 (XXIII): 209-218, 2005.
- GALINHA, I. C.; PAIS-RIBEIRO, J. L. Cognitive, affective and contextual predictors of subjective wellbeing. **International Journal of Wellbeing**, v.2(1), 34-53, 2011.
- GALLO, C. **5 Reasons Why Optimists Make Better Leaders**. (2012). Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/carminegallo/2012/08/08/5-reasons-why-optimists-make-better-leaders/#3b2c79294e07>>. Acesso em 10 de julho de 2020.
- GIACOMONI, C. H., HUTZ, C. S. Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças: estudos de construção e validação. **Estudos de Psicologia**, v.25(1), 23-35, 2008.
- GIBBS, P. Marketing and the notion of well-being. **Business Ethics**, v.13(1), 5-13, 2004.
- GOUVEIA, V. V., PIMENTEL, C. E., FONSÊCA, P. N., BARBOSA, L. H. G. M.,
- GOUVEIA, R. S. V., SOUZA FILHO, J. F. Altruísmo autoinformado e informado por pares: Evidências do altruísmo como traço de personalidade. **Interação em Psicologia**, v.20, 183–192, 2016.
- GOUVEIA, V. V., SANTOS, W. S., ATHAYDE, R. A. A., SOUZA, R. V. L., GUSMÃO, E. E. S. Valores, altruísmo e comportamentos de ajuda: Comparando doadores e não doadores de sangue. **PsicoPUCRS**, v.45, 209–218, 2014.
- GOUVEIA, V. V., RIBEIRO, M. G. C., AQUINO, T. A. A., LOURETO, G. D. L., NASCIMENTO, B. S., REZENDE, A. T. Gratitude Questionnaire (GQ-6): Evidence of construct validity in Brazil. **Current Psychology**, 2019.
- GOUVEIA, V. V.; RIBEIRO, M. G. C.; LOURETO, G. D. L.; NETA, O. F. S.; GOUVEIA, R. S. V.; VILAR, R.; FREIRE, S. E. A. Scale of Positive and Negative Affects (EAPN-10): Evidence of its psychometric adequacy. **Trends Psychology**, v.27(1), 189-203, 2019.
- GRABLE, J. E., CUPPLES, S., FERNATT, F., ANDERSON, N. Evaluating the link between perceived income adequacy and financial satisfaction: a resource deficit hypothesis approach. **Social Indicators Research**, v.114, 1109–1124, 2013.
- GREEN, D. P., SALOVEY, P.; TRUAX, K. M. Static, Dynamic, and Causative Bipolarity of Affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.76, 856-867, 1999.
- GREVEN, C., CHAMORRO-PREMUZIC, T., ARTECHE, A., FURNHAM, A. A hierarchical integration of dispositional determinants of general health in students: The Big

Five, trait Emotional Intelligence and Humour Styles. **Personality and Individual Differences**, v.44, 1562–1573, 2008.

GREVENSTEIN, D., BLUEMKE, M. Can the Big Five explain the criterion validity of Sense of Coherence for mental health, life satisfaction, and personal distress? **Personality and Individual Differences**, v.77, 106–111, 2015.

GUTIÉRREZ, J. L. G., JIMÉNEZ, B. M., HERNÁNDEZ, E. G., PUENTE, C. P. Personality and subjective well-being: big five correlates and demographic variables. **Personality and Individual Differences** v.38, 1561–1569, 2005.

GUTTER, M., COPUR, Z. Financial behaviors and financial well-being of college students: evidence from a national survey. **Journal of Family and Economic Issues**, v.32, 699–714, 2011.

GUTTMANN, D. Life events and decision making by older adults. **The Gerontologist**, v.18, 462–467, 1978.

HA, S. E.; KIM, S. Personality and Subjective Well-Being: Evidence from South Korea. **Social Indicators Research**, v.111(1), 341–359, 2012.

HAGERTY, M. R. Social comparisons of income in one's community: Evidence from national surveys of income and happiness. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.78(4), 764–771, 2000.

HAIR JR., J. F., BLACK, W. C., BABIN, B. J., ANDERSON, R. E., & TATHAM, R. L. **Análise Multivariada de Dados** (Multivariate Data Analysis). 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAIR, J. F., BLACK, W. C., BABIN, B. J., ANDERSON, R. E. **Multivariate data analysis** (7th ed.). Edinburgh Gate, Harlow, Essex: Pearson Education Limited, 2014.

HALL, D. T., LAS HERAS, M. Personal growth through career work. In K. S. Cameron, & G. M. Spreitzer (Eds.), *The Oxford handbook of positive organizational scholarship* (p. 507–518). New York, NY: **Oxford University Press**, 2012.

HANSEN, T., SLAGSVOLD, B., MOUM, T. Financial satisfaction in old age: a satisfaction paradox or a result of accumulated wealth? **Social Indicators Research**, v.89, 323–347, 2008.

HATCHER, L. **A step-by-step approach to using the SAS system for factor analysis and structural equation modeling**. Cary, NC: SAS Institute Inc; 1994, 558p.

HAVASI, V. Financial situation and its consequences on the quality of life in the EU countries. **Social Indicators Research**, v.113, 17–35, 2013.

HAYES, N.; JOSEPH, S. Big Five correlates of three measures of subjective well-being. **Personality and Individual Differences**, v.34(4), 723–727, 2003.

HAYO, B., SEIFERT, W. Subjective economic well-being in Eastern Europe. **Journal of Economic Psychology**, v.24, 329–348, 2003.

HEADEY, B., KELLEY, J., WEARING, A. Dimensions of mental health: Life satisfaction, positive affect, anxiety and depression. **Social Indicators Research**, v.29, 63–82, 1993.

HEADEY, B., MUFFELS, R., WOODEN, M. Money does not buy happiness: or does it? A reassessment based on the combined effects of wealth, income and consumption. **Social Indicators Research**, v.87, 65–82, 2008.

HEADEY, B., VEENHOVEN, R., WEARING, A. Top–down versus bottom–up theories of subjective well-being. **Social Indicators Research**, v.24, 81–100, 1991.

HELSON, R., SOTO, C. J. Up and down in middle age: Monotonic and nonmonotonic changes in roles, status, and personality. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.89, 194–204, 2005.

HENLY, J. R.; DANZIGER, S. K.; OFFER, S. The contribution of social support to the material well-being of low-income families. **Journal of Marriage and Family**, v.67(1), 122–140, 2005.

HERRESTAD, H., BIONG, S. Relational hopes: A study of the lived experience of hope in some patients hospitalized for intentional self-harm. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being**, v.5(1), 2010.

HIRSCHMAN, E. C. The consciousness of addiction: toward a general theory of compulsive consumption. **Journal of Consumer Research**, v.19, 155–179, 1992.

HOSCH, S. J., LOEWENSTEIN, G. F. Time-inconsistent preferences and consumer self-control. **Journal of Consumer Research**, v.17, 492–507, 1991.

HOWELL, R. T., KURAI, M., TAM, L. Money buys financial security and psychological need satisfaction: testing need theory in affluence. **Social Indicators Research**, v.110, 17–29, 2013.

HSIEH, C.M. Income and financial satisfaction among older adults in the United States. **Social Indicators Research**, v.66, 249–266, 2004.

HUDDERS, L., PANDELAERE, M. The silver lining of materialism: the impact of luxury consumption on subjective well-being. **Journal of Happiness Studies**, v.13, 411–437, 2012.

HUTZ, C. S., ZANON, C., BARDAGI, M. P. Satisfação de vida. Em Hutz, Claudio. S. (Eds.). Avaliação em Psicologia Positiva. Porto Alegre: **Artmed**. 121–146, 2014.

INGLEHART, R. Culture shift in advanced industrial society. **Princeton: Princeton University Press**, 1990.

JACKSON, J. J., THOEMMES, F., JONKMANN, K., LÜDTKE, O., TRAUTWEIN, U. Military training and personality trait development: Does the military make the man, or does the man make the military? **Psychological Science**, v.23, 270–277, 2012

- JOHN, O.P., DONAHUE, E.M., KENTLE, R. L. The "Big Five" Inventory -Versions 4a and 54. Berkeley: University of California, Berkeley, **Institute of Personality and Social Research**, 1991.
- JONASON, P. K., DUINEVELD, J. J., MIDDLETON, J. P. Pathology, pseudopathology, and the Dark Triad of personality. **Personality and Individual Differences**, v.78, 43-47, 2015.
- JONASON, P. K.; FLETCHER, S. A. Agentic and communal behavioral biases in the Dark Triad traits. **Personality and Individual Differences**, v.130, 76-82, 2018.
- JONASON, P. K., FOSTER, J. D., CSATHO, A., GOUVEIA, V. Expectancy biases underneath the Dark Triad traits: Associations with optimism, pessimism, and hopelessness. **Personality and Individual Differences**, v.134, 190-194, 2018.
- JOO, S. H., GRABLE, J. E. An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. **Journal of Family and Economic Issues**, v.25, 25–50, 2004.
- JOSHANLOO, M., AFSHARI, S. Big Five Personality Traits and Self-Esteem as Predictors of Life Satisfaction in Iranian Muslim University Students. **Journal of Happiness Studies**, v.12, 105-113, 2011.
- JUDGE, T., EREZ, A., BONO, J., THORESEN, C. Are measures of self-esteem, neuroticism, locus of control, and generalized self-efficacy indicators of a common core construct? **Journal of Personality and Social Psychology**, v.83, 693–710, 2002.
- KAHNEMAN, D.; KRUEGER, A.B.; SCHKADE, D.; SCHWARZ, N.; STONE, A.A. Would you be happier if you were richer? A foccusing illusion. **Science**, v.312 (5782), 1908-1910, 2006.
- KAMMANN, R. Objective circumstances, life satisfactions and sense of well-being: Consistencies across time and place. **New Zealand Psychologist**, v.12, 14–22, 1983.
- KAPTEYN, A., WANSBEEK, T. J. Empirical evidence on preference formation. **Journal of Economic Psychology**, v.2, 137–154, 1982.
- KAPTEYN, A., WANSBEEK, T. J., BUYZE, J. The dynamics of preference formation. **Journal of Economic Behavior and Organization**, v.1, 123–157, 1980.
- KARABATI, S.; CEMALCILAR, Z. Values, Materialism, and Well-Being: A Study with Turkish University Students. **Journal of Economic Psychology**, v.31(4), 624-633, 2010.
- KASHDAN, T. B.; BREEN, W. E. Materialism and Diminished Well–Being: Experiential Avoidance as a Mediating Mechanism. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v.26(5), 521-539, 2007.
- KASHDAN, T. B.; USWATTE, G.; JULIAN, T. Gratitude and hedonic and eudaimonic well-being in Vietnam war veterans. **Behaviour Research and Therapy**, v.44, 177–199, 2006.
- KASSER, T. Two versions of the American dream: which goals and values make for a high quality of life? **Social Indicators Research Series**, 3-12, 2000.

- KASSER, T., RYAN, R. M. The dark side of the American dream: differential correlates of financial success as a central life aspiration. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.65, 410–422, 1993.
- KESAVAYUTH, D.; ROSENMAN, R.; ZIKOS, V. Personality and Health Satisfaction. **Journal of Behavioral and Experimental Economics**, v.54, 64–73, 2015.
- KILBOURNE, W.; GRÜNHAGEN, M.; FOLEY, J. A cross-cultural examination of the relationship between materialism and individual values. **Journal of Economic Psychology**, v.26(5), 624–641, 2005.
- KIM, K. A., MUELLER, D. J. To balance or not balance: Confirmatory factor analysis of the Affect-Balance Scale. **Journal of Happiness Studies**, v.2, 289–306, 2001.
- KLINE, P. **An easy guide to factor analysis**. Londres: Routledge, 1994.
- KLINE, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling**. 3. ed. New York: The Guilford Press, 2011.
- KOZMA, A., STONES, M. J. Some research issues and findings in the study of psychological well-being in the aged. **Canadian Psychological Review**, v.19, 241–249, 1978.
- KUSHMAN, J. E.; RANNEY, C. K. An Ordered-Response Income Adequacy Model. **Journal of Consumer Affairs**, v.24(2), 1990.
- KWAK, H., ZINKHAN, G. M., CRASK, M. R. Diagnostic screener for compulsive buying: applications to the USA and South Korea. **Journal of Consumer Affairs**, v.37, 161–171, 2003.
- LA BARBERA, P. A., GURHAN, Z. The role of materialism, religiosity, and demographics in subjective well-being. **Psychology & Marketing**, v.14(1), 71–97, 1997.
- LAMBERT, N. M., FINCHAM, F. D., STILLMAN, T. F., DEAN, L. R. More gratitude, less materialism: The mediating role of life satisfaction. **The Journal of Positive Psychology**, v.4, 32–42, 2009.
- LANCE, C. E., LAUTENSCHLAGER, G. J., SLOAN, C. E., VARCA, P. E. A comparison between bottom-up, top-down, and bi-directional models of relationships between global and life facet satisfaction. **Journal of Personality**, v.57, 601–624, 1989.
- LANCE, C. E., MALLARD, A. G. C., MICHALOS, A. C. Tests of causal directions of global-life facet satisfaction relationships. **Social Indicators Research**, v.34, 69–92, 1995.
- LANE, R. E. The market experience. **Cambridge: Cambridge University Press**, 1991.
- LARSEN, J. T. Ambivalence. In R. F. Baumeister & K. D. Vohs (Eds.), **Encyclopedia of social psychology** (p. 31–35). Thousand Oaks, CA: Sage, 2007.

- LARSEN, R. J., DIENER, E. Promises and problems with the circumplex model of emotion. In M. S. Clark (Ed.), *Emotion: Review of personality and social psychology* (p. 25-59). **Newbury Park, CA: Sage**, 1992.
- LARSEN, V., SIRGY, M. J., WRIGHT, N. D. Materialism: the construct, measures, antecedents, and consequences. **Academy of Marketing Studies Journal**, v.3, 75–107, 1999.
- LAU, JT, YANG, X, TSUI, H; KIM, JH. Monitoring community responses to the SARS epidemic in Hong Kong: From day 10 to day 62. **Journal of Epidemiology and Community Health**, v.57: 864–870 2003.
- LAU, A. L. D.; CHI, I., CUMMINS, R. A., LEE, T. M. C., CHOU, Kee-L; CHUNG, L. W. M. The SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome) pandemic in Hong Kong: Effects on the subjective wellbeing of elderly and younger people. **Aging & Mental Health**, v.12(6), 746-760, 2008.
- LAWLER, E. E. I. I. Pay and organizational effectiveness: a psychological view. **New York: McGrawHill**, 1971.
- LAXER, R. M. Relation of real self-rating to mood and blame, and their interaction in depression. **Journal of Consulting Psychology**, v.28, 538–546, 1964.
- LEELAKULTHANIT, O., DAY, R., WALTERS, R. Investigating the relationship between marketing and overall satisfaction with life in a developing country. **Journal of Macromarketing**, v.11, 3–23, 1991.
- LEE, D. J., SIRGY, M. J. Determinants of involvement in the consumer/marketing life domain in relation to quality of life: a theoretical model and a research agenda. In H. L. Meadow, M. J. Sirgy, & D. R. Rahtz (Eds.), *Developments in quality-of-life studies in marketing*, vol. 5 (p. 13–18). **DeKalb: Academy of Marketing Science and the International Society for Quality-of-Life Studies**, 1995.
- LEE, D. J., SIRGY, M. J. Consumer Well-Being (CWB): Various Conceptualizations and Measures. **Handbook of Social Indicators and Quality of Life Research**, 331–354, 2011.
- LEE, D. J., SIRGY, M. J., LARSEN, V., WRIGHT, N. D. Developing a subjective measure of consumer well-being. **Journal of Macromarketing**, v.22, 158–169, 2002.
- LEWIN, A. C., STIER, H. The experience of material and emotional hardship in Israel: do some groups cope better than others? **Social Indicators Research**, v.134, 385–402, 2017.
- LI, S.; WANG, Y.; XUE, J.; ZHAO, N.; ZHU, T. The Impact of COVID-19 Epidemic Declaration on Psychological Consequences: A Study on Active Weibo Users. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 17, 2020.
- LORENZO-SEVA, U. FERRANDO, P. J. Robust Promin: un método para la rotación de factores de diagonal ponderada. *Liberabit Revista Peruana de Psicología*. v.25, n.1: enero-junio, 2019.

- LUCAS, R. E., DIENER, E., SUH, E. Discriminant validity of well-being measures. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.71, 616–628, 1996.
- LUCAS, R. E., DIENER, E. Personality and subjective well-being. The Science of Well-Being: The Collected Works of Ed Diener, **Social Indicators Research**, v.37, 75-102, 2009.
- LUFT, J. Monetary value and the perception of persons. **Journal of Social Psychology**, v.46, 245–251, 1957.
- LYUBOMIRSKY, S., KING, L., DIENER, E. The Benefits of Frequent Positive Affect: Does Happiness lead to Success? **Psychological Bulletin**, v.131, 803-855, 2005.
- LYUBOMIRSKY, S. LEPPER, H. S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v.46, 137–155, 1999.
- MACFARLANE, J. Positive psychology: gratitude and its role within mental health nursing. **British Journal of Mental Health Nursing**. 2020.
- MACKENZIE, Scott B.; PODSAKOFF, Philip M.; JARVIS, Cheryl Burke. The problem of measurement model misspecification in behavioral and organizational research and some recommended solutions. **Journal of Applied Psychology**, v.90(4), 710, 2005.
- MALKOÇ, A. Big five personality traits and coping styles predict subjective wellbeing: A study with a Turkish Sample. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v.12, 426–435, 2011.
- MALONE, K., STEWART, S. D., WILSON, J., KORSCHING, P. F. Perceptions of financial well-being among American women in diverse families. **Journal of Family and Economic Issues**, v.31, 63–81, 2010.
- MANER, J. K., GAILLIOT, M. T. Altruism and egoism: Prosocial motivations for helping depend on relationship context. **European Journal of Social Psychology**, v.37, 347-358, 2007
- MARI, A. **Globo abre dados de comportamento de brasileiros na pandemia**. 2020. Disponível em: < <https://forbes.com.br/forbes-insider/2020/08/globo-abre-dados-de-comportamento-de-brasileiros-na-pandemia/>>. Acesso em 11 de agosto de 2020.
- MAROCO, J. **Análise de equações estruturais**. Lisboa: ReportNumber, 2010.
- MARQUES, S., PAIS-RIBEIRO, J., LOPEZ, S. The role of positive psychology constructs in predicting mental health and academic achievement in children and adolescents: A two-year longitudinal study. **Journal of Happiness Studies**, v.12, 1049-1062, 2011.
- MAYUNGBO, O. A. Agreeableness, Conscientiousness and Subjective Wellbeing. **PEOPLE: International Journal of Social Sciences**, v.2(3), 68-87, 2016.
- McCRAE, R., COSTA, P. T. Adding Liebe und Arbeit: The full five-factor model and well-being. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v.17(2), 227–232, 1991.

MCCULLOUGH, M. E., EMMONS, R. A., TSANG, J. A. The grateful disposition: A conceptual and empirical topography. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.82(1), 112–127, 2002.

MCCULLOUGH, M. E., WITVLIET, C. V. O. The psychology of forgiveness. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), **Handbook of positive psychology** (p. 446–458). New York: Oxford University Press, 2002.

MCCULLOUGH, M. E., TSANG, J. A., EMMONS, R. A. (2004). Gratitude in intermediate affective terrain: Links of grateful moods to individual differences and daily emotional experience. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.86(2), 295–309, 2004.

MEADOW, H. L., SIRGY, M. J. Developing a measure that captures elderly's well-being in local marketplace transactions. **Applied Research in Quality of Life**, v.3, 63–80, 2008.

MICHALOS, A. C. Multiple discrepancies theory (MDT). **Social Indicators Research**, v.16, 347–413, 1985.

MICHALOS, A. C., THOMMASEN, H. V., READ, R., ANDERSON, N., ZUMBO, B. D. Determinants of health and the quality of life in the Bella Coola Valley. **Social Indicators Research**, v.72, 1–50, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. **Covid-19 - Painel Coronavírus**. Disponível em: < <https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 04 de outubro de 2020.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H.G. Religiousness and mental health: a review. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.28(3), 242–250, 2006.

MORGANTI, J. B., NEHRKE, M. F., & HULICKA, I. M. Resident and staff perceptions of latitude of choice in elderly institutionalized men. **Experimental Aging Research**, v.6, 367–384, 1980.

MOWEN, J. C., SPEARS, N. Understanding compulsive buying among college students. **Journal of Consumer Psychology**, v.8, 407–430, 1999.

MUELLER, A., MITCHELL, J. E., PETERSON, L. A., FABER, R. J., STEFFEN, K. J., CROSBY, R. D., et al. Depression, materialism, and excessive internet use in relation to compulsive buying. **Comprehensive Psychiatry**, v.52, 420–424, 2011.

MUNDACA, L. F., GUTIÉRREZ, M. Z. Bienestar psicológico: Adultos mayores activos a través del voluntariado. **Ciencia Y Enfermería**, XX (1): 123–130, 2014.

NAKANO, N., MACDONALD, M., DOUTHITT, R. Toward consumer well-being: consumer socialization effects of work experience. In M. J. Sirgy & A. C. Samli (Eds.), *New dimensions of marketing/quality-of-life research* (p. 151–175). **Westport: Quorum Books**, 1995.

NAKAZATO, N; SCHIMMACK, U.; OISHI, S. Effect of Changes in Living Conditions on Well-Being: A Prospective Top–Down Bottom–Up Model. **Social Indicators Research**, v.100(1), 115–135, 2011.

NATATAAJAN, R., GOFF, B. G. Manifestations of compulsiveness in the consumer-marketplace domain. **Psychology and Marketing**, v.9, 31–44, 1992.

NATIVIDADE, J. C., CARVALHO, N. M., LONDERO-SANTOS, A., CARVALHO, T. F., SANTOS, L. S., FAGUNDES, L. S. Gratidão no Contexto Brasileiro: Mensuração e Relações com Personalidade e Bem-Estar. **Avaliação Psicológica**, v.18(4), 400-410, 2019.

NETEMEYER, R. G., WARMATH, D. FERNNANDES, D., LYNCH, J. JR. How am I doing? Perceived financial well-being, its potential antecedents, and its relation to overall well-being. **Journal of Consumer Research**, 2017.

NG, W. Processes underlying links to subjective well-being: material concerns, autonomy, and personality. **Journal of Happiness Studies**, v.16, 1575–1591, 2015.

NG, W., DIENER, E. What matters to the rich and the poor? Subjective well-being, financial satisfaction, and post-materialist needs across the world. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.107, 326–338, 2014.

NGAMABA, K.H., PANAGIOTI, M. ARMITAGE, C.J. Income inequality and subjective well-being: a systematic review and meta-analysis. **Qual Life Res** v.27, 577–596, 2018.

NICKERSON, C., SCHWARZ, N., DIENER, E., KAHNEMAN, D. Zeroing in on the dark side of the American dream: a closer look at the negative consequences of the goal for financial success. **Psychological Science**, v.14, 531–536, 2003.

NICKERSON, C., SCHWARZ, N., DIENER, E. Financial aspirations, financial success, and overall life satisfaction. **Journal of Happiness Studies**, v.8, 467–515, 2007.

NORVILITIS, J. M., SZABLICKI, P. B., WILSON, S. D. Factors influencing levels of credit card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v.33, 935–947, 2003.

NUNNALLY, J. C.; BERNSTEIN, I. H. **Psychometric Theory**. New York: McGraw-Hill, 1994.

O'GUINN, T. C., FABER, R. J. Compulsive buying: a phenomenological exploration. **Journal of Consumer Research**, v.16, 147–157, 1989.

OLIVEIRA, J. B. Esperança: Natureza e avaliação - proposta de uma nova escala. **Psicologia, Educação e Cultura**, v.7(1), 83-106, 2003.

OLSON, G. I., SCHOBER, B. I. The satisfied poor. **Social Indicators Research**, v.28, 173–193, 1993.

O'NEILL, B., SORHAINDO, B., XIAO, J. J., GARMAN, E. T. Financially distressed consumers: their financial practices, financial well-being, and health. **Financial Counseling and Planning**, v.16, 73–87, 2005.

OZER, D. J., BENET-MARTÍNEZ, V. Personality and the prediction of consequential outcomes. **Annual Review of Psychology**, v.57, 401–421, 2006.

PÁEZ, D., SEGUEL, A. M., SÁNCHEZ, F. M. Incremental Validity of Alexithymia, Emotional Coping and Humor Style on Happiness and Psychological Well-Being. **Journal of Happiness Studies**, 2012.

PALENZUELA, D. L. Sphere-specific measures of perceived control: Perceived contingency, perceived competence, or what? A critical evaluation of Paulhus and Christie's approach. **Journal of research in personality**, v.21(3), 264-286, 1987.

PAVOT, W., DIENER, E. The affective and cognitive context of self-reported measures of subjective well-being. **Social Indicators Research**, v.28, 1–20, 1993.

PEDROSA, I., CELIS-ATENAS, K., SUÁREZ-ÁLVAREZ, J., GARCÍA-CUETO, E., MUÑIZ, J. Cuestionario para la evaluación del optimismo: Fiabilidad y evidencias de validez. **Terapia Psicológica**, v.33(2), 127–138, 2015.

PEIC. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor**. Disponível em: <<https://www.fecomercio.com.br/pesquisas/indice/peic>>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

PERVIN, L. A.; JOHN, O. P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. Porto Alegre: Artmed Editora, 8ª ed., 2004.

PETERSON, C. The future of optimism. **American psychologist**, v.55(1), 44, 2000.

PETERSON, C., PARK, N., SELIGMAN, E. P. Orientations to happiness and life satisfaction: The full life versus the empty life. **Journal of Happiness Studies**, v.6, 25–41, 2005.

PIETERS, R. Bidirectional dynamics of materialism and loneliness: Not just a vicious cycle. **Journal of Consumer Research**, v.615–631, 2013.

PLAGNOL, A. C., EASTERLIN, R. A. Aspirations, attainments, and satisfaction: life cycle differences between American women and men. **Journal of Happiness Studies**, v.9, 601–619, 2008.

POLETTTO, M., KOLLER, S. H. **Resiliência: Uma perspectiva conceitual e histórica**. In D. D. Dell’Aglío, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção* (p. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

POLETTTO, M., KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v.25(3), 405-416, 2008.

POMERANTZ, A. Chapter 3 - Compliment Responses: NOTES ON THE CO-OPERATION OF MULTIPLE CONSTRAINTS. **Studies in the Organization of Conversational Interaction**, v.79-112, 1978.

PONCHIO, M. C.; ARANHA, F. Materialism as a predictor variable of low income consumer behavior when entering into installment plan agreements. **Journal of Consumer Behaviour**. v.7, 21–34, 2008.

- PONCHIO, M. C.; CORDEIO, R. A.; GONÇALVES, V. N. Validation of the perceived financial well-being scale in the Brazilian context. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, v.10, n.1, 17-26, 2020.
- POPOVA, D., PISHNIAK, A. Measuring individual material well-being using multidimensional indices: an application using the gender and generation survey for Russia. **Social Indicators Research**, v.130, 883– 910, 2017.
- PRAWITZ, A. D., GARMAN, E. T., SORHAINDO, B., O'NEILL, B., KIM, J., DRENTEA, P. In-charge financial distress/financial well-being scale development, administration, and score interpretation. **Financial Counselling and Planning**, v.17, 34–50, 2006.
- QING-GUO, Z., O'SHEA, B., WILLIS, M., YU-BO, Z. The Influence of Big Five Personality Traits on Subjective Well-being: Mediation of Job Satisfaction. **International Conference on Management Science & Engineering**. Rome, Italy: 18 th, 13-15, 2011.
- REICH, J. W., ZAUTRA, A. Life events and personal causation: Some relationships with satisfaction and distress. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.41, 1002–1012, 1981.
- REID, D. W., ZIEGLER, M. Validity and stability of a new desired control measure pertaining to psychological adjustment of the elderly. **Journal of Gerontology**, v.35, 395–402, 1980.
- RICHARDS, L. For whom money matters less: social connectedness as a resilience resource in the UK. **Social Indicators Research**, v.125, 509–535, 2016.
- RICHINS, M. L. Media materialism and human happiness. In M. Wallendorf & P. Anderson (Eds.), *Advances in consumer research* (v. 14, p. 352–356). Ann Arbor: **Association for Consumer Research**, 1987.
- RICHINS M. L. The material values scale: measurement properties and development of a short Form. **Journal of Consumer Research**, v.31, 209–219, 2004.
- RICHINS, M. L., DAWSON, S. A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. **Journal of Consumer Research**, v.19, 303–316, 1992.
- RICHINS, M.L.; RUDMIN, F. W. Materialism and economic psychology. **Journal of economic psychology**. v.15(2), 217-231, 1994.
- RINDFLEISCH, A., BURROUGHS, J. E., DENTON, F. Family structure, materialism, and compulsive consumption. **Journal of Consumer Research**, v.23, 312–325, 1997.
- ROBERTS, J. A., JONES, E. Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among American college students. **Journal of Consumer Affairs**, v.35, 213–240, 2001.
- ROBERTS, J. A., TANNER JR., J. F. Materialism and family structure-stress relation. **Journal of Consumer Psychology**, v.15, 183–190, 2005.

ROBERTS, B. W., CASPI, A., MOFFITT, T. E. Work experiences and personality development in young adulthood. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.84, 582–593, 2003a.

ROBERTS, J. A., MANOLIS, C., TANNER JR., J. F. Family structure, materialism, and compulsive consumption: a reinquiry and extension. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v.31, 300–311, 2003b.

RUBENSTEIN, C. Money, self-esteem, relationships, secrecy, envy, satisfaction. **Psychology Today**, v.15, 29–44, 1981.

RUSSELL, J. A. Core affect and the psychological construction of **emotion**. **Psychology Review**, v.110 (1), 145-172, 2003.

RUSTING, C. L., LARSEN, R. J. Extraversion, neuroticism, and susceptibility to positive and negative affect: A test of two theoretical models. **Personality and Individual Differences**, v.22(5), 607-612, 1997.

RUTTER, M. Resilience Concepts and Findings: Implications for Family Therapy. **Journal of Family Therapy**, v.2, 119-144, 1999.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. **American Psychologist Association**, v.55(1), 68-78, 2000.

RYFF, C. D. Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.57, 1069–1081, 1989.

RYFF, C. D. Psychological well-being revisited: Advances in the science and practice of eudaimonia. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v.83, 10-28, 2014.

SARASON, I., LEVINE, H. M., BASHAM, R. B., SARASON, B. Assessing social support: the social support questionnaire. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.44, 127–139, 1983.

SCHACHTEL, E. G. On alienated concepts of identity. **The American Journal of Psychoanalysis**, v.21(2), 120–131, 1961.

SCHEIER, M. F., CARVER, C. S. Optimism, coping, and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. **Health Psychology**, v.4(3), 219–247, 1985.

SCHEIER, M. F., CARVER, C. S. Effects of optimism on psychological and physical wellbeing: Theoretical overview and empirical update. **Cognitive Therapy and Research**, v.16, 201–228, 1992.

SCHWARZER, R., JERUSALEM, M. Generalized Self-Efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, Measures in health psychology: A user's portfolio. **Causal and control beliefs**, v.35- 37, 1995.

SCHYNS, P. Income and satisfaction in Russia. **Journal of Happiness Studies**, v.2, 173–204, 2001.

SCHULTZ, D. P., SCHULTZ, S. E. **Theories of Personality**. Cengage Learning, 11ed., 2016.

SCIOLI, A., MACNEIL, S., PARTRIDGE, V., TINKER, E., HAWKINS, E. Hope, HIV and health: a prospective study. **AIDS Care**, v.24(2), 149–156, 2011.

SCORSOLONI-COMIN, F., SANTOS, M. A. O estudo científico da felicidade e a promoção da saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v.18(3), 187-195, 2010.

SEGABINAZI, J. D.; ZORTEA, M.; ZANON, C.; BANDEIRA, D. R.; GIACOMONI, C. H.; HUTZ, C. S. Escala de Afeto Positivo e Negativo para Adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, v.11(1), 1-12, 2012.

SEGERSTROM, S.C.; EVANS, D. R.; ELSENLOHR-MOUL, T. Optimism and pessimism dimensions in the Life Orientation Test-Revised: method and meaning. **Journal of Reserach in Personality**, v.45, 126–129, 2011.

SEGHIERI, C., DESANTIS, G., TANTURRI, M. L. The richer, the happier? An empirical investigation in selected European countries. **Social Indicators Research**, v.79, 455–476, 2006.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer**: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SERVA, L. **País mais feliz do mundo, Butão vibra mesmo com torneios de arco e flecha**. (2019). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2019/06/pais-mais-feliz-do-mundo-butao-vibra-mesmo-com-torneios-de-arco-e-flecha.shtml>>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

SHAFER, A. B. Mediation of the Big Five's effect on career decision making by life task dimensions and on money attitudes by materialism. **Personality and Individual Differences**, v.28, 93-109, 2000.

SHELDON, K. M., ELLIOT, A. J., KIM, Y., KASSER, T. What is satisfying about satisfying events? Testing 10 candidate psychological needs. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.80, 325–339, 2001.

SHEPPERD, J. A.; WATERS, E. A.; WEINSTEIN, N. D.; KLEIN, W. M. P. A Primer on Unrealistic Optimism. **Current Directions in Psychological Science**, v. 24(3) 232–237, 2015.

SHIM, S., XIAO, J. J., BARBER, B. L., LYONS, A. C. Pathways to life success: a conceptual model of financial well-being for young adults. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v.30, 708–723, 2009.

SIRGY, M. J. Materialism and quality of life. **Social Indicators Research**, v.43, 227–260, 1998.

SIRGY M. J. Integrative Theories of QOL. In: The Psychology of Quality of Life. **Social Indicators Research Series**, vol 50. Springer, Dordrecht, 2012.

SIRGY, M. J. The Psychology of Material Well-Being. **Applied Research in Quality of Life**, v.13, 273–301, 2018.

SIRGY, M. J. **The Psychology of Quality of life: Hedonic Well-being, Life satisfaction and Eudaimonia**. Springer Dordrecht Heidelberg New York London, 2^a ed., 2018.

SIRGY, M. J., GUREL-ATAY, E., WEBB, D., CICIC, M., HUSIC-MEHMEDOVIC, M., EKICI, A., HERMANN, A., HEGAZY, I., LEE, D.-J., JOHAR, J. S. Is materialism all that bad? Effects on satisfaction with material life, life satisfaction, and economic motivation. **Social Indicators Research**, v.110, 349–366, 2013.

SIRGY, M. J., LEE, D. J. Macro measures of consumer well being (CWB): A critical analysis and a research agenda. **Journal of Macromarketing**, v.26(1), 27–44, 2006.

SIRGY, M. J., LEE, D. J., KOSENKO, R., MEADOW, H. L., RAHTZ, D., CICIC, M., JIN, G. X., YARSUVAT, D., BLENKHORN, D., WRIGHT, N. Does television viewership play a role in the perception of quality of life? **Journal of Advertising**, v.27, 125–142, 1998a.

SIRGY, M. J., LEE, D. J., LARSEN, V., WRIGHT, N. Satisfaction with material possessions and general well-being: the role of materialism. **Journal of Consumer Satisfaction/Dissatisfaction and Complaining Behavior**, v.11, 103–118, 1998b.

SIRGY, M. J.; LEE, D. J.; RAHTZ, D. Research on Consumer Well-Being (CWB): Overview of the Field and Introduction to the Special Issue. **Journal of Macromarketing**, v.27(4), 2007.

SIRGY, M. J., SAMLI, A. C., MEADOW, H. L. The Interface between Quality of Life and Marketing: A Theoretical Framework. **Journal of Marketing & Public Policy**, v.1(1), 69–84, 1982.

SIRGY, M. J., WIDGERY, R. N., LEE, D., YU, G. B. Developing a Measure of Community Well-Being Based on Perceptions of Impact in Various Life Domains. **Social Indicators Research**, v.96, 295–311, 2009.

SMITH, B. W., DALEN, J., WIGGINS, K., TOOLEY, E., CHRISTOPHER, P., BERNARD, J. The brief resilience scale: Assessing the ability to bounce back. **International Journal of Behavioral Medicine**, v15(3), 194–200, 2008.

SMITS, J., STEENDIJK, R. The international wealth index (IWI). **Social Indicators Research**, v.122, 65–85, 2015.

SNYDER, C. R. Hope theory: Rainbows in the mind. **Psychological Inquiry**, v.13(4), 249–275, 2002.

SNYDER, C. R., FELDMAN, D. B., SHOREY, H. S., RAND, K. L. Hopeful choices: A school counselor's guide to hope theory. **Professional School Counseling**, v.5(5), 10, 2002.

SNYDER, C. R., LOPES, S. J. **Psicologia Positiva**: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOLDZ, S., VAILLANT, G. E., The Big Five Personality Traits and the Life Course: A 45-Year Longitudinal Study. **Journal of Research in Personality** v.33, 208–232, 1999.

SOUZA, I.; SOUZA, M. A. Validação da escala de autoeficácia geral percebida. **Revista Univ. Rural Série Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, EDUR, v.26(1-2), 12-17, 2004.

SOTO, C. J. Is Happiness Good for Your Personality? Concurrent and Prospective Relations of the Big Five With Subjective Well-Being. **Journal of Personality**, v.83(1), 2015.

SPAIN, S. M.; HARMS, P.; LEBRETON, J. M. The dark side of personality at work. **Journal of Organizational behavior**. v.35, S41–S60, 2014.

SPIELBERGER, C. D., GORSUCH, R. C., LUSHENE, R. E. **Manual for the State Trait Anxiety Inventory**. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, 1970.

STEEL, P.; SCHMIDT, J.; SHULTZ, J. Refining the Relationship Between Personality and Subjective Well-Being. **Psychological Bulletin**, v.134(1), 138–161, 2008.

STIVANIM, V. **IBGE e os número do desemprego no Brasil em 2021**. Disponível em: <<https://noticiasconcursos.com.br/ibge-e-os-numeros-do-desemprego-no-brasil-em-2021/>>. Acesso em 02 de novembro de 2021.

STROBEL, M.; TUMASJAN, A.; SPORRLE, M. Be yourself, believe in yourself, and be happy: self-efficacy as a mediator between personality factors and subjective well-being. **Scandinavian Journal of Psychology**, 2011.

SULDO, S., MINCH, D., HEARON, B. Adolescent life satisfaction and personality characteristics: Investigating relationships using a five-factor model. **Journal of Happiness Studies**, 2014.

SUMNER, L. W. **Welfare, happiness, and ethics**. New York: Oxford University Press, 1996.

TAN, S.J., TAMBYAH, S.K., KAU, A.K. The influence of value orientations and demographics on quality-of-life perceptions: Evidence from a national survey of Singaporeans. **Social Indicators Research**, v.78(1), 33-59, 2006.

TATARKIEWICZ, W. (1966). Happiness and Time. **Philosophy and Phenomenological Research**, v.27(1), 1-10, 1966.

TATZEL, M. The art of buying: coming to terms with money and materialism. **Journal of Happiness Studies**, v.4, 405–435, 2003.

TAY, L., BATZ, C., PARRIGON, S., KUYKENDALL, L. Debt and subjective well-being: the other side of the income-happiness coin. **Journal of Happiness Studies**, v.18, 903–937, 2017.

TIMMERMAN, M. E., LORENZO-SEVA, U. Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. **Psychological Methods**, 16(2),209-220, 2011.

TSANG, J.; CARPENTER, T. P.; ROBERTS, J. A.; FRISCH, M. B., CARLISLE, R. D. Why are materialists less happy? The role of gratitude and need satisfaction in the relationship between materialism and life satisfaction. **Personality and Individual Differences**, v.64, 62-66, 2014.

TURNER, J. H. The origins of positivismo: the contributions of Auguste Comte and Herbert Spencer. In: RITZER, G.; SMART, B. (Ed.). **Handbook of social theory**. London, Thousand Oaks, CA & New Dehli: Sage Publications, 30-42, 2003.

VAN PRAAG, B. M. S.; FERRER-I-CARBONELL, A. Happiness Economics: A New Road to Measuring and Comparing Happiness. **Foundations and Trends in Microeconomics**, v.6 (1), 1–97, 2010.

VEENHOVEN, R. Conditions of happiness. Boston: Reidel. 1984a.

VEENHOVEN, R. The utility of happiness. **Social Indicators Research**, v.20. 333-354, 1988a.

VEENHOVEN, R. Is happiness relative? **Social Indicators Research**, v.24, 1–34, 1991.

VEENHOVEN, R. Why Social Policy Needs Subjective Indicators. **Social Indicators Research**, v.58, 33-45, 2002.

VERA-TOSCANO, E., ATECA-AMESTOY, V., SERRANO-DEL-ROSAL, R. Building financial satisfaction. **Social Indicators Research**, v.77, 211–243, 2006.

VLAEV, I., ELLIOTT, A. Financial well-being components. **Social Indicators Research**, v.118, 1103–1123, 2014.

VOSLOO, W., FOUCHE, J., BARNARD, J. The relationship between financial efficacy, satisfaction with remuneration and personal financial well-being. **International Business and Economics Research Journal**, v.13, 1455–1470, 2014.

WALKER, R., LEE, M. P., BUBOLZ, M. **The effects of family resources and demands on quality of life**: a rural-urban comparison of women in the middle years. In H. Lee Meadow M. J. Sirgy (Eds.), *Quality of life studies in marketing and management* (p. 397–411). Blacksburg: Department of Marketing, Virginia Polytechnic Institute and State University, 1990.

WARR, P., BARTER, J., BROWNBRIDGE, G. On the independence of negative and positive affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.44, 644–651, 1983.

WATSON, J. J. The relationship of materialism to spending tendencies, savings, and debt. **Journal of Economic Psychology**, v.24, 723–739, 2003.

WATSON, D., CLARK, L. A. Negative Affectivity: The disposition to experience aversive emotional states. **Psychological Bulletin**, v.96, 465-490, 1984.

WATSON, D., CLARK, L. A., TELLEGEN, A. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.54, 1063–1070, 1988.

WATSON, D. TELLEGEN, A. Toward a consensual structure of mood. **Psychological Bulletin**, v.98, 219-235, 1985.

WEBER, M.; HUEBNER, E. S. Early adolescents' personality and life satisfaction: A closer look at global vs. domain-specific satisfaction. **Personality and Individual Differences**, v.83, 31-36, 2015.

WILLS-HERRERA, E.; ISLAM, G., HAMILTON, M. Subjective Well-Being in Cities: A Multidimensional Concept of Individual, Social and Cultural Variables. **Applied Research in Quality of Life**, v.4, 201–221, 2009.

WILSON, W. Correlates of avowed happiness. **Psychological Bulletin**, v.67, 294-306, 1967.

WOOD, A. M., JOSEPH, S., MALTBY, J. Gratitude predicts psychological well-being above the Big Five facets. **Personality and Individual Differences**, v.46, 443–447, 2009.

WRIGHT, N., LARSEN, V. Materialism and life satisfaction: a meta-analysis. **Journal of Consumer Satisfaction, Dissatisfaction, and Complaining Behavior**, v.6, 158–165, 1993.

XIAO, H.; ZHANG, Y.; KONG, D.; LI, S.; YANG, N. The Effects of Social Support on Sleep Quality of Medical Staff Treating Patients with Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) in January and February 2020 in China. **Clinical Research**, v.26, 2020.

XIAO, J. J., SORHAINDO, B., GARMAN, E. T. Financial behavior of consumers in credit counseling. **International Journal of Consumer Studies**, v.30, 108–121, 2006.

XIAO, J. J., TANG, C., SHIM, S. Acting for happiness: financial behaviour and life satisfaction of college students. **Social Indicators Research**, v.92, 53–68, 2009.

XIAO, J. J., CHEN, C., CHEN, F. Consumer financial capability and financial satisfaction. **Social Indicators Research**, v.118, 415–432, 2014.

ZHAI, Q., WILLIS, M., O'SHEA, B., ZHAI, Y., YANG, Y. Big Five personality traits, job satisfaction and subjective wellbeing in China. **International Journal of Psychology**, v.48 (6), 1099–1108, 2013.

ZANON, C., BARDAGI, M. P., LAYOUS, K., HUTZ, C. S. Validation of the Satisfaction with Life Scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. **Social Indicators Research**, v.119, 443-453, 2014.

ZHANG L. Prediction of Chinese life satisfaction: Contribution of collective self-esteem. **International Journal of Psychology**, v.40(3), 189-200, 2005.

ZUZANEK, J. Does being well-off make us happier? Problems of measurement. **Journal of Happiness Studies**, v.14, 795–815, 2013.

ZYPHUR, M. J.; LI, W., ZHANG, Z.; ARVEY, R. D.; BARSKY, A. P. Income, personality, and subjective financial well-being: the role of gender in their genetic and environmental relationships. **Frontiers in Psychology**, 2015.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre 'Bem-estar em tempos de pandemia do Coronavírus (COVID-19)' que está sendo conduzida pela doutoranda Rebeca Formiga (Programa de Pós-graduação em Administração) com orientação da professora Dra. Rita de Cássia (Universidade Federal da Paraíba). Nesse caso, gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo este questionário. Para tanto, segue algumas informações:

Objetivo da pesquisa: Analisar os fatores psicológicos e do domínio do bem-estar material que influenciam os componentes afetivos e cognitivo do bem-estar subjetivo.

Envolvimento na pesquisa: Você irá preencher um questionário com perguntas sobre como você tem se sentido e se comportado durante o isolamento social e em situações cotidianas. O preenchimento é individual e com base em sua opinião, estima-se entre 20 e 30 minutos para concluir sua participação. Você tem plena autonomia para decidir se deseja ou não participar. Contudo, sua colaboração é muito importante para garantir um resultado mais confiável para o estudo.

Sobre o questionário: Não há respostas certas ou erradas. Será solicitado que você forneça informações sobre sua vida e responda perguntas que devem refletir sua opinião pessoal. Para responder o questionário é necessário que você preste atenção nas perguntas.

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais, sendo uma pesquisa de baixo risco. Caso haja algum desconforto, o participante poderá desistir sem que isso acarrete qualquer ônus. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem a Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. A pesquisa é completamente anônima; você não precisará se identificar em nenhum momento. As suas respostas serão codificadas em números e serão analisadas junto com as respostas dos demais participantes. Os questionários serão identificados com um código e armazenados em um banco de dados por, no mínimo, cinco anos, conforme Resolução nº510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, apenas as pesquisadoras envolvidas no

projeto terão acesso aos dados, sendo que a codificação dos participantes em números assegura o anonimato.

Benefícios: Ao participar desta pesquisa você contribuirá para o avanço do conhecimento científico em questão. Aparentemente, você não terá qualquer benefício pessoal direto, porém os dados da presente pesquisa poderão fornecer informações valiosas para entender condutas cotidianas e suscitar em novas políticas públicas. Os resultados serão de conhecimento público, com possível publicação em eventos de cunho acadêmico e científico.

Caso você queira, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa entrando em contato com a pesquisadora responsável (Rebeca Formiga, e-mail: **profarebecaformiga@gmail.com**).

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre e esclarecida para participar desta pesquisa.

Tendo em vista as informações anteriormente apresentadas, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

☐ Sim, aceito participar da pesquisa.

APÊNDICE B – Instrumento de pesquisa

QUESTIONÁRIO

- 1. Qual o seu sexo?** a) ☐ Feminino b) ☐ Masculino
- 2. Qual o seu estado civil?**
a) ☐ Solteiro(a) b) ☐ Casado(a) c) ☐ Divorciado(a) d) ☐ Outro
- 3. Qual a sua faixa de idade?**
a) ☐ Até 17 anos b) ☐ De 18 até 25 anos c) ☐ De 26 até 30 anos
d) ☐ De 31 até 40 anos e) ☐ De 41 até 50 anos f) ☐ De 51 até 70 anos
g) ☐ Acima de 70 anos
- 4. Qual o seu nível de escolaridade?**
a) ☐ Fundamental incompleto b) ☐ Fundamental completo c) ☐ Médio completo
d) ☐ Superior completo e) ☐ Pós-graduação completa
- 5. Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa:**
a) ☐ 1 b) ☐ 2 c) ☐ 3
d) ☐ 4 e) ☐ Acima de 4
- 6. Qual a sua renda familiar mensal (renda somada de todas as pessoas que moram na sua casa):**
a) ☐ Até R\$ 2.000,00 b) ☐ De R\$ 2.000,01 até R\$ 4.000,00
c) ☐ De R\$ 4.000,01 até R\$6.000,00 d) ☐ De R\$ 6.000, 01 até R\$ 8.000,00
e) ☐ De R\$ 8.000,01 até R\$ 10.000,00 f) ☐ De R\$ 10.000,01 até R\$ 15.000,00
g) ☐ De R\$ 15.000,01 até 20.000,00 h) ☐ Acima de R\$ 20.000,00
- 7. Neste momento, temos um conjunto de afirmações sobre a sua postura quanto à satisfação com a vida. Solicitamos que você indique o quanto CONCORDA ou DISCORDA com cada uma delas.**

Afirmação	Concordância				
	Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente
A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse.	1	2	3	4	5
As minhas condições de vida são muito boas.	1	2	3	4	5
Estou satisfeito(a) com a minha vida.	1	2	3	4	5
Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria.	1	2	3	4	5
Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	1	2	3	4	5

8. Comparativamente às pessoas mais próximas de mim (família e grupo de amigos), eu,

- a) ☐ Compro menos que elas b) ☐ Compro tanto quanto elas c) ☐ Compro mais que elas

9. Nas minhas atividades de consumo eu me sinto,

Pouco vulnerável			Moderadamente vulnerável					Muito vulnerável		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

10. A seguir, encontram-se um número de características que podem ou não te descrever. Por favor, coloque o número que corresponde ao grau em que acredita que a frase o caracteriza, segundo a legenda seguinte. Não há respostas certas nem erradas; responda com sinceridade, de acordo com o seu modo de ser habitual.

Eu me vejo como alguém que...

Afirmação	Concordância				
	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
...É conversador(a), comunicativo(a).	1	2	3	4	5
...Às vezes é frio(a) e distante.	1	2	3	4	5
...Tende a ser crítico(a) com os outros.	1	2	3	4	5
...É minucioso(a), detalhista no trabalho.	1	2	3	4	5
...É assertivo(a), não teme expressar o que sente.	1	2	3	4	5
...Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.	1	2	3	4	5
...É depressivo, triste.	1	2	3	4	5
...Gosta de cooperar com os outros.	1	2	3	4	5
...É original, tem sempre novas ideias.	1	2	3	4	5
...É temperamental, muda de humor facilmente.	1	2	3	4	5
...É inventivo(a), criativo(a).	1	2	3	4	5
...É reservado(a).	1	2	3	4	5
...Valoriza o artístico, o estético.	1	2	3	4	5
...É emocionalmente estável, não se altera facilmente.	1	2	3	4	5
...É prestativo(a) e ajuda os outros.	1	2	3	4	5
...É, às vezes, tímido(a), inibido(a).	1	2	3	4	5
...Pode ser um tanto descuidado(a).	1	2	3	4	5
...É amável, tem consideração pelos outros.	1	2	3	4	5
...Tende a ser preguiçoso(a).	1	2	3	4	5
...Faz as coisas com eficiência.	1	2	3	4	5
...É relaxado(a), controla bem o estresse.	1	2	3	4	5
...É facilmente distraído(a).	1	2	3	4	5
...Mantém-se calmo(a) nas situações tensas.	1	2	3	4	5
...Prefere trabalho rotineiro.	1	2	3	4	5
...É curioso(a) sobre muitas coisas diferentes.	1	2	3	4	5
...É sociável, extrovertido(a).	1	2	3	4	5
...É geralmente confiável.	1	2	3	4	5
...É, às vezes, rude ou grosseiro(a) com os outros.	1	2	3	4	5
...É cheio(a) de energia.	1	2	3	4	5
...Começa discussões, disputas com os outros.	1	2	3	4	5
...É um(a) trabalhador(a) de confiança.	1	2	3	4	5
...Faz planos e os segue à risca.	1	2	3	4	5
...Tem uma imaginação fértil.	1	2	3	4	5
...Fica tenso(a) com frequência.	1	2	3	4	5
...É engenhoso(a), alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.	1	2	3	4	5
...Fica nervoso(a) facilmente.	1	2	3	4	5
...Gera muito entusiasmo.	1	2	3	4	5

...Tende a ser desorganizado(a).	1	2	3	4	5
...Gosta de refletir, brincar com as ideias.	1	2	3	4	5
...Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.	1	2	3	4	5
...Preocupa-se muito com tudo.	1	2	3	4	5
...Tende a ser quieto(a), calado(a).	1	2	3	4	5
...Tem poucos interesses artísticos.	1	2	3	4	5
...É sofisticado(a) em artes, música ou literatura.	1	2	3	4	5

11. Indique o quanto você está satisfeito ou insatisfeito com sua situação financeira,

Muito insatisfeito			Moderadamente satisfeito					Muito satisfeito		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

12. Como você se sente sobre até que ponto as suas necessidades materiais são atendidas?

Muito insatisfeito			Nem insatisfeito, nem satisfeito					Muito satisfeito		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

13. Levando em conta seus hábitos de consumo indique o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo. Utilize 1 para discordância total e 5 para concordância total.

Afirmação	Concordância				
	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
Eu gosto de comprar coisas novas e diferentes.	1	2	3	4	5
Eu admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras.	1	2	3	4	5
Minha vida seria melhor se eu tivesse coisas que não possuo neste momento.	1	2	3	4	5
Comprar coisas me dá muito prazer.	1	2	3	4	5
Eu ficaria muito feliz se pudesse comprar mais coisas.	1	2	3	4	5
Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas.	1	2	3	4	5
Eu gosto de muito luxo na minha vida.	1	2	3	4	5
Incomoda-me quando não posso comprar o que quero.	1	2	3	4	5
Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	1	2	3	4	5

14. Em relação a sua percepção sobre a economia e o seu comportamento com relação ao dinheiro, avalie as seguintes questões.

Como você se sente sobre os pontos abaixo?	Sentimento				
	Terrível	Insatisfeito	Misto	Satisfeito	Feliz
O que o governo está fazendo sobre a economia - empregos, preços, lucros.	1	2	3	4	5
Os impostos que você paga - quero dizer os impostos locais, estaduais e nacionais todos juntos.	1	2	3	4	5
O que você precisa pagar por necessidades básicas, como comida, moradia e roupas.	1	2	3	4	5
A renda que você (e sua família) tem.	1	2	3	4	5
Os benefícios pagos e extras que você obtém e a segurança do seu trabalho.	1	2	3	4	5

Quão seguro você está financeiramente.	1	2	3	4	5
O seu padrão de vida - o que você tem como moradia, carro, móveis, recreação e coisas do gênero.	1	2	3	4	5
Como a sua família concorda em gastar a renda familiar.	1	2	3	4	5

15. Em relação ao seu **bem-estar financeiro**, avalie as seguintes afirmações. Para isso, indique o quanto concorda em uma escala de 1 até 5, utilizando 1 para ‘não me descreve de jeito nenhum’ e 5 para ‘me descreve completamente’.

Afirmações	Concordância				
	Não me descreve de jeito nenhum			Me descreve completamente	
Estou me tornando financeiramente seguro.	1	2	3	4	5
Estou garantindo meu futuro financeiro.	1	2	3	4	5
Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	1	2	3	4	5
Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	1	2	3	4	5
Não estou em dia com minha vida financeira.	1	2	3	4	5
Minhas finanças controlam minha vida.	1	2	3	4	5
Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	1	2	3	4	5
Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.	1	2	3	4	5

16. Leia com atenção cada afirmação a seguir, escrevendo um número que indica o quanto você concorda ou discorda com o que ela indica, segundo a escala de resposta abaixo.

Afirmação	Concordância				
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Creio que realizarei os principais objetivos da minha vida.	1	2	3	4	5
Quando penso no futuro, sou positivo.	1	2	3	4	5
Ocorrem-me mais coisas boas do que ruins.	1	2	3	4	5
Penso que tudo vai dar errado.	1	2	3	4	5
Vejo cada desafio como uma oportunidade de sucesso.	1	2	3	4	5
Encontro aspectos positivos mesmo quando as coisas vão mal.	1	2	3	4	5
Vejo o lado positivo das coisas.	1	2	3	4	5
Tenho confiança para superar problemas.	1	2	3	4	5
Tenho confiança no futuro.	1	2	3	4	5

17. Como você se sente em relação ao seu padrão de vida, ou seja, com o que você tem como moradia, carro, lazer e afins:

Péssimo					Bom					Excelente
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

18. Considere as afirmações a seguir, respondendo na escala de resposta ao lado em que medida você concorda ou discorda com o que está sendo dito.

Legenda	Discordo totalmente	Discordo	Discordo ligeiramente	Neutro (nem concordo, nem discordo)	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo totalmente
	1	2	3	4	5	6	7

Afirmação	
a) _____	Sou grato(a) por muitas coisas na vida.
b) _____	Se tivesse que listar tudo pelo que sou grato(a), esta seria uma lista muito longa.
c) _____	Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato(a).
d) _____	Sou grato(a) a uma ampla variedade de pessoas.
e) _____	À medida que envelheço, encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.
f) _____	Pode passar um longo período de tempo até que eu me sinta grato(a) por algo ou a alguém.

19. Por favor, indique em que medida você concorda com cada uma das afirmações seguintes:

Afirmação	Concordância				
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Costumo me recuperar rapidamente de momentos difíceis.	1	2	3	4	5
Tenho dificuldade em passar por eventos estressantes.	1	2	3	4	5
Não costumo demorar para me recuperar de eventos estressantes.	1	2	3	4	5
É difícil me recompor quando algo ruim acontece.	1	2	3	4	5
Costumo levar um longo tempo para superar os contratempos na minha vida.	1	2	3	4	5

20. Agora apresentamos uma lista com dez estados emocionais. Para cada um deles, pedimos-lhe que indique o quanto você o tem experimentado ultimamente. Faça isso marcando o número correspondente a cada estado emocional, segundo a escala de resposta abaixo. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível em suas respostas.

AFETOS	Totalmente improvável	Bastante improvável	Improvável	Mais ou menos	Provável	Muito provável	Totalmente provável
	1	2	3	4	5	6	7
01. Feliz	1	2	3	4	5	6	7
02. Deprimido	1	2	3	4	5	6	7
03. Satisfeito	1	2	3	4	5	6	7
04. Frustrado	1	2	3	4	5	6	7
05. Raivoso	1	2	3	4	5	6	7
06. Divertido	1	2	3	4	5	6	7
07. Preocupado	1	2	3	4	5	6	7
08. Otimista	1	2	3	4	5	6	7
09. Infeliz	1	2	3	4	5	6	7
10. Alegre	1	2	3	4	5	6	7

21. Indique o nível atual de sua renda financeira para cobrir suas despesas,

Com grande dificuldade				Apenas o suficiente, sem dificuldade				Ótima, com dinheiro sobrando		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

22. Pensando na renda mensal total da sua família, você consegue sobreviver,

Com grande dificuldade				Apenas o suficiente, com alguma dificuldade				Muito facilmente		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

23. Você tem algum dos seguintes problemas?

a) Problemas com a sua moradia. Por exemplo: falta de espaço, falta de banheiro, umidade/vazamentos, portas e janelas com defeitos. a) Sim [☐] b) Não [☐]

b) Não pode pagar alguns itens básicos de necessidades. Por exemplo: refeições com carne, roupas, carro, computador em casa, máquina de lavar. a) Sim [☐] b) Não [☐]

c) Nos últimos 12 meses, a sua família está em atraso nos pagamentos, ou seja, está incapaz de efetuar conforme o programado, o pagamento do aluguel ou hipoteca da acomodação ou contas como eletricidade, água, gás e condomínio? a) Sim [☐] b) Não [☐]

24. Agora, temos um conjunto de afirmações sobre a sua capacidade de realizar tarefas. Por favor, responda os itens abaixo assinalando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave das respostas apresentadas.

Afirmação	Concordância			
	Não é verdade a meu respeito	É dificilmente verdade a meu respeito	É moderadamente verdade a meu respeito	É totalmente verdade a meu respeito
Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	1	2	3	4
Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	1	2	3	4
Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	1	2	3	4
Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	1	2	3	4
Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	1	2	3	4
Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	1	2	3	4
Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	1	2	3	4
Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	1	2	3	4
Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	1	2	3	4
Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	1	2	3	4

25. Frequentemente ouvimos as pessoas falarem sobre o que querem da vida. Quando você pensa na boa vida, ou seja, na vida que você gostaria de ter, qual das coisas na lista abaixo, se houver alguma, faz parte dessa boa vida no que diz respeito a você?

- | | |
|---------------------------|---------------------------------------|
| a) Um quintal e gramado | f) Um aparelho de TV em cores |
| b) Um segundo carro | g) Um segundo aparelho de TV em cores |
| c) Uma casa de férias | h) Roupas muito legais |
| d) Uma piscina | i) Um ótimo emprego |
| e) Viajar para o exterior | j) Muito dinheiro |

Agora você assinala todas as coisas que você já tem (pode marcar mais de uma opção).

- | | |
|---------------------------|---------------------------------------|
| a) Um quintal e gramado | f) Um aparelho de TV em cores |
| b) Um segundo carro | g) Um segundo aparelho de TV em cores |
| c) Uma casa de férias | h) Roupas muito legais |
| d) Uma piscina | i) Um ótimo emprego |
| e) Viajar para o exterior | j) Muito dinheiro |

26. Em sua opinião, qual é o nível de seu estresse financeiro hoje?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sem estresse		Baixo estresse			Alto estresse			Estresse esmagador	

27. Como você se sente sobre sua situação financeira atual?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Sinto-me oprimido			Às vezes me sinto preocupado			Despreocupado			Me sinto confortável	

28. Com que frequência você se preocupa em poder pagar as despesas mensais normais?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca estou preocupado			Raramente estou preocupado			Às vezes estou preocupado		Estou preocupado o tempo todo	

29. Quão confiante você está em conseguir/ou ter o dinheiro para pagar por uma emergência financeira que custa cerca de R\$ 4.000?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sem confiança		Pouca confiança			Alguma confiança			Alta confiança	

30. Com que frequência isso acontece com você: Você quer sair para comer, ir ao cinema ou fazer outra coisa e não vai porque não pode gastar.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca			Raramente			Às vezes			O tempo todo

31. Com que frequência você se sente gastando mais do que deveria?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca			Raramente			Às vezes			O tempo todo

32. Como você se sente com suas finanças pessoais no geral?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sem estresse		Baixo estresse			Alto estresse			Estresse esmagador	

33. Em relação às mudanças ocorridas na sua vida devido à pandemia do Covid-19, avalie as seguintes afirmações. Para isso, indique o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo, utilizando 1 para discordância total e 10 para concordância total.

Afirmações	Concordância									
	Discordância			Intermediária				Concordância		
Mantive-me em isolamento social e segui as recomendações do meu Estado.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Fiquei desempregado	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Senti medo constantemente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
O isolamento social alterou a minha rotina	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Consegui me manter ativo(a) e realizar as principais atividades do meu cotidiano	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Gastei mais dinheiro do que de costume	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Percebi que meu consumo com itens supérfluos diminuiu	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Senti que não tinha nada a esperar do futuro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Consegui economizar	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Ajudei alguém	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Realizei mais compras online e por aplicativos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tenho me preocupado mais com o próximo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Percebi que o meu sono foi alterado	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Estou mais ansioso(a) que o habitual	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Preocupe-me bastante com a economia do país	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tenho me preocupado mais com a minha saúde	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Preocupe-me bastante com a saúde da minha família	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Iniciei um novo hábito que quero levar para sempre	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Rezei e/ou meditei diariamente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pratiquei atividade física regularmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Conversei com alguém que não conversava há tempos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Passei a dar mais importância para o convívio social com meus amigos e família	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tenho ingerido bebidas alcoólicas com maior frequência	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tenho ingerido alimentos considerados calóricos com maior frequência	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Senti-me desanimado(a) e deprimido(a)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer as coisas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Tive dificuldade em relaxar	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Não consegui me entusiasmar com nada	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Senti que estava sensível	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Fiquei mais atarefado(a) do que o habitual	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Senti que a vida estava sem sentido	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

34. Com que frequência durante a pandemia você se sentiu triste?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca		Raramente			Às vezes			O tempo todo	

35. Com que frequência durante a pandemia você comprou coisas?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca			Raramente			Às vezes			O tempo todo

36. Com que frequência durante a pandemia você se preocupou com a sua situação financeira?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca			Raramente			Às vezes			O tempo todo

37. Você segue/possui alguma religião? a) ☐ Sim b) ☐ Não

38. Qual área da sua vida foi mais afetada (alterada) durante a pandemia do Covid-19?

- a) ☐ trabalho e) ☐ consumo (compras)
 b) ☐ estudo f) ☐ prática de esportes, atividade física
 c) ☐ lazer g) ☐ outros. O que? _____
 d) ☐ cuidados pessoais, beleza

39. O que deixou de fazer durante o isolamento social que mais sentiu falta?

- a) ☐ trabalhar
 b) ☐ estudar
 c) ☐ lazer (sair para comer ou para festas/eventos)
 d) ☐ cuidados pessoais (salão de beleza, barbearia, clínicas de estética etc)
 e) ☐ Ir às compras (passeio em centros comerciais)
 f) ☐ fazer atividade física, praticar esportes
 g) ☐ viajar com os amigos, cônjuge
 h) ☐ viajar com a minha família
 i) ☐ outros. O que? _____

40. Durante a pandemia você sentiu receio quanto ao futuro?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nunca			Raramente			Às vezes			O tempo todo

41. Em relação ao seu estado atual, avalie as seguintes afirmações. Para isso, indique o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo, utilizando 1 para absolutamente não e 4 para muitíssimo.

Afirmações	Indicação			
	Absolutamente não	Um pouco	Bastante	Muitíssimo
1. Sinto-me calmo(a)	1	2	3	4
2. Estou tenso(a)	1	2	3	4
3. Sinto-me à vontade	1	2	3	4
4. Sinto-me nervoso(a)	1	2	3	4
5. Estou descontraído(a)	1	2	3	4
6. Estou preocupado(a)	1	2	3	4

AGRADECEMOS À PARTICIPAÇÃO!

ANEXO A – Escalas originais

A. Escala original de Afetos positivos e negativos de Diener e Emmons (1984)

Positive affects

1. happy
2. satisfied
3. fun
4. optimistic
5. joyful

Negative affects

1. depressed
2. frustrated
3. angry
4. worried
5. unhappy

B. Escala original de Satisfação com a vida de Diener et al. (1985)

1. In most ways my life is close to my ideal.
2. The conditions of my life are excellent.
3. I am satisfied with my life.
4. So far I have gotten the important things I want in life.
5. If I could live my life over, I would change almost nothing.

C. Inventário original dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (IGFP-5) de Benet-Martínez e John (1998)

English Big Five Inventory

Here are a number of characteristics that may or may not apply to you. For example, do you agree that you are someone who *likes to spend time with others*? Please choose a number for each statement to indicate the extent to which you agree or disagree with that statement.

Disagree strongly	Disagree a little	Neither agree nor disagree	Agree a little	Agree strongly
1-----	2-----	3-----	4-----	5-----

I see myself as *someone who* . . .

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ___ 1. is talkative ___ 2. tends to find fault with others ___ 3. does a thorough job ___ 4. is depressed, blue ___ 5. is original, comes up with new ideas ___ 6. is reserved ___ 7. is helpful and unselfish with others ___ 8. can be somewhat careless ___ 9. is relaxed, handles stress well ___ 10. is curious about many different things ___ 11. is full of energy ___ 12. starts quarrels with others ___ 13. is a reliable worker ___ 14. can be tense ___ 15. is ingenious, a deep thinker ___ 16. generates a lot of enthusiasm ___ 17. has a forgiving nature ___ 18. tends to be disorganized ___ 19. worries a lot ___ 20. has an active imagination ___ 21. tends to be quiet ___ 22. is generally trusting | <ul style="list-style-type: none"> ___ 23. tends to be lazy ___ 24. is emotionally stable, not easily upset ___ 25. is inventive ___ 26. has an assertive personality ___ 27. can be cold and aloof ___ 28. perseveres until the task is finished ___ 29. can be moody ___ 30. values artistic, aesthetic experiences ___ 31. is sometimes shy, inhibited ___ 32. is considerate and kind to almost everyone ___ 33. does things efficiently ___ 34. remains calm in tense situations ___ 35. prefers work that is routine ___ 36. is outgoing, sociable ___ 37. is sometimes rude to others ___ 38. makes plans and follows through with them ___ 39. gets nervous easily ___ 40. likes to reflect, play with ideas ___ 41. has few artistic interests ___ 42. likes to cooperate with others ___ 43. is easily distracted ___ 44. is sophisticated in art, music, or literature |
|--|---|

D. Escala original de Optimismo de Pedrosa et al. (2015)

1. Creo que conseguiré las principales metas de mi vida
2. Cuando pienso en el futuro soy positivo
3. Me ocurren más cosas buenas que malas
4. Pienso que todo saldrá mal (Reversed)
5. Veo cada reto como una oportunidad de éxito
6. Por muy mal que salgan las cosas encuentro aspectos positivos
7. Veo los aspectos positivos de las cosas
8. Tengo confianza en superar los problemas
9. Tengo confianza en el futuro

E. Questionário original de Gratidão (GQ-6) de McCullough et al. (2002)

The Gratitude Questionnaire–6 (GQ-6) - Using the scale below as a guide, write a number beside each statement to indicate how much you agree with it.

- 1 = strongly disagree
 2 = disagree
 3 = slightly disagree
 4 = neutral
 5 = slightly agree
 6 = agree
 7 = strongly agree

- ____ 1. I have so much in life to be thankful for.
 ____ 2. If I had to list everything that I felt grateful for, it would be a very long list.
 ____ 3. When I look at the world, I don't see much to be grateful for*
 ____ 4. I am grateful to a wide variety of people.
 ____ 5. As I get older I find myself more able to appreciate the people, events, and situations that have been part of my life history.
 ____ 6. Long amounts of time can go by before I feel grateful to something or someone*

*Items 3 and 6 are reverse scored.

F. Escala original de Autoeficácia Geral Percebida de Schwarzer e Jerusalem (1995)

1. I can always manage to solve difficult problems if I try hard enough.
2. If someone opposes me, I can find the means and ways to get what I want.
3. It is easy for me to stick to my aims and accomplish my goals.
4. I am confident that I could deal efficiently with unexpected events.
5. Thanks to my resourcefulness, I know how to handle unforeseen situations.
6. I can solve most problems if I invest the necessary effort.
7. I can remain calm when facing difficulties because I can rely on my coping abilities.
8. When I am confronted with a problem, I can usually find several solutions.
9. If I am in trouble, I can usually think of a solution.
10. I can usually handle whatever comes my way.

Response format:

1 = Not at all true 2 = Hardly true 3 = Moderately true 4 = Exactly true

G. Escala original de Resiliência de Smith et al. (2008)

The Brief Resilience Scale

1. I tend to bounce back quickly after hard times
2. I have a hard time making it through stressful events (R)
3. It does not take me long to recover from a stressful event
4. It is hard for me to snap back when something bad happens (R)
5. I usually come through difficult times with little trouble
6. I tend to take a long time to get over set-backs in my life (R)

H. Inventário original de Ansiedade-Estado desenvolvido por Spielberger, Gorsuch e Lushene (1970)

“State-Trait Anxiety Inventory – STAI-S”

4-point Likert scale based on “how you feel right now, at this moment.”

Short-version STAI-S: STAI-S-10; STAI-S-8; STAI-S-6; STAI-S-4

Full-length STAI-S scale:

1. I am worried
2. I am tense
3. I feel nervous
4. I feel confused
5. I feel high strung
6. I feel over-excited and “rastled”
7. I feel frightened
8. I feel calm
9. I feel upset
10. I am relaxed
11. I am presently worrying over possibles misfortunes
12. I feel at easy
13. I feel pleasant
14. I feel anxious
15. I feel strained
16. I feel indecisive
17. I feel steady
18. I feel joyfull
19. I feel satisfied
20. I feel self-confident
21. I feel content
22. I am regretfull
23. I am jittery
24. I feel secure
25. I feel rested
26. I feel comfortable

STAI-S-6 (Items: I feel calm; I am tense; I feel at easy; I feel nervous; I am relaxed; I am worried).

I. Escala original de Materialismo de Richins (2004) – versão reduzida

1. I admire people who own expensive homes, cars, and clothes. (S)
2. I try to keep my life simple, as far as possessions are concerned. (C) (R)
3. My life would be better if I owned certain things I don't have. (H)
4. Buying things gives me a lot of pleasure. (C)
5. I'd be happier if I could afford to buy more things. (H)
6. I like to own things that impress people. (S)
7. I like a lot of luxury in my life. (C)
8. It sometimes bothers me quite a bit that I can't afford to buy all the things I'd like. (H)
9. The things I own, say a lot about how well I'm doing in life. (S)

Dimensões: C, Centralidade; H, felicidade; S, sucesso; e R, item com escala reversa.

J. Escala original de Bem-estar financeiro percebido de Netemeyer et al. (2017)

Dimension: Expected future financial security: Five-point scale items (“does not describe me at all” to “describes me completely”)

1. I am becoming financially secure.
2. I am securing my financial future.
3. I will achieve the financial goals that I have set for myself.
4. I have saved (or will be able to save) enough money to last me to the end of my life.
5. I will be financially secure until the end of my life.

Dimension: Current money management stress: Five-point scale items (“does not describe me at all” to “describes me completely”)

1. Because of my money situation, I feel I will never have the things I want in life.
2. I am behind with my finances.
3. My finances control my life.
4. Whenever I feel in control of my finances, something happens that sets me back.
5. I am unable to enjoy life because I obsess too much about money.